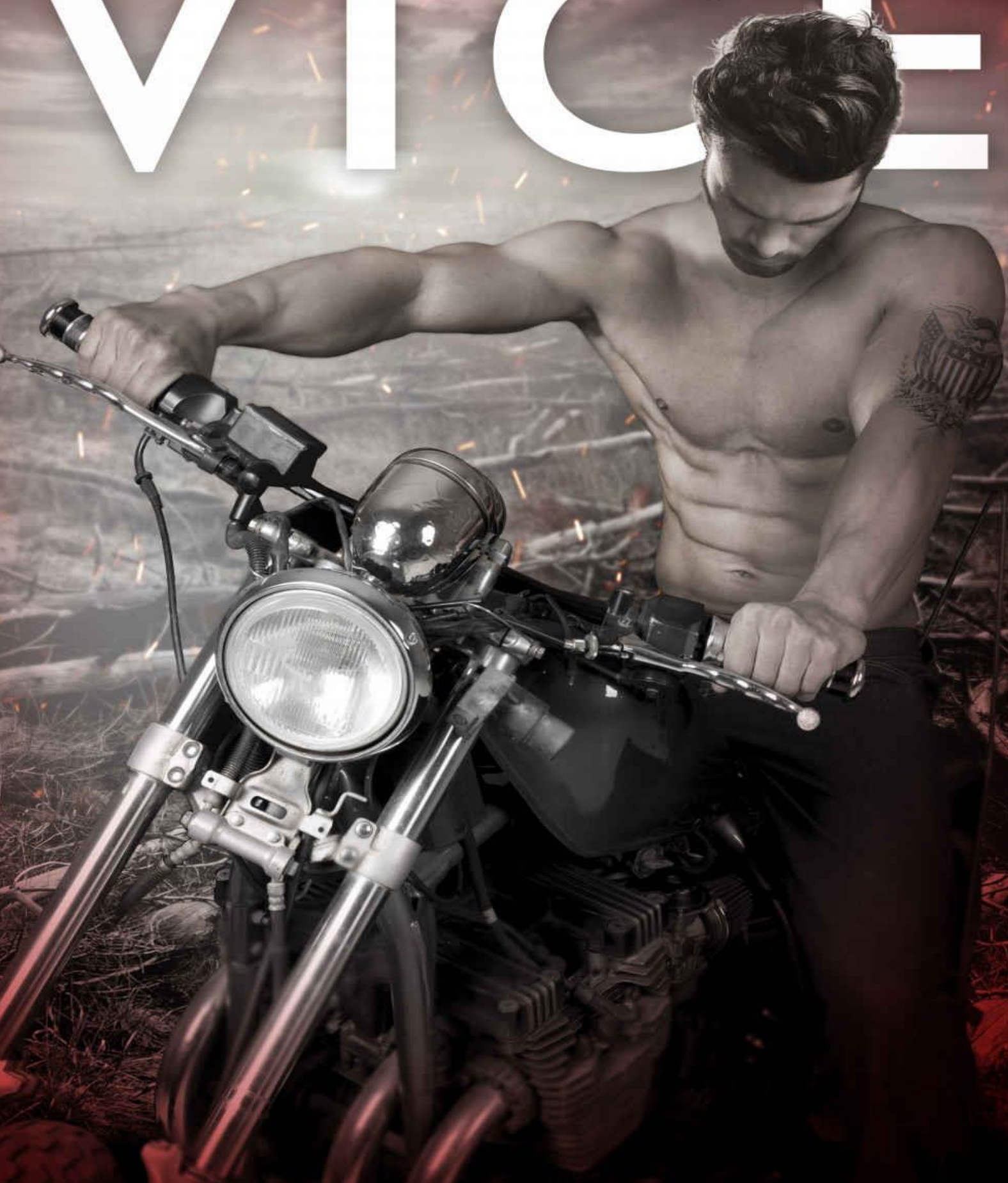


USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

CALLIE HART

VICE







CALLIE HART

#Vice

Livro Único



Tradução Mecânica: Bia Z.

Revisão Inicial: Dani

Revisão Final: Valentina

Leitura: Sil

Data: 04/2018

Vice Copyright © 2016 Callie Hart

SINOPSE

Na guerra, existem apenas três regras:

Obedeça as ordens.

Proteja o cara que fica ao seu lado.

Permaneça vivo.

Cade Preston deixou os militares a muito tempo, mas ele nunca deixou de viver pelas leis do combate. Como vice-presidente dos Widow Maker Motorcycle Club, ele é leal. Ele lutou com unhas e dentes para se manter vivo. Ele derramou sangue para salvar a vida daqueles que importam para ele.

E agora ele foi e fez algo que jurou que nunca faria.

Ele se apaixonou pela única garota que não pode ter.

Cortina Villalobos é intocável. Filha de um dos mais famosos líderes do cartel no Equador, ela está além do alcance de Cade em todos os sentidos. Fernando Villalobos é um assassino e um louco. Ele vai matar qualquer um que se atreva a olhar duas vezes para sua filha, e ainda assim Cade não pode se afastar.

Ele desobedecerá às ordens?

Ele vai abandonar seu clube?

E assumir a House of Wolves lhe custará a vida?

Nota: Vice é uma história independente, com início, meio e final. Se você gostaria de ler mais sobre Cade Preston, você pode encontrá-lo tanto na série **Blood & Roses** quanto na série **Dead Man's Ink**. No entanto, você não precisa ler esses livros para aproveitar este.

Prólogo

ANTES

— Você está *brincando* comigo? Você é o único aqui em cima, com maldito dedo de uma criança de vinte e um anos, e você está *me* dando essa merda?

Estas não são palavras que eu esperava ouvir saindo da boca da minha irmã, e ainda assim, enquanto eu subo as escadas da mansão dos Aubertin, procurando por ela e meu melhor amigo, Jamie, estas são as palavras que ouço.

Jamie fala, sua voz cheia de diversão. — O que está errado? Você nunca foi pega em flagrante antes, Laura Preston? Nunca foi pega com sua calcinha abaixada?

Oh cara. A festa que o pai de Jamie está promovendo no andar de baixo está em pleno andamento, seus convidados conversando e rindo alto como hienas ricas e superalimentadas, então não conseguem ouvir a conversa acontecendo em um dos quartos de hóspedes no segundo andar. Eu posso, porém, e parece que a merda acabou de bater no ventilador. Eu me arrasto pelo corredor, mãos na parede, sem fazer som quando me aproximo da porta aberta do quarto. Lore e Jamie estão nas extremidades opostas, os cabelos de Jamie bagunçados, o botão superior de sua camisa desfeito, as bochechas de Laura vermelhas brilhantes, sua testa enrubescida de raiva.

— *Não!* — ela grita. Eu quase explodo em risadas quando ela se inclina, arranca um de seus saltos dourados de seus pés e lança-o pelo quarto na cabeça de Jamie. Ela errou na primeira vez, então ela arranca

seu outro sapato e lança esse também. Desta vez, ela atinge o espelho enorme pendurado na parede atrás da cabeça de Jamie, e o mesmo se fragmenta em um milhão de pedaços.

— Que merda, Laura? — Jamie grita.

Jesus misericordioso. Não tenho ideia do porque estão discutindo, mas eles precisam se acalmar. Eu deveria ir até lá. Eu deveria bater na porta ou algo assim, para eles saberem que estou aqui.

— *Você!* Não posso... — Laura cobre a boca com a mão, e até mesmo daqui eu posso ver seus olhos molhados com lágrimas. — Não posso acreditar em você. — diz ela suavemente.

A indignação de Jamie pelo espelho estilhaçado desaparece quando a preocupação ultrapassa suas características. — *Hey. Hey.* Estou muito confuso. Você quer me dizer o que está acontecendo, ou devo ir buscar Cade?

Minha irmã parece que está prestes a explodir. — Não se atreva a buscar Cade. Você e Cade são grudados pelo quadril, 24 horas, 7 dias por semana. Você e Cade, desaparecendo no Afeganistão, deixando-me aqui sozinha. Esperei por você por quatro anos, Jamie. Quatro anos acordando suando frio todas as noites, imaginando qual de vocês morreria primeiro. E então, você chega em casa e quase nem... quase nem olha para mim, e...

O quê? De jeito nenhum. Devo estar imaginando coisas agora — a maneira como parece que o coração de Laura acabou de ser esmagado. A maneira como ela olha Jamie e gostaria que fosse certo se ele apenas a tomasse em seus braços e a beijasse. Como não vi isso antes? Ela tem sentimentos por ele? Parece impossível. Minha irmã é muitas coisas: teimosa; autoconfiante; bonita; ardente como todo o inferno. Eu nunca pensei que ela era estúpida, no entanto. Apaixonar-se por Jamie deve ser bastante parecido com a queda do topo do Empire State¹. Todo o caminho abaixo, você está rezando para que possa sobreviver à experiência, mas na sua cabeça você sabe que vai ser destruído pelo

¹O Empire State Building é um arranha-céu de 102 andares no centro de Manhattan, Nova York, na Quinta Avenida, entre as ruas 33ª e 34ª Oeste.

impacto. Jamie não namora garotas. Jamie não se apaixona por elas. Ele faz sexo, e então ele as abandona. Na verdade, não é como se ele alguma vez mentisse para elas. Elas sabem o que esperar dele desde o início, ele é sincero sem sentir culpa. Laura o viu ferir tantas garotas e nunca mais entrar em contato novamente, então por que diabos ela seria boba o suficiente para desenvolver sentimentos pelo cara? Jamie parece triste, como se estivesse ponderando a mesma pergunta.

— Laura... — Ele estende a mão, tentando colocar uma mexa de seus cabelos loiros brilhantes atrás de sua orelha, mas ela se afasta do seu toque.

— Não. Não! Foda-se Jamie, você colocou os dedos dentro da vagina daquela garota.

Ouch.

Jamie fica tenso, claramente sem saber o que fazer. — Lore, há algo que você quer me dizer?

— Foda-se, Jamie. Eu não deveria ter que lhe dizer. Você já deve saber! Ahh! Homens! Por que você é tão ignorante? Como você pode ser completamente cego para o que está bem na sua frente desde que nós éramos crianças, Jay? Eu só... tenho que sair daqui.

Merda. Eu estava prestes a bater, para acabar com este acidente de trem, mas agora é muito tarde. Laura está indo para a porta e estou prestes a ser pego espionando. Rapidamente, abro a porta ao meu lado, escorregando silenciosamente para outro dos sofisticados quartos de hóspedes do pai de Jamie, deixando a porta quase fechada atrás de mim. Quase. Ainda consigo ver o corredor através da pequena abertura em toda a largura. Laura mostra-se a vista, e as lantejoulas douradas de seu vestido moldam fragmentos de luz sobre as paredes e o teto como vaga-lumes. Jamie está a um segundo atrás dela. Ele a agarra pelo pulso, e seu rosto é uma máscara de fúria enquanto ela gira e bate na cara dele. Droga. Isso pareceu doer. Jamie retrocede, soltando-a.

— *Merda.* — Lore cobre o rosto com as mãos. — Merda, sinto muito. Eu só...

Jamie balança a cabeça. — Está tudo bem.

— Eu simplesmente não posso...

— *Está tudo bem.* — Jamie se repete. — Está tudo bem. Podemos conversar sobre isso amanhã.

Ela está chorando. Laura e eu estamos sempre na garganta um do outro, mas ao mesmo tempo somos muito próximos. Ela é minha irmã. Minha única irmã. Vê-la chateada é como uma faca no intestino. Por um segundo, eu quero bater pra caralho em Jamie. Não é culpa dele, no entanto. Eu sei disso. Laura tem andado conosco desde que éramos crianças. Ele a considera como uma irmã, assim como eu o considero como um irmão. Bater nele seria sem sentido.

Laura balança a cabeça. Ela limpa uma lágrima com a parte de trás da mão e respira. — Amanhã. — Ela se vira e se lança, correndo pelas escadas antes que ele possa detê-la. Jamie está de pé, observando-a ir, suas mãos em seus quadris, congeladas como se ele não pudesse acreditar no que aconteceu. Ele arqueia a cabeça, suspirando, e então, lentamente, desce as escadas, deixando-me olhando para um corredor vazio.

Encontro Laura na parte de trás da casa, encostada à parede de tijolos que dá para uma antiga dependência, onde o avô de Jamie costumava armazenar o gado quando a mansão não era apenas uma mansão, mas a casa principal de uma enorme fazenda. Jamie e eu sempre costumávamos nos esconder dela quando éramos mais jovens, subindo nas vigas da dependência, se escondendo o melhor possível enquanto ela gritava por nós nos xingando. Agora, ela está fumando um cigarro, os olhos ainda inchados de suas lágrimas, seu rímel descendo pelo rosto.

— Suas mãos estão tremendo. — eu digo a ela.

Ela quase salta de sua pele. — Jesus, você quase me fez enfartar, Cade Preston.

Estendo a mão e ela me passa o cigarro. Com uma tragada profunda, eu fecho os olhos quando minha cabeça começa a girar. Foram anos desde que eu fumei. Eu nunca fumei quando fui convocado. Debruçando contra a parede com ela, eu a cutuco com o ombro, passando de volta o Marlboro.

— Quer falar sobre isso?

Ela olha para mim pelo canto do olho. — *Não*.

— Ok.

Ela dá outra tragada, e depois outra. Ficamos em silêncio, ambos olhando para as estrelas, ouvindo o som suave da música que se extravasa pela porta dos fundos. — Tudo bem, então. — diz ela depois de um tempo. — Eu não *gosto* de me sentir assim. Eu não *quero* me sentir assim.

Coloco meu braço em volta dela, puxando-a para o meu lado. — Eu sei.

— Quero dizer, quem gosta? Ninguém com a mente sã, isso é certo. Ele é Louis James Aubertin, o terceiro, pelo amor de Deus. — Ela chuta a ponta do cigarro e a brasa se acende na escuridão antes de desaparecer na grama longa a poucos metros de distância.

— O que isso significa?

Laura solta um suspiro frustrado. — Ele é apenas... *mais* do que todos os outros. Ele nem sequer sabe, e ainda assim ele é. Ele pode ter qualquer garota que ele quiser. Ele *consegue* qualquer garota que ele quiser. Regularmente. Ele é um idiota.

— Então, por que você está aqui, chateada sobre ele?

— Porque... eu não sei. Sempre achei que ele ia ser *meu* imbecil, sabe. Desde quando éramos crianças. Parecia que sempre seria nós, nós três, juntos.

Não sei o que dizer quanto a isso. Suponho que, de certa forma, pensava assim também. Ou talvez eu nunca tenha realmente considerado que Lore pudesse acabar se casando com um cara que eu não conheço, e que Jamie continuaria sendo Jamie.

Estamos novamente em silêncio. Ela tira outro cigarro de dentro da sua bolsa, e nós compartilhamos a coisa toda dessa vez, passando de um para o outro.

— Não ajuda em nada essa aparência que ele tem. — diz ela, eventualmente.

Eu solto um riso. — Eu posso mudar o rosto dele se você quiser.

— Sim. — ela diz, inclinando a cabeça contra meu ombro. — Isso realmente seria ótimo, obrigada. Se ele parecer um monstro horrível e desfigurado, não vou mais estar apaixonada por ele.

Me agita por dentro ouvi-la dizer que - que o *ama*. Suspiro tristemente, plantando um beijo no topo de sua cabeça. — Você pensa assim, hein?

Ela responde quase que imediatamente. — Não. Na verdade não. Eu acho que não importa com que diabos ele se pareça. Eu estaria apaixonada de qualquer maneira.

Eu a abraço, meu coração doendo por ela. — Você conhece aquele velho ditado? — pergunto.

— Se você me disser que o tempo cura tudo, vou te chutar nas bolas.

Rindo, balanço a cabeça. — Não, não esse.

— Se você está passando pelo inferno, continue?

— Oooh. *Legal*. Mas não. Não é esse também.

— Qual, então?

Limpo minha garganta, tentando dar as minhas palavras alguma seriedade. — *Eu espero que você pise em um Lego, filho da puta arrogante.*

Ela explode em gargalhadas, me batendo ao lado com o cotovelo. — Sim, eu *conheço* esse.

— Bem, você é minha irmã, e eu amo você. Então vou começar a colocar Lego em seus sapatos por você. É o mínimo que posso fazer.

— O *mínimo*. — ela concorda, acenando com a cabeça. E então, suavemente diz. — Obrigada, Cade.

— Sem problemas. Quer voltar para dentro?

— Não. Acho que irei para casa. Esta festa está *horrível*.

— Deus, eu sei. Não está?

Na manhã seguinte, entro no quarto de Laura e sua cama não está desfeita. Nem uma ruga marca os lençóis. Lá embaixo, mamãe e papai estão tomando café da manhã, odiando-se silenciosamente do outro lado da mesa, como de costume. Sento me servindo de café. — Eu não sabia que Laura já tinha saído. Eu pensei que ela iria ficar por alguns dias antes de voltar para o escritório? — Ela acabou de se tornar advogada associada no escritório de papai. Embora sua ética de trabalho seja intensa, ela prometeu ficar em casa por um tempo. Nós não nos vimos há muito tempo, depois de tudo, desde que ela terminou a faculdade, e eu estive do outro lado do mundo, lidando com insurgentes.

Meu pai olha por cima de seu jornal. — Seu carro ainda está na garagem. Ela deve ter ido correr ou algo assim.

Eu mantenho minhas dúvidas para mim mesmo. Ela não teria feito sua cama se tivesse ido correr tão cedo. E Laura *odeia* correr.

As horas passam, e ainda nenhum sinal de Laura.

Tenho um sentimento ruim e afundando no meu estômago. Não sei por que, mas tenho um pouco a sensação de que algo ruim aconteceu. Algo horrível. Eu nunca deveria ter deixado ela caminhar para casa sozinha na noite passada. No entanto, você pode ver nossa casa da mansão Aubertin, É literalmente uma distância muito curta. Ela atravessou o campo de trás e atravessou o pequeno portão em nossa casa cerca mil vezes antes sem qualquer problema. Por que na noite passada teria sido diferente?

— Se ela não se apressar e voltar em breve, vou perder meu jogo de bridge na casa de O'Brien. — minha mãe reclama. — Ela prometeu que iria me levar para que eu pudesse tomar um copo de vinho.

— Porra, mãe. Se um copo de Chardonnay é tão importante para você, eu posso levá-la. — eu exclamo. — Vou sair para procurá-la.

— Você está sendo ridículo. — diz mamãe com uma voz cantada. Ela me beija na testa. — Obrigada mesmo assim. Eu realmente apreciaria a carona.

Saio de casa, batendo a porta atrás de mim. *Inacreditável*. Eles são bastardos insensíveis. Caminho lentamente pelos jardins, meus olhos afiados, procurando algo suspeito. A casa dos meus pais não é um lugar tão grande como a mansão dos Aubertin, mas a aérea ainda é considerável. Levo quinze minutos para chegar ao pequeno portão escondido no perímetro da propriedade, e ainda não vi nada que me dê uma ideia de onde Laura está.

Abaixo da colina, eu desço, no enorme campo de trás, Jamie e eu costumávamos correr atrás das crianças. Meu telefone celular toca no meu bolso. Eu olho, e o próprio homem está me chamando, o nome 'Duke' aparece na tela. Ele odiava o apelido que recebeu da nossa unidade no Afeganistão. Ele costumava me provocar pra caralho pelo fato dele ter sido classificado com a patente mais alta do que a minha, por isso, armazenei nos meus contatos, pois Duke era apenas mais um dos caras sem importância que conheci.

— Ei, cara. — respondo, distraído, meus olhos ainda escaneando o terreno ao meu redor.

— Ei. Estou no telhado. Eu posso ver você. — Jamie sempre gostou de ficar no telhado da janela de seu quarto. Eu olho para cima, e com certeza, ele está lá, um centímetro de altura, sentado com as pernas penduradas sobre a calha da plataforma pequena e plana. — Ouça. Merda cara, eu nem sei como dizer isso. — ele começa. — Eu tenho algo para te dizer. Sobre Laura. Acho que fodi tudo na noite passada.

— Eu sei. Eu vi tudo.

Ele geme. — Porra. Você viu?

— Sim. Era como assistir a missão Apollo explodir no ar.

— Droga. Ela está bem?

— Eu não sei. Na verdade não consigo encontrá-la. Ela parecia bem quando saiu para voltar para casa na noite passada.

Jamie fica quieto.

— Não se preocupe, cara. Tenho certeza de que vai superar isso.

— Sim, eu espero que sim. Ei, pare um segundo.

— O quê?

— Pare de andar. Verifique a posição de três horas.² Há algo estranho na grama lá. Cerca de cinco metros.

Eu giro, virando à minha direita, escaneando a grama alta. Não consigo ver nada. Ainda segurando o telefone ao lado da minha cabeça, eu começo a andar. Eu vejo o que ele está falando depois de alguns passos longos, e meu estômago se retorce. Eu congelo, não querendo ir mais longe.

— O que é isso? — pergunta Jamie. — É brilhante. Posso ver algo brilhante refletindo a luz.

— São lantejoulas. — respondo entorpecido. — Lantejoulas douradas.

Por um minuto, parece que o mundo inteiro está parado. Jamie diz alguma coisa, mas não o escuto. Estou olhando para o monte de roupas em cima da grama. No pequeno pedaço de solo escuro, isso parece suspeito, como se estivesse manchado de sangue. Suas palavras me alcançaram finalmente, ecoando dentro da minha cabeça.

— Não se mexa, Cade. Não se mexa. Eu estarei aí.

A ligação é finalizada.

Não posso esperar por ele para descobrir o que é, no entanto. Eu me movo lentamente, o medo afundando profundamente em meus ossos. Não é um corpo, graças a Deus. Cuidadosamente usando a ponta do meu tênis para mexer a pilha de material no chão, o pânico dispara através de mim como uma série de raios.

² Refere-se a onde algo seria relativo à sua posição em um relógio. 3 horas está à sua direita e às 9 horas estão à sua esquerda.

É o vestido dela.

É a bolsa dela.

E pior...

É o seu sutiã.

É a calcinha dela.

E cada peça parece estar cortada com uma faca.

Capítulo Um

AGORA

Uma viagem

Poeira. Poeira por todo lugar. Poeira de dias e fodidos dias, entrando no meu capacete, nos meus olhos, fazendo as minhas narinas queimarem. Sério. Muita poeira porra. O som é da minha nova Yamaha grunhindo enquanto os pneus comem a estrada abaixo de mim. O cheiro é universal das passagens subterrâneas, banheiros de postos de gasolina e vazamentos de filtros de óleo enquanto eu atravesso uma pequena cidade depois de outra, tentando não notar os esqueléticos, moradores famintos e inúmeros sinais de disparos, criados com furos de bala. O idioma começa em inglês, passando rapidamente para o espanhol quando atravesso a fronteira. Os canos das armas ficam maiores.

Three Rivers dá-lhe as boas-vindas!

Agora você está saindo de Boles Acres.

Richardsville! Casa do time de futebol do King'sCubs.

Trueor Consequences, população 6246.

Bienvenido a Atascaderos.

La ciudad de Santa María de los pobres!

Eu nem paro nessas cidades fantasmas para dormir. À noite, paro ao lado da estrada e desapareço no deserto, até que as únicas luzes visíveis são das estrelas em cima de mim. Minha barraca é suficiente.

Eu carrego tudo o que preciso nas minhas costas. Ocasionalmente, paro e compro um fardinho de seis cervejas de uma loja de bebidas antes de dirigir para a parte de trás para passar a noite. Eu bebo cada garrafa lentamente, pensando em tudo o que aconteceu nos últimos sete anos.

A vida ficou realmente estranha, e muito rápido. Isso me atinge às vezes, quão estranha as coisas são agora. Eu não me reconheço mais. Eu deveria ser um advogado. Em vez disso, eu fui de um veterano de guerra respeitado de vinte e seis anos de idade com um diploma de bacharel em Direito a vice-presidente de um clube de motoqueiros. É ainda mais estranho que meu melhor amigo, Jamie ou Rebel, como ele é chamado agora, é o presidente do mesmo clube. Então, novamente, talvez *não* seja realmente algo estranho. Nossos destinos já estão ligados há tanto tempo, que nunca perguntei se ele desapareceria neste buraco de coelho comigo, na busca pela minha irmã desaparecida.

Faça uma lei, e nós a quebramos.

Diga qual é a linha moral, e nós a cruzamos.

Diga um país e nós vamos até lá.

Nós nunca pretendíamos ter um clube. O Widow Makers MC foi um acidente, um subproduto da nossa busca por Laura. Precisávamos de um hacker, então encontramos Danny. Precisávamos de alguém que fosse bom com munições e máquinas pesadas, então encontramos Keeler. Precisávamos de alguém que pudesse pilotar um avião, então tiramos Carnie da sujeira e o levamos para casa com a gente. Vinte e três pessoas, homens e mulheres, se juntaram a nós ao longo do tempo, e nenhum deles nos deixou. As motocicletas são rápidas e eficientes para entrar e sair de situações colaterais, e os policiais desconfiaram de tantos marginais sociais e ex presidiários com antecedentes criminais que viviam no meio do nada no deserto do New México, então formamos o clube como uma frente. E então nós realmente nos tornamos um. O início da nossa história é bizarra, e nós a guardamos para nós mesmos. É melhor para nós se os outros clubes, líderes de cartéis e mafiosos que enfrentamos pensem que estamos simplesmente fazendo dinheiro e acumulando poder como eles estão. Mas, na verdade, ainda estamos procurando por minha irmã. Nós não desistimos.

Todas as noites olho para uma foto na tela do meu celular até que meus olhos pareçam que foram esfregados com lixa.

Laura.

Minha irmã, chorando enquanto olha para a lente de uma câmera, uma mão com luva de couro enrolada em sua garganta. Estava meio morta quando Jamie me mostrou essa imagem. Mais de sete anos de busca e, fora das nossas vistas, algum chefe de cartel filho da puta a usa como garantia em um negócio de hotel. Eu não estava lá, eu tive minhas duas pernas quebradas e estava deitado em uma piscina de meu próprio sangue, mas Jamie me contou tudo o que ele descobriu: que Julio Perez, um chefe de cartel mexicano o qual conhecemos bem, sabia onde minha irmã estava. Que ele possivelmente teve algo a ver com seu desaparecimento. Levei três meses para curar e me recuperar da minha bunda chutada bem o suficiente para montar uma motocicleta, mas agora que estou apto e capaz, vou encontrar minha irmã. Mesmo isso me mate, porra, eu *irei* encontrá-la.

Perez fugiu para o que ele considera como um local seguro, de volta ao México com o rabo entre as pernas. Ele acha que os Windows Makers não o seguiriam até lá, que seria muito perigoso para um grupo de vinte caras em motocicletas caçar por ele. E ele estava certo. É muito perigoso para todo o clube ir persegui-lo pelo México. Eu, por outro lado? Um cara em uma Scrambler³, aderindo às estradas secundárias e tentando passar despercebido? Isso é seguro o suficiente. Planejo encontra-lo e machucá-lo até que ele me dê às informações que preciso. Por isso o cansaço do Novo México para El Cascarero. Daí o torcicolo nas costas e a dor nos meus ossos maltratados. Daí o desejo frio, negro, assassino em meu coração, e um único ponto de foco em minha mente.

Após cinco dias pilotando sem parar, finalmente me aproximo do meu destino. El Cascarero é um lugar suficientemente pequeno; A família de Julio vive quarenta ou cinquenta quilômetros fora da cidade, em uma fazenda com pessegueiros por toda a parte. Entende-se que os pêssegos de Perez são bem conhecidos por estas áreas. Eu vejo placas deles por horas antes de finalmente chegar ao fim da estrada empoeirada e desgastada que leva à própria fazenda. Observo a

³ Modelo de moto

distância, esforçando-me para descobrir o layout dos edifícios além. Quatro caminhonetes estacionadas fora da casa principal são velhas, enferrujadas, raspadas e arranhadas que será um milagre se alguma delas funcionar. Ainda. Quatro caminhões. Poderia significar muitas pessoas. Eu tiro meu capacete. A Scrambler não é discreta, então eu desligo o motor e a escondo, afastando-a da estrada, deixando-a no chão ao lado de uma árvore solitária de Ahuehuete. Parece que um balanço costumava ficar pendurado em um dos ramos robustos e grossos, mas agora uma corda pela metade e esfarrapada é tudo o que resta.

A grama longa, quase aos meus joelhos, deve esconder a moto suficientemente bem. Tiro a mochila das minhas costas e a atiro aos meus pés, para abrir e verificar que eu tenho tudo o que vou precisar:

Um rolo de fita adesiva.

Um par de alicates.

Um saco de lixo preto grosso.

Um metro de comprimento de corrente fina.

Um serrote pequeno.

Um pequeno recipiente de fluido leve.

Uma caixa de fósforos.

Eu não tinha conseguido atravessar o México com os itens que estava em minha mochila. Eu tive que comprá-los em uma loja de ferragens em Río Bailando, mas isso foi fácil. O peso da arma que eu também consegui em um beco sujo em Juarez pressiona tranquilamente na parte inferior das minhas costas. Não preciso verificar isso. Está totalmente travada e carregada — já a testei no deserto. É bom ter uma arma, mas neste caso é o último recurso. Só vou usar a arma se todas as outras táticas que eu planejo empregar falharem. Nesse ponto, Julio será uma bagunça ensanguentado e quebrado, e simplesmente eu o matarei. Ele não morrerá rapidamente, no entanto. Um tiro no estômago significa que ele terá tempo de sobra para refletir sobre sua vida majestosa e sem valor enquanto ele morre

em agonia durante dias, e eu terei ido embora a tempo. Espero que com Laura na parte de trás da minha moto.

As minúsculas moscas de areia se espalham pela grama úmida enquanto eu me inclino e corro rápido para o que parece o prédio principal. As afasto com a mão enquanto me apresso. Leva muito tempo para alcançar o perímetro do prédio, embora eu tenha certeza de que passei despercebido. A pintura das molduras das janelas do edifício em ruínas de dois andares está descascando. No interior, o som de uma série de jogos turbulentos explode em alto-falantes.

Risos. Aplausos. Alguém falando em espanhol, naquela voz de anfitrião de Game Show que parece se traduzir em qualquer idioma. Eu me agacho abaixo de uma janela aberta na frente da casa, ouvindo. Quantas pessoas estão dentro desse cômodo maldito? Se eu tivesse tempo, eu me sentaria na grama e assistiria as idas e vindas das pessoas que chegavam e saíam da casa, mas o tempo é algo que não tenho. Ou melhor, estou sem paciência. Eu já tive que esperar três meses. Ficar sentado por mais uma hora é inaceitável. Mais um minuto. Outro. Eu simplesmente não consigo.

Dentro da casa, uma cadeira arranha no chão, seguida por alguém tossindo alto, e limpando a garganta. Uma mulher não limpa a garganta assim. De jeito nenhum. Então, há pelo menos um homem na sala. Espero abaixo da janela, esperando ver quantas pessoas tosem, espirram ou peidam, isso me deixa louco, então faço algo imprudente. Algo que somos treinados para nunca fazer nas forças armadas. Eu arrisco, erguendo o suficiente para que eu possa ver pela janela desgastada pelo sol.

Quatro homens, com mais de trinta anos, pelo que posso dizer. Um deles está dormindo, a parte de trás da cabeça descansando contra o sofá atrás dele, com a boca aberta enquanto ronca levemente. Outro dos caras está curvado sobre uma mesa de café baixa, cartão de plástico na mão, ajeitando finamente o que parece uma quantidade obscena de cocaína. Os outros dois homens estão concentrados na televisão, observando os palavrões redundantes do anfitrião do show enquanto ele salta, empurrando um microfone para o rosto de uma mulher atordoadada.

Nenhum deles me vê.

Nenhum deles também é Julio Perez, o que torna minha vida um pouco mais difícil. Onde ele está? Cozinha? Existe uma sala de jantar no térreo? Não tive tempo de avaliar a pegada do prédio, mas o lugar é bastante grande. Não ficaria surpreso se houvesse quartos no nível mais baixo da casa. Ou isso, ou a família de Julio é muito, muito maior do que eu esperava. O show anuncia o comercial, e um dos homens geme enquanto levanta a bunda do sofá.

¿Alguien quiere una cerveza? *Alguém quer uma cerveja?* São apenas três horas da manhã. Se esses caras estão relaxados o suficiente para começarem o dia bebendo tão cedo, então eles devem ter ficado complacentes. Eles não esperam que alguém ataque o prédio. Eles estão apenas curtindo seu tempo livre. Algum deles tem armas? Não consigo ver uma única arma de mão ou um rifle ao alcance do braço desses idiotas, por isso é improvável que eles estejam armados. As coisas nunca são como parecem nessas circunstâncias, no entanto. Eu estive envolvido em números suficientes de cercos e ataques à propriedade das pessoas para saber que há sempre um cara pronto e disposto a nos derrubar. Sempre um cara com uma arma presa na parte de trás de suas calças, assim como eu, esperando com o dedo no gatilho.

Eu retrocedo novamente, continuando ao redor do lado da casa, contando sob minha respiração.

Oito, nove, dez, onze e doze...

Eu alcanço uma janela aberta muito menor no lado ocidental da propriedade, e faço o mesmo — agacho em meus calcanhares, os polegares enrolados debaixo das alças da minha mochila, segurando minha respiração. Meu pulso bate em meus ouvidos, mas é lento e estável. Estive nesta situação muitas vezes para contar nos últimos dez anos. O medo desaparece depois de um tempo, substituído por um estranho e plano tipo de calma que eventualmente se torna parte de você. Suponho que seja uma aceitação do destino. Eu poderia morrer nos próximos quinze minutos. Eu não vou. De qualquer forma, não vou me arrepender de ter feito o que eu fiz.

¿Dónde esta Javier?

No sé.

Encontre lo. Tenemos que salir para encontrarlo.

Dois homens lá dentro, falando sobre encontrar um terceiro, Javier. Falando sobre mover em breve. Não posso ter certeza se o cara que dá ordens é Julio ou não, mas poderia ser. Arrisquei uma rápida olhada na sala, mas quando olho pelo peitoril, a pequena cozinha no interior está vazia, a porta lentamente é fechada atrás de alguém que já saiu.

— *Foda-se.* — Eu continuo andando ao redor da casa. As próximas janelas estão fechadas, as cortinas abaixadas. Movo-me para a parte de trás da propriedade, e um rosnado baixo ressoa me parando. Um pit bull, bochechas puxadas para trás, mostrando os dentes, olhando diretamente para mim. Ele está acorrentado, mas, olhando as corrente, parece que possui muito espaço para se locomover. Ele definitivamente pode me alcançar, apenas quatro metros de distância dele. Eu tranco meu olhar com ele, apertando meu maxilar, pressionando meus lábios juntos. Às vezes, simplesmente recusar-se a recuar por causa de um cachorro é suficiente para fazê-los ficarem quietos. Mesmo que eu tente encará-lo, já sei que esse não é o tipo de cachorro. Ele late mais alto, dando um passo adiante, e lentamente mexo no bolso da minha jaqueta de couro, tateando com os dedos até encontrar o que estou procurando — uma faca de balisong⁴ pequena de quatro polegadas. Aço rígido frio, mais pontuda que afiada e pronta para ação. Eu arranco-a do bolso bem a tempo. Ele pula, e eu subitamente movo a faca, a lâmina serpenteando e aterrando, provocando um som repugnante e úmido, passando pela caixa torácica do cão, perfurando seu pulmão. Ele ladra loucamente, patas levantadas, garras rasgando a terra dura enquanto se lança novamente para mim. A ferida só parece o ter irritado ainda mais. Alguém bate uma porta dentro da casa, xinga alto, mas ninguém vem para fora para ver o que está acontecendo. Por sorte. Realmente uma sorte fodida.

A mandíbula do cão se fecha em torno do meu antebraço, e ele começa a mexer a cabeça de um lado para o outro, rosnando



furiosamente. Dor rasga em mim. Meu antebraço parece que vai romper sob a pressão. Felizmente, minha jaqueta de couro está impedindo os dentes de rasgar minha pele, mas se continuar por mais tempo ele vai quebrar os ossos.

Eu o soco no lado da cabeça, mas ele não solta. Eu caio de bunda na sujeira, tensionando meus dentes enquanto ele tenta subir em cima de mim, provavelmente querendo ir para minha garganta.

Eu não tenho escolha. Pego abalisong e conduzo a borda afiada da lâmina em seu corpo, uma e outra vez. Ele grita, e então geme quando finalmente libera meu braço. Tenho sangue em cima de mim, minha camisa e jeans estão cobertos, pegajoso, quente, vermelho e cheirando a cobre. Sinto uma pontada de culpa enquanto ele cambaleia e cai, o peito subindo e descendo muito rápido. Seus olhos rolam, enquanto ele me vê em pé.

Pobre coitado. Ele estava apenas fazendo o que foi treinado para fazer toda a vida: Atacar. Matar. Essa situação de merda. Se eu não tivesse agido a tempo, ele teria feito algum dano sério. Ele teria me quebrado mais e eu não poderia arriscar. É um milagre que ninguém saiu a primeira vez que ele deu o alarme. Abaixo e coloco minha mão em seu peito palpitando.

— Desculpe, amigo. — Eu sussurro as palavras, e suas orelhas giram na direção da minha voz. Ele geme, e eu sei que devo fazer a coisa misericordiosa e terminar o trabalho. Eu não posso, no entanto. Eu não tenho estômago para isso. Eu passo o cachorro, indo para a porta dos fundos. Ela abre na primeira tentativa. Os agricultores de pêssego de Perez não são muito conscientes da segurança, aparentemente. Parece estranho, dado que Julio é um bastardo covarde.

A cozinha está limpa como um alfinete. Não há pratos sujos ou copos nos aparadores. Os pisos de azulejos estão reluzentes. Uma panela borbulha no fogão, e tenho o desejo de levantar a tampa e ver o que está cozinhando, cheira tão bem. O cheiro de comida caseira após uma semana comendo comida de posto de gasolina faz seu estômago roncar, não importar a circunstância em que se encontra.

Há apenas uma porta que sai da cozinha; Atravesso isso para encontrar um cara magro e parecendo doente, sentado em uma cadeira de madeira em um corredor estreito com um fuzil pronto em seu colo. Quando ele lança seus olhos castanhos arregalados para mim, registro o estado de choque, e depois vejo desapontamento e eu aperto a balisong em seu pescoço e deslizo de lado, cortando sua garganta de orelha a orelha. Ele nem conseguiu levantar o fuzil. A luz desaparece em seus olhos, e eu passo pelo corredor sem olhar por cima do meu ombro. A sala que estava os quatro caras está à minha direita, a televisão ainda é estridente, agora com música alta. Não consigo ouvir nada na TV. Os homens sentados nos sofás poderiam ter me ouvido entrar na casa, e eles poderiam estar esperando que eu os atacasse. É improvável, porém. Os caras de Julio atacam ao primeiro sinal de uma briga. Eles não são do tipo pacientes. A porta está entreaberta, mas não o suficiente para que eu possa ver corretamente. Se eu não posso ver dentro, então eles não podem me ver aqui fora, também.

Rapidamente atravesso a porta, tentando cronometrar meus passos com a batida da música que está praticamente sacudindo as janelas em suas molduras podres. Eu sigo após a porta, mas não libero a respiração que estou segurando até que viro a esquina no corredor. Eu sou confrontado com uma escada para o segundo andar, e uma única porta para a esquerda. Em algum lugar lá em cima no segundo andar, alguém martela no chão, gritando para que a música seja abaixada, e eu inclino para trás contra a parede, esperando ver se alguém vem correndo pelas escadas.

Ninguém aparece, no entanto. A música abaixa um pouco, apenas o suficiente para que eu possa ouvir o martelar contínuo de meu coração ainda mantendo um ritmo lento e constante, como um metrônomo⁵. Um metrônomo da morte.

Eu tenho duas opções: eu poderia ir para a sala à esquerda e descobrir se está ocupada, ou eu poderia ir lá para cima e localizar o



⁵ Relógio que mede o tempo musical.

cara que está lá. Eu me dou ao luxo de pensar nisso por um tempo. Julio gentilmente é o que denominamos como obeso mórbido. De jeito nenhum o preguiçoso, pesado bastardo corre para cima e para baixo em qualquer escada. Duvido muito que ele esteja lá em cima, o que torna a decisão realmente muito fácil. Eu preciso limpar o piso superior. Não há sentido em ir direto para o meu alvo, apenas para ser linchado por deus sabe quantos irritados mexicanos no momento que ele abrir a boca e estupidamente começar a gritar por ajuda.

Eu subo as escadas de dois em dois degraus, alcançando minha arma. Eu posso querer ver Julio sofrer tanto quanto fisicamente possível, mas eu não tenho tempo para brincar com qualquer outra pessoa. A sensação do cabo da arma na minha mão é muito familiar. Eu segurei mil pistolas diferentes na minha vida. Glocks. Brownings. Colts. Remingtons. Sigs. A marca e o modelo não importam. Eu sei as torções e peculiaridades de qualquer arma no momento em que eu envolvo meus dedos em torno dela, e essa arma não é diferente.

Vou ao corredor no andar de cima, examinando a área rapidamente. Ninguém pode ser visto. Há duas portas à minha esquerda, e duas à minha direita. Corro para frente, tentando girar a maçaneta na primeira porta mais próxima. Ela abre, e eu assusto o cara que está lá dentro, que de repente puxa para cima seus jeans.

— Filho da p... — Ele se atrapalha, tentando subir as calças e alcançar sua arma na cama em frente a ele ao mesmo tempo. Eu não lhe dou a oportunidade de fazer qualquer movimento. Entrando no quarto, eu aperto o gatilho, plantando uma bala entre seus olhos antes que ele possa terminar a palavra que está pela metade de seus lábios. Ele despenca no chão batendo com a cabeça na quina da cama, e o sangue começa a derramar em toda parte; Eu não posso dizer se é a partir da ferida de bala ou o corte enorme que na sua testa.

Fui cirúrgico neste ponto. O trabalho está feito.

A próxima porta está trancada. Dou um passo para trás e chuto a madeira, logo abaixo da fechadura. Eu estou pronto para atirar, quando coloco os olhos sobre a figura sem vida estendida na cama. Uma menina, jovem e loira, vinte e um anos, talvez vinte e dois? Ela está inconsciente, nua, com as pernas bem abertas, e há uma agulha em

seu braço, o êmbolo pressionado até o fim. Eu não posso parar para verificar sua pulsação. Se ela está morta, já é tarde demais. Se ela está morrendo, eu não vou realmente ser capaz de ajudá-la até que cada única ameaça dentro desta fazenda seja neutralizada. Eu sigo para fora do quarto e tento a próxima porta. Ela abre rangendo alta e ninguém está lá dentro. O último quarto à direita, então. Eu viro a maçaneta da porta e entro rapidamente, arma levantada, dedo no gatilho. As cortinas estão fechadas e por um segundo eu acho que há não ninguém aqui, mas então eu ouço, o som do ronco suave, leve, e eu finalmente percebo a grande forma, volumosa deitada na cama.

É Julio.

Eu estava errado. Ele *está* no andar de cima, depois de tudo, ele está nessa cama fodida. Aparentemente não importa que seja metade do dia. Eu o observo por um momento, esperando para ver se ele realmente está dormindo e não apenas fingindo, e então eu coloco minha cabeça no corredor, escutando, tentando descobrir se os quatro caras lá embaixo podem estar vindo pra cá.

A música ainda está alta. Eles provavelmente estão drogados e loucos, que nem sequer me ouviram atirar no cara tentando se vestir. Eu entro no quarto de Julio, fechando a porta atrás de mim.

Hmm. Como abordar esta situação. Eu escorrego minha mochila dos meus ombros, de forma rápida caço dentro dela até encontrar o que eu preciso, e então eu subo com cuidado em cima da cama, recolhendo a peça de roupa que ele deixou em cima dos cobertores na minha mão. A barriga de Julio não diminuiu nada desde a última vez que o vi. Se não ficou maior. O filho da puta provavelmente não anda vendo seu próprio pau em anos. Jogo minha perna sobre sua cintura flácida, franzindo o cenho enquanto escarrancho nele, não apreciando a proximidade do meu próprio pau em sua barriga inchada. Eu puxo um comprimento de fita adesiva e rasgo com os meus dentes, e então eu bato em Julio no ombro.

Nada.

Eu bato um pouco mais duro, dirigindo a ponta do meu dedo em sua gordura.

Nada ainda.

Pelo amor da porra.

Eu o esbofeteio. Duro. As pálpebras de Julio abrem, um grito em sua boca já se formando, mas eu encho sua boca com a peça de roupa que peguei na sua cama, sorrindo um pouco quando percebo que é a sua cueca. Eu passo a fita adesiva sobre sua boca, forçando-a a ficar fechada, e então sento em sua barriga. A balisongde está de volta na minha mão. Os olhos de Julio seguem o brilho do metal quando pisca no escuro.

— Bem, olá, Sr. Perez. — eu digo cordialmente. — Eu estava me perguntando se eu posso comprar alguns pêssegos?

Julio ergue suas mãos, mas eu o paro antes que ele possa tentar qualquer coisa. Mais precisamente, eu agarro a sua mão direita e corto o dedo mindinho antes que ele pode fazer qualquer coisa. Cortar o dedo de alguém não é uma tarefa fácil. Não é como uma faca quente cortando um tablete de manteiga. É mais como tentar cortar um peito de frango cru com uma colher de sopa. Julio se agita, gritando através de sua própria cueca suja quando começo a trabalhar. Se eu estava coberto de sangue antes, estou seriamente encharcado do material agora. Julio grita através de sua mordação, e eu termino o trabalho com um movimento final de serragem. Eu levanto o dedo cortado para cima para Julio ver, e seu rosto vira uma sombra doentia branca.

— Eu realmente não estou aqui para comprar pêssegos. — eu digo, jogando o dedo sobre o meu ombro. Ele bate no chão em algum lugar atrás de mim, e eu o ouço rolar no assoalho. — Eu preciso de alguma ajuda com alguma coisa, e eu acredito que você é o homem que pode me ajudar, Sr. Perez. Então, eu vou perguntar pausadamente e vamos ver o quão longe chegaremos, ok?

Julio ainda está gritando através de sua mordação, com os olhos esbugalhados; ele está tentando livrar sua mão da minha, mas eu aperto muito forte seu pulso e não soltarei. A outra mão é de nenhum uso para ele, uma vez que está presa embaixo do meu joelho. Estou além de me ajoelhar em seu antebraço até que se rompa, ele tem pouca probabilidade soltá-lo.

— Pare de gritar para que possamos conversar, Julio.

Ele não para de gritar.

— Puta que pariu. — Suponho que isso é por minha conta. Eu deveria ter dito a ele o que eu quero *antes* de cortar seu dedo mindinho. Suspirando, eu dobro a *balisong* e coloco no bolso. Puxando para trás o punho para dar algum impulso, eu soco fortemente a mandíbula de Julio com satisfação. Seu nariz sangra sob o impacto, e recebo outro banho de spray de sangue enquanto ele bufa fortemente pelo de seu nariz.

Seus olhos estão lacrimejando como um louco, já inchados, mas ele segurou a imagem e para de gritar.

— Aqui vamos nós. Assim é melhor. — Eu rasgo a fita adesiva de sua boca, e Julio puxa uma respiração irregular, aflita que soa como um aspirador de pó quebrado, em seus últimos dias.

— *Você... porra... psicopata!* — Ele é muito louco para falar mais de uma palavra de cada vez. — Você cortou meu dedo! Você cortou a porra do meu dedo!

— Eu espero que você não vá gastar muito tempo afirmando o óbvio, cara. Eu fico entediado muito facilmente, e cada minuto desperdiçado será outro dedo cortado. Uma vez que nós acabamos com as digitais, eu vou ter que passar para os apêndices, e confie em mim... que seria realmente uma *merda*. A última coisa que quero fazer é estourar sua braguilha e torcer para encontrar o seu pequeno, encolhido pau, Julio. *Nojento*.

Julio tenta sentar-se, inclinar-se mais perto de mim, mas ele só consegue com esforço empurrar seu peso um ou dois centímetros da cama. — Você está morto. — ele sibila. — É melhor você rezar que eu possa ter esse dedo costurado de volta, ou eu irei...

— Ou você irá o que? — Eu viro minha cabeça para o lado, arqueando uma sobrancelha. — Você vai me matar? Você descontará sua raiva nos Windows Makers? Irá atrás de Rebel? Você honestamente acha que está em posição de fazer ameaças como essas, Perez? Rebel me deu sinal verde para matá-lo, porra. Você só irá sair desta sala vivo pela minha misericórdia, e eu não estou me sentindo muito

misericordioso agora. Isso pode mudar, dependendo de como você responder às minhas perguntas.

— Guarde sua respiração, *cabron*. Eu sei porque você está aqui. Eu sei o que você quer, e eu não posso ajudá-lo.

— Bem, isso realmente é uma merda. — Eu localizo minha balisong novamente, sacudindo-a aberta, talvez com um pouco mais de espetáculo do que é realmente necessário. Os olhos Julio na lâmina demonstram medo.

— Eu não posso ajudá-lo, porque eu não sei para onde eles a levaram. Eu não sei onde ela está. Eu não sei de nada.

— De onde vem a foto então, imbecil? Como Rebel falou com ela no telefone naquele quarto de hotel? Ele disse que ela estava viva. — Eu agarro seu dedo anelar com a mão livre, fazendo um show de segurar a lâmina para a base do mesmo, e Julio começa balançando a cabeça.

— Olha, um cara veio no complexo uma noite. Se achando o Casanova⁶ do caralho. Pilhas de dinheiro em pastas. Ele queria passar a noite com três meninas. Eu disse que sim. Claro. Qual a sua preferência? Ele disse que tinha uma coisa enorme por ruivas. Ele pegou minha própria menina, Alaska. Eu normalmente lhe diria para ir se foder, mas ele pagou cem mil por uma noite. Na manhã seguinte, ele veio a mim. Ele me ofereceu um acordo. Ele queria manter Alaska. Me mostrou uns perfis de grupos de meninas que ele tinha no Chile ou Colômbia. Não me lembro aonde.

Eu passo a borda da lâmina na pele de Julio. — Esta é uma história muito longa, cara. Minha atenção está começando a vagar.

— Merda, Preston. Volte. Eu estou tentando lhe dizer, *ese!*

— Vamos em frente com isso. — eu rosno.

— Então ela estava lá. Sua irmã estava lá. Eu a reconheci das fotos que Rebel mostrou alguns anos atrás. Tirei cópias. Eu estive procurando por ela também.

⁶ Giacomo Girolamo Casanova — escritor italiano (1725 a 1798) aventureiro e colecionador de mulheres.

— Por quê? Por que diabos você estaria mantendo um olho em minha irmã?

Julio se contorce como um grande verme feio no final de um gancho. — Por que você acha, *cabron*? Se Rebel quer tanto algo, eu vou tentar pegá-la antes.

— Então, você disse que trocaria Alaska por Laura?

— Sim.

Eu o soco tão forte quanto eu posso na garganta. Julio faz um barulho de asfixia borbulhando quando eu me inclino para baixo, empurrando meu rosto no seu. Eu sou tudo o que ele pode ver, ouvir ou se preocupar. — Isso foi seriamente uma merda a se fazer. — digo a ele. — Você deveria ter me chamado. Você deveria ter chamado Rebel. Onde diabos está minha irmã agora, Julio?

— Eu te disse, eu não... sei! — Ele sufoca. — Ele levou Alaska quando foi embora. Ele disse que iria enviar três homens de volta com sua irmã em poucas semanas. Ele deixou outros trezentos mil como garantia. Seus homens atenderam o telefone quando eu estava naquele quarto de hotel com Rebel, eles a deixaram falar com ele, mas foi a última vez que tive notícias dela. Ele nunca apareceu com ela, e ele nunca mais voltou para buscar o seu dinheiro. Ele deve ter preferido manter as duas.

— Ou você a assustou quando a colocaram no telefone com Rebel. Você é um estúpido filho da puta, Julio. Foda-se, eu deveria matá-lo agora por ser um bosta.

Julio abre a boca, está prestes a dizer algo a mais, mas eu aperto meu punho sobre sua cabeça, o que implica o que vai acontecer se ele ainda se atreve a respirar uma palavra. Tudo o que ele estava pensando em dizer morre em seus lábios.

— Quem era ele? — Eu exijo. — Esse cara que apareceu do nada, querendo foder suas meninas?

— Eu não sei. Eu juro, eu não...

Eu o soco em sua garganta novamente. Ele tosse, chocalha, respira ofegante, e eu inclino para trás, suspirando quando espero por

ele vir com sua merda. Quando ele faz, eu continuo. — Você não deixa ninguém atravessar seus portões sem saber exatamente quem são, o que eles comeram no almoço e quantas drogas eles tiveram desde que acordaram. Então você tinha que saber quem ele era, Julio,

— Eu não sei. — Ele estremece, apertando os olhos fechados, antecipando meu próximo golpe. Eu decido dar-lhe um segundo para terminar a frase, no entanto. — Ele veio com um dos caras de sempre. Manny. Ele é meu irmão, *ese*. Eu lhe permiti trazer pessoas com ele o tempo todo.

— Mau negócio. Muito mal para o negócio. — eu digo. — Onde está Manny agora? Voltou para os Estados Unidos?

— Não. Não, ele está morto, certo? Ele foi baleado no centro de LA.

— *Conveniente*.

— Não conveniente para mim. — suspira Julio. — Se eu pudesse eu te mandava atrás dele. Então você não estaria aqui, bagunçando minha merda.

— Eu suponho que isso seja verdade. — Eu paro inclinando-me tão fortemente em seu pescoço. — Descreva esse cara para mim, então. Como ele era?

— Sul-americano, pele cor de oliva. Olhos castanhos, cabelo castanho. Porra, Cade, eu não sei. Espere, ele era muito magro. Sua camisa e suas calças pareciam que eram de um tamanho muito grande para ele ou algo assim.

— Será que ele falou espanhol enquanto esteve com você?

— Claro! Por que diabos ele teria falado em Inglês?

Quero dar uma coronhada no filho da puta por ser abusado, mas eu não acho que posso bater na cabeça novamente sem ele perder a consciência. — Quaisquer cicatrizes reconhecíveis? Tatuagens? Quaisquer outras características que o definem?

— Não. Não, nada! Ele parecia...

— Ele parecia o quê?

— Ele parecia um contador ou algo assim. Ele usava roupas bonitas. Óculos. *Usava óculos!*

Óculos? Estranho, mas mais uma vez o que impediria um provável sequestrador e estuprador de ter visão ruim? Eu mudo meu peso sobre Julio. — Você tem três segundos para me dizer alguma coisa útil sobre esse cara, Julio, ou eu vou enterrar a faca em sua artéria carótida e assistir você sangrar, porra. Você entende o que eu estou dizendo a você agora?

— Eu não sei... caramba, Cade. Você vai sofrer por isso, eu prometo.

Ignorando sua conversa, eu mostro três dedos, e então eu dobro o primeiro em minha palma. — *Um.*

— Eu não posso te dizer algo que eu não sei!

O segundo dedo vai para baixo. — *Dois.*

— Não é o suficiente? Você já cortou o meu dedo maldito...

— *Três.* — Eu levo a faca para baixo, totalmente com intenção de seguir com minha promessa, quando Julio grita, me parando no ataque.

— *WOLVES!*

A ponta da balisong para, menos de um milímetro de penetrar a pele. — *Wolves?*

— Sim! Sim, está certo. *Wolves.* Manny continuou falando com ele sobre wolves. Eles cochichavam entre si sobre uma casa de wolves. Não fazia qualquer sentido para mim, e esse cara estava gastando um monte de dinheiro, eu não queria fazer muitas perguntas.

— Uma casa para wolves? — uma incredulidade em minha voz. — Que porra isso quer dizer?

— Eu não sei. Eu seriamente não sei. Mas eles conversaram sobre isso durante horas. Isso é tudo o que sei, Cade. Eu prometo. Eu juro.

Piedade me inunda. Julio, um espinho ao lado dos Window Makers MC durante anos agora, parece que está prestes a explodir em lágrimas. Não há nada mais patético do que ver um homem gordo chorar. Eu aceno com a cabeça, deixando escapar um suspiro profundo. — Ok. Tudo certo. Eu acredito em você. Suponho que isso significa que a nossa conversa chegou ao fim, então. — Sento-me para trás em meus calcanhares, liberando a pressão da lâmina da faca contra a garganta de Julio.

A onda visível de alívio tomou conta do homem debaixo de mim. — Você realmente vai se arrepender disso. — ele avisa com a raiva retornando a seus olhos. — Melhor você encontrar a porra do meu dedo, antes que eu...

Eu mergulho a faca para frente, afundando o metal em seu pescoço, observando todas as quatro polegadas quando elas desaparecem em sua carne. Registros de choque no rosto de Julio, seus olhos ficando mais e mais abertos quando ele percebe o que eu fiz. E o que isso significa.

— *Mas... eu... disse...* — ele balbucia. O sangue escorrendo por entre os dedos em jatos grossos, quase forte o suficiente para jorrar no alto, em cima do teto sujo. Julio embaralha com a mão de quatro dedos, tentando parar o fluido vital de seu corpo, mas a verdade é que, como estava escrito em seu rosto; ele sabia que tinha perdido.

— Você mesmo disse. — eu digo a ele, observando com um olhar vazio no meu rosto. — Isso é tudo que você sabe, Julio. Isso é realmente tudo o que há. — Leva apenas alguns momentos para um homem morrer assim. Sento-me em cima de seu peito, desfrutando de cada momento. Talvez isso seja errado da minha parte. Talvez eu me tornei um desequilibrado. Uma pessoa normal não iria apunhalar alguém no pescoço e observar com interesse frio e desconectado enquanto sua força vital flui para fora antes dele morrer. Por outro lado, Julio nunca deveria ter me dito que sabia onde minha irmã estava e planejava encontrá-la para seus próprios fins. Isso foi um grande erro, porra. O que ele iria fazer com ela, se este contador de óculos tivesse feito a parte de seu acordo e enviado Laura de volta para ele? Insultar e intimidar Rebel, com certeza. Mas ele a teria tomado antes de fazer qualquer tipo

de barganha com Jamie. Ele teria levado mais do que deveria dela, e por isso ele merecia morrer.

Aquele que estiver sem pecado entre vós, atire a primeira pedra...

Não é sempre que as citações de Jesus aparecem em minha mente. Eu não sou um cara religioso, e muitas vezes eu não me encontro em situações que se inclinam em direção ao pensamento justo, no entanto coberto de sangue das vidas que acabo de tomar, encontro-me muito pensativo. Julguei Julio e o encontrei. Eu poderia ter apenas saído, conseguido os pequenos fragmentos de informação que ele meu deu e ido embora, deixando-o ferido e gritando como um porco em sua cama. Eu não sabia, no entanto. Dei a punição que considerei adequada aos seus crimes.

Um dia desses, alguém vai me julgar, e eu vou ficar aquém das *suas* expectativas. Eu vou, com prazer, aceitar qualquer penitência que decidirem para mim quando chegar à hora.

Até lá, eu vou continuar a fazer o que preciso para conseguir trazer minha irmã de volta.

Capítulo Dois

Mr. America

A mulher com a agulha pendurada no braço está morta. Eu quero enterrá-la e o cachorro na parte de trás do quintal de Julio, e eu também quero acabar com essas quatro cabeças de cocaína na sala de estar do térreo, mas eu não tenho tempo para fazer nada. Tenho que ir para a estrada; Eu tenho que chegar a Santa Clarita antes de escurecer, e o sol já se pondo mais rápido do que eu gostaria. Abaixo-me e atravesso a longa grama até a scrambler, planejando o próximo passo da minha jornada: dirigir seis horas, encontrar um lugar para me limpar adequadamente, armazenar a scrambler em algum lugar seguro e colocar o meu traseiro em um avião.

Talvez eu tenha fingido ignorância quando Julio começou a balbuciar sobre uma casa para wolves, mas eu sei o que isso significa. Ou pelo menos, eu acho que sim. Não é uma casa para wolves. *The House of Wolves*. Villalobos. A família Villalobos não é como outros cartéis. As pessoas não agitam suas botas quando ouvem o nome sussurrar em becos escuros nos Estados Unidos. Não há muitas pessoas que até mesmo ouviram falar deles antes. Como a maioria dos cartéis, *The House of Wolves* lidam com corpos, coca e heroína, mas eles só fazem negócio com seus próprios contatos — na porra do *Equador*.

Eles são o topo da cadeia alimentar, um grande tubarão branco no mar de narcóticos e comércio de sexo, e eles não se incomodam com peixes pequenos. A única razão pela qual eu mesmo conheço a família é por causa do constante arrastão de informações que é realizado no clube dos Widow Makers. Jamie não é um presidente medíocre do clube

de motoqueiros; Ele fortemente investe em derrubar o máximo de fodidos que puder. Se você lidar com corpos e você é estúpido o suficiente para tentar vender meninas online, ou em qualquer tipo de comunidade de licitação, então você está basicamente fodido. É só uma questão de tempo antes de encontrarmos você. Nossos hackers são bons. A família Villalobos tem estado no radar durante anos, mas ninguém nos forneceu informações sólidas sobre eles. E sem informações sólidas, o risco de um ataque frontal acaba por ser muito grande.

Até agora.

Então pego um voo fora do México. Um pequeno mergulho na pilha de dinheiro que carrego comigo, mas vale à pena se isso me levar a Laura.

Pego minha jaqueta de couro e depois a camiseta preta que estou vestindo por baixo, usando o suor e a camisa embebida de sangue para limpar minha jaqueta, e então vasculho na pequena bolsa que eu arrumei sob o assento do Scrapper, procurando algo limpo para vestir. Uma camisa do AC/DC cinza? Perfeita. Eu a visto, e por cima coloco minha jaqueta guardando a camiseta suja no pequeno compartimento embaixo do assento, junto com a bolsa, e depois empurro a Yamaha de volta à estrada. Assim que estou prestes a ligar o motor, tiros são disparados atrás de mim, vindo da direção da fazenda de Perez. Eu posso ver dois caras que correm da casa, seus gritos abafados e indecifráveis que atravessam os campos. Um deles levanta a mão e outro tiro dispara, atravessando o ar.

Parece que é hora de eu dar o fora daqui.

Comprar uma passagem de avião é fácil. Há muitas verificações de segurança no México, especialmente se você é um americano branco tentando voar para outro país e não de volta para os Estados Unidos, no entanto, esta não é a minha primeira vez nisso. Eu pago quinhentos dólares para um dono de garagem velha sem dentes nos arredores de

Santa Clarita, dizendo-lhe que se eu não voltar em uma semana, ele pode ficar com a scrambler. Fiz questão de dizer a ele, em termos inequívocos, o que acontecerá se eu voltar em menos de uma semana e a motocicleta também não estiver.

Eu abandono cada último pedaço de roupa que trouxe comigo, e compro um terno e gravata, maleta, sapato de couro polido e um óculos aviador. O dinheiro que eu carrego comigo entra na pasta.

Eu não sou mais Cade Preston, vice-presidente do Clube de Motoqueiros Widow Makers. Sou Samuel Garret, representante executivo de vendas da Holland Radisson Tailors & Purveyors of Fine Cloth. Agradeço a Deus por passaportes falsos, e agradeço a Deus por falsas histórias. Os documentos de viagem e o campo de vendas que preparei no Novo México no grupo dos Window eram para ser usados se eu precisasse perseguir Julio na Colômbia ou no Brasil. Eu não tinha pensando no Equador, mas a papelada se mantém quando os funcionários aduaneiros o inspecionam. O terno que eu comprei é caro o suficiente para que eles não façam muitas perguntas - *Qual será seu negócio no Equador, Sr. Garrett? Por quanto tempo você pretende ficar? Você planeja passar de volta pelo México em seu caminho de volta para os Estados Unidos?*

Eu já tenho minhas respostas escritas: Estou procurando por um novo site de fabricação; Eu vou ficar no Equador por uma semana. Talvez mais. E não, não pretendo voltar pelo México.

Eles não se importam com minhas respostas. Tudo o que eles importam é o envelope de dinheiro que, ocasionalmente, “esqueço” em sua mesa.

— *Você pode ir, Sr. Garrett. Tenha um bom dia.* — Recebo sorrisos. Apertos de mão. Um tapinha quente nas costas.

Não sei nada sobre o Equador. Tipo, nada. Absolutamente nada. Eu leio o folheto no voo na parte de trás do assento na minha frente, mas está em espanhol e, embora eu possa falar o idioma fluentemente, lê-lo, por outro lado, é outro assunto inteiramente diferente.

Quando aterrissamos no Aeroporto Internacional Eloy Alfaro, sei que a população chega a algum lugar perto de dezesseis milhões e que

existem quatro regiões distintas do país. No entanto, a questão dos panfletos de voo é que eles não lhe dizem onde você pode encontrar a cocaína local e os magnatas de heroína, ou onde você pode comprar uma merda de armas. É uma pena.

Compro duas camisetas, duas calças jeans, uma nova mochila, uma nova jaqueta de couro e um tênis branco Adidas antes de deixar o aeroporto. Caminho para alugueis de veículos, onde eu posso achar um que tenha motocicletas. Eu poderia facilmente alugar um carro em vez de uma moto, mas a semana passada sentado na parte de trás da scrambler me deu tempo para pensar. Tempo para traçar, e esquematizar e planejar. Além disso, as vibrações do meu pau contra o tanque de gás é muito bom. Você simplesmente não recebe esse tipo de estimulação ao sentar-se no volante de um Honda Civic.

A empresa de alugueis apenas tem motos de turismo, o que não vai funcionar. Se House of the Wolves são inteligentes, eles estarão escondidos nas colinas em algum lugar, provavelmente fora da estrada, e eu vou precisar de algo que possa lidar com algumas curvas e solavancos na terra. Os caras na locadora mal me entendem quando tento explicar o que preciso, mas eventualmente chegamos lá. Eles me dão o nome de um lugar de segunda mão que não vai me alugar uma moto, mas vai me vender algo confiável e barato.

Quatro horas depois, tenho uma versão de cinco anos da moto que acabei de deixar no México, e passei de sessenta mil para cinquenta. Entro em um café com aparência duvidosa, olhando para fora, ansioso para deixar as ruas ocupadas e repletas de pessoas para trás. Lá, com uma xícara de café gigante na minha mão e um queijo envelhecido em um prato, faço uma chamada do meu celular. Uma ligação que eu realmente não estou ansioso para fazer.

— Você fez o *quê*? — Do outro lado da linha, Jamie parece chateado. — Você simplesmente o matou?

Eu coloco um pedaço de queijo na minha boca, esperando que o meu som comendo vá abafar o resto da minha conversa com ele. Isso não vai funcionar. Preciso de algo dele, e não posso realmente perguntar se ele não consegue entender uma palavra do que estou dizendo. Eu engulo a enorme mordida de comida e suspiro. — Ele tinha

uma merda planejada, cara. Diga-me que você não estava cansado de sua merda, Jamie. Diga-me que não teria feito o mesmo se estivesse na minha situação.

O silêncio reina supremo. Eu mordo outro bocado da minha comida, enquanto meu melhor amigo, tecnicamente meu chefe, digere o que acabei de dizer. Eventualmente, ele grita pelo telefone. — Você deveria ter me chamado para isso. — diz ele. — Nós poderíamos ter feito algum trabalho de reconhecimento, visto quantos de seus homens presos quando ele deixou o país. Agora, nós não sabemos quantos deles irão buscar vingança.

— Você sabe tão bem quanto eu, ninguém vai estar de luto por aquele pedaço de merda nojento. Se alguma coisa, aqueles bastardos famintos por poder nos enviarão cartões de agradecimento.

— Talvez. — diz Jamie. — Mas ainda...

Eu descarto meu prato, limpando minhas mãos no meu jeans. — Sim, eu sei. Eu sinto muito. Mas às vezes é melhor pedir perdão do que permissão, certo?

Jamie ri. Eu posso imaginar a maneira como ele está pensando, ainda tentando processar a informação de que Perez, um dos nossos aliados às vezes e inimigo o resto do tempo está morto. Provavelmente deveria ter lhe dado um alerta em primeiro lugar. Eu também não estou ansioso para sair com essa próxima informação. — Enquanto estamos no assunto de coisas para as quais eu preciso pedir perdão, provavelmente deveria deixar você saber que não estou mais no México.

— O que? Onde você está, Cade?

— Equador.

— Caralho, o que você está fazendo no Equador?

— Julio disse que Laura estava com o cartel de Villalobos. Eu vim encontrá-los.

— Ah. Certo. Então... você não estaria ligando agora se não precisasse que eu pedisse a um dos homens para descobrir onde a família Villalobos vive? — Ele pode me ler como um maldito livro. Ele

está rindo, mas ele também está chateado comigo. Ou preocupado comigo. Provavelmente ambos.

— Eu teria ligado. — eu digo a ele. — *Eventualmente*.

— Maldito seja, seu idiota. Você deveria ter me deixado ir com você. Você sabe o quanto eu me sinto mal? — Ele esbraveja. — Você é meu irmão. Eu deveria estar aí para te cobrir agora.

— Você e eu sabemos que você não poderia ter vindo. — eu digo a ele. — Não como as coisas estão agora. — Nenhum de nós quer falar sobre a razão dele *ter* ficado para trás. Sua namorada está doente. *Realmente* doente. Desaparecer em uma missão comigo simplesmente não era uma opção. E eu nunca o deixaria vir, mesmo que não fosse esse o caso. Ele está feliz agora, e ele já desistiu de tanto. É hora dele continuar com sua vida. — Além disso, você *tem* as minhas costas. Você vai me avisar onde vivem esses filhos da puta, para que eu possa ir visitá-los. — eu digo a ele.

— Sim. *Em seu próprio país*.

— Eu estou bem, Jamie. Quando *não* estive?

— Um desses dias, realmente não estará. E então, o quê? Não me faça viajar esse fodido Equador e encontrar o que restou de seu corpo, Cade. Ficarei muito puto com você.

— Você pode me chutar na bunda quando você se juntar a mim no inferno. Que tal?

Jamie resmunga pelo telefone. — Soa como um plano. Vou enviar-lhe a mensagem sobre o que encontrarmos em algumas horas. Enquanto isso, se você mudar de ideia, sinta-se à vontade para voltar no próximo voo para casa, e eu juro que não vou castrá-lo por ser um idiota imprudente.

— Você é o melhor para se conversar. — eu digo a ele. — Quando foi a última vez que você não lidou com uma situação como esta imprudentemente?

Jamie não diz nada. Ele ladra uma risada, e então desliga o telefone.

São cerca de oito horas da noite, quando recebo a localização do cartel Villalobos. Orellana, a leste. Dirijo, dirijo, dirijo para a porra do leste. É uma viagem de dez horas se eu usar as rodovias, ou por treze horas, se eu ficar nas estradas alternativas. Acrescentar três horas na minha jornada é irritante como o inferno, mas também significa que eu tenho menos probabilidades de ser parado por policiais ou pegar trânsito e acidentes.

JAMIE: Levou muito tempo para rastreá-los. Esses caras não estão no mapa. Nenhuma presença on-line. Tivemos que localizá-los usando palavras-chave dos relatórios da polícia equatoriana. Tanto quanto podemos dizer, Orellana é onde eles estão instalados. Nós descobrimos a área e buscamos as imagens por satélite. Esses prédios parecem ser o local mais provável. É o melhor que podemos fazer agora. Ainda assim, continuaremos procurando.

Anexada a sua mensagem de texto, ele enviou uma captura de tela difusa de um grupo de edifícios, cercado de árvores. Muitas árvores. Então eu estava certo. Se esta informação estiver correta e é aí que o cartel de Villalobos está instalado, então eles estão no meio da merda de lugar nenhum. Não parece haver estradas dentro e fora do complexo. Nem mesmo uma maldita trilha de terra.

Eu mando a Jamie um rápido obrigado, e então estou subindo na parte de trás da moto, certificando-me de ter tudo o que preciso comigo pelas milhas e milhas que se estendem à minha frente. Tudo o que realmente preciso é uma pequena lata de combustível e um telefone celular funcionando, mais a escova de dentes, o kit de primeiros socorros e as barras de chocolate que ajudarão a tornar a vida mais agradável se eu ficar encalhado em algum lugar.

O passeio passa por um borrão de carroças e nuvens de poeira. Eu poderia fazer o percurso de uma só vez, mas me afastar tão tarde fez isso impossível. Ainda assim, quase não paro para dormir — não há hotéis na rota que selecionei, e sem o meu equipamento de campismo,

dormir no chão ao lado da estrada e da minha moto é menos do que confortável. Meu tempo como militar me serviu bem. Estou acostumado a ficar sem descanso. Eu quase não estou cansado quando finalmente começo a ver sinais de Orellana.

Quando chego, estou surpreso ao encontrar uma pitoresca pequena vila de pescadores ao pé de uma cordilheira alta. Não há Holiday Inns⁷ aqui. Nenhum Motel 6 estrelas. Eu não vejo uma única vitrine quando ando na moto pelo que parece ser a rua principal da pequena cidade. Os habitantes locais se apressam pelas ruas — presumivelmente assustados pelo som do motor da moto — e eles me observam rudemente com as bocas desconfiadas enquanto eu passava por eles.

Tudo está em decomposição, caindo, húmido e na sujeira. Os edifícios são mais como barracos, alguns em cima de altas palafitas voltadas para a estrada. Alguns deles estão no rio, com pequenos barcos enferrujados, amarrados a postes de madeira apodrecidos na frente, balançando em uma água verde. Crianças com roupas rasgadas e velhas correm ao meu lado enquanto eu atravesso as ruas de Orellana; Eles são pobres e, obviamente, têm pouco, mas suas roupas estão limpas, e eles têm sapatos em seus pés. Sorrisos em seus rostos.

Não paro na cidade. O complexo de construção que estou procurando não está aqui em baixo, afinal; Olhando a imagem que Jamie enviou para mim, o complexo está mais no alto da montanha, no fundo da floresta espessa que envolve a cidade por milhas e milhas.

O scrambler lida com as trilhas de sujeira que tecem na encosta sem problemas. Meus ossos parecem que estão sendo empurrados para fora do meu corpo, e o ruído que o motor faz é amplificado pela floresta. Tenho certeza de que a merda não vai se esgueirar no cartel Villalobos a esse grau.

Meu coração se acelera no meu peito enquanto penso no que poderia encontrar aqui. Faz anos que vi minha irmã. *Anos*. Se ela estiver com a equipe de Villalobos, como vai estar agora? Dopada? arruinada e machucada? Será que ela me odeia por ter demorado tanto

⁷ Holiday Inn é uma cadeia multinacional norte-americana de hotéis que pertence à Inter Continental Hotels Group.

para encontrá-la? Eu me odeio por isso. Eu não vou ficar chateado se *ela* me odiar. Fico ruminando até ficar tonto — é perigoso pensar dessa maneira. Laura pode não estar aqui, afinal. É perfeitamente possível que a informação sobre House of Wolves na fazenda de Perez estivesse errada. Jamie e eu já viajamos por todo o Chile, Colômbia e México, procurando por ela, nossas viagens aparentemente intermináveis era sempre o resultado de uma pequena informação que inevitavelmente nos leva a uma perseguição selvagem. Por que desta vez seria diferente?

Porque sinto que será diferente desta vez, uma voz sussurra na parte de trás da minha cabeça, cruel e traiçoeira que é, me preparando para o fracasso. Ela ainda está viva. Quando Jamie estava naquele quarto de hotel, negociando com Julio, minha irmã estava viva. Depois de tanto tempo, foi um milagre. Se quem a levou a manteve viva por um longo período, por que de repente a matariam agora? Não faz sentido.

Eu dirijo a scrambler mais adiante na floresta tropical, mal disposto a reconhecer que de qualquer maneira eu estou andando em direção ao perigo. Laura não vai estar acampada neste lugar por conta própria. Se ela estiver aqui, então ela vai estar fortemente guardada, e os homens que a observam são altamente improváveis entregá-la sem tanto quanto por sua permissão e uma desculpa para isso, nós provavelmente não devemos — tomar-contr-a-vontade-deles.

Leva-me uma eternidade para encontrar o edifício que Jamie me enviou na imagem de satélite. Meu celular perde o serviço, e tentar triangular o meu paradeiro usando pontos de referencia é quase impossível com o dossel alto e as árvores por todos os lados. Eventualmente, depois de muitos palavrões e transpiração, consigo encontrar o que estou procurando. Três edifícios separados e baixos se erguem de todas as formas de vegetação, escuros e de concreto, sem vidro nas margens das janelas, ervas daninhas e samambaias brotando dos telhados e do caminho rachado que conduz à porta aberta do primeiro edifício maior. Eles estão pouco mais do que em ruínas. O que quer que fosse, nunca foi o lar de um cartel secreto e incrivelmente rico. Talvez este fosse um ponto de encontro para alguns dos membros do cartel de Villalobos, mas não é mais. É provável que invasores vivam aqui agora. Os três edifícios formam os lados de um quadrado, um lado esquerdo aberto, dando acesso a um pátio entre as estruturas.

Enferrujado, metal retorcido está por toda parte, colchões podres, sofás abandonados e velhos televisores esmagados estão entre o mato alto, como algum tipo de quarto de hotel estranho e esquisito que a Mãe Natureza decidiu reivindicar como sua.

Não há uma única alma ao redor, e meu coração para no meu peito. *Foda-se*. Depois de andar por este caminho, viajando por três países diferentes e gastando uma pequena fortuna, eu estou desenhando mais um espaço em branco? De jeito nenhum. *De maneira nenhuma*.

Eu desligo o motor da Scrambler e saio da moto, estremecendo enquanto minhas juntas se queixam. A dor não é o suficiente para me distrair do meu objetivo: reconhecer a área. Encontrar pistas. Descobrir quem costumava morar aqui e descobrir onde minha irmã agora. Estou quase prestes a atravessar a porta aberta do maior edifício quando uma voz me interrompe.

— Eu não faria isso se fosse você.

Giro, arma já em minha mão, meu dedo pronto para puxar o gatilho, para encontrar uma jovem mulher inclinada contra o tronco de uma árvore, com os braços cruzados em seu peito.

Meu primeiro pensamento: *Uau*

Ela é linda. Sua camiseta cinza escura pendurada em seu quadril, à frente enfiada no jeans sujo e rasgado. Ela está coberta de suor, a testa brilhando, que de alguma forma faz parecer... bem, *quente*. Os olhos em forma de amêndoas de avelã, cabelos grossos e castanhos claro com mechas de fios de ouro, amarrados em um nó em cima de sua cabeça. Sardas. Sardas por todo lugar... Através da ponta de seu nariz, sobre suas maçãs do rosto altas, sobre seus ombros. Sua pele é uma cor dourada profunda. Perfeita. Totalmente impecável. Ela deve estar na metade dos vinte anos, e ela parece muito, muito divertida.

Eu percebi a enorme faca serrilhada em sua mão quando ela aponta para a porta que eu estava prestes a passar. — Nós saqueamos esse lugar alguns anos atrás. Uma curta viagem através da entrada. Antigas minas terrestres enterradas sob o chão. Não consigo lembrar onde está tudo agora. Pessoalmente, acho que não é uma boa ideia você

espionar aí dentro, Mr. America. Seria um dia triste para você. — Seu sotaque é suave; Ela poderia passar facilmente por uma americana, mas há algo de estranho. Uma leve e sutil melodia que me permite saber que o inglês provavelmente não é sua primeira língua.

— Isso é certo? — Eu considero a aparência do prédio na minha frente, tentando ganhar algum tempo. Tentando decidir como essa situação vai se desenrolar. Estou segurando uma arma, e essa garota, quem quer que seja, tem uma enorme faca abraçada casualmente em sua mão direita. Arma sempre vence a faca, mas ainda assim... Não é necessário assumir automaticamente que ela seja hostil.

— Como você sabe que sou americano? — pergunto, mantendo minha voz clara.

Um sorriso puxa seus lábios. Ela encolhe os ombros, afastando-se da árvore. — Você é a única pessoa que está aqui vestindo uma jaqueta de couro em um calor de 37 graus. — Um beicinho. Um fodido sexy beicinho. — E então, há o fato de que recebemos um telefonema de um amigo nosso há alguns dias atrás, informando-nos que um cara insano em uma moto provavelmente se dirigia para Orellana. Com suas características.

Hmm. Alguém do lugar de Perez deve ter descoberto quem os visitou, e onde provavelmente me dirigi em seguida. Perfeito. Eu deveria ter matado aqueles quatro bastardos na sala de estar depois de tudo. — Entendo.

— Você deve guardar sua arma, Mr. America. É difícil ter uma conversa quando você está olhando pelo cano de uma pistola.

Olho sua faca, erguendo uma sobrancelha. — Eu não penso assim, querida.

— Você também pode. — ela me aconselha. — Há homens nas árvores ao seu redor, e suas armas são muito maiores e muito mais impressionantes que a sua.

Eu miro meus olhos, procurando a camuflagem dos verdes e dos marrons que nos rodeiam, e não consigo ver nada. Fiquei muito bom em detectar atiradores no deserto, mas não consigo encontrar ninguém aqui. — Você está blefando. — eu digo a ela.

— Talvez sim. Talvez não. Acho que a escolha é sua, Mr. America. Você abaixa sua arma e fala comigo como um homem civilizado, ou você arrisca descobrir se eu estou falando a verdade?

A situação é realmente preto no branco. Eu faço como me dizem, ou eu potencialmente levo um tiro na cabeça sem sequer piscar o olho. Eu seguro firme minha arma. — Desculpe. Você literalmente terá que tirar minha arma da minha mão quando eu estiver frio e morto. — Nunca soltei meu rifle no Afeganistão. Tenho certeza fodida de que não vou perder uma arma em alguma floresta no Equador.

O sorriso da mulher se espalha pelo rosto. — Como você desejar. — Ela dá um ligeiro aceno de cabeça, e eu ouço um rifle mirando em mim. Eu corro para a esquerda apenas a tempo de evitar a bala que vem em minha direção do nada; Ela raspa meu braço, cortando minha jaqueta, fazendo um buraco no couro. Milagrosamente, eu não raspa em mim, mas vou admitir que minha frequência cardíaca saltou um pouco.

— Bem, isso não foi muito bom.

— Mas eu não avisei você, Mr. America? — diz a mulher, sorrindo. Os dentes são perfeitos. Parece que os endireitou e clareou em Hollywood.

— Eu suponho, com justiça, você avisou.

— Você vai entregar sua arma agora?

Considero isso por um segundo. — Que tal eu manter minha arma, e guardá-la? E você guarda essa sua faca?

— Mas eu gosto da minha faca.

— Eu gosto da minha arma.

— Eu vejo que somos muito semelhantes, Mr. America. Talvez uma conversa esteja fora de questão depois de tudo.

Não digo nada. Nós dois nos observamos por um momento, e então ela revira a cabeça e ri. — Não é preciso parecer tão sério. Só estou brincando com você. — Ela joga a faca no ar e a pega pelo cabo, depois a desliza dentro de seu cinto, afastando-a. — Por que você não

me diz seu nome, Mr. America? Dessa forma, podemos ser amigos e não ter toda essa hostilidade entre nós.

Fico em dúvida se lhe dizer meu nome de repente vai nos tornar melhores amigos, mas eu dou isso a ela de qualquer jeito. — Eu sou Sam. Sam Garrett. E você é?

— Eu sou Natalia, e estou muito satisfeita por conhecê-lo. — Ela anda direto para mim, estendendo sua mão, ignorando o fato de que ainda não abaixei minha arma. Por uma fração de segundo, sua mão e a arma estão niveladas no ar, e acho que ela pode tentar agarrá-la. Mas ela não faz. Ela apenas sorri. De perto, suas sardas são muito mais intensas e ainda mais atraentes. Um sorriso desonesto passa pelos meus lábios e abaixo a arma.

— Prazer em conhecê-la, Natalia. Sinta-se a vontade para dizer aos seus amigos que baixem suas armas agora também.

Natalia com seu beicinho e suas sardas, enfia os dedos na boca e assobia — ela é boa para caralho. Eu estremeço, afugentando minha cabeça do som afiado. Segundos depois, um único cara com um velho rifle Winchester aparece da folhagem. Ele é muito mais velho do que Natalia, talvez no final dos quarenta anos, e ele é claramente equatoriano. Leva um momento para eu descobrir o que ele está usando na cabeça: um fone de ouvido retrô com almofadas de espuma e faixa de plástico vermelha. Quanto mais ele se aproxima, mais ruidosa é a música que sai de seu fone de ouvido — música rap. Especificamente, Run DMC. Seus olhos são escuros e impassíveis enquanto me examina. Ele não diz nada. Ele está de pé atrás de Natalia, uma mão no rifle, uma mão em um Walkman, preso ao cinto no quadril.

— Este é Ocho. — diz Natalia. — Ele é meu amigo com a arma.

— Hmm. Você realmente me superou em número, hein?

— Sim. — ela concorda. — Dois contra um. Agora venha, Sam Garrett. Tenho certeza de que meu pai está ansioso para conhecê-lo.

— Seu pai?

— Sim. Ele é o motivo pelo qual você está aqui, eu suponho? Você quer comprar coca? Você quer foder? Essa é a única razão pela qual alguém vem a Orellana.

Capítulo Três

Fernando

Eu espero ser arrastado em direção a algum veículo que eles escondem em algum lugar, mas Natalia se aproxima da floresta, de cabeça baixa, observando onde ela pisa. Ocho aguarda que eu siga após ela, e então ele nos segue atrás, a mão ainda descansando levemente na arma. As letras de “*It’s Tricky*” estão saindo alta de seu fone de ouvido, e a natureza surreal deste momento me bate duramente. Estou no fodido Equador, na floresta tropical, seguindo a garota mais quente que já vi e o mal-humorado amante de hip hop dos anos 80 e atirador afiado. Só Deus sabe em que tipo de perigo me meti. E ela acha que eu quero comprar coca, ou foder algumas prostitutas? Perfeito. Simplesmente perfeito. Então, agora tenho que escolher: quando conhecer seu pai, continuo com o plano? Ou vou direto ao ponto e pergunto a ele onde a minha irmã está e como acabou tudo isso? Estou cansado de esperar. Estou perseguindo minha própria maldita cauda em tantos buracos de coelhos diferentes.

Ocorre-me, no entanto, que se passar por revendedor de cocaína pode não ser uma coisa tão ruim. Perguntar sobre Laura diretamente do portão pode me matar. Provavelmente é melhor esperar. As chances são de que eu só poderia ver minha irmã com meus próprios olhos, se eu esperar tempo suficiente, e *então* eu posso começar a matar pessoas, a fim de tirá-la daqui.

Atravessamos a floresta durante quinze minutos, e depois mais dez. Uma pessoa comum pode se perder pelo tempo em que chegamos a uma pequena carvoeira de concreto, quase completamente escondida na vegetação subterrânea, mas não sou uma pessoa comum. Anos de

navegar pela posição do sol no céu me ensinaram bem; Eu posso facilmente saber onde estou e encontrar meu caminho de volta para o scrambler se precisar. Olho a escotilha de metal, plantada no quadrado no centro do concreto fundido áspero que por sua vez é colocado no fundo do chão, e levanto uma sobancelha para Natalia, e tenho um riso preso na parte de trás da garganta.

— Eu não acho que você já assistiu *Lost*, não é? — Eu pergunto.

Ela franze o cenho, suspirando forte. — Não, eu nunca assisti a isso. É importante?

— Não, acho que não.

— Bom. — Curvando-se, ela usa a faca que estava em seu bolso traseiro para martelar em cima da escotilha de aço; O som clandestino soa alto e claro, lembrando-me do som de metal estilizado e entortado que os submarinos fazem quando estão subindo de águas profundas. Ocho desliga seu Walkman e desliza seu fone de ouvido da cabeça, deixando-os descansar em volta do pescoço. Ele ainda não disse uma palavra, e o olhar teimoso e plano em seu rosto eu realmente não acho que vai mudar em breve. Vinte segundos passam, e então a escotilha se abre, revelando uma jovem, aos 20 anos, com uma máscara de filtro sobre o rosto. Além da máscara, ela está completamente nua. Eu tento não olhar para seus pequenos, mas perfeitamente formados seios enquanto ela lança um olhar malvado sobre nós três.

Ela diz algo em espanhol, mas suas palavras estão abafadas atrás de sua máscara e eu não entendo o que ela diz. Alguma coisa sobre sapatos? Algo sobre uma bandana? Natalia franze o cenho para a garota. Ela vira a faca e a guarda de novo, depois retoma suas mãos e amarra seus cabelos em um rabo de cavalo.

— Diga a ele que estamos descendo. — ela assobia, e então ela chuta a garota com seu Converse vermelho. A menina faz um som descontente, atirando um olhar de ódio na minha direção, mas ela desaparece, abaixando-se de volta para a opressiva escuridão abaixo dela.

— Vamos. Não se preocupe. Você não precisa se despir. — Natalia me diz. — Normalmente, meu pai é muito rigoroso sobre seus

convidados e suas roupas. Ele está de bom humor hoje. — Ela agachase e desce no túnel além da escotilha, e então também desaparece nas sombras. Posso ouvir as solas de seus sapatos batendo nos degraus de uma escada enquanto ela desce, e então a voz dela chama das profundezas.

— Você tem medo do escuro, Sam?

— Só quando é bom ter. — murmuro em voz baixa. Se eu segui-la para baixo neste buraco no chão, eu estarei cego pela escuridão. Literalmente. Está escuro pra caralho lá, e eu não tenho ideia de quantos guardas armados nos esperam. Um olhar para Ocho me diz que eu não vou poder me afastar sem uma briga. Eu sou maior, mais forte, mais rápido e mais jovem do que ele, então eu não tenho dúvidas de que eu poderia derrubá-lo, mas onde isso me levaria? Não mais perto de Laura, com certeza.

Lentamente, eu me abaixo através da escotilha, observando Ocho enquanto eu desço. Ele pula no buraco depois de mim com a facilidade praticada de alguém que já fez isso muitas vezes antes. Ele fecha a escotilha atrás de si, com o barulho de um parafuso que está sendo esticado, e a luz se apaga. A escada é muito mais longa do que eu esperava, e demora um pouco para chegar ao fundo. Ocho desceu quatro ou cinco degraus depois de mim, silenciosamente, um fantasma movendo-se no campo escuro. Eventualmente, eu chego ao fundo da escada e passo para o concreto sólido.

A voz de Natalia ecoa quando ela fala. — Coloque sua mão no meu ombro, Sam. Aqui. Sim. — Percebo muito pelo jeito que a voz dela ecoa por dentro do espaço escuro que estamos em um túnel, longo e estreito pelo som das coisas, e as paredes estão pressionando. Minha mão toca a pele nua dela, o braço e depois o ombro. Ela é muito mais baixa do que eu; Provavelmente tem apenas um metro e setenta ou um metro e setenta e dois, mas sua confiança a torna mais alta de alguma forma. Eu sinto como se eu estivesse presumindo enquanto ela parte em direção ao lado leste, passando a ponta dos dedos ao longo de uma parede. Deus sabe onde a menina nua está. Seria muito fácil para eu derrubar Natalia agora mesmo. Ocho também. É como se ele pudesse ler minha mente, no entanto. Eu sinto uma pancada afiada e irritada na minha parte inferior das costas, e eu sei muito bem que eu estou sendo

cutucado com a ponta de seu rifle. Ele está pronto e disposto a atirar na minha espinha no primeiro sinal de qualquer problema. Justo o suficiente, eu acho.

Momentos depois, uma luz branca e ardente, de repente, queima em minhas retinas quando Natalia abre uma porta na nossa frente. Levo um segundo para os meus olhos se ajustarem novamente à luz. Uma vez que minha visão é restaurada, estou surpreso com o espaço que está à frente: um enorme armazém subterrâneo, limpo, todo pintado de branco. Faixas de luz com um pequeno sussurro de eletricidade iluminam o vasto espaço vazio e mais de vinte garotas jovens, todas nuas, param o que estão fazendo e volta-se a olhar para nós. As mesas baixas que elas estão em pé na frente estão cobertas de cocaína. Sacos de cocaína, já selados e emparelhados, presumivelmente prontos para enviar para fora. Secagem de cocaína em bandejas sob lâmpadas de calor. Mais coca em pequenas linhas, organizadas em folhas de papel de alumínio, sendo misturadas com uma variedade de outros pós brancos, não descritivos. Cerca de um bilhão de dólares em cocaína, apenas flutuando no ar porra.

Em intervalos regulares, grandes caras com facões e fuzis de assalto em suas mãos, inclinados contra as paredes, observam tudo com olhos penetrantes. Eles são insensíveis, fodidos de aparência séria, e de repente eu começo a pensar que isso pode não ser uma grande ideia, afinal.

Eu vi produções de coca suficiente no meu tempo para entender por que as mulheres estão todas nuas – o patrão não quer perder o produto, um de seus trabalhadores pode decidir enfiar um pouco no bolso para levar para casa mais tarde, mas e os guardas? Não faz sentido estarem nus, e ainda assim eles estão. Paus em todos os lugares. Natalia, eu e Ocho: somos literalmente as únicas três pessoas vestindo roupas em toda a instalação. O pai de Natalia deve ser realmente muito paranoico, se nem mesmo ele confia em seus próprios guardas para roubarem ele. Desajeitadamente, o guarda de pé mais perto de nós está com um tesão furioso, seu pau em posição de sentido. Ele tem um olhar apertado, desconfortável em seu rosto que me faz querer rir.

— Pobre Matteas. — Natalia diz, sorrindo. Ela olha abertamente em seu pau, cabeça inclinada para um lado, como se estivesse avaliando seu tamanho e grossura. — Ele começou a trabalhar agora no subsolo. Pode ser muito... *difícil* para eles na primeira vez. Meu pai gosta de escolher mulheres jovens e bonitas para cortarem o produto. Estúpido realmente. Se ele escolhesse velhas, gordas, mulheres flácidas, nenhum dos homens seria distraído por todas as bocetas nuas por aqui.

Se ela está incomodada por todos os paus, ou “bocetas nuas” como ela tão eloquentemente expressou, em seguida, Natalia faz um excelente trabalho em esconder seu desconforto. Ela provavelmente tem estado ao redor desse tipo de coisa a vida inteira, e teve muito tempo para se tornar insensível a tudo. Eu vi os membros do clube no Novo México foderem suas mulheres na mesa de sinuca; Eu tenho visto pessoas fazendo trios atrás do bar, e eu já vi pessoas gozando na esquerda, direita e centro. Eu nunca vi nada como isso, porém. As mulheres são todas lindas, e os guardas que cuidam do local sabem, eu tenho certeza. A maioria deles tem um sério olhar focado em seus rostos, sem dúvida, tentando evitar uma ereção como o pobre coitado à nossa esquerda.

— Isso é apenas para entretenimento?

Natalia coloca a mão no meu braço e faz gestos para que eu ande com ela. — Não. É mais... *distrair atenção*. Se os trabalhadores trabalham todos os dias, completamente nus, eles não podem planejar roubar meu pai, ou tomar seu poder. Eles estão muito ocupados olhando os órgãos genitais dos outros em vez de pensar em qualquer outra coisa.

Uma boa ideia, eu acho. Mas não os deixar sozinhos, evitaria que tentassem algo tão estúpido? Penso em perguntar, mas o olhar entediado no rosto de Natalia me faz repensar isso. Ela se vira e aponta para o outro lado da sala, cem passos de distância, onde uma única porta, pintada de azul, fornece o único ponto de cor em toda a sala. — O escritório do meu pai é lá. — ela me aconselha. — Ele odeia ser incomodado, mas eu tenho certeza que ele não vai se importar com a visita de um empresário estrangeiro como você.

Eu olho para mim mesmo, em minha camiseta, jeans empoeirado, e minha igualmente empoeirada, jaqueta de couro fodida, e me pergunto como muitos empresários estrangeiros vem para Orellana.

— Nós temos que sair do subsolo agora. Se não o fizermos, vamos ficar muito altos para sentarmos e falar com ele. — Natalia se dirige para a porta azul, e as mulheres trabalhadoras, com os rostos cobertos por máscaras, todas a olham com inveja em seus olhos enquanto ela passa. Eu me pergunto quantas delas quer esfaqueá-la por trás, na primeira oportunidade. Eu estou disposto a apostar dinheiro que todas elas.

Eu olho por cima do ombro, e Ocho não nos seguiu; ele está em pé no meio da sala, olhando para a bunda de uma menina quando ela mede o pó em pequenos saquinhos, pesando cada um, e jogando em um balde. Ela não parece se importar que ele esteja olhando.

Natalia bate silenciosamente na porta azul, dando um passo para trás, e, em seguida, apertando as mãos atrás das costas. Suas unhas estão sujas. Eu não sei por que eu noto, ou por que me faz gostar disso ainda mais, mas faz. Um segundo depois, um homem segurando um chicote abre a porta, alto e incrivelmente magro está olhando para nós por baixo do nariz muito reto e longo. Um óculos de tartaruga estão no fim do nariz; perscruta para nós através deles, como a prescrição pode não ter sido atualizada em um par de anos.

— Natália. Quem é este homem? — Ele pergunta em voz entrecortada. Seu sotaque é muito mais espesso do que de Natalia; Tenho certeza que eles normalmente falam um com o outro em espanhol, mas ele deve ter dado uma olhada em mim e sabia que eu não era destas bandas, assim como Natalia fez mais cedo nos edifícios com armadilhas.

— Ele diz que seu nome é Sam Garrett. Nós o encontramos bisbilhotando o velho posto avançado. Ele não disse por que está aqui ainda. Eu o trouxe diretamente para você, papai.

O cara alto, magro com os óculos aperta os olhos para mim, franzindo a testa. Sua pele é muito mais escura do que de Natalia; sua mãe deve ser branca. O cara endireita as costas, e sopra uma respiração profunda fora de seu nariz. — Eu sou Fernando Villalobos, e

você, meu amigo, deve ter cometido um erro muito grave por vagar na minha terra, ou você tem uma boa razão para estar aqui. Qual é?

Parece que eu estou em pé diante do mesmo homem que eu venho procurando. Ódio enrola meu estômago como uma cobra. É este o homem que levou Laura? Como isso pode ser verdade? Ele não parece remotamente capaz de sequestrar ninguém. Sua camisa está cuidadosamente passada e dobrada. Seu cabelo está cortado no estilo mais conservador e chato imaginável. Provavelmente esse é o contador descrito por Julio, eu nem sequer pisco. — Oh sim. Eu tenho *realmente* uma boa razão.

Fernando remove os óculos e suspira. — Qual é?

— Drogas. Eu quero comprar uma quantidade mínima de drogas.

Ele pisca, e depois balança a cabeça. — Eu tenho receio de... *Porra* quantidade *mínima* não é uma quantidade na qual lidamos, *Sam*. Para quem você trabalha?

— Um particular. Um empresário, que gosta de seu anonimato em situações como esta.

— Oh. Bem, eu tenho receio de lidar com narcóticos com pessoas que não conhecemos, Sr. Garrett. O anonimato gera desconfiança. Traição. Eu tenho certeza que você entende.

— Como quiser. Seu nome é Louis James Aubertin, terceiro. Ele é um banqueiro de investimentos em Nova York. Ele fornece um serviço para outros homens e mulheres profissionais na cidade. Eles vão para ele quando precisam de um pouco... de *estimulação*. — Isso é uma mentira que nós tivemos que dizer antes, e Jamie já me deu a aval para voltar a usar se eu precisar. O pai de Jamie, talvez o maior idiota na face do planeta, ainda acha que Jamie é um banqueiro em Nova York. Há uma papelada pré-existente, contas não-bancárias, um apartamento. Um escritório falso, configurado no décimo oitavo andar do edifício Klein em Wall Street.

Fernando balança nos calcanhares, cruzando os braços sobre o peito. Eu me sinto como um adolescente tendo o meu primeiro encontro, apenas por ser abordado por seu pai super protetor na soleira da porta. É muito mais grave do que isso, dada a quantidade de

armados, guardas nus por perto, mas ainda assim... eu não me sinto ameaçado como eu provavelmente deveria. Na primeira inspeção, Fernando parece ser o tipo introspectivo, pensativo. Intelectual. Sêrio. Muito frio, é claro. Mas não aterrorizante. Ainda bem que ele ficou aqui no Equador, em vez de tentar reivindicar o território dos Estados Unidos; ele não iria durar cinco segundos em um lugar como Los Angeles ou Chicago.

— Eu normalmente só lido internamente dentro do Equador. — diz ele. — Eu não tenho nenhuma relação com a fronteira equatoriana, ou com as autoridades estaduais. Eu não posso ajudá-lo a transportar isso... carregamento do meu produto que deseja comprar para fora do país. Como você está pretendendo transferir a coca de volta para os Estados Unidos? Ou você tem a intenção de empurrar tudo para cima do seu nariz, Mr. Garrett?

— Ha! Não. Eu amo coca, tanto quanto o próximo cara, mas não muito. Temos uma frota de pequenos aviões à nossa disposição. Podemos voar pra fora, pessoalmente, sem sermos descobertos.

— E como foi que você se deparou com a minha coca?

— Como?

— Como você encontrou minha excelente cocaína e soube aonde vir comprar mais? Você vê, Sam, não vendemos para pessoas que não conhecemos. E as pessoas que nos conhecem *sabem* que é melhor não respirar o nome Villalobos quando estão traficando nosso produto. Então... eu lhe pergunto novamente. Como você soube chegar *aqui*, a este lugar, para comprar *minhas* drogas?

Ahh. *Merda*. Ele não parece feliz. Toda a vibração de contador que tinha em um segundo atrás se transformou em algo muito menos amigável. Ele tem um brilho em seus olhos, afiado e cruel, que leva a loucura. — Eu tirei a informação de um mexicano muito gordo. — digo a ele. — E então eu o matei.

A expressão de Fernando é toda gelo. Ele me estuda com despreocupação por um momento, e depois aperta a ponte de seu nariz entre o dedo indicador e o polegar. — Eu posso ter ouvido algo sobre isso.

— Eu costumava ficar em seu complexo. Ele sempre teve as melhores meninas em seus estábulos. *E os melhores boquetes.*

— Então você está interessado em mulheres, também? — diz ele.

Eu dou de ombros, fazendo o meu melhor para parecer indiferente. — Eu sou homem, não sou?

Fernando olha para o chão, sobranceiras juntas, como se ele estivesse pensando furiosamente. Dando um passo para a direita, ele estende uma mão, apontando-me seu escritório. — Entre. Eu preciso dar um telefonema. Você vai me desculpar por um momento, eu acho. — Não é um pedido. Ele está apenas me informando que está prestes a acontecer, e eu sinceramente não gosto do som disso. Um telefonema para quem? Eu dou um olhar de soslaio para Natalia. Ela parece estar bloqueada em algum tipo de comunicação intensa, silenciosa com seu pai, e eu não posso decidir se é uma coisa boa ou má. Má, tenho certeza.

— Eu tenho algo para você, Sam. — ela me diz. — Meu pai vai estar de volta em um minuto. Tenho certeza de que vocês dois ainda podem discutir a questão de uma compra depois. Enquanto isso... — Ela me dá um sorriso de boca fechada passando seu pai, para o escritório.

Eu dou um sorrindo caloroso para Fernando quando eu entro em seu escritório. Melhor fingir que estou completamente alheio ao perigo desta situação do que derreter em suor. Fernando acena levemente, e, em seguida, se apressa a fazer um caminho mais curto para Ocho. Seus ombros parecem ter levantado um pouco, como se estivesse se preparando para algo; por quê Fernando Villalobos estaria preocupado com qualquer coisa aqui, em sua casa, com todos os seus homens e suas armas ao redor, é um mistério.

O escritório de Fernando é despretensioso. Nenhuma arte nas paredes. Sem frescura de qualquer tipo. Piso de ladrilho simples. Mesa regular. Uma pequena lâmpada, que está ligada, uma vez que na verdade não parece ter uma lâmpada no teto.

— Sente-se. — Natalia puxa uma cadeira na frente da mesa de seu pai, gesticulando para eu estacionar minha bunda nela. Ela parece

ter esquecido sobre a minha arma. Ou isso, ou ela está colocando uma grande dose de confiança em mim, e ela não me espera para filmar seu pai onde ele está.

— Desculpe a luz tão fraca aqui. — ela me diz. — Meu pai tem olhos muito sensíveis. Lâmpadas fluorescentes normais o incomodam.

— Tudo bem. — Eu me sento, olhando para ela enquanto se senta na cadeira que Fernando deve ter ocupado um momento atrás. Ao abrir uma gaveta, ela tira uma pequena placa de prata espelhada, juntamente com um tubo de metal estreito. Ele brilha na meia-luz - um tubo de sopro de ouro maciço.

Eu sei o que virá a seguir. Com certeza, ela coloca um pequeno envoltório de papel em cima da mesa na frente dela e começa a desdobrá-lo. — Eu tenho certeza que você vai querer provar nosso produto atual, sim?

— Oh, isso não é necessário.

Ela olha para mim, franzindo a testa. — Não? Isso é normalmente o lema de nossos compradores — testam antes de comprar. As pessoas normalmente estão tirando essas coisas de nossas mãos. Não é barato.

— Tenho certeza que é verdade. Mas também é um mau negócio. Eu não estou aqui para me divertir. Estou aqui para fazer um acordo. Se eu estiver chapado, como eu terei uma conversa adequada com o seu pai?

Natalia sorri, abrindo os dedos sobre a mesa à sua frente. Ela estuda seus dedos, cada um, antes de falar novamente. — Mr. America, é melhor colocar este tubo no nariz, e é melhor inspirar profundamente. Se não o fizer, meu pai vai cortar suas mãos, e ele as colocará expostas na parede da nossa sala de estar. É isso que você quer?

Bem. Quando ela coloca assim...

Eu abro minha mão, e ela coloca o tubo, sorrindo. — Uma boa escolha. — ela me aconselha. A coca já está pré cortada e fina como açúcar de confeiteiro. Ela escava uma quantidade saudável para fora da pilha com a unha, e depois ela a bate fora na placa de prata, passando-a para mim. Eu já cheirei cocaína antes. Teria sido impossível evitar,

vivendo uma vida como a minha. Dificilmente sou um profissional experiente quando se trata de narcóticos, no entanto. Eu já sei o quão duro eu vou ter que trabalhar para evitar que a minha cabeça exploda uma vez que as drogas fizerem efeito.

Deslizando o tubo no meu nariz, eu seguro a outra extremidade da pequena placa de prata, e eu inalo. Fogos de artifício iluminam o interior da minha cabeça. *Meeeeeeerda*. Minha cabeça automaticamente chuta de volta parecendo como se meu nariz estivesse sangrando e luzes piscam e incendeiam atrás de minhas pálpebras fechadas. Uma onda de esmagamento de euforia me bate duramente. Meu corpo parece como se tivesse dando cambalhotas, se transformado em seda, o cashmere mais suave. Meus poros formigam e minha cabeça cantarola, meus ouvidos assobiando quando a cocaína começa a trabalhar. O mais longe e o mais ordenado, impressionante zumbido que eu já experimentei.

— É bom, Mr. America? — Abro os olhos, e Natalia está inclinando-se sobre a mesa de seu pai, os olhos apertados, me observando atentamente.

Eu fungo, balançando a cabeça, tentando juntar as peças, me recompondo o suficiente para formar uma frase. — Sim. Sim. *Droga*.

Ela ri. — Como é a sensação? — ela pergunta.

— Eu tenho certeza que é o mesmo para mim como é para você.

— Eu nunca usei cocaína. — Sua voz é calma e serena. Ela diz isso como se fosse óbvio - não há nenhuma maneira que ela faria uma coisa tão louca, irresponsável.

Eu pisco para ela. A minha visão parece ter aguçado. Tudo na sala centrou-se, a luz crescendo a grandes proporções, as cores muito mais ousadas e mais brilhantes. — Essa é a coisa mais estranha que eu já ouvi. A filha de um traficante de cocaína, nunca ter usado. Parece tão...

— Inacreditável?

— Sim.

Natalia sorri. Com as drogas correndo em minhas veias, ela é ainda mais bonita, ainda mais vibrante e viva. — Meu pai proíbe. — ela me informa.

— Entendo. E você sempre faz o que seu pai lhe diz?

O sorriso cresce. — *Sempre.*

— Você provavelmente deveria ser rebelde de vez em quando. É bom para você.

Ela só balança a cabeça, pegando uma outra quantidade de coca sobre a unha e a espalhando sobre a placa de prata. — Rebeldia é chamado de motim no Equador, Mr. América. — Ela me passa a droga. Ela não solta a placa. Por um momento, nós dois estamos segurando, e ela está me dando um olhar aguçado que penetra profundamente. — *E amotinados são atingidos ao amanhecer.*

Ela solta a placa.

— Eu vou ter isso em mente, então.

— Veja que você faz.

A segunda explosão de euforia me atinge ainda mais duro desta vez. É como uma marreta ao lado da minha cabeça, me fazendo cambalear para trás em minha cadeira. Eu posso sentir meu pulso em todos os lugares, pulsando como a batida de um tambor, e os meus dedos ficam completamente dormentes. Na verdade, todo o meu corpo fica dormente, como se eu fosse feito de algodão. Deve ser uma sensação preocupante, e ainda assim parece tão boa. Realmente, realmente muito boa. Meus lábios estão formigando, e porra... até mesmo meu pau está ficando duro. Eu quero correr o risco de uma rápida olhada para baixo para minha virilha, para ver se o meu tesão está perceptível, mas quando eu abro meus olhos, Natalia está me observando novamente com um olhar intenso, fascinado no rosto, e todo outro pensamento voa para fora da janela.

Ela não é um tipo de beleza “amanhecer”. Ela é um “incêndio-fora-de-controle-que-irá-levar-sua-casa-na-floresta”. E ela está me olhando como se quisesse me empurrar de volta no meu lugar, puxar

para baixo sua calcinha, e sentar-se no meu rosto para que ela possa montar minha boca.

Tenho certeza de que seu pai não aprovaria.

Eu poderia estar imaginando isso, é claro. Há uma chance muito boa que eu só estou vendo o que quero ver, porque o meu pau está agora mais duro que granito, e meus olhos parecem como se estivessem atirando raios laser fora deles.

Natalia lambe os lábios. — Você gostaria de um pouco de água?

— Obrigado.

Ela se levanta e sai da sala, o que me parece estranho. Se ela não está me observando, então quem está? Suponho que os homens observando a produção iriam me derrubar muito rápido se eles acharem que não sou bom. Mas ainda... Se um dos caras de Perez me deixou sozinho em seu complexo, eles com certeza estariam sem cabaça em uma cova rasa. Nem mesmo Jamie deixaria um cara sentado sozinho em uma sala destrancada.

Natalia não volta por um bom tempo. Sento-me na minha cadeira e eu não me movo, no entanto. Eu posso sentir a respiração, puxar e empurrar de volta no meu corpo; é como se as células que compõem o corpo são maiores do que deveriam ser, mais sensíveis, e eu posso sentir cada um delas. Eu não estou plenamente consciente. Eu sou inteligente o suficiente para perceber que as drogas me fodem, e eu não deveria tomar quaisquer decisões precipitadas, então eu mantenho meu traseiro estacionado em minha cadeira e espero.

Eventualmente, Natalia volta carregando uma grande garrafa de vidro com água e dois pequenos copos em uma bandeja. Ela os coloca sobre a mesa de Fernando, e começa a derramar o líquido em dois copos com toda a gravidade e medida de uma gueixa que prepara o chá japonês.

Quando ela segura um copo para mim, cheio quase até a borda com água, eu o aceito, prendendo a respiração, não querendo derramá-lo. Natalia derrama em seu copo a água como se fosse uma dose de tequila, e então ela se inclina para frente nos cotovelos, me observando enquanto eu lentamente saboreio do meu copo.

— Você não é como a maioria dos homens que vêm aqui. — ela me diz.

Eu franzo a testa. Eu *preciso* ser como a maioria dos homens que vêm aqui. Se Fernando vai ser levado a pensar que Sam Garrett é uma pessoa real, junto com Louis James Aubertin, Terceiro, e que queremos começar a vender seus narcóticos no norte da fronteira, eu preciso que esses caras pensem que eu sou conduzido por dependência, desejo de poder, ou desejo por dinheiro. Qualquer outra coisa eles irão desconfiar. E um homem com motivos pouco claros é um homem perigoso. — Como assim? — pergunto.

Natalia se recosta na cadeira de Fernando. Parece que ela quer colocar seus pés em cima da mesa, mas depois pensa melhor. — Você está pensando o tempo todo. Pensa, pensa, pensa. — Ela bate na têmpora com o dedo indicador. — Cada palavra que você diz é medida. Como se fosse inspecionado por um programa de habilitação rigoroso antes de ser autorizado a sair da sua boca. Isso me faz pensar que você está tentando esconder coisas.

Eu pressiono meus dedos contra os lados do vidro frio na minha frente, tentando não parecer surpreso por sua avaliação precisa de mim. — Eu prometo que não estou fazendo isso de propósito. E é claro que eu estou escondendo coisas. Cada único cara que você encontra está tentando esconder alguma coisa, eu posso praticamente garantir isso.

— Se você está se referindo a sua ereção, Mr. America, você realmente precisa se esforçar mais.

Eu solto uma gargalhada, não consigo segurar. Ela *não* parece ter qualquer problema em dizer a palavra *ereção* muito menos realmente perceber a minha, e ainda assim ela não parece embaraçada. Nem mesmo ligeiramente corada nas bochechas.

Eu movo na minha cadeira, dobrando meus quadris para cima por um momento assim a protuberância em minhas calças é ainda mais proeminente. — Isso é inteiramente culpa sua. — eu a informo. — Coca me excita.

— Evidentemente.

— E também mulheres exóticas que são metade equatorianas com sotaque sensual.

— Como você sabe que eu sou apenas metade equatoriana?

— Porque sua pele é quase branca. E seus olhos são verdes.

Ela sussurra. — Cor de pele e dos olhos não parece ser uma forma muito confiável de avaliar a herança genética de alguém, Sam.

— Então você é cem por cento equatoriana?

Ela dá um sorriso pequeno, ponderado. Depois de um prolongado segundo, ela diz: — Não, na verdade. Você está certo. Minha mãe nasceu na Filadélfia. Ela mudou-se para o Equador quando tinha apenas onze anos.

— E ela ainda vive aqui?

— Não.

— Ela voltou para a Filadélfia?

— Não. Ela morreu, é claro.

Ela diz “*é claro*” como se fosse a progressão natural para a sua mãe, como se fosse predestinado. Poderia ser que ela *estava* fadada a morrer, no segundo que ela conheceu Fernando Villalobos. — Eu provavelmente não deveria perguntar como ela morreu, eu deveria?

Natalia me dá um sorriso complacente, suspirando. — Provavelmente não.

— Então eu vou manter minha boca fechada. — Eu ergo meu copo de água, e Natalia move para o outro lado da mesa e me brinda. Estou prestes a dizer mais alguma coisa quando a porta atrás de mim se abre, e Fernando retorna com um telefone celular muito grosso, robusto em suas mãos. Não, não é um telefone celular. Um telefone via satélite. Usamos semelhantes nas forças armadas. Fernando me dá um sorriso afiado enquanto atravessa a sala em direção a nós.

— Está bastante descontraído, Sr. Garrett? É uma sensação muito leve, não? Somos sempre elogiados pela qualidade calmante de nossa coca. Você se sente mais vivo do que você já esteve, mas também

mais amável, também. Não há hostilidades aqui. Não há discussões ou brigas por causa de nosso produto.

Estou me sentindo muito leve; nem mesmo as drogas são suficientes para abrandar o trovão do meu coração, ou diminuir o zumbido na minha cabeça, no entanto. Eu bato meus dedos contra o lado da mesa de Fernando. — Você descobriu tudo pelo telefonema, Sr. Villalobos? Você não esteve longe por muito tempo.

Fernando concorda. — Não particularmente. Eu liguei para confirmar suas credenciais, Sam. Meu contato em New York está inacessível no momento, no entanto. Eu só fui capaz de verificar se o seu empregador é muito bem conhecido em certos círculos. Se houver qualquer coisa que você quiser me dizer, agora é a hora de fazê-lo, meu amigo, quando você não pode ser pego em uma mentira.

Eu dou de ombros, mas por baixo de sua mesa, onde ele não pode ver, eu estou cavando minha unha no grão da madeira, pressionando com força, até que eu possa sentir estilhaços cortantes em minha pele. A dor ajuda a manter-me focado. Ajuda a manter a minha cara séria. — Eu não estou mentindo. Queremos comprar de você, e eu quero fazer um lucro enorme, de volta nos Estados Unidos. — Eu olho para Fernando e, em seguida, para a filha, esperando que eles não vejam nada na minha expressão que possa me fazer parecer suspeito. — Por que é tão difícil de acreditar? — pergunto.

Ninguém fala por um momento. Depois de uma pausa longa, estressante, Fernando inala bruscamente. Tirando seus óculos de tartaruga do rosto e deslizando-os no bolso de sua camisa de botão bem passada, ele aperta as mãos na frente dele. — Você está certo, é claro. Eu tenho certeza que você entende, no entanto. Como seu empregador, somos pessoas muito particulares, Sr. Garrett. Nós não gostamos de ser perturbados, ou estranhos aparecerem sem serem anunciados. Isso nos deixa... como é que você diz na América? *Inquietos*?

— Sim. *Inquietos*.

— Vamos saber se você é um cliente legítimo em uma melhor hora. — Fernando continua. — Até lá, você será um convidado. Comerá, dormirá e irá relaxar na minha casa.

— Oh, isso não é necessário. Eu tenho certeza que posso encontrar um lugar confortável o suficiente em Orellana, isso...

O frio olhar penetrante de Fernando me corta. — Realmente, Sr. Garrett. *Eu insisto.*

Capítulo Quatro

A porta azul

Fernando juntamente com Ocho me acompanha pelas instalações, uma arma pressionada nas minhas costas, Jurassic 5 agora zumbindo de seus fones, posso ouvir a letra da música perfeitamente à medida que subo de volta os degraus da escada em direção à superfície, e ainda posso ouvi-la perfeitamente quando estou de pé ali, esperando que a cabeça dele apareça do chão atrás de mim como um roedor. Muitas coisas ocorrem durante esses poucos segundos fugazes enquanto espero, a primeira das quais sendo que eu poderia facilmente matá-lo agora, se quisesse. Um golpe rápido na garganta quando ele emergisse do chão seria suficiente para abatê-lo. Eu não quero matar o cara, no entanto. Além de ter sua arma apontada para mim, ele manteve a boca fechada e nem sequer foi remotamente ofensivo. Eu me sentiria mal em matá-lo apenas para que eu possa seguir para as árvores, fugindo da situação antes de ter conseguido informações úteis. Se o deixar viver significa que eu poderei observar dentro da casa da família Villalobos, então que seja assim.

Eu não acho que conheço uma única alma que tenha conseguido entrar na propriedade de Villalobos. Não tenho ideia do que esperar, e não tenho ideia se minha irmã estará lá. Felizmente, ela não estava acorrentada a uma escrivaninha naquele subsolo, fazendo o trabalho de cortar coca, a bunda nua como no dia em que nasceu. Isso é algo para comemorar pelo menos.

Ocho me irrita com a arma, apontando para a floresta e me dando a direção, e caminhamos pelo que parece um tempo incrivelmente longo, até que finalmente atingimos uma estrada de terra que corta as árvores. Nós nos dirigimos para o oeste. Eu conto em minha cabeça,

não querendo retirar o meu celular para verificar o tempo e monitorar o quanto caminhamos, apenas no caso de Ocho pensar que vou pegar minha arma e disparar nas minhas costas. Eu conto números na minha cabeça até chegar a seiscentos, e então começo de novo. Eu marquei dezessete minutos na minha mente pelo tempo que emergimos da floresta a uma pequena clareira, onde um Escalade e um Jeep Patriot estão estacionados lado a lado. Ocho grunhe. Uma vez que tem a minha atenção, me lança um conjunto de chaves e abre a porta do lado do motorista do Escalade.

Ele me bate com a arma.

— Eu? Você quer que eu dirija?

Ele encrava o cano da arma na minha caixa torácica, e não pergunto novamente. Eu subo no veículo, e tento deslizar a chave na ignição, só que não há ignição. Um pequeno botão START traz o rugido do motor ávida no momento em que o aperto. Ocho grita novamente, batendo a porta do passageiro fechada atrás dele, e então ele está apontando, gesticulando para que eu vá para a esquerda. Eu faço o que me diz. Passamos de volta pela cidade de Orellana, e depois atravessamos o rio através de uma ponte estreita e instável. A paisagem chicoteia em um borrão, e Ocho não diz nada. Apenas me dá as coordenadas. Eventualmente, ele aponta para pegar mais uma pista de terra na estrada coberta de buracos e pegamos uma descida, e dirigimos por um curto período de tempo antes que a estrada de repente se torne pavimentada, e estamos subindo um caminho vazio nas montanhas.

Eu contei quatorze voltas em espiral antes de nos escondermos em cima da montanha, e nos deparamos com a maior, mais grandiosa, das casas de férias que já vi na minha vida. E já vi algumas casas ridiculamente grandes. Enorme, a mansão tem três andares, com janelas altas de cinco pés nos andares superiores. Fileiras de pilares ostentosos sustentam a fachada, doze deles todos uniformemente espaçados, descobertos como dentes contra o céu azul frio que parece esticar para sempre na distância atrás da mansão. Deus sabe como eles conseguiram trazer os materiais de construção aqui para criar tal monstruosidade. A estrada dava apenas o suficiente para levar o Escalade. Não há nenhuma maneira de máquinas de elevação pesadas

chegarem aqui. De jeito nenhum. Ocho aponta o dedo para a direita, gesticulando para eu pegar um pequeno percurso que conduz ao lado da casa, e eu sigo, parando em estacionamento totalmente criado para veículos quatro por quatro, e incrivelmente, carrinhos de golfe.

— Muitas pessoas vivem aqui, hein? — pergunto. Ocho provavelmente não me escuta sobre o Walkman. Ele sai do carro e caminha pelo veículo, abrindo minha porta e empurrando a cabeça para a casa. Ainda assim, nenhuma palavra sai de sua boca. Eu poderia falar com ele em espanhol, mas não acho que ele esteja com um bom humor. Além disso, Fernando ainda não tem o conhecimento de que sei espanhol. É melhor manter essa carta na minha manga. Pode ser útil se ele iniciar uma conversa com seus homens em sua língua materna, esperando que eu não entenda suas palavras. Sigo Ocho, permitindo que ele me escolte na mansão pela porta dos fundos, pelo que uma vez teria sido a entrada dos empregados. O lugar parece velho o suficiente para ter sido pessoal, em qualquer caso. Orellana não é mais do que apenas uma pequena cidade de barcos, e ainda assim essa mansão ficaria muito bem na Inglaterra vitoriana.

No interior, os pisos são de mármore claros, polidos, atravessados com fios e rachadas de ouro e cinza. Parece que estão molhados de alguma forma. Líquido, como a superfície calma e plana de uma banheira com leite, mas é tranquilizantemente sólido nos pés. Há mais pilares na sala de estar e pinturas estranhas e mofadas nas paredes de figuras militares ausentes em uniformes coloridos e desconhecidos. Espadas estão penduradas nas paredes. Os bustos de bronze de homens irritados com bigodes descansam em aparadores e cerâmicas de mulheres nuas graciosas e elegantes colocadas em prateleiras, tudo isso sem cabeça. Uma mulher com uma roupa preta e branca de empregada apressa-se pela sala, uma bandeja vazia na mão; ela olha para cima, vê Ocho, *me vê*, grita, e quase deixa cair a bandeja.

— Dio mio!

Ocho rosna para ela, e a mulher aperta seu crucifixo, como se a simples visão de nós fosse o suficiente para colocar o medo de Deus nela. Ela gira nos calcanhares e desaparece do jeito que ela veio, murmurando freneticamente sobre sua respiração.

— Eu *não* sou o primeiro homem branco que a mulher tem visto.
— murmuro sob a minha própria respiração.

Outro produto afiado de Ocho. Ele coloca uma mão no meu ombro, e me apressa em um corredor largo e belamente decorado, até que nos rodeamos um canto e nos deparamos com uma enorme escada arrebatadora, com carpete claro luxuoso. Os olhos de Ocho cintilam para cima, e eu me movo. Nenhuma maneira em dar uma volta, fingindo que não sei o que ele quer de mim. Preciso me comportar até que eu seja capaz de fazer o reconhecimento de toda a casa, procurar todos os quartos e encontrar Laura. Isso vai levar tempo. Mais tempo do que eu esperava, agora que eu vi o tamanho do maldito lugar.

Seguimos subindo as escadas.

No segundo andar, posso ouvir vozes. O som de muitas pessoas conversando. Não consigo entender as palavras, nem mesmo o idioma, mas, quando Ocho me guia por uma série de corredores, a conversa fica mais alta. Ele chega ao final de um corredor particularmente longo e direto, e abre uma porta azul pintada à direita, revelando a fonte de toda a conversa, uma pequena sala, repleta de pessoas, pelo menos vinte delas. Vinte e cinco, talvez? A maioria delas são homens. Mulheres caminham ao redor da sala, poucas roupas, algumas delas nuas, algumas com material transparente mostrando um pouco de mamilo aqui e um pouco de bunda lá. Um homem alto com cabelo preto de corvo me vê parado na entrada e sorri, indo direto a mim. Ele é caucasiano⁸ — a maioria das pessoas dentro da sala são — e ele está vestindo um smoking branco.

— Você está atrasado. Por que demorou tanto tempo? — ele pergunta, me dando um soquinho de uma maneira excessivamente amigável no ombro. Ele dispara a Ocho um olhar irritado e assobia a ele, franzindo a testa. — Bem? Pode ir, Ocho. Você não é mais necessário aqui. Temos tudo sob controle,

Pelo canto do meu olho, vejo uma mulher com um sutiã e uma calcinha rosa cair de joelhos, e o homem de pé na frente dela lentamente desliza seu pau em sua boca. Pisco, desviando o olhar.

⁸ Caucasiano consiste no termo usado para definir uma **divisão étnica de indivíduos de pele clara (branca)**, com origem essencialmente do continente europeu.

Ocho não está prestando atenção ao cara com o cabelo preto; Ele está olhando para mim atentamente, os olhos se estreitaram. Eu acho que ele está avaliando minha reação ao que acabei de ver, então faço um show ao sorrir e permitir que meus olhos vaguem de novo. Minhas pupilas ainda estão dilatadas da coca? Eu pareço ligado agora, ou com raiva? Porque eu *estou* com raiva para caralho. Eu não acho que estive mais bravo do que estou agora. Não posso deixar isso se mostrar, no entanto. Isso seria seriamente desastroso.

Ocho faz um barulho baixo, mas ele não discute com o cara. Ele sai do quarto, fechando a porta atrás dele, e o sujeito de smoking está de repente me agarrando pelo braço e me arrastando para um lado.

— Quem é você? De onde veio? — ele exige, falando pelo lado de sua boca. Ele está sorrindo, olhos enrugando nos cantos, como se estivesse reagindo a algo engraçado que acabei de dizer, mas sua voz é baixa e urgente.

— Eu vim de Nova York. Meu nome é Sam. — Dar-lhe mais informações do que isso seria errado. Eu não sei de quem é esse cara, afinal.

— New York, New York. — O cara canta. Seus dedos continuam cavados no meu braço. — Não. Não conheço ninguém em New York. Incrível.

Ele não tem sotaque, bem treinado para fazer parecer que poderia ter vindo de qualquer lugar, mas, quando ele fala, eu ouço uma sugestão de um leve sotaque do sul passar.

— Ele já marcou você? — pergunta o cara.

— Me marcou?

— Sim. Você sabe. Ele marcou você?

Meu olhar de confusão deve falar o suficiente, porque ele sobe a manga e levanta o braço, mostrando-me o que ele quer dizer: uma marca de queimadura vermelha pequena e irritada com a forma de uma cabeça de lobo, com um grande V embaixo dela. — Ele marca sua propriedade. — o cara me diz. Uma sombra de dúvida voa através de seu rosto e aparece do nada. — A menos que...

— A menos que?

— A menos que você seja um jogador, não um membro do serviço.

— Eu não tenho a mínima ideia do que você está falando agora.

— Você pagou para vir aqui? *Foder*? Ou você é um de nós, um dos *servos* de Fernando?

Dou um passo para trás, colocando uma quantidade saudável de espaço entre nós. — Nenhum dos dois. Eu vim comprar drogas.

O sujeito no smoking está visivelmente calmo. Ele enfia as mãos nos bolsos de suas calças e dá volta nos calcanhares, uma luz maníaca cintilando nos olhos azuis pálidos. — Você não tem ideia de onde você está, não é?

Eu me abstenho de responder. Eu não gosto da loucura pairando sobre sua cabeça, esse estranho homem do sul, de cabelos escuros; Estou começando a pensar que ele pode estar um pouco louco. Ele revira a cabeça e ri.

— Você se afastou do caminho da civilização. Ninguém vem aqui para comprar drogas. Ele trouxe você para jogar este jogo com bastante antecedência, ou ele vai transformá-lo em um penhor, Sam. É melhor você se identificar rapidamente, caso contrário, você pode acabar usado em vez do usuário. — Ele retrocede, uma expressão peculiar e inquietante em seu rosto. Acho que ele vai se afastar pela porta, mas antes que ele possa alcançá-la, um cara alto e loiro com tatuagens no pescoço coloca uma mão no ombro e o detém em seu caminho. O loiro já tem uma mulher no braço esquerdo. Ela está completamente nua, além do que parece uma gravata em volta de sua garganta, mordendo sua pele. Seu cabelo castanho escuro, quase preto, está arrumado em uma confusão perfeita de cachos, que caem pelas costas. Seus seios são perfeitos, os mamilos atingiram o pico e ficaram atentos. O homem loiro a abraça ao lado enquanto ele se estende e acaricia seus dedos para baixo na bochecha do cara de smoking.

— Teve a decência de se apresentar? — pergunta o loiro.

Encontrando meus olhos em vez do sorriso de boas vindas, o cara de smoking, tem um falso ar de confiança que foi roubado. Ele suspira.

— Claro. Eu sou Platão. Vejo que já conheceu a minha amiga Perséfone?

Os dedos de Platão passam por cima da pele cremosa e perfeita da mulher no braço do loiro; Ele os traça sobre o estômago, para cima, de modo que ele esmaga a ondulação de seu peito. A menina não se move. Ela permanece colada a ele, permitindo que Platão explore seu corpo, aparentemente imperturbável, enquanto o loiro observa.

— Sim. Ela é perfeita. E você também.

Platão parece com fome, mas parece falso como está agindo. — Você gostaria de mim e Perséfone está com você? — Ele pergunta ao loiro. Ele se aproxima do homem, tão perto que seus peitos estão quase tocando. As pálpebras do loiro caíram enquanto ele olha de Perséfone para o outro homem.

— Sim. Sim, eu quero que você a foda gostoso para mim, cara. Eu vou assistir.

Platão faz beicinho. — Isso é tudo? Eu estava esperando... — Sua mão desaparece entre seus corpos, e de repente o loiro está rígido, seus ombros ficando tensos. Ele faz um grunhido baixo e alerta na garganta.

— Eu não sou gay. — ele assobia.

— Eu nunca disse que você era. — oferece Platão. — Mas isso não significa que eu não posso chupar seu pau. E isso também não significa que você não possa foder minha bunda.

Permaneço em pé enquanto os três se movem em direção a um sofá baixo no centro da sala, onde Platão começa a retirar lentamente seu terno. Sua atenção está fixada sobre a mulher e o homem na frente dele, mas seu olhar vem para mim de vez em quando. Ele está tentando ver se eu entendo agora. E eu entendo. Este lugar está cheio de bastardos ricos, dispostos a pagar para que seus desejos mais profundos e mais sombrios sejam cumpridos. Também está cheio de pessoas, mantidas aqui nesta sala contra sua vontade, que são obrigadas a submeter-se a qualquer coisa que lhes seja solicitada. Com dor... eu não sei. Não tenho certeza do que seria o castigo se algum desses “trabalhadores” se recusasse a cumprir seu serviço, mas tenho certeza que não pode ser bom.

Em pouco tempo, Platão está completamente nu e está dentro de Perséfone, fodendo-a com força e rapidez enquanto o cliente loiro observa, acariciando seu pau duro através de suas calças pretas. Posso ver o desejo em seus olhos. Eu também posso ver a violência. Tudo isso começou bastante agradável, mas eu conheço homens como esse cara louco, e eu sei o que ele realmente quer fazer. Ele quer machucá-los. Ele quer assistir a dor em seus olhos, dor que ele causa, e ele quer isso.

A sala está cheia de violência, vergonha e terror, tudo distanciado por uma sombria moeda de desejo e luxúria. A mulher de joelhos, chupando um cara a poucos metros de mim, está dedilhando sua própria boceta, apalpando seus seios enquanto ela trabalha seus lábios e sua língua para cima e para baixo no pau do sujeito, mas seus gemidos são forçados. Ela não está se divertindo, e ela com certeza, com toda a merda não quer estar aqui. O pau de Platão é sólido quando ele o usa para penetrar na bunda de Perséfone, mas tenho a sensação de que pode haver algum tipo de estimulante envolvido nessa frente.

Eu permaneço exatamente onde estou, e tento manter minha cabeça baixa. Os ocupantes da sala parecem estar bastante envolvidos em suas atividades à mão (ou boca, ou bunda, conforme o caso), mas não quero chamar a atenção para mim, então fico perfeitamente imóvel e assisto.

O cara loiro com Platão e Perséfone finalmente desiste da pretensão e cede ao que ele realmente quer. Ele agarra Platão pelos cabelos e o beija bruscamente, colocando a língua na sua boca. Platão responde, sugando e gemendo enquanto Perséfone balança os quadris contra os dele, os dois ainda fodendo. O loiro deixa o cabelo de Platão e corre a mão pelas costas, até chegar entre as pernas e ele está amassando as bolas de Platão. Com a outra mão livre, ele segura e aperta os peitos de Perséfone, de modo que ele está tocando e acariciando os dois enquanto eles se contorcem uns contra os outros.

Os próximos vinte minutos são bastante incômodos. Eu me inclino contra a parede, observando a porta, esperando que Ocho volte para ver que não estou me divertindo, mas ele não aparece. Em vez disso, sou tratado com a visão de Platão sugando o pau do loiro. Eu sei que a merda vai ficar real quando o loiro se despir, mas as coisas não são como eu esperava. Ele não dobra Platão e o fode na bunda. Ele se

dobra, enterrando seu rosto entre as coxas de Perséfone, e ele tem Platão fodendo sua bunda. Perséfone de cabelos escuros goza alto, e ela goza com força. É um orgasmo real, pelo aspecto das coisas. Alguns dos outros homens de pé ao redor das margens da sala, conversando calmamente com outras belas mulheres em vários estados de nudez, todos param suas conversas para assistir enquanto Platão faz o desempenho de uma vida inteira.

Sua pele está brilhando de suor enquanto ele trabalha dentro e fora do loiro, que agarra punhados do tapete grosso debaixo dele, a cabeça inclinada, os olhos fechados firmemente. Um par de indivíduos ao redor da festa sutilmente apoderam-se de suas ereções através de suas calças, passando as mãos para cima e para baixo, se masturbando enquanto o pequeno espaço se enche com o som dos esforços de Platão.

— Maldição, ele é bom. — murmurou alguém por perto.

— O melhor.

— Bem, ele tem prática. Três anos.

Três anos? Platão está aqui há *três anos*? Isso não parece que seja verdade. Certamente não. Quanto tempo pode continuar uma festa assim, afinal? Uma noite? Nada mais. As pessoas dormem. As pessoas têm trabalho. Responsabilidades. Mesmo que Platão esteja aqui contra a sua vontade, as pessoas que pagaram para assistir a este evento... *eventualmente* tem que voltar para suas vidas em algum momento.

Um dos homens assistindo a exibição diante de nós avança. Suas calças estão desabotoadas, seu pau na mão. Ele nem hesita quando se empurra na boca de Perséfone. Ela o aceita; Seus olhos estão fechados, e suas mãos estão fechadas em punhos, mas ela o aceita. O rapaz estremece de prazer enquanto ela o lambe e o atormenta. O loiro sendo fodido por Platão olha com olhos atordoados e arregalados enquanto o outro homem bem vestido fode a boca de Perséfone. Ele geme, um sopro de êxtase irregular escapando de seus lábios, e então ele goza, seu pau pulsando enquanto ele derrama seu sêmen em todos os lugares no tapete.

— Puta merda. — sussurra alguém.

— Muito bom show.

Ao lado de mim, um homem alto com camisa de botões preta e luvas de couro se vira para a mulher ajoelhada nua em seus pés e acaricia uma mão sobre seus cabelos. — Você vê? — ele sussurra. — É assim que vai ser. Isso é tudo. Isto é o que se espera de você.

A mulher parece chocada. Ela não pode ter mais de vinte anos, e seu lábio inferior está tremendo. Seus peitos são pequenos, menos do que um punhado, e eles parecem feridos, como se alguém os tivesse mordido. Pequenas marcas roxas e negras marcam sua pele em seu estômago e em seus ombros também. Na carne entre suas coxas. Ela estremece quando o rapaz que usa as luvas alcança seu bolso traseiro e tira um chicote curto e rígido com uma ponta de couro descascada no final. Ele corre o fim do chicote pelas costas, entre os ombros, parando logo acima da curva de suas nádegas, que parecem ter sido tratadas uma ou duas vezes com o chicote antes de agora.

— Comporte-se e você vai gostar disso. — o cara sussurra. — Misture-se, e está no meu poder fazer o seu tempo aqui o mais desagradável possível. Insuportável mesmo.

Eu tenho uma raiva dentro de mim, como eu nunca experimentei antes. Estou fervendo. Minhas veias estão cheias de ácido de bateria borbulhante, e sinto como se meus pulmões estivessem prestes a explodir. Aperto minhas mãos em punhos.

— Você entende? — o cara sussurra.

A menina olha para ele, e há lágrimas em seus olhos. Todo o seu corpo está tremendo. — Por favor. Eu só quero ir para casa. *Por favor.* Eu juro que não vou contar a ninguém sobre isso. Eu prometo, eu...

Uma mão enluvada voa, atravessando sua bochecha, enviando-a para o chão, e é isso. Eu já tive o suficiente. Estou alcançando minha arma antes mesmo de perceber o que estou fazendo. É instintivo, e nunca fui muito bom em ignorar meus instintos. Um forte estrondo explode no ar, e então estou olhando para a garota loira nua de joelhos, porque seu rosto está salpicado de sangue e seus olhos estão esbugalhados.

A sala está em silêncio.

O cara que a estava ensinando como se comportar um momento atrás assenta um pouco, um olhar estranho e confuso no rosto, e então ele cai de joelhos logo na frente da menina, lentamente tocando uma mão para um buraco de fumaça em seu peito. Ele olha para o buraco, e no sangue que começa lentamente a escorrer da ferida, e então ele ri. Só uma vez. Uma surpresa, um incrédulo de riso. Seus olhos se voltam para sua cabeça, e então ele se afunda em frente, para a garota loira, que grita e salta para trás, aterrorizada.

Platão e seus companheiros pararam de foder e todos estão me olhando como se eu tivesse perdido a cabeça. Na verdade, *todo mundo* está olhando para mim como se eu tivesse perdido minha mente.

— Você... isso foi... realmente muito *estúpido*. — diz Platão. Seu pau ainda está duro, o que é meio impressionante. Nenhum dos outros idiotas da sala conseguiu manter uma ereção. Suas bolas parecem ter sido bem e verdadeiramente encolhidas dentro de seus corpos.

— Você não faz ideia do que acabou de fazer. — Platão agarra sua boxer e sua calça do chão, apressando-se para mim. Outro homem sai, tentando bloquear o caminho. Ele é enorme, bem mais de um metro e oitenta; Ele parece que acabou de processar o fato de que eu matei um homem durante sua foda e ele realmente não está feliz com isso.

— Espero que goste de dor, novato. Estamos prestes a quebrar todos os ossos de seu maldito corpo. — Ele corre para frente, com um olhar assassino em seus olhos, e eu mantenho a arma em minha mão, fechando um olho e apontando o objeto diretamente em sua cabeça. Minha mão está estável. Eu não preciso fechar um olho para acertar um tiro e acabar com esse filho da puta, mas parece que eu quero completar a tarefa. O cara e seu rosto se transformam em uma sombra assustadora carmesim.

— Você realmente não irá atirar em nós dois. — ele grunhe. — Fernando terá a sua cabeça por isso.

— Ele pode ter, se ele exigir. — digo. — Eu tenho sete balas nesta arma, no entanto, e eu sou um ótimo atirador, idiota. Eu matarei oito de vocês antes de sair deste quarto, e vou morrer sem um único arrependimento.

— Você é insano.

— Não, cara. Eu só tive o *suficiente*. — E é verdade. Anos de homens que abusam de jovens. Anos de invasão em armazéns no meio da noite, para encontrar adolescentes algemadas em tubos de gás, enquanto filas de caras se aproveitavam delas. E anos em procurar minha irmã, e nunca encontrá-la, pensando em cada novo horror obsceno, achando que isso poderia ser o que ela passou por tanto tempo. Isso tinha peso. Cada segundo deixou uma marca negra na minha alma, que me fez forte, mas certamente me manchou. Não há nada de bom em mim. Não há nada que me impeça de matar tantos desses filhos doentios quanto eu puder e acolher a morte com os braços abertos.

Estou prestes a puxar o gatilho, para matar esse filho da puta, onde ele está de pé, mas, em seguida, uma pequena voz sussurra na parte de trás da minha cabeça: *Laura. E quanto a Laura? Ela poderia estar aqui. Ela poderia estar aqui, e então, o quê? Se você morrer, ela nunca vai escapar deste lugar.*

Meu dedo alivia o gatilho. O cara expande lentamente, suas mãos se contraindo pelos lados, os olhos estreitados em fendas. Posso dizer que ele quer ser o único a fazer isso. Ele quer ser o único a me matar. Não importa o que aconteça hoje, não vou dar-lhe a satisfação. Eu vou enterrar uma bala entre seus olhos antes que isso aconteça, ou eu vou matá-lo com minhas mãos malditas. Um homem como ele nunca será um cara como eu.

Platão agarra-me pelo braço e me arrasta de volta, sibilando sob sua respiração. — Vamos. Você tem que sair daqui. — Ele conseguiu colocar sua boxer, o que estou mais do que satisfeito. Ele me empurra para trás, e então está me arrastando para a porta.

Perséfone põe-se de pé, tetas balançando em todos os lugares; Ela segura sua mão, agarrando-se no ar, choque em todo o rosto. — Não! Não abra a porta!

Platão joga um olhar perturbado sobre o ombro dele. Ele encolhe os ombros. — Eu não acho que vai ser tão ruim. — E então, ele está abrindo a porta e me puxando, fechando-a atrás de nós.

Eu permaneço no corredor longo, vazio, belamente decorado, olhando para a porta agora fechada. — Essa coisa esteve aberta durante todo o tempo? Que diabos, cara?

Platão respira, sem fôlego, como se tivesse acabado de atravessar a linha de chegada de uma maratona ascendente. Eu reconheço o medo plantado em seu rosto. Eu reconheço o olhar de olhos arregalados em seus olhos. — Uma vez que você atravessa essa porta, você fica naquele quarto até que ele diga o contrário. — diz ele.

— O que? *Por quê?*

— Porque Fernando é um psicótico. Ele tem regras, e essas regras não podem ser quebradas, por mais estúpidas que sejam.

— E se você não ficar dentro?

— Então, Fernando o serve como alimento aos seus lobos. — ele diz isso enfaticamente que acho que ele está brincando por um segundo. Mas Platão não está rindo. Seu rosto está pálido, e um pequeno brilho de suor aparece em sua testa.

— Eu não suponho que essa seja uma metáfora para uma piada cruel? — pergunto.

Platão balança a cabeça. — Não, cara. Isso é tão literal quanto possível.

— Como você sabe?

— Como você acha, idiota? Ele espera até o anoitecer e depois nos arrasta para lá no gramado da frente. *Ele nos faz assistir.*

Capítulo Cinco

Uma Desculpa

Eu considero sair, apenas fugir da casa levando Platão comigo, mas o homem sacode violentamente a cabeça quando faço a sugestão. — Nós não chegaríamos a cem metros da casa. A floresta está cheia de armadilhas. Fernando é obcecado com a caça e as armadilhas. Ele adoraria voltar para a casa mais tarde para achar dois de nós presos em picos de metal. E acredite, isso é exatamente o que aconteceria. Muitas pessoas tentaram fugir antes. E cada uma delas morreram.

— Então o que?

— Nós ficamos aqui e esperamos.

— De jeito nenhum. Aquele idiota não vai esperar muito, antes de sair e tentar arrancar minha cabeça do meu corpo. Vagar por aqui é pedir por isso.

Platão ri uma risada insensível e fria. — Você não entende, cara. Ninguém além de Ocho pode ir e vir sem ser tratado do mesmo jeito. Jogador ou serviçal, não importa. Depois de atravessar a porta azul, você não vai embora. Os jogadores adoram a restrição na maioria das vezes. Ela alimenta suas fantasias. Eles têm um alfa andando entre eles, quem pode possuir e dominar a maioria das meninas... ou *caras*... Enquanto estão presos dentro da sala. — Ele olha para longe, esfregando a mão sobre sua mandíbula. — Por que você fez isso, cara? Por que você não pode deixar isso o suficiente? Agora você provavelmente já fez e nos matou. E para quê? Uma garota novata que provavelmente está sendo fodida por oito rapazes agora que ela não tem seu patrocinador lá para protegê-la?

— Esse cara *não* estava protegendo-a.

— Ele *estava*. Se um cara traz uma garota aqui e ele a patrocina, treinando-a, então ninguém mais pode tocá-la. Ele pode fodê-la. Ele pode puni-la se ela não fizer o que ele disser, mas nenhum dos outros fodidos doentes lá, podem colocar um dedo sobre ela. É uma das leis de Fernando.

Eu apenas olho para ele. Nada disso faz sentido, mas, novamente, já vi e ouvi muito na minha vida, que não fazia um bom sentido. É só que... *Fernando*? Sério? O cara que acabei de conhecer em baixo da terra estava quieto e reservado. Quase nervoso. Ele não parecia que teria a coragem de alimentar uma matilha de lobos com vidas humanas, com certeza. Que tipo de cara tem uma sala como esta em sua casa, onde sua *lei* é suficiente para manter os fodidos homens crescidos e mulheres tremendo atrás de uma porta destrancada?

Platão se inclina contra a parede, com a pele nua pousada sobre o gesso e suspira fortemente. — Isso é altamente inconveniente, você sabe? Estava planejando me matar na próxima semana. Estive escondendo palitos de dentes sob uma mesa no meu quarto. Eu ia engoli-los e eviscerar-me de dentro para fora. Agora, toda a minha tentativa está totalmente desperdiçada.

— Evisceração é melhor do que ser comido?

— Eu sou uma pessoa egoísta, meu amigo. Eu não dou nada sem me ressentir profundamente. Então, sim... outro animal que consome meu corpo realmente não vai estar bem comigo.

Eu considero perguntar-lhe como isso se relaciona com o fato de que ele constantemente está distribuindo uma parte de si mesmo quando fode as pessoas na sala que acabamos de deixar, mas eu acho que apontar isso não vai ajudar nenhum de nós, então mordo meu lábio. — Apenas volte para dentro, cara. — eu digo a ele. — Não vou dizer uma palavra. Fernando nunca saberá que você escapou por cinco segundos.

Platão puxa um sorriso. — É claro que ele vai. Olhe. — Ele aponta para uma câmera pequena, branca e discreta que está montada na parede na nossa frente; É minúscula, e exatamente da mesma cor que a

pintura, mas eu deveria ter percebido isso. Deveria ter sido a primeira coisa que vi quando andei aqui com Ocho, mas fiquei tão impressionado que tirou a minha atenção.

— Ahh.

— Há cinco delas dentro da sala também. — Platão balança as sobrancelhas de uma maneira irônica. — Fernando gosta de vigiar as coisas de seu escritório. De onde ele está agora, ele já sabe disso. É tarde demais. Então, voltar para dentro é inútil. Isso só o deixará mais louco. É melhor ficar aqui e esperar que esteja de bom humor quando voltar.

Natalia disse quanto estávamos no caminho para encontrá-lo mais cedo — que ele estava de bom humor. Espero que este incidente não agrave isso. Ainda não consigo segurar a respiração. Eu tenho muita experiência com os chefes de cartel, e eu não posso dizer que algum deles já aceitou gentilmente a mim matando seus convidados.

Merda. Isso vai ser terrível.

Eu retiro meu celular do meu bolso. Eu poderia ligar para o clube. Eu só precisaria pedir uma vez, e Jamie estaria em um avião em um piscar de olhos, trazendo toda a força dos Widow Makers MC junto com ele. Eu olho para a tela do telefone celular, tentando construir o pedido na minha cabeça:

Desculpe, cara. Eu fodi tudo. Grande momento.

Ei, Jamie. Usei seu nome para entrar na casa de um chefe de cartel e depois matei alguém. Agora parece que vou ser alimento de monte de lobos.

Oi, Jay. Lembra-se quando você disse para não fazer uma cena aqui embaixo? Bem...

Coloco meu telefone no bolso. Quantas vezes Jamie colocou-se no meio de tudo isso? Quantas armas já foram apontadas para a cabeça dele? A resposta é muitas. Eu vou ter que descobrir isso sozinho.

E se eu não puder?

Bem então.

Que assim seja.

Não demora que o cabeça do cartel de Villalobos apareça. Platão ficou tenso ao som de pneus cruzando o cascalho e depois ficou branco como uma folha quando a porta da frente da mansão se abriu e o som de pessoas discutindo pavimentou no segundo andar.

Eu esforço para ouvir, mas as palavras gritadas não estão em inglês e nenhuma faz sentido. Porém, eu reconheço as vozes. — Fernando e sua filha. Ela parece chateada, com raiva em suas palavras. O lado de Fernando do argumento é menos aquecido, cortado e frio, o que é de alguma forma muito mais preocupante do que se ele estivesse gritando.

— Oh, Deus. — Platão geme.

Passos nas escadas, e então Fernando aparece no corredor, ombros afastados, marchando em nossa direção com aço nos olhos. Atrás dele, Ocho segue com os fones de ouvido ainda colados em suas orelhas, e o rifle de assalto preparado nas mãos. Natalia aparece atrás, as sobancelhas unidas, carrancuda, e dois pontos iguais de cor avermelhada em suas bochechas.

— Pai. — ela enfatiza. Fernando para no meio do corredor e se vira para ela. Ele a olha, e ela parece perder seu fogo. Ela inclina a cabeça, e suga uma respiração profunda e instável. — Pai, eu peço que você...

— Você não pode pedir qualquer coisa de mim, garota. Você será obediente, e você se comportará como uma dama. Agora volte para baixo e encontre Arissa. Ela precisa de ajuda para descarregar os suprimentos, eu tenho certeza.

Ela olha rapidamente pelo corredor em nossa direção. Embaralhando seus pés, ela parece que quer ficar, para dizer algo a mais, mas ela usa o medo abertamente. Ela não quer desobedecer a seu pai. Mais do que isso, ela tem medo dele.

Ela olha para o chão um segundo a mais, e então se vira, correndo para longe com as mãos enroladas firmemente em punhos. Fernando a observa ir, e então lentamente se volta para nós. Platão bufa. Ele parece resignado agora, e não posso deixar de sentir como se sua esperança perdida pudesse ter perseguido a minha.

— Você tem estado em minha casa por menos de duas horas, Sr. Garrett, e parece que você já causou uma cena. Você pode se explicar?

Limpando a garganta, eu estalo o nó do meu dedo indicador, sorrindo. — Peço desculpas. Eu não estava ciente de suas regras até que eu já tivesse quebrado algumas delas. Se eu soubesse que você desaprovava homicídio a pessoas que vagueiam livremente em torno de sua casa, eu teria me absterido de ambos.

Fernando não olha satisfeito com a minha atitude. Sua expressão é semelhante ao do meu pai quando eu lhe disse que planejava ingressar nas Forças Armadas. Eu só conheço esse cara por algumas horas, por isso é impressionante que eu já o tenha deixado decepcionado tão espetacularmente.

— Ocho é mudo, Sr. Garrett. Ele não tem nenhuma língua para falar. Se ele tivesse, ele teria explicado tudo eficientemente. Nessas situações, eu normalmente gosto de passar por cima de minhas regras pessoalmente, mas eu não tive tempo antes. Você pode, por favor, me dizer como isso aconteceu? Por que você matou esse homem?

Porra. Eu não posso dizer-lhe que estava indignado com a maneira que o bastardo estava tratando a menina a seus pés. Eu deveria estar fodendo as malditas mulheres e as tratando como se fossem meus bens. Se eu disser a ele que me ofendi à forma como aquele babaca estava falando com a garota, ele vai me olhar muito estranho. — Ele não iria compartilhar. — eu digo. — Eu queria a garota que estava com ele, e ele estava sendo um idiota por isso.

Eu estou rogando a Deus que as câmeras dentro daquela sala não tenham som. Eu não troquei uma única palavra com o cara William antes de atirar nele. Se eu estava destinado a discutir com ele sobre aquela menina, então o fato de que eu simplesmente pegar minha arma e puxar o gatilho vai parecer altamente irregular, também.

Fernando bufa. — Somos muito respeitosos aqui, Sr. Garrett. Se um dos jogadores dentro daquela sala reivindicou uma menina, ela é sua, até que ele termine com ela, ou ele convide alguém para se juntar a ele. Está claro?

— Parece muito civilizado agora, quando você coloca assim. — Eu não consigo manter o desgosto em minha voz.

Fernando coça o rosto de forma nervosa, cheia de tiques. — Como você não estava ciente das regras, vou aceitar um sincero pedido de desculpas de você neste caso, e você pode esperar nas escadas por mim. — Ele me olha com expectativa.

— E quanto a ele? — eu aponto o polegar para Platão. Ele parece que está prestes a cair e desmaiar.

— Ele? — Fernando dá passos em minha direção e coloca uma mão no meu ombro. Suas unhas são bem cuidadas e cortadas, com um pequeno crescente arco branco em cada unha. Parece que ele realmente gasta tempo as moldando e limpando. Suas mãos não são viris no mínimo. — Platão sabe. Eu tenho medo, como ele está preocupado, que um simples pedido de desculpas não vai ser suficiente.

— Ele estava me ajudando. Ele não deve ser punido.

Fernando vira a cabeça para um lado. — Você está me dizendo como deve ser minha casa, Sr. Garrett? Porque, com certeza, seria muito ruim.

— Estou apenas implorando por sua causa. Que tipo de homem eu seria se eu deixar alguém me ajudar com o risco de sua própria segurança, e, em seguida, eu não fizer nada para preservar a dele?

Fernando considera isso. — Muito nobre. Vou pensar sobre o assunto. Nesse meio tempo, eu gostaria de ter uma palavra com Platão em particular.

— Está tudo bem, cara. Basta ir. — Platão sibila. — Este é o melhor resultado possível, acredite em mim. — Não parece ser o melhor resultado de onde estou de pé, mas inferno. Eu não acho que vou conseguir qualquer coisa aqui de pé, forçando o ponto. Platão me olha com olhos urgentes, e eu faço uma promessa a mim mesmo. Este pobre

coitado não será alimento de qualquer animal, seja um porco, um lobo ou um maldito macaco. Eu vou trabalhar nisso. Vou me certificar de que ele esteja seguro.

— Tudo bem então. Eu estarei lá em baixo.

— Eu acho que você está esquecendo algo. — Fernando diz calmamente. — Seu pedido de desculpas?

— Oh. Claro. — Eu não me lembro da última vez que pedi desculpas a alguém, muito menos algo assim. Eu me sinto mal por matar aquele filho da puta doente? Não. Eu sinto que deveria estar rastejando e me curvando porque ele está morto? Absurdamente, não. Mas a situação vai sair do controle se não o fizer. Eu ângulo minha cabeça para o chão, evitando seus olhos. — Me desculpe, Fernando. Por favor, aceite minhas humildes desculpas. Eu deveria ter respeitado a sua hospitalidade, e eu deixei minha própria raiva tirar o melhor de mim. Eu prometo, isso não vai acontecer novamente.

Com olhos frios e mortos Fernando observa diretamente através de mim por um momento. — Seu pedido de desculpas está aceito, Sr. Garrett. Eu vou estar com você em breve. Por enquanto, Ocho vai mostrar onde esperar por mim.

E assim, estou dispensado.

Capítulo Seis

Curvar

— Cem quilos. Essa é a menor quantidade que lidamos, Sr. Garrett. Achamos que isso mostra a palha do trigo. Somente compradores sérios chegam até nós, e comprar nossa cocaína nessas quantidades demonstra sua intenção.

Estamos sentados em um mal iluminado escritório, mal mobiliado, muito parecido com o do subsolo, e eu estou começando a me sentir como se estivesse fora da minha cabeça. Há um grande, redondo, botão preto pendurado na parede atrás de sua cabeça; Será que eu serei arrastado da minha cadeira, através de um alçapão, em um tanque de água infestado de tubarões, à lá James Bond, se ele apertar o botão?

— No caso de você estar pensando, é um custo para você de dois milhões de dólares americanos. Você tem esse valor com você? — Ele sabe que eu não tenho dois milhões de dólares no meu bolso traseiro. Ele está sendo um idiota, mas não posso chamá-lo disso. Eu tenho que jogar a bola. Eu sorrio com confiança.

— Levar essa quantidade de dinheiro comigo em um país estrangeiro não seria muito inteligente, seria? Tenho cinquenta mil. Isso é o que eu posso lhe dar como uma demonstração de boa fé.

Eu não quero comprar qualquer coca, mas se eu não mantiver o fingimento, eu vou estar na merda séria. Se entregar todo o último dólar que eu tenho comigo significa que estou comprando sua confiança, mesmo por alguns dias, então valerá a pena. Apesar das minhas

desculpas, Fernando ainda não está feliz comigo. Ele se sentou em sua cadeira, seu rosto caindo na sombra e, pela primeira vez, ele parece sinistro e maligno para ser o líder desse cartel. — Cinquenta mil. Ok. E você terá o resto do dinheiro dentro de três dias. E seu chefe o trará aqui, sim? Você é o homem da mão direita, mas prefiro fechar o nosso negócio com o responsável.

— Isso não será um problema. — *Será* um problema. Vai ser um *grande* problema. Jamie sabe que provavelmente vou usar seu disfarce de New York, mas ele não tem ideia de que estou prometendo dois milhões de dólares, porra, ou que ele agora deve aparecer. Nada disso pode ser feito agora, porém; A mentira terá que se manter no ar por enquanto.

— Tudo bem, Sr. Garrett. — Fernando ergue a mão para eu apertá-la. — Nós temos um acordo. Mas saiba disso. Ainda estou esperando ouvir meus amigos da América. Se eles me disserem algo sobre você ou seu empregador que possa me dar motivo de preocupação, haverá consequências. Vou deixá-lo à sua imaginação.

Ele se levanta, afastando os dedos de sua mesa enquanto se inclina para frente. — Agora. Minhas regras. Se você passar pela porta azul, você não pode sair daquele quarto até eu dar minha permissão expressa. Nós dois sabemos que você já descobriu essa regra, então não haverá desculpas agora. Segunda regra. Você não pode matar nenhum dos meus convidados sem a minha permissão expressa. Feliz para você, que o homem que você matou, William, me deve uma grande quantidade de dinheiro e não estava planejando me pagar em breve. Se você tivesse matado um dos meus clientes mais ricos que pagam no tempo certo, não teria sido tão indulgente.

— Compreendo. Não estarei mais matando pessoas. Prometo.

Fernando sacode a cabeça lentamente. — Há apenas mais uma regra, Sr. Garret, e é muito simples. Não aceito que ninguém nesta casa interaja com minha filha em um nível romântico, flerte ou sexual. Ela é uma mulher brilhante e inteligente, mas ela não conhece as armadilhas do mundo. Ela não percebe que as pessoas aqui iriam tirar proveito dela quando tiverem uma chance. É por isso que devo insistir em que

você apenas fale com ela se Ocho estiver presente ou algum outro membro da equipe doméstica.

Droga. Não falar com Natalia sem um acompanhante? Quero dizer, ele encheu esta mansão bizarra no meio da floresta com vinte ou trinta depravados e criminosos sexuais. Ele precisa avisá-los de sua filha, especialmente quando esses filhos da puta são o tipo de caras que fazem o que querem sem perguntar. Entendi. Mas ela é uma mulher adulta. Ela tem vinte e seis ou vinte e sete anos. Ela deve poder tomar suas próprias decisões. Este é o meu cérebro liberal americano falando, no entanto. E Natalia *não* cresceu em um ambiente americano liberal.

— Não falarei com ela sem alguém presente. — digo a ele.

— Bom. E tente não praguejar na frente dela, Sr. Garrett. O último homem que usou palavrões na frente de Natalia foi severamente punido.

— Oh?

— Sim. Cortei a língua com uma faca sem corte. Agora ele nunca mais pode cometer esse erro.

Do outro lado da porta do escritório aberto, Ocho muda desconfortavelmente de um pé para o outro. Então isso explica tudo.

— Meus homens estarão no seu quarto mais tarde nesta noite para coletar sua garantia de cinquenta mil dólares, se isso for conveniente para você? Gostaria de agradecer se você permanecesse na sala atribuída até esse momento, por favor? Vários jogadores da sala azul estão sendo retirados esta tarde, e eu odiaria que algum dos amigos de William se encontrasse com você nos corredores. Assim como eu não o puni por suas indiscrições, Sr. Garrett, também seria muito difícil para eu puni-los se eles decidissem seguir seus passos.

— E Platão?

— Não se preocupe, Sr. Garrett. Você vai ver Platão de novo em breve, tenho certeza disso.

Meu quarto é luxuoso e muito mais do que eu esperava. Cortinas escuras e ardósias pendem de janelas altas, e as roupas de cama, também da cor ardósia, combinam com o tapete grosso e rico que cobre as tábuas polidas. Eu tenho um banheiro privado — toalhas limpas, pequenos frascos de sabonete corporal e shampoo empilhados em uma tigela de vidro ao lado de uma enorme banheira. Eu fiquei em muitos quartos de hotel cinco estrelas que não eram tão agradáveis.

Os quartos de hotel de cinco estrelas geralmente não vêm com vigilância de câmeras. Passo uma hora passando o lugar com um pente de dente fino, procurando cada peça de mobiliário e moldura, as luminárias e as aberturas de ar até que eu esteja convencido de que não há nada aqui. Parece que Fernando apenas vigia as áreas comuns da casa, juntamente com a sala de festas. Pelo menos eu posso manter minha própria privacidade aqui.

Eu tiro minhas botas e minhas roupas, esticando, gozando na liberdade de estar nu. São três e meia da tarde, um dia bastante agitado até agora. Eu tomo um longo e forte banho quente, esfregando a sujeira do meu corpo e, depois de terminar, me seco e me jogo na enorme cama que absorve uma parte considerável do quarto. Eu não quero dormir. Eu nem sequer quis fechar os olhos, mas a próxima coisa que sei, está escuro nas janelas com vista para a parte traseira da propriedade, e uma sensação estranha e fria está se precipitando na minha pele ainda bêbada.

Meu coração aumenta o ritmo, enviando meu pulso disparando para cima. Algo não está certo. Está escuro, mas posso senti-lo — olhos em mim, olhos viajando sobre meu corpo. Há alguém no maldito quarto comigo. Sento-me ao mesmo tempo em que eles atacam.

— Pegue suas pernas! Pegue suas pernas de merda!

Mãos me puxam e me agarram; Não posso dizer quantos homens estão no quarto comigo, mas há mais do que eu posso lutar. E eles são muito fortes. Estou cercado por vozes de americanos, o que é estranho. Eu tento me livrar dos homens que estão segurando meus braços, batendo minhas pernas para evitar que mais deles me agarrem pelos tornozelos, mas é uma luta inútil. Parece que há dois caras por

membro, me segurando e não posso lutar contra essas chances. Não estão nus e despreparados como eu. Ainda acho uma boa tentativa.

— Maldito. Porra! Ele me chutou nas bolas.

— Pare de brincar, Art. Só faça o maldito trabalho.

— Estou tentando! Ahh, Jesus, vou vomitar.

Eu ataco, tentando me conectar com outra pessoa, com algo vital e delicado, mas eles me têm preso agora. — Que merda você está fazendo? — Eu grunho. — Tire suas mãos de mim.

Uma luz acende-se no banheiro, seguida de uma pequena lâmpada na mesa ao lado da cama, e um brilho macio e quente enche a sala. Não muito leve, mas o suficiente para que eu possa distinguir a multidão de homens ajoelhados na minha cama, me segurando. Posso ver claramente o cara alto e de cabeça vermelha de pé na entrada, vestindo um terno preto com um botão branco embaixo, examinando a cena com aversão. Ele entra no meu quarto, puxando a porta para trás dele.

— Bem, isso está uma bagunça. — diz ele. — Eu pensei em perguntá-lo onde procurar seus pertences?

O cara segurando meu pulso direito, pressionando a outra mão para baixo no meu peito, faz um som divertido. — Não. Você nos disse para foder sua merda. — diz ele.

O cara ruivo e de terno pensa por um segundo e depois acena com a cabeça. — Sim, você sabe o que? Eu acho que você pode estar certo. Eu disse isso, não é mesmo?

Eu me retorço, a raiva borbulhando através de mim enquanto eu tento me livrar. — *Que diabos está acontecendo?*

O sujeito do terno entra no quarto devidamente, lançando um olhar entediado ao redor do espaço, seus olhos viajando sobre meus pertences dispersos. Ele estende a mão e pega meu celular. — Meu patrão é um homem confiante. Até certo ponto. Ele contrata homens como eu para suspeitarem em seu nome. Você poderia dizer... Eu sou a paranoia de Fernando Villalobos. E eu fiquei muito paranoico quando soube que um cara de New York tinha aparecido hoje em uma moto

sem sequer ter dado telefonema antes de chegar. Eu sugeri que investigássemos um pouco antes de recebê-lo na dobra com os braços abertos.

— Eu dificilmente fui bem-vindo de braços abertos. — Eu empurro minha perna e a tenho livre rapidamente em um movimento, enviando o cara que estava segurando voando em sua bunda. O cara segurando minha outra perna tenta me agarrar, mas eu me inclino e chuto de novo, esmagando a sola do meu pé diretamente em seu rosto. Ele grita, soltando-me completamente, e então estou esforçando-me, fazendo o meu melhor para libertar meus braços para que eu possa me mover corretamente.

Estou quase livre quando ouço algo que me congela, porém: a trava de uma arma sendo removida. Olhando para cima, vejo que o cara do terno agora está de pé sobre mim, e ele está apontando o cano de uma Glock no meu rosto.

— Você realmente é um mão cheia, hein?

— Você não sabe da metade.

— Você certamente não parece um homem de negócios muito correto, Mr. Garrett.

— Eu nunca disse que era. Por que diabos meu chefe contrataria um homem de negócios limpo e correto para chegar aqui em uma viagem como essa?

— É verdade. — ele grunhe. — Se você não tem nada para esconder, por que você não está gostando da busca, então?

— Eu não teria ligado se você tivesse batido educadamente na porta e perguntado, filho da puta. Quando você se aproxima de um cara no escuro, o prende em uma cama enquanto ele está nu e começa a mexer com suas coisas, é claro que ele vai reagir mal.

O cara de terno sorri. — Acho que você está certo. Que tal, então? Gostaríamos de examinar seus pertences, Sr. Garrett. Você concorda?

— Me solte e depois me pergunte.

Ele reflete minha exigência, então parece concordar com isso. Ele empurra a cabeça com um movimento leve e irritado, e então seus lacaios me soltaram na cama. Eu levanto, agarrando a toalha que tinha sido enrolada em minha cintura quando eu desmaiei na cama. Ninguém se preocupa em desviar o olhar enquanto me cubro. Não tenho nenhuma timidez; Estive nu na frente de tantas pessoas na faculdade, nas forças armadas e no clube que não conseguia ligar se algum rapaz estivesse atento ao meu pau e minhas bolas. O que me irrita é que nenhum dos idiotas esconde o fato de que eles estão verificando o que eu tenho, me avaliando. Suponho que eles estiveram todos naquela sala no andar de cima. Eles devem ter visto o que acontece lá. Eles devem ter assistido tantos homens e mulheres nus fodendo lá que é tudo apenas carne para eles agora.

Dobro meus braços em meu peito, apertando meu maxilar. — Procure na jaqueta. Não tenho nada a esconder.

O cara de terno sorri sorratamente, apontando um dedo. Seus homens começaram a trabalhar. Eu só tinha minha pequena mochila comigo quando cheguei, com as roupas que comprei no aeroporto e o dinheiro que eu sabia que precisaria em algum momento. Os rapazes vão em frente, arrancando a mochila, procurando por bolsos ocultos ou zíperes que possam estar escondendo segredos nefastos. A mochila está toda revirada no momento em que eles estão convencidos de que não há nada a ser encontrado lá. Eles rapidamente se deslocam para o meu jeans, minha jaqueta de couro e o tênis Adidas que estava vestindo quando cheguei. Logo as calças estão destruídas, assim como minha jaqueta e o novo tênis. Um deles segura minha carteira para o cara do terno, que me dispara um olhar malicioso quando ele a abre.

— Alguma surpresa aqui, amigo? Qualquer coisa que gostaria de sair do seu peito antes de esvaziar isso?

— Não. Vá para a sua vida de merda. — Eu não sou estúpido. Não é como se eu tivesse um cartão de membro dos Widow Makers MC lá ou qualquer coisa. A carteira ainda está equipada com minha identificação do aeroporto. Os cartões de crédito têm o nome de Sam Garret neles. A carteira de motorista também. Não sou burro o suficiente para ter colocado no interior da minha carteira fotos de Laura, graças a Deus. O

cara de terno parece visivelmente decepcionado quando não encontra nada que me comprove ser um mentiroso.

— Você percebe que teremos que pesquisá-lo pessoalmente, Sr. Garrett? — Ele diz. Isso parece colocar um sorriso no rosto dele.

— Você acha que eu tenho um fio dentro da minha bunda?

Ele encolhe os ombros. — Pode ser o caso. Nós podemos não ter sido cuidadosos. — Ele acena com a cabeça para um de seus garotos, sinalizando que ele deveria vir para frente e me verificar, e eu rosno baixo e profundo na parte de trás da garganta.

— Você pode procurar em minha mochila, minhas roupas e meu celular, filho da puta, mas nenhum de vocês chega perto da minha bunda.

— Receio que você realmente não tenha escolha.

— Eu acho que nós vamos ver sobre isso. — Eu *nunca* vou me submeter-se a isso. *Nunca*. Estou de pé agora, e estou pronto. Eu posso levar todos os seus caras sem nenhum problema agora que não estou meio adormecido, nas minhas costas. Eu atiro um olhar de advertência do canto do olho para o cara que está lentamente se aproximando com as mãos para fora, e eu mostro meus dentes. — Você sabe como quebrar todos os dedos da mão de um homem em menos de três segundos, com nada mais do que uma toalha? — Eu pergunto a ele.

Ele para de se mover, piscando para mim. — Não, eu não. — ele murmura.

— É uma pena. Porque *eu* sei.

O cara olha para o ruivo, levantando ambas as sobrancelhas. — Harrison?

Harrison não diz nada. Ele não se move. Ele ainda está segurando sua arma, mas está solta em sua mão, apontado para o chão, e ele realmente não parece estar prestando atenção na situação. Seu laçao engole e retoma sua abordagem. Eu meio que sinto muito pelo pobre bastardo. Ele tenta pular em mim assim que ele está ao alcance do braço, mas o agarro pelo pulso, o giro para que seu braço esteja preso atrás de suas costas, e então faço o que prometi. Inclino meus joelhos

na parte inferior de suas costas, empurro e puxo seu braço de volta em minha direção ao mesmo tempo, esticando-o de modo que está quase estourando a articulação do ombro. É muito fácil, a partir daí, encaixar os ossos nos dedos. Indicador, médio, anelar e mindinho. Devo ter ficado suave enquanto envelheci, porque não quebrei o polegar. Eu poderia. Não demoraria mais do que um segundo, mas sem o polegar, ele estará inútil por seis semanas. Ele perderá o uso total de sua mão dominante, e quem sabe o que acontece com caras que de repente nem conseguem segurar uma caneta ou limpar sua própria bunda por aqui?

Eu o deixo, e ele cai no chão aos pés de Harrison, gritando, segurando sua mão.

— Deus. — diz Harrison. — Fodido patético. Um de vocês, porra, lide com isso, ok? Nenhum de nós pode sair até ter certeza de que ele está limpo.

Eu examino os outros homens. Nenhum deles se oferece como voluntário para ser o próximo na fila para que seus dedos sejam quebrados. Harrison suspira, levantando a arma. Ele aponta na minha cabeça, seu dedo no gatilho.

— Seja um bom menino e se incline agora. Tudo acabará em um momento.

Dou três passos longos para frente, de modo que a Glock está pressionando em minha testa, bem entre meus olhos. — De. Nenhuma. Fodida. Maneira. Você vai ter que me matar primeiro.

— Não me tente amigo.

— Se Fernando me quisesse morto, ele teria atirado em mim no momento em que colocou os olhos em mim. Ou talvez mais tarde, aqui na mansão quando quebrei suas regras. Mas ele não fez isso. Acho que isso significa que ele quer deixar esse negócio de passar, *amigo*. Então faça o que você tem de fazer. Mas eu não vou ser intimidado por você. E eu, com certeza, não vou deixar ninguém colocar a mão na minha bunda. É sua deixa.

Os olhos de Harrison estão baixos até não estão mais largos do que fendas. Ele não está feliz, nem um pouco, mas eu sei que ele não vai atirar. Ainda não, de qualquer maneira. Ele abaixa a arma e cuspe

no chão aos meus pés. — Não é frequente que alguém me recuse algo, Sr. Garrett. Eu não sou fã de rejeição, e eu não sou fã de ouvir um não. Garanto-lhe que vou conseguir o que quero. Ou agora, ou mais tarde, quando Fernando estiver cansado da pequena charada que você está jogando. — Ele segura meu celular na mão para que eu veja. — Diga-me a senha.

— Por quê?

— Então eu posso ler suas mensagens e confirmar que você está agindo em nome desse banqueiro de New York, idiota.

— Há informações pessoais aí.

— Estou contando com isso. Não se preocupe. Eu não podia me importar com suas fotos de bocetas e seus arquivos de pornografia escondidos. São suas conversas com o seu chefe, que me interessam. Me dê o fodido código.

— Não.

— Estou lhe dizendo. Isso não é uma piada, ok? Você não se registrou apenas para um fim de semana de spa no Ritz Carlton. Sua *vida* está em jogo agora.

Faço uma demonstração de pensamento por um segundo, e depois mantenho as mãos, me entregando. — Ok. É cinco oito, cinco nove. Mas, sério, cara. Não olhe minhas fotos particulares. Elas são muito gráficas. Eu odiaria que caíssem em mãos erradas.

Harrison sorri, e eu sei muito bem que ele vai revirar os arquivos que encontrar na minha galeria. Ele ficará em uma surpresa maldita. Quando ele mexer no meu telefone, encontrará cerca de setenta fotos de uma mulher nua de nove e três anos em vários estágios de nudez, pois obviamente ela fez uma tentativa de tirar. É bastante perturbador. Nas mensagens, ele encontrará os textos mais sórdidos e gráficos entre mim e Mavis, tão desagradáveis e sujos que até mesmo fizeram que Carnie, o mais recentemente prospecto promovido dos Widow Makers, sentir vergonha. Nos meus e-mails, ele encontrará dezesseis pastas de spam e uma série de mensagens codificadas e confusas de um contato chamado — Trident. — que o deixará coçando a cabeça por dias.

O que ele encontrará não é nada incriminatório sobre Laura, ou qualquer mensagem entre Jamie e eu. Isso o deixará louco. O código que acabei de dar é a chave. Se o código — cinco oito, cinco nove — for inserido, a tela do meu telefone real não está desbloqueado, mas uma tela de proxy completa com aplicativos, contatos, notas e fotos. Ele nunca será capaz de dizer que não é real. E ele nunca terá acesso às informações armazenadas que eu tenho de inúmeros cartões sul-americanos diferentes, os lugares em que enterrei corpos ou as cidades inteiras que destruí nas minhas viagens para encontrar minha irmã.

Harrison digita o código no telefone e se inveja quando ele desbloqueia, seu peito inchado de orgulho, como se ele tivesse pirateado a maldita coisa. — Tenho certeza de que Fernando será discreto. — ele diz, mas ele e eu sabemos que Fernando só vai olhar uma vez que ele passou por isso com um pente de dente fino. — Se vista. — ele me diz. — Todos se encontrarão lá fora. Fernando também quer você lá.

— Para que?

Harrison rola os olhos, guardando meu celular. — Apenas faça isso, cara. Ele não gosta de ficar aguardando.

E só depois que ele sai, e o resto de seus homens seguem atrás, que eu percebo o quanto isso poderia ter sido diferente. Tenho enfrentado de frente Harrison e seus caras o tempo todo. Eu não me virei, e nenhum deles tentou se esgueirar atrás de mim para me derrubar. Se tivessem tentado, eles saberiam imediatamente que eu estava mentindo para eles.

Eles teriam visto a enorme tatuagem dos Widow Makers MC ao redor dos meus omoplatas, eu e meus amigos, estaríamos fodidos.

Capítulo Sete

A casa dos Lobos

Encontro algumas roupas que não foram completamente destruídas, e saio. No gramado em frente à enorme mansão, uma pequena multidão de pessoas está reunida, parecendo desconfortável e assustada. Isso me atinge, pelo menos cinco ou seis são ruivos. Que estranho. Eles estão vestidos com roupões brancos, homens e mulheres, agarrando o material bem fechado em torno do queixo. Seus pés estão descalços na grama curta e bem cortada. Estes são os Serviçais de Fernando, como Platão os chamou.

À direita, outra multidão de pessoas espera — uma mistura de homens, todos vestidos com roupas caras, de ternos a jaquetas de couro, calças jeans Giorgio Armani. Eles têm esse olhar malvado e com fome neles, que os distingue do outro grupo. Estes são, obviamente, os convidados de Fernando, seus jogadores, os homens que pagaram para usar e abusar dos outros seres humanos a poucos metros de distância.

Distante do gramado, Fernando está falando com uma fila de homens que estão carregando rifles. Ele parece estar dando ordens. Passa-se um momento, e então os homens correm pelo gramado, desaparecendo na vegetação, onde a terra passa do jardim rural bem conservado até a floresta tropical.

Estou examinando a cena diante de mim, procurando por Platão, com certeza vou encontrá-lo preso, amarrado e caído nu na terra, quando eu o vejo entre os serviçais. Nossos olhares se encontram, e vejo que seu lábio inferior está fracamente aberto, e há um violento hematoma roxo embaixo do olho direito. Apesar dos ferimentos, ele sorri

de forma ampla e me dá um polegar para cima, o que me deixa um pouco mais tranquilo. Ele não estaria tão feliz se achasse que Fernando estava prestes a dá-lo de alimento a uma matilha de lobos, não é?

De pé sozinha, Natalia está tremendo no ar noturno e frio, os braços enrolados em torno de si enquanto olha para o escuro. Estou prestes a dirigir-me para ela quando vejo uma mudança de sombra perto da casa, e Ocho emerge, ainda carregando aquele rifle maldito dele. Lembro-me do aviso de Fernando de não falar com sua filha, a menos que outra pessoa esteja presente. E me lembro do que aconteceu com Ocho quando ele quebrou essa regra.

Eu gosto da minha língua. Eu gosto de falar. Mais importante ainda, eu gosto de fazer as garotas gozarem com ela, e eu não posso fazer isso se for cortada da minha boca com uma faca sem corte. Eu me esqueço de ir até Natalia e fico no meu lugar.

— Um movimento sábio, meu amigo. — Harrison cospe na grama, sorrindo para mim como um louco. — Viva para foder outro dia. É um bom lema para se ter por aqui.

— Eu tenho certeza que você poderia dar duas merdas se eu viver para foder outro dia. — eu murmuro.

— Não seja tão mal-humorado. Eu estava fazendo o meu trabalho. Tenho certeza que você pode entender como é isso. — Quando não digo nada, ele continua. — Você é um ex-militar. Você sabe como é receber ordens. Você não estava apenas fazendo uma merda no deserto, fazendo o que quer que você quisesse lá também.

— Como você sabe que eu sou ex-militar?

Harrison retrocede em seus calcanhares, olhando para a escuridão. — Qual é. É obvio. Está na cara, idiota. Você tem essa maneira de andar. Falar. Respirar. Se você não é um ex-militar, eu sou a rainha de Sheba.

Eu ressoo. — Mas você não é. Você queria ser. Você provavelmente estive lá fora como parte de uma empresa privada de segurança, certo? Um segurança por não conseguir entrar nas forças

armadas? Correndo pelas zonas quentes, usando óculos de visão noturna e calças khakis da porra de J Crew⁹.

Ele ri uma risada ácida. — O pagamento era bom. E J Crew khakis são realmente de boa qualidade.

— Eu tenho certeza que elas são. — Eu normalmente conseguiria mais algumas respostas dele; Ele é o tipo de cara que vai encostar e explodir se você o irritar, mas quatro indivíduos emergem da casa, carregando um objeto branco envolvido que só pode ser um corpo embrulhado em um papel, e de repente eu perco todo o interesse pelo homem parado ao meu lado.

— Aquele é...?

— O cara que você atirou no peito? *Sim.* — Harrison sai, caminhando em direção a Fernando, e tomo uma decisão: Eu o sigo, perguntando o que diabos está prestes a acontecer. Platão assobia meu nome, tentando chamar minha atenção, mas eu o ignoro, tentando parecer confiante e curioso quando nos aproximamos de Fernando. O homem mais velho limpa a testa com um lenço branco, depois coloca cuidadosamente no bolso do peito do blazer. Ele acena com a cabeça quando vê Harrison, e então levanta a mão para que eu o cumprimente. Seu aperto provavelmente é um pouco mais forte do que precisa ser.

— Eu vejo que você conheceu Harrison. — diz ele rigidamente. Eu ouço o que ele realmente quer dizer no tom gélido de sua voz: *Eu vi Harrison golpeando em sua porta e alguém te violou seu imbecil.* Harrison vira desconfortavelmente, olhando para a floresta. Ele não diz a seu chefe que eu recusei abrir minha bunda para ele. Eu não sinto confortável em oferecer a informação também, e Fernando continua num tom não tão sensato. — Suas gracinhas anteriores nos deixaram em uma posição ruim, Sr. Garrett. Eu tenho um corpo para descartar, e apenas uma maneira de fazer isso de forma rápida e eficiente. Na verdade, adoro alimentar meus cães. Mas eu tento não lhes dar carne humana com muita frequência. Isso os torna ousados. Inquisitivos. Eles sabem disso e... bem. Eles deixavam as pessoas entrarem e saírem da casa antes. Infelicidade. Grande infelicidade.

⁹ Marca de roupas em cores pasteis.

Aposto que Fernando não recebe ninguém do correio aqui. Nenhum carteiro em sã consciência chegaria perto da porta da frente, se ele suspeitasse que podia se atacado por animais selvagens.

— Eu pensei que você gostaria de assistir aqui comigo quando os lobos chegarem. Felizmente, eles já estão na área. — diz Fernando, jogando um braço em volta do meu ombro. — Normalmente devemos chamá-los com um alarme, mas não hoje. Alguns dos meus homens estão na floresta, reunindo-os nessa direção enquanto conversamos.

— Eu não teria pensado que os lobos são originários de um ambiente como este. — eu digo.

Fernando sacode a cabeça de um lado para o outro. — Existem muitas áreas do Equador que são habitadas por lobos. É certo que os vales inter andinos são mais adequados para eles do que aqui, talvez. Mas entenda, os lobos nas minhas florestas não são nativos. Eu os trouxe até aqui. Eu os treinei para sobreviver neste lugar, e eles prosperaram. Agora, há mais de uma centena de lobos selvagens que vivem nessas montanhas. Gosto de pensar em mim como seu guardião. Seu pastor, se você achar melhor. Gostaria que você testemunhasse a beleza deles sozinho. Você verá por que eu os amo muito. Venha. — Fernando sai na direção das árvores. Ele não tem uma arma com ele. Nenhum de seus atiradores o segue, embora eles me observem com os olhos afiados. Harrison me acotovela no lado.

— Cuidado para ele não cortar sua garganta lá fora, cara. Seus cães adoram lamber o sangue da terra.

— Foda-se.

— Seja como for. — ele dá de ombros. — Apenas não diga que não avisei você.

Eu também não tenho minha arma. Eu procurei isso entre minhas coisas espalhadas depois que Harrison e seus homens partiram, mas não estava em nenhum lugar; ele obviamente levou com ele quando saiu do meu quarto, e pedir a ele parece inadequado. Então eu sigo após Fernando com as mãos nos meus bolsos, meus dedos se fechando em torno da alça da minha pequena faca balisong. Seus homens claramente deixaram para mim por causa de seu tamanho. É

minúscula, mas eles não sabem o que posso fazer com a mais pequena tira de aço afiado. Definitivamente será suficiente para me proteger de um lobo faminto. Espero que seja esse o caso.

Quando chego a Fernando, ele coloca o braço ao redor dos meus ombros novamente e aponta para as árvores. — Todo o Equador costumava ser floresta e selva por centenas de anos. Antes que os conquistadores chegassem, os povos indígenas deste país eram fazendeiros e caçadores. Excelentes caçadores. Os lobos eram um animal espiritual para nós. Eles ainda são espirituais para mim. Se eu descobrir que alguém prejudicou um lobo aqui, eu não ficaria feliz. Eu tinha um lobo favorito há muitos anos, Kechu. Ele era de cor prata, com brilhantes olhos azuis. Muito raro. Ele era corajoso. Ele era tão corajoso que ia até a casa e sentava no gramado, e nós nos olhávamos por horas. Parecia que estávamos nos comunicando de alguma forma.

— E então, um dia, voltei para casa depois de visitar a família por alguns dias, e vi Kechu acorrentado a um tronco aqui pelas árvores. Ele estava lutando para se livrar, chorando e com medo, e eu estava cheio de raiva. Eu invadi a casa, exigindo saber por que meu lobo favorito estava sendo tratado dessa maneira, e meu pai explicou o que aconteceu. Kechu tinha atacado minha irmã de oito anos na garganta. Ele a matou.

— Eu estava perturbado. Adorava Kechu, mas amava mais minha irmã. Parecia que ele tinha me traído. Eu percebi depois de um tempo que eu estava errado, no entanto. Kechu não me traiu. Ele estava seguindo seus instintos naturais para matar, comer e minha pequena irmã era uma rapina fácil para ele. Peguei a arma do meu pai e atirei em Kechu aqui. — Fernando toca meu rosto com o dedo indicador, acima do meu olho direito. — Ele era o meu lobo favorito, Sr. Garret, mas ele havia feito algo que eu não podia perdoar. Mesmo que fosse sua natureza, e mesmo que suas ações não fossem um ataque pessoal para mim, ele ainda não poderia ficar impune. Eu fiz o que eu tinha que fazer, mesmo que tenha quebrado meu coração.

À distância, um uivo único e fraco dispara no ar noturno. De volta à casa, o grupo de homens e mulheres reunidos em vestes brancas murmuravam e murmuravam, entrando em pânico como ovelhas enquanto se moviam uns contra os outros, tentando se mover para a

parte de trás da festa, mais longe da floresta. O uivo sobe novamente, e desta vez é acompanhado por outro, e depois outro.

— Sua música é bastante assombrosa. — diz Fernando. — Sempre amei, embora pareça perturbar alguns dos meus outros convidados.

Sim, sem essa merda. *Não estou surpreso por achar isso perturbador, se você alimentou seus pequenos animais de estimação com seus amigos.* As palavras estão na ponta da minha língua, mas eu consigo manter meus pensamentos para mim.

Fernando aperta meu ombro, suspirando. — O que você acha da minha história, Sr. Garrett? Você acha que eu fiz o certo em matar Kechu?

— Eu acho que, uma vez que um animal se vira contra o seu mestre, realmente não há mais nada que você possa fazer.

Ele parece satisfeito com essa resposta. — Exatamente. Estou satisfeito por você entender. Você me lembra dele, você sabe. De uma forma estranha, penso nele todas as vezes que olho para você, e é como se eu estivesse visitando um velho amigo. Eu acho que vou chamá-lo de Kechu, se isso não incomodá-lo demais. — Não é um pedido. Ele vai fazer isso, independentemente de eu me incomodar ou não. Eu não sou estúpido o suficiente para dizer não, no entanto. E eu sei o que ele está fazendo: ele está me dando um aviso. Ele me aceitará, podemos nos tornar amigos, mas não importa o quanto ele goste de mim, se eu foder e fazer algo para ofendê-lo, ou machucar os que ele se preocupa, ele vai atirar na minha cabeça sem pensar duas vezes.

— Não me importo. — eu digo a ele. — Eu não me importo em absoluto. — Eu deveria lhe dar um aviso. Se eu descobrir que minha irmã esteve aqui, se Fernando mesmo colocou os olhos nela por um segundo, eu farei pior com ele do que atirar na cabeça. Eu o matarei com minhas mãos, e eu vou levar meu maldito tempo com isso.

Os lobos finalmente chegam. Eles aparecem como fantasmas, formando-se das sombras, tomando forma devagar, gradualmente. Parece que meus olhos estão tendo visões quando eles se afastam da escuridão, como se eles não estivessem realmente lá, apenas a sugestão

deles rastejando em direção à casa. Suas patas não fazem som na grama curta. Eles fazem um ruído estranho, arrancando ruídos uns aos outros enquanto eles se entrelaçam, observando a situação diante deles.

Existem dez deles? Quinze? A maneira como eles se movem ao redor do outro, entrando e saindo das sombras, torna impossível contar. Os pelos que os revestem são impressionantes: listrado, cinza, preto, tangerina e marrom, todos misturados enquanto caminham e pressionam cautelosamente para frente.

O cara que eu dei um tiro, William, foi retirado do papel que o cobria e colocado deitado na grama, braços estendidos em cada lado dele, com os olhos fechados, a pele pálida e cinza; a maneira como eles o preparam o faz parecer algum tipo de oferta. Um sacrifício. Ruídos aflitos vem dos jogadores de Fernando. Os homens de preto tinham um olhar despreocupado até agora. Alguns deles sequer olhavam ao redor para toda a situação, seus olhos brilhantes, cheios de antecipação, as mãos esfregando em seus paus através de suas calças de terno. Agora eles não parecem tão excitados. Eles parecem preocupados enquanto as patas dos lobos andam silenciosamente em direção a eles, como se eles fossem feitos do silêncio espesso e a escuridão opressiva da noite.

— Eu vou atirar se eles chegarem mais perto, caralho. — um dos caras sibila. — Eu não gosto do olhar deles.

A matilha se divide, cautelosamente protegendo o corpo de William. Eles cheiram o ar como se estivessem investigando. Eles estão tentando descobrir qual o nível de perigo este homem propenso deitado na grama representa para eles. Eu vejo o momento em que sentem o cheiro da morte nele. Uma onda de excitação percorre a matilha, e o maior dos animais, um enorme macho com uma faixa preta através de seu pelo cinza, se inclina para frente, estalando os dentes no corpo. Ele torna-se mais corajoso quando William não se defende.

Então, um turbilhão de peles, dentes picando e garras rasgando, os lobos descem sobre o corpo. É um caos. Eu tremo quando eles fazem o trabalho na camisa de William, arrancando-a de seu torso, e então é a carne que eles estão rasgando e não o tecido.

Sangue cobre seus focinhos. Eles comem em um frenesi, lutando por vários órgãos diferentes arrancados do corpo. É fascinante observar a hierarquia da matilha: o maior lobo cinzento é claramente o alfa. O lobo negro menor deve ser o segundo, porque ele chega perto do corpo, comendo, enquanto outros rodeiam como peixes, pegando um bocado aqui e ali, onde eles conseguem. Se tanto o cinza como o negro arreganha os dentes, os outros agacham, com olhos no chão, recuando.

— É um milagre, não? — Fernando pergunta, cruzando os braços sobre o peito.

— Algo assim. — eu respondo.

O enorme lobo cinza levanta a cabeça para trás e uiva tão alto, que o som ecoa a montanha circundante. Sua matilha para de comer e começam a uivar com acordo com o seu líder, criando um belo coro aterrorizante que faz com que os pelos na parte de trás do meu pescoço fiquem em pé.

Eles comem até que não há mais nada além de ossos.

Capítulo Oito

Uma palavra sensata

Eu tranco a porta quando volto para o quarto. Uma porta trancada não vai fazer muito se Harrison ou qualquer outro dos homens de Fernando decidir que querem vir me fazer outra visita, mas pelo menos o som deles chutando a maldita porta me despertará desta vez. Tomo banho novamente, me sentindo sujo depois de ver o desfile de lobos, e então subo na cama, olhando para o teto. Eu já sei que não vou conseguir dormir por horas. Eu não pretendo descansar, de qualquer maneira. Eu só preciso esperar o tempo passar o suficiente para permitir que todos vão descansar, e depois vou caçar sozinho. Preciso descobrir se minha irmã está aqui e, para fazer isso, preciso bisbilhotar.

Eu deveria ter perguntado a Platão onde ficava o quarto dele. É provável que Fernando mantenha todos os seus trabalhadores juntos, na mesma área da casa. É assim que a maioria desses fodidos doentes mantêm as pessoas que compram e vendem como ações, de qualquer maneira. Eu deveria ter perguntado a Platão um monte de coisas. Esse cara mais cedo no quarto da festa disse que ele estava aqui há três anos. Se alguém souber alguma coisa sobre Laura, será ele. A oportunidade de questioná-lo não surgiu mais cedo, quando eu estava olhando ele foder a bunda daquele cara loiro, no entanto. Nem quando eu estava atirando em alguém no peito, e ele estava me arrastando para fora daquele fodido lugar. Eu também não tenho ideia se ele é leal a Fernando, mesmo que sua lealdade seja apenas por medo. Há todas as chances de que ele vá correr para o velho e soar o alarme se eu começar a falar sobre uma mulher loira desaparecida que tem uma semelhança

estranha comigo. Eu preciso descobrir se a sua bravura hoje, quando ele me ajudou, foi só fogo de palha, ou se ele realmente quer sair daqui.

Eu deito na cama por três horas. Quando me levanto e saio no corredor, eu já sei que fui visto. Não por algum dos guardas de Fernando, nem por algum de seus convidados. Não, a casa está silenciosa. Nem uma alma se agita em qualquer lugar no local pelo que posso dizer, mas isso não pode ser dito pelas pequenas lentes brancas que Fernando montou em todas as paredes. A tecnologia nunca dorme, afinal. Estou certo de que já fui capturado pela câmera enquanto viajo pelo corredor; Só será uma questão de detalhe a segurança de Fernando, lhe informar que eu estava vagando durante a noite, e será isso. Ele saberá que eu estava metendo meu nariz em lugares que não me pertence, e é melhor eu ter uma boa desculpa quando ele me confrontar ou eu pagarei pela intromissão.

Bom, eu tenho algum tempo para pensar nisso. Enquanto isso, não tenho desculpa, muito menos uma boa.

Andando pelos corredores e descendo as escadas eu vou segurando minha balisong na mão, pronto para mergulhá-la profundamente no peito de qualquer homem que possa estar no meu caminho. Há tantos quartos, tantos corredores estreitos e tantos cantos malditos que começo a duvidar do meu plano. Como diabos vou pesquisar este lugar sem acordar ninguém? É como caçar uma agulha em um palheiro.

Eu desço as escadas, seguindo meu instinto. Se eu fosse Fernando... Uau. Esse é um pensamento horrível. Se eu fosse Fernando, eu não daria festas de sexo tão fodidas, e não sequestraria homens e mulheres e forçando-os a fazer coisas indescritíveis uns aos outros para o entretenimento de outras pessoas. Se eu fosse, no entanto, se eu fosse o tipo de pessoa mais deplorável imaginável, eu manteria meus cativos sob a casa, em oposição a qualquer um dos luxuosos e confortáveis quartos no último andar. O porão se houver um neste edifício gigante e sem alma, não teria janelas, o que significa menos chances de fuga. E os porões são quase sempre fáceis de insonorizar, então nenhum grito desesperado de ajuda seria ouvido em qualquer outro lugar da casa. Parece prudente para mim.

Estou no térreo, quando ouço um som raspado abafado atrás de mim. No começo, penso que é minha imaginação, aumentada pelo estresse da situação, mas então ouço o som de uma respiração silenciosa e eu sei que estou sendo observado. Harrison? Talvez Ocho? Deus sabe quantas pessoas Fernando tem em seu cargo; Poderia ser um daqueles putos. Parto para a direita, escorregando em uma porta sombreada. Não tenho ideia de onde a porta me leva e não descubro. Pressiono minhas costas contra a parede, abrindo e fechando a porta com força, para quem quer esteja pendurado no corredor pense que eu atravesssei e então eu espero.

Um, dois, três, quatro, cinco...

Uma sombra delgada se estica ao longo do outro lado do batente da porta, e de repente uma figura está ali parada, vestida de preto, com uma enorme faca ameaçadora na mão. Risque isso, não é uma faca. É um machado filho da puta, e está prestes a descer na minha cabeça. Eu reajo, bloqueando o golpe, evitando a lâmina na mão do meu atacante.

— *Merda.* — ele xinga sob sua respiração. O seguro pela garganta, golpeando-o na parede, erguendo-o com um pé do chão enquanto o prendo.

— Merda está certo, filho da puta. Você está dentro dela até o pescoço agora. — Eu puxo meu braço para trás, pronto para enfiar minha faca na sua garganta, quando eu vejo sardas, uma porrada delas, e eu olho um pouco mais perto na escuridão.

— *Natalia?*

— *Solte-me!* — ela me chuta e arranha, usando as unhas, cavando-as em minha pele. Eu mal sinto, mas na mesma linha, eu sei que ela está deixando uma marca em mim.

— Pare. — eu digo. — Droga, Natalia. Fique calma! — É uma coisa estúpida para exigir dela, tenho certeza — ela vai gritar por seu pai no momento em que eu a soltar, mas eu exijo de qualquer jeito. Então novamente... Não estou apertando a garganta com força o suficiente para impedir que ela grite, e ela ainda não fez isso. O que isso significa? Por que ela não está fazendo *mais* barulho agora? Eu aperto uma mão sobre sua boca, pressionando meu corpo contra o dela, então

meu peito está prendendo ela na parede e minha mão enrolada em sua garganta.

Eu posso sentir seus peitos esmagados contra mim, e é quase o suficiente para fazer meu pau ficar duro, especialmente porque ela ainda está me arranhando como um inferno. — Deixe-me ir, *cabron!* Eu preciso... preciso conversar com você.

— Sobre o que?

— Meu pai.

— Então fale. Você pode fazer isso bem aqui. Ele está planejando me matar?

— Sim. Mas ele está planejando matar todos aqui em algum momento ou outro, então... não leve isso como pessoal.

— Isso pode ser difícil. Eu gosto de estar vivo.

— Então você deve sair daqui. Agora mesmo. E não volte. Esqueça as drogas. Esqueça sobre Platão. Pegue sua moto e vá. E não olhe para trás.

Esse é provavelmente um conselho muito bom, mas eu estou estado nesta estrada há tanto tempo. Não tenho ideia de como me afastar disso. Eu não tenho a menor ideia de onde eu irei se eu me afastar dessa liderança. — Não posso fazer isso, Natalia. Eu tenho que ver essa coisa.

Ela cutuca, puxando a mão que envolvi em seu pescoço, tentando me forçar a soltá-la. Tenho mais força no meu dedo mindinho do que ela em ambos os braços, então ela não consegue muito. Ela desiste, permitindo que seus braços caiam. — Você não é tão inteligente quanto pensa que é. — ela me diz. — Você acha que eu não sei por que está realmente aqui?

Eu escaneio o rosto dela, procurando um sinal de que esteja agarrando as palhas, simplesmente tentando me afastar, mas tudo que eu encontro é um incêndio incansável em seus olhos. Ela é desafiadora e está irritada. Se os olhares pudessem matar, eu já estaria a seis palmos abaixo da terra. — O que você quer dizer, por que estou realmente aqui? — exijo.

— Eu sabia logo que coloquei os olhos em você, *Cade*. Ela me disse que você viria por ela um dia, e eu não acreditei. Eu não acreditei por um segundo que alguém seria tão estúpido.

Parece que uma mão invisível está apertando meu coração. Eu estreito meus olhos, tentando acalmar minha respiração, mas eu sinto que estou prestes a perder isso. — Quem? Quem disse que eu viria por ela?

Natalia remexe os dentes, franzindo o cenho para mim. — Quem você acha? Sua irmã. *Laura* me disse que você viria. Agora tire suas mãos para que possamos conversar.

— Ela está morta.

Natalia não guarda nenhum soco. Ela simplesmente vem direto com ele. Estamos sentados em um balcão na cozinha — Natalia insiste que não há câmeras aqui — e ela está preparando chá. Seu machado fica no balcão ao lado da chaleira. Nenhum de nós quer ou precisa de chá se formos encontrados. — Ela estava aqui há anos. Eu não deveria ser amável com nenhuma das meninas que aparecem aqui para serem transportadas para a sala, mas ela esteve aqui por tanto tempo que parecia inevitável. Durante o tempo em que não havia convidados na casa, nenhuma festa, meu pai às vezes deixa os homens e as mulheres da sala azul lerem na biblioteca. Laura e eu nos encontrávamos lá e conversávamos. Eu queria saber sobre os Estados Unidos, porque... bem, porque não sei nada sobre minha mãe. Não sei de onde ela veio. Laura me contou sobre você. Desde a primeira vez em que falamos, ela insistiu que você viria buscá-la.

— E agora ela está *morta*? — Eu não posso acreditar. Não parece ter sentido nisso. Não pode ser. — Meu amigo falou com ela no telefone um pouco mais de três meses atrás. Ela não pode estar morta.

— Ela pode. — Natalia atravessa o balcão e pega minha mão. — Ela *está*.

— Então como? Como Jamie falou com ela?

— Meu pai registra todos os seus convidados quando eles chegam pela primeira vez, como prova de vida. Às vezes, se ele descobre que a garota ou o cara é de uma família rica, ele faz um pedido de resgate e os envia de volta para casa. Quando Laura chegou, ele descobriu que seu pai era um grande advogado ou algo assim. Ele ia pedir um resgate, mas então... eu não sei. Ele decidiu mantê-la. Ele não queria deixá-la ir apesar de tudo, então ele a manteve. Isso acontece o tempo todo. Ele não gosta de soltar seus prêmios.

Eu sinto que estou prestes a vomitar. Então... a voz que Jamie ouviu no telefone era de Laura? E ela estava pedindo sua ajuda? Mas o pedido foi gravado há anos? Pode ser verdade? Faz sentido que Fernando faria gravações de suas vítimas sequestradas como prova de vida. E Julio nunca disse que ele realmente tinha visto Laura, só que ele tinha mostrado sua foto como parte de uma carteira de mulheres que ele poderia escolher em troca de sua própria mulher, Alasca.

— Quando? Quando ela morreu? — eu pergunto. Minha voz está difícil. Eu mal a reconheço.

— Três anos atrás. — Natalia parece que está prestes a explodir em lágrimas.

— Como?

— Cade...

Eu me levanto. — Me diga, porra. Agora mesmo.

— Overdose. Algumas das outras meninas aqui bebem e usam drogas, para lidar com... — Ela se afasta, claramente desconfortável com a expressão da realidade das ações de seu pai. — No entanto, Laura não. Ela sempre quis ter uma cabeça clara. Ela sempre procurava maneiras de escapar. E então, sua amiga Sylvia foi pega fugindo da casa uma noite e meu pai...

— Ele a puniu?

Natalia acena com a cabeça. — Ele a deu para os lobos.

— E minha irmã não aguentou ver aquilo?

Natalia olha para as duas canecas de chá quente na frente de nós. Os olhos dela estão brilhando, cheios de lágrimas. — Eu amei Laura. Ela cuidou de mim. Ela me ajudou uma vez, quando um dos homens do meu pai tentou me levar. Ela o apunhalou no pescoço com um abridor de cartas. Não sei o que aconteceria se não me encontrasse.

Sento-me em silêncio, olhando o balcão de mármore, fazendo o meu melhor para sintonizar os altos e agudos gritos que estão enchendo minha cabeça. No entanto, não consigo ouvir nada ao redor. Não consigo pensar em linha reta. Tudo está embaralhado e confuso. Eu sinto que estou apenas segurando minha sanidade.

— Cade? Esse é o seu nome, não é?

Minha cabeça dispara, e eu encontro Natalia de pé na minha frente; Eu nem percebi que ela deu a volta ao redor do balcão.

— Sim. — eu sussurro.

— Eu odeio meu pai. Não sou como ele. Se eu pudesse sair, eu teria ido muito tempo atrás. Mas eu sou muito como Laura e as outras meninas no andar de cima, Cade. Eu sou observada vinte e quatro horas por dia. Não há saída para mim. Nenhum lugar para fugir.

— Você não é.

Ela me deixa perplexa. — Eu não sou o quê?

— Você *não* é como minha irmã e as outras meninas no andar de cima. Seu pai nunca fez você abrir suas pernas para um homem enquanto outras pessoas observavam. Você nunca foi espancada e abusada, e forçada a fazer as coisas repetidamente contra sua vontade,

Sua expressão fica escura. Eu vejo a cintilação de dor em seus olhos, a contração do músculo em sua mandíbula, e eu sei antes mesmo de abrir a boca que eu falei merda. Suas palavras saem como um sussurro. — Você acha isso mesmo?

Volto para trás. — Ele não deixaria qualquer um desses fodidos perto de você. Ele é protetor com você.

— Oh, ele é. E você está certo. Ele não deixa qualquer um *deles* perto de mim.

— Porra. Você não está falando sério. Você está me dizendo...

Ela gira, limpa os olhos com as costas das mãos. — É o suficiente. Isso não é sobre mim. *Tratava-se* de Laura. Agora, é sobre você sair daqui antes que meu pai perceba quem você é e o mate.

Eu estou abalado, entorpecido com a descoberta. Não sei o que dizer a ela. É óbvio que ela não quer que eu diga nada, mas... Deus. Sua própria filha? Como isso pode estar certo mesmo em sua mente doentia e fodida?

Os ombros de Natalia estão tremendo, subindo e descendo; ela está chorando. Eu quero me levantar e ir até ela, confortá-la de alguma forma, mas quem eu sou para fazer uma coisa dessas? Não tenho direito. Eu não tenho nenhuma pista de como fazê-la se sentir melhor. E também não tenho ideia de como ajudá-la.

O suave choro de Natalia enche a cozinha cavernosa, e pela primeira vez em muito tempo me sinto verdadeiramente morto por dentro. Minha esperança, a única coisa que vem me alimentando por tanto tempo, agora desapareceu. Extinguido em um batimento cardíaco. A parte suspeita de mim seria duvidar do que Natalia diz ser verdade, que ela está mentindo para proteger seu pai de alguma forma, mas isso não pode ser o caso. Se fosse, ela nunca teria me dito que Laura estava aqui em primeiro lugar. Ela teria mantido a boca fechada e deixado Fernando me matar quando ele sentisse que era a hora. Mas não, ela tentou me avisar, e ela sabe coisas sobre Laura. Ela a descreveu para mim. Ela me contou tudo sobre ela, coisas que apenas alguém próximo a ela saberia.

E agora ela está soluçando, tentando se esforçar para manter sua merda, e não consigo pensar em uma única coisa para dizer a ela para melhorá-la, porque ela está fodida. Está tudo fodido, e sou uma coisa vazia, vazia e traiçoeira que não pode ser confiável. Eu não salvei Laura. Eu não a protegi, e agora não posso esperar para fazer nada sobre Natalia. Se eu mesmo *tentar* ajudá-la, provavelmente vai acabar em desastre, com nós dois mortos.

Ela se vira e suas bochechas estão manchadas e molhadas, mas ela parece com raiva novamente. — Você não sinta pena de mim, idiota. Eu não quero sua pena. Eu não preciso disso.

Claro que ela não precisa disso. Pena não vai ajudá-la; Só vai fazer com que ela se sinta como uma merda. — Eu não tenho pena de você. Eu estou com raiva *por* você. Eu vou matar aquele filho da puta pelo que ele fez para minha irmã. E agora vou torcer a faca um pouco mais profundo, sabendo o que ele fez para você também,

— Você não pode. Você não acha que as pessoas já tentaram antes? Ele está louco. Harrison e seus homens o protegem o tempo todo, todos os dias.

— Eu posso cuidar de Harrison muito bem.

Natalia cai contra a parede, parecendo miserável. — Não. Sêrio. Laura se foi, e as pessoas aqui já estão danificadas demais para se juntarem. Por que perder a vida por tantas causas perdidas?

— As causas perdidas são minha especialidade. — Eu paro, observando-a. Ela é a coisa mais impressionante, graciosa e deslumbrante que já vi, mesmo em sua miséria. Em outra vida, em que somos duas pessoas diferentes, eu poderia ir pra cima dele. Posso imaginar como ela se encaixaria perfeitamente em meus braços. Eu posso imaginar muito bem como ela seria coberta de suor, nua, ofegando meu nome enquanto monta meu pau. Estes são sonhos perigosos que simplesmente não são práticos aqui neste lugar terrível, no entanto. Coloco minhas mãos nos bolsos, cavando minhas unhas curtas nas palmas das mãos.

— Boa noite, Natalia.

Ela me para pouco antes de sair da cozinha. — Você não vai embora? — ela sussurra.

— Não. Eu te disse. Eu vou matar seu pai. Eu vou aguardar a oportunidade mais perfeita, quando o tempo estiver exatamente certo, e eu vou tirar o orgulho e a dignidade dele antes de tirar a vida. — Paro e depois faço uma simples pergunta. — Você gostaria de assistir?

Ela nem hesita.

— Sim. Sim eu gostaria.

Capítulo Nove

E então, a Chuva

Dois dias passam, e eu não vejo Natalia novamente. Não vejo Platão, e não vejo Fernando. A única pessoa com quem eu interajo é Ocho, que traz minhas refeições, e quem, sendo mudo, não é divertido de conversar. Eu fico no meu quarto assistindo a televisão equatoriana ruim em uma linguagem que não entendo, e faço flexões. Essa é a minha existência total: Dias do Equador de Nossas Vidas, e mil flexões por dia.

No terceiro dia do que parece ser meu confinamento solitário, Fernando aparece com Harrison atrás. Fernando parece chateado demais; Harrison, por outro lado, parece alegre, como uma criança na manhã de Natal.

— Nós concordamos que o Sr. Aubertin estaria aqui hoje, Kechu. Por favor, você pode me explicar onde ele está? — Fernando está furioso, sua voz cortada, suas mãos tremendo pelos lados enquanto ele me dirige. Eu franzo o cenho, olhando por cima do ombro para Harrison.

— Eu não consegui dizer a ele para vir. — eu digo. — Harrison pegou meu telefone. E eu fiquei trancado neste maldito espaço por dias. Eu tentei explicar a Ocho, mas não acho que ele entenda inglês.

Fernando se vira, prendendo Harrison em seu olhar severo. — Você pegou seu telefone? — ele pergunta devagar.

— Sim, bem, quero dizer, nós precisamos pegar. Ele poderia ter algo lá.

— E o que você achou?

— Nada.

— Nada?

— Bem. — Ele balança os pés, parecendo estranho como uma merda. — Havia algumas imagens estranhas lá. Algumas mensagens de texto fodidas. Mas nada suspeito.

— E você não devolveu a ele?

— Não pensei que fosse importante.

— Como você sabe o que é importante e o que não é importante? Devolva o telefone.

Harrison, sem surpresa, tem a coisa maldita com nele. Provavelmente foi um erro, sabendo que ele tirou meu brinquedo e está em seu bolso durante todo este tempo. Ele o joga para mim, o olhar escuro em seu rosto apenas me desafiando a dizer algo a ele. Pego, sorrindo agradavelmente.

— Obrigado, Harrison.

Fernando espera que a troca acabe, e então gira sobre as pernas e bate em Harrison no rosto, duramente. A cabeça de Harrison se desloca com a força; Seus olhos estão do tamanho dos pratos de jantar. Ele está chocado. Ele está transbordando de raiva também, mas ele não é tão estúpido. Ele sabe que não pode fazer nada para retaliar. — Deixe-nos. — comanda Fernando. — Kechu e eu devemos conversar sozinhos.

Harrison parece furioso que seja dispensado. Sem dúvida, ele quer ficar para ouvir Fernando me ameaçar de alguma forma, mas parece que hoje não é seu dia de sorte. Ele sai, e Fernando coloca uma mão no meu ombro.

— Eu já sei sobre sua conversa com minha filha na outra noite, Kechu. Ela veio até mim na primeira hora da manhã e me contou ela mesma.

O que diabos? Ela falou sobre nossa conversa? Olho de lado para Fernando enquanto ele me guia para fora do quarto e atravessa o

corredor. Ele não parece tão chateado quanto deveria, mas, novamente, o homem sempre parece legal e calmo. Ele teve dois dias para permitir que a informação se estabelecesse também. Ainda assim, estou pronto para lutar, pronto para esganar os nódulos na garganta e jogá-lo sobre o balcão, descendo dois andares de escadas, se eu tiver que fazê-lo. Ele suspira, balançando lentamente a cabeça. — Ela explicou que você a encontrou na cozinha, e manteve uma conversa com a insistência dela. Eu talvez tenha sido muito rápido em lhe dizer que não deveria falar com ela sozinha, Kechu. Esta casa é grande, mas é apenas grande. Vocês são obrigados a se depararem um com o outro, e seria descortês de você ignorar Natalia. Eu mudarei minha regra. Você pode conversar com ela como e quando quiser. No entanto, se eu descobrir que você tentou abusar de sua boa natureza, ou da *minha*, de qualquer forma, haverá repercussões. Está claro?

— Absolutamente. — Então ela estava cobrindo nossas confissões, não informando a seu pai da minha identidade? A parede de alívio que me atinge é enorme. Ele vai saber exatamente quem eu sou em breve. Eu vou contar a ele mesmo, enquanto eu estiver cavando a extremidade pontiaguda de uma fodida chave de fenda em seu globo ocular, mas ainda não estou pronto para isso. Eu gosto de pensar enquanto eu trabalho, e durante os últimos dois dias, enquanto contei minhas flexões, pensei muito profundamente. Quanto tempo sofreu Laura? Quanto tempo ela aguentou antes que finalmente decidisse que não poderia lidar com isso mais e tirou sua própria vida? Durante muito, muito tempo. Então eu não vou apressar isso. Vou aguardar, e saberei quando a oportunidade perfeita me apresentar. Enquanto isso vou continuar jogar este jogo, conhecer meu inimigo e ser paciente.

Fernando leva-me ao andar de baixo, pelo hall de entrada e pela porta da frente, onde um Jeep Patriot salpicado de lama está nos esperando, o motor em marcha lenta. — Peço desculpas pelo comportamento de Harrison. Ele pode ser rude às vezes. Exagerado. É uma característica que notei em muitos de vocês, homens americanos. De qualquer forma, agora que seu celular foi devolvido a você, sinta-se à vontade para entrar em contato com seu patrão e deixá-lo saber que ele é esperado. Entretanto, eu gostaria de levá-lo para caçar comigo e com meus homens. Tenho certeza de que você passou um bom tempo com um rifle em sua mão antes, não? Eu acho a caça um exercício de alívio

do estresse. Estou certo de que você se beneficiaria de algum tempo ao ar livre, depois de estar confinado por tanto tempo.

Parece que ele não teve nada a ver com o fato de eu ter estado preso no meu quarto por quarenta e oito horas, quando ele é a única pessoa que poderia ter ordenado tal coisa. No entanto, não estou prestes a apontar isso.

Caçar. Na floresta. Com o homem responsável pela morte de minha irmã. Isso vai ser difícil. Toda vez que ele estiver de costas para mim, vou me encher com a tentação de colocar uma bala na parte de trás da sua cabeça. Não vou ceder a essa tentação, no entanto. Fernando Villalobos verá sua morte chegar, sem conseguir parar e aceitar, e ele saberá que está sendo tratado por minha mão.

— Eu amo caçar. — eu digo a ele, sorrindo facilmente. Provavelmente sou um sociopata. Posso colocar uma feição assim sem um segundo pensamento. Eu posso mentir e enganar as pessoas sem parecer. Eu não titubeio. Não hesito. As palavras simplesmente saem dos meus lábios, se ninguém desconfiar. Fernando balança a cabeça, estendendo a mão, gesticulando para que eu suba no banco do passageiro do Patriot.

— Perfeito. Os outros já estão nos esperando. Vamos e encontraremos com eles, certo?

Natalia é a primeira pessoa que percebo quando chegamos ao nosso ponto de reunião. Outros seis veículos já estão estacionados, meio escondidos nas árvores e na mata subterrânea, e oito homens com rifles estão de pé, apoiando-se contra os carros, conversando amigavelmente em espanhol enquanto nos esperam chegar. Os olhos de Natalia encontram os meus quando eu saio do carro, e meu pau mexe na minha calça. Não consigo segurar. Ela é muito bonita, sem palavras, e eu sou um homem de sangue quente com uma imaginação hiperativa. Quando eu olho para ela, eu vejo demais. Eu a vejo nua, presa a um colchão abaixo de mim. Eu vejo seus olhos revirando em sua cabeça

quando ela goza. Eu vejo minha própria língua, enterrando-se em sua boceta enquanto estou comendo-a por trás.

Pela cor de sua bochecha, é como se ela pudesse ler meus pensamentos, e tenho que me certificar de que meu pau não está evidente demais. Não está, obrigado. Não sei como explicaria isso a Fernando. A perspectiva de caçar me deixa quente e excitado? Sim, não acho que isso seria muito bom.

Natalia ajeita a cinta do rifle sobre o ombro, desviando o olhar. Um dos caras de Fernando diz algo a ela e ela acena com a cabeça, caminhando com ele para buscar sacos vazios na parte traseira de um dos veículos.

Fernando dá instruções a seus homens em espanhol, e então ele as retransmite em inglês, obviamente assumindo que não entendi na primeira vez. Suas ordens são simples: estamos aqui para caçar em um pequeno jogo. Qualquer um que atirar em um lobo lamentará o resto de suas vidas incrivelmente curtas. Devemos ficar em duplas e trocar em intervalos regulares.

— E é a estação das chuvas. — ele continua. — Ela vai desabar por uma hora ou mais. Espero que você não tenha medo de um pouco de água, Kechu?

— Tenho certeza que vou conseguir.

— Bom. Você e eu vamos caçar juntos. Mais tarde, depois de pararmos para comer, você voltará com Ocho e irei com minha filha.

Os homens de Fernando se dispersam; Cinco grupos separados se dirigem em cinco direções diferentes, e durante a próxima hora e meia, Fernando e eu seguimos furtivamente pela floresta, não falamos, sem respirar uma palavra. Ele usa um total de cinco sinais de mão rudimentares, que eu pego muito rapidamente: lento, pare, ouça, olhe e dispare.

Eu atiro quatro vezes, acertando todas. Fernando parece impressionado cada vez que eu atiro em um animal, me acariciando no braço, acenando de maneira encorajadora, como um pai para seu filho. Com o tempo todo nós estamos perseguindo através das árvores, e eu estou pensando sobre como ele vai se sentir quando eu acabar com *sua*

vida. Minha boca está com gosto de cobre. É só quando me atrapalho, literalmente, mordendo minha língua que percebo de onde vem o sangue.

Finalmente, Fernando ergue o rifle no ombro e aperta o gatilho, a primeira vez desde que começamos a caçar. A maneira como ele lida com sua arma, e a maneira como ele aponta, leva à vista e atira tudo em um momento fluido, define-o como um homem de pontaria experiente e, no entanto, ele apenas acerta o cervo no ombro.

Estranho.

Estou à beira de perguntar-lhe o que deu errado, quando Fernando me entrega o rifle e começa procurar por algo.

— Eu acho essas mortes com armas tão impessoais, não é? Eu sou o tipo de homem que gosta de sujar as mãos. — Do saco, ele tira algo que me surpreende, um fodido martelo. É velho, ou pelo menos parece que é. Ele gira em sua mão, e então empurra sua cabeça na direção do cervo caído. — Venha. Melhor não deixá-lo esperando.

A 20 metros de distância, através da vegetação densa, o cervo que foi atingido está deitado de lado, contorcendo-se e gemendo, os olhos rolando com pânico selvagem na cabeça e espumando na boca.

— Lá está. — diz Fernando. Ele fica um segundo na frente do animal ferido, as mãos nos quadris, ainda segurando o martelo, admirando a pobre criatura aos seus pés. — Eu sempre me sinto tão culpado depois. — diz ele. — Mas não neste momento. Quando estou segurando o martelo, pronto para derrubá-lo, não sinto nada além de excitação. Você entende isso, Kechu?

— Eu acho que você provavelmente está certo.

Fernando sussurra baixinho enquanto o animal se debate e geme. Ele se move muito devagar enquanto se inclina sobre os dois joelhos e acaricia uma mão pelo lado do rosto do veado. — Aqui, aqui, linda garota. — ele murmura. — Aqui, aqui. — E então, com a velocidade de alguém com metade de sua idade, ele levanta o martelo sobre a cabeça dele e traz o extremo do metal pesado para baixo no lado da cabeça do cervo. Não uma vez. Não duas vezes. Não três vezes. Eu perco a contagem de quantas vezes ele levanta e derruba o martelo. O cervo

está morto depois dos primeiros dois golpes. Entretanto, Fernando não parece se importar. Ele não para até que a cabeça do animal se afunda, fragmentos de ossos quebrados se espalham em todos os lados, todo o chão, pedaços do cérebro e sangue espalhados nas costas das mãos. Seus ombros estão rapidamente engatando para cima e para baixo, sua respiração rápida quando ele finalmente para.

— Bastante rápido. — ele diz, ofegante. Usando a manga de sua camisa, ele limpa sua testa, manchando ainda mais o rosto com sangue. — Na próxima vez, você deve usar isso. — ele me diz, segurando o martelo. Eu aceito, minha expressão plana e uniforme. Se ele espera que eu reaja ou me afaste de sua violência, então ele tem outra coisa. Ele está mostrando as suas verdadeiras cores pela primeira vez, e elas realmente estão formando uma paleta sinistra e impetuosa, todas negras, vermelhas e laranjas violentas. Ele é um homem sem alma. Posso ver isso agora, enquanto olho em seus olhos.

Ele está de joelhos, coberto de pedaços de cervo, sem fôlego, e eu estou segurando seu martelo; Isso me ocorre que este poderia ser o momento perfeito que eu estava esperando. Quão fácil seria trazer essa coisa para baixo em *sua* cabeça? Estamos sozinhos aqui, sem testemunhas, e ninguém para me impedir. E, no entanto, agora não parece o momento certo.

O pequeno walkie-talkie que Fernando porta em seu cinto se mostra estático do nada, acabando com o silêncio, e o momento se foi, desapareceu em um sopro de fumaça. Várias vozes fluem dos alto-falantes do walkie, e então Fernando está de pé e responde, falando no receptor.

Uma de suas equipes disparou e matou um puma. Eles estão entusiasmados com a matança, e com a aparência das coisas, assim como Fernando. — Não se mexam. — ele ordena. — Eu quero ser o único a esconder isso.

Ele não me parece como o tipo de homem que se movimenta rápido e, no entanto, ele sai correndo, cavando em torno de árvores e saltando troncos caídos em sua pressa para alcançar a matança. Eu corro atrás dele, facilmente o acompanhando; Meus punhos bombeiam o ar e, a cada passo que eu dou, vejo o martelo na mão e penso em

esmagá-lo sobre a cabeça dele. Antes de eu perceber, ele encontrou seus homens e o puma morto, e eu devolvo seu martelo.

Natalia encostou-se contra uma árvore, os braços cruzados em seu peito, um rifle apoiado ao lado dela; Quando ela me vê, ela vira — provavelmente uma ação subconsciente, mas a faz parecer culpada de alguma coisa. Fernando não vê, muito ocupado com o impressionante puma, mas Ocho sim. Ele franze a testa, lançando um olhar suspeito entre mim e Natalia, então ele volta para a floresta, sua cabeça inclinada para baixo, olhos no chão, como se estivesse procurando algo. Eu suspeito que ele esteja pensando sobre a estranha reação de Natalia. Essa merda provavelmente vai voltar a me morder no traseiro mais cedo do que mais tarde.

Fernando posa com o puma morto por vinte minutos, enquanto os homens tiram fotos dele com seus celulares. Alguém pensaria que ele pegou a coisa sozinho. Uma vez que está satisfeito que o momento tenha sido bem documentado, ele ordena que seus homens voltem para a caçada com suas equipes.

— Para onde Ocho foi? — ele pergunta, olhando para o homem.

Mantenho a boca fechada. Natalia também não diz uma palavra, embora ela o tenha visto também. Nenhum de seus outros homens testemunhou para onde ele foi, então ninguém dá a Fernando a resposta que ele está procurando. *Não* vai cair bem.

— Você. E Você. — ele diz, apontando para dois de seus homens. — Venham comigo. Natalia, você preferiria continuar a caça, ou você deseja se juntar a nós na procura de Ocho?

— Eu acho que eu prefiro continuar com a caça, se estiver tudo bem para você pai? — Ela precisa esconder sua ansiedade um pouco melhor. Sua voz soa muito alta, muito tênue. Ela faz parecer que está com medo. Fernando não pareceu notar, no entanto.

— Assim seja. — Fernando lança seu olhar sobre os homens restantes, até que seu olhar finalmente repousa sobre mim. — Kechu, você vai cuidar de minha filha, não é? Você tem um bom tiro. Não deixe que nada a coma.

Estou chocado. Poucos dias atrás, ele estava me dizendo para ficar longe dela, avisando-me para não falar com ela sozinho ou xingar na frente dela, caso contrário ele ia cortar minha língua. Agora ele está me dizendo para levá-la para as terras altas do Equador sozinho. — Claro, eu vou tomar conta dela. Eu prometo.

Fernando balança a cabeça, e então ele corre por entre as árvores. Natalia não espera o restante dos homens de seu pai desaparecer de volta para a floresta tropical. Ela recolhe seu rifle e lança por cima do ombro, apressando-se sem outra palavra. Estamos 30 km afastados dos outros homens, quando ela gira ao redor e me apunhala no peito com o dedo.

— O que você está pensando? Por que você está saindo com ele sozinho, quando ele está carregando uma arma? Eu não disse a você que ele quer você morto? — O alarme em sua voz é palpável. Suas pupilas estão dilatadas, enormes e escuras, bloqueando a maioria das suas íris. Ela parece e soa aterrorizada, o que me pega desprevenido.

— Whoa, por que diabos você está tão preocupada? Eu posso cuidar de mim.

— Eu disse a você. — ela esbraveja. — Laura era minha amiga. O que você acha que ela diria se soubesse que eu estou deixando você brincar tão perigosamente com sua própria vida? Ela iria querer que eu o convencesse a deixar este lugar.

— Curiosamente, Laura estava sempre tentando me convencer a fazer o que ela queria que eu fizesse em vez do que eu queria fazer. E ela nunca conseguiu. Por que isso deveria ser diferente?

Natalia bufa um suspiro frustrado. — Este jogo que você está jogando tem o seu curso, Mr. America. É hora de você voltar para casa.

— Eu não vou a lugar nenhum.

Ela está claramente perdendo a paciência comigo. Andando para trás e para frente ao longo de uma longa linha invisível de três metros na minha frente, ela enterra suas mãos em seu cabelo e rosna como a pequena loba que ela é. — Eu já te disse que eu não sou como meu pai, Cade. Eu não gosto de ver as pessoas morrerem. Eu particularmente não gosto de ver as pessoas morrerem quando não precisam. Você

poderia facilmente me amarrar a uma árvore e correr. Sua moto ainda está onde você deixou. Quando meu pai me encontrar, eu poderia dizer-lhe que não me machucou de qualquer maneira, e ele provavelmente vai lhe dar uma vantagem antes que ele envie as pessoas atrás de você.

— Eu te disse. Eu não vou a lugar nenhum. — Sua preocupação é bastante cativante. Seu cabelo está amarrado em um coque bagunçado no topo de sua cabeça, e os fios que escaparam do laço de seu cabelo estão em seu pescoço. Está quente e úmido, e o ar úmido deixou um brilho em sua pele que a faz parecer como se ela estivesse coberta de óleo de massagem ou algo assim. Por tudo isso, ela não é suja, e ela não tem cheiro ruim, no entanto. Ela está apenas um pouco distante de mim, e eu estou praticamente tonto com o cheiro floral limpo, fresco que está saindo dela. Não admira que ela não pegou nenhum animal ainda, todos os animais em um raio de cinco milhas podem cheirar o sabonete nela, e eles, sem dúvida, fugiram na direção oposta.

Eu não consigo dizer sobre quão perfeita ela é. Ela não é como outra mulher que eu coloquei os olhos antes. Com certeza nunca irei encontrar outra mulher como ela no futuro, isso é certo. As suas sardas são insanas. Ela está usando mais um daqueles top de tiras, e eu não consigo parar de olhar para as inúmeras galáxias e constelação de pontos que marcam sua pele.

— Você está sendo teimoso. E estúpido. — ela continua. — Vocês homens americanos sempre acham que sabem das coisas. E ninguém pode dizer o contrário.

— Eu tenho certeza que sou apenas homem comum. — retruco, sorrindo. — Pelo menos é isso que Laura teria dito. — É tão estranho falar sobre ela no passado. Por muito tempo eu tenho me preocupado com Laura, procurando desesperadamente por ela, não deixando pedra sobre pedra no meu despertar, mas sempre houve essa terrível semente de dúvida enterrada profundamente dentro do meu subconsciente. Eu suspeitava que ela estivesse morta há muito tempo. Agora, usando as últimas palavras no tempo passado na minha língua, não dói tanto quanto seria possível se sua morte tivesse chegado a mim como uma surpresa completa. Eu ainda estou quebrado pelo conhecimento que falhei com ela, mas meu coração está preparado para este momento por que pareceu como uma eternidade.

Natalia ri baixinho. — Você está certo nisso. Acho que eu deveria saber que tentar dizer-lhe o que fazer é inútil. Laura me disse que você era... qual era a palavra que ela usou? Ah sim. Cabeça de porco.

— *Cabeça de porco?* — Isso é definitivamente um nome que Laura teria usado para mim. Eu quase posso ouvir ela me chamar exatamente assim agora. Balanço a cabeça, lavando a tristeza sobre mim. — O que mais ela lhe contou sobre mim?

As bochechas de Natalia ficam em um tom delicado de vermelho. Ela olha para longe, brincando com a alça de sua espingarda. — Bem. Ela disse que você sempre foi um valentão quando você era pequeno. Você nunca a deixava brincar com você e seu amigo. Você era ferozmente protetor com ela. Você nunca deixou ninguém pegar nela. Ela me disse que era forte e protetor. Ela disse que tinha um cão chamado Arry que você amava mais do que qualquer coisa quando estava na escola, e que você chorou quando ele se soltou e fugiu. — Ela faz uma pausa, me olhando maliciosamente pelo canto do olho. — Ela disse que você nunca soube, mas o seu pai atropelou o cão com seu carro e o matou. Ninguém nunca te disse, porque eles sabiam quão chateado você ficaria.

— Puta que pariu. Porra eu sabia que o cão não tinha fugido.

Ela ri, sua voz toda clara e gentil. — E... Laura disse que eu ia gostar de você. Ela disse que você era bonito, e que as mulheres estavam sempre se atirando em você, e você nunca percebia. — Suas bochechas atingem um tom ainda mais avermelhado, e ela não consegue se concentrar em nada além da alça de rifle nas mãos dela. — Eu posso ver agora por que ela disse isso. — ela sussurra.

— Você acha que eu sou bonito? — Eu estou provocando ela, usando um tom brincalhão, envergonhando ela eu acho. Ela joga a cabeça para trás, inclinando seu queixo para mim desafiadoramente.

— E daí? Você seria um mentiroso se me dissesse que não me acha bonita. Eu sei que você acha. Eu percebi a maneira como você olha para mim.

— Como eu olho para você, Natalia?

Ela bufa e ruge, e a vendo confusa é a coisa mais adorável que eu já vi. — Como se você já tivesse me possuído. Como se eu já fosse sua, e você está pensando como você me quer.

— Eu estaria mentindo se eu dissesse que não tinha nos imaginado fodendo, Natalia, mas eu nunca pensaria em *possuir* você. Uma pessoa não pode possuir outra. Você pode possuir o coração de alguém, mas isso tem que ser dado livremente em primeiro lugar.

Ela se cala. Eu não acho que ela estava preparada para eu admitir que estive fantasiando sobre ela. Ela deve ter pensado que eu ia negar de cara, mas porra. Qual é o ponto? Eu sou um tipo cara de cartas viradas. Eu não gosto de adivinhar ou provocar, e eu não gosto de perder tempo. No passado, ser tão franco me trouxe problemas, muitos problemas, mas é melhor ser honesto do que se esconder atrás de mentiras todo o maldito tempo. Eu não vou fazê-lo. Eu prefiro ser abatido em chamas do que nunca saber onde eu estou.

— Se meu pai o ouvisse dizer que você sonha comigo assim, ele iria matá-lo na hora. — diz ela.

— Ainda bem que ele não está por perto, então.

— Ele poderia estar.

— É melhor nos perdermos dele, então. Prefere liderar o caminho?

Ela me dá um sorriso triste, uma espécie de sorriso “espertalhão”, mas ela define o caminho em direção ao norte, deslocando seu rifle de um ombro para o outro. Andando dois metros atrás dela, eu tenho uma visão estelar de seu traseiro enquanto seus quadris balançam de um lado para outro, e eu tenho que me lembrar que eu não posso realmente perseguir esta mulher. Porra eu não posso. Eu vou perder meu pau antes de eu começar a exigir a minha vingança por Laura, e então o que eu vou ter para viver? Nada mais de sexo sem casual, e nada mais de me masturbar. Eu poderia muito bem estar morto.

— Você não pode ir mais rápido? — Natalia chama por cima do ombro. — Minha avó costumava percorrer a floresta mais rápido do que você.

— Eu vivo no Novo México. Você tem alguma ideia de como é raro ver uma árvore lá, muito menos estar entre elas, todas pressionando seu troncos como estas?

— Pare de reclamar. Eu sei que você não é *do* Novo México. Você é do Alabama. Eles têm muitas árvores lá. Laura me disse. Igarapés, também.

Estou começando a ressentir-me do fato de que esta mulher sabe tanto sobre mim, quando eu realmente não sei nada sobre ela. Nada, realmente. Fazer perguntas parece cruel, embora. Quaisquer respostas que ela pode ser capaz de me dar, conduzirá inevitavelmente de volta para seu pai, e eu não quero aborrecê-la desnecessariamente. Uma parte de mim não quer ouvir, tampouco. Ela nunca disse as palavras, mas eles estavam lá, penduradas entre nós como a porra de um laço; seu pai não vai deixar outro homem perto dela normalmente. Nenhum homem... *exceto* ele. Sinto-me mal no meu estômago.

Um ronco baixo de sobrecarga de trovão espanta os pássaros das árvores, e eu sinto um arrepio de eletricidade pelo ar, poderoso o suficiente para deixar os cabelos em meus braços em posição de sentido. Natalia olha para cima, estudando o pequeno pedaço de céu que está visível através de uma pequena fenda na parte de cima da copa.

— Está na hora. — diz ela. — A chuva está vindo. É melhor encontrarmos um lugar para esperar, caso contrário, vamos ficar encharcados.

— Eu não acho que há que muitos edificios cobertos aqui fora. — eu observo.

— Oh, você ficaria surpreso. — Sorrindo, ela sai correndo, assim como seu pai fez anteriormente. É muito mais difícil de me manter próximo a ela correndo, no entanto. Ela é ágil e pequena, leve em seus pés, e eu tenho 90 quilos de músculo, embalados em 1,92 de altura. Basta dizer, eu não sou gracioso ou silencioso quando eu passo pelo mato atrás dela.

Estou começando a sentir a queimadura em meus pulmões quando os céus se abrem e a chuva começa a cair. Descrever isso como

chuva é um engano. Isso é mais do que a chuva. Esta é uma tempestade, tão repentina e violenta que é como estar sendo metralhado pela polícia antimotim. E eu deveria saber.

É ensurdecedor, milhões de gotas de água batem nas folhas largas, misturadas com as queixas, ressoando a vibração da sobrecarga de trovão.

Natalia nem mesmo palpita sobre se proteger do aguaceiro. Ela corre com as costas retas, com o cabelo todo molhado, água deslizando as extremidades enquanto balança de um lado para outro como um pêndulo. Eu não posso ver onde estamos indo mais. Eu apenas a sigo e peço a Deus que eu não caia de cara em um longo penhasco.

Ela para abruptamente, apontando para cima. — Você consegue subir? — ela suspira.

Eu olho para cima, e há pequenos pedaços de madeira cravados no tronco da árvore mais próxima – o tronco é enorme, e os pedaços de madeira parecem estar espaçados uniformemente o suficiente para serem subidas com mãos e pés. A escada mais rudimentar que já vi. Eu balanço minha cabeça, tentando não rir.

— Se *you* puder, eu com certeza posso.

— Bom. — ela se agarra a árvore como se tivesse subida nela toda sua vida. Isso poderia muito bem ser o caso; quando eu agarro uma das pregas improvisadas, vejo que ela está velha e desgastada. Tem estado, provavelmente, pregado na árvore por um tempo muito longo. Subimos três metros, e em seguida, mais 1 metro e meio, e eu percebo que passo muito tempo em escadas com esta mulher: primeiro para dentro do subsolo, e agora nesta esta árvore. Outro metro e meio, e de repente estamos no alto da árvore; Eu faço a varredura à frente, tentando ver o quanto mais ela vai me levar, mas tudo que eu posso ver é sua bunda perfeitamente em forma e de repente eu não me importo mais. Eu quero que ela continue a subir para sempre, se isso significa que eu vou apreciar a vista um pouco mais.

Não tive essa sorte. Mais alguns metros, e Natalia estende a mão, tomando conta de um corrimão de madeira. Ela pula em uma única passagem estreita que está afixada ao lado da árvore, e então ela está

girando e sorrindo para mim. — Meu avô construiu este lugar para mim quando ele estava vivo. Ele nunca disse ao meu pai. Foi o nosso pequeno segredo. Costumávamos vir aqui juntos quando ele ainda era saudável o suficiente para subir. — Ela anda através da passagem e para em uma grande plataforma de madeira, com paredes em três lados, um lado deixado em aberto. Mais importante ainda, um telhado cobre a pequena casa na árvore, protegendo-a da chuva forte.

A prancha range alto enquanto atravesso. Parece que a passagem foi projetada para manter alguém muito menor e mais leve do que eu, mas ela consegue aguentar o meu peso. É claro que nenhum humano tem vivido aqui; uma pilha de galhos e folhas estão escondidas no canto, e há pedaços de frutas amassada, secas espalhadas por toda parte. Natalia senta-se, abraçando os joelhos contra o peito. Provavelmente há espaço suficiente aqui para três ou quatro adultos, mas definitivamente não é um espaço enorme. Ela olha em volta, sorrindo, enquanto eu me sento ao lado dela.

— Bem? O que você acha? Impermeável o suficiente para você, Mr. America?

Eu encosto um lado contra a parede mais próxima, admirando quão bem construído a estrutura é. Sério, o lugar está sólido. — Eu acho que foi muito bem feito. — eu digo. Eu balanço minha cabeça, tentando tirar a água do meu cabelo.

Ela grita, cobrindo o rosto com as mãos. — Pare! Eu já estou molhada o suficiente!

— Você não pode ficar mais molhada. É tarde demais. Nenhum ponto na tentativa de evitar algo que já aconteceu.

Ela modera um pouco, baixando as mãos. — Eu poderia dizer o mesmo para você, não? — Ela espia por cima da borda da plataforma de madeira, considerando a queda. — Parece que o seu propósito de estar aqui já terminou. Laura se foi. Ela está morta, e nada pode ser feito para mudar isso. Você não pode impedir mais *nada*.

— Verdade.

— Então vá. Eu sei que eu continuo dizendo isso, mas você só vai acabar ferido ou morto, se você ficar aqui. Laura não gostaria que você se sacrificasse agora, por nada.

— Não seria por nada. Sim, minha razão inicial para estar aqui, e levá-la para casa, é impossível de cumprir. Mas eu tenho um novo propósito agora. Estou determinado a concluí-lo antes mesmo de eu *considerar* deixar o Equador.

Natalia descansa seu queixo em seus braços, que estão dobradas em torno de suas pernas. Ela olha para os seus sapatos, franzindo a testa. — Vingança não é objetivo, Cade. É um veneno. Um vício. Um vício que paralisa a maioria dos homens.

Eu rio baixinho, apunhalando minha unha no couro alagado das minhas botas. — Eu tenho medo que você esteja desperdiçando suas palavras. Eu nunca fui muito bom abandonar meus vícios.

— Talvez você devesse tentar mais duro.

— Porque eu faria isso? Eu *gosto* de meus vícios.

A ideia disto parece entretê-la. — Você *gosta* de matar pessoas? Você acha que vai fazer você se sentir melhor quando meu pai estiver morto? Você acha que de repente vai doer menos a perda de Laura porque você tirou a sua vida?

Fico em silêncio por um segundo. Há uma abundância de coisas que eu poderia dizer em resposta à sua pergunta. Eu considero dizer algo sobre justiça, que não é como *me* faz sentir depois que importa. Que eu estou apenas fazendo o que eu acho que é *certo*, para equilibrar a balança do certo e errado no universo. Considero dizer a ela que eu estou pensando em matar seu pai para impedi-lo de ferir quaisquer outras pessoas inocentes no futuro. Eu poderia dizer que estou tramando a queda de Fernando, a fim de ajudar as pessoas que estão atualmente em cativeiro em sua casa. Mas no final do dia, nenhuma destas é a verdadeira razão de eu ficar em Orellana.

— Eu não acho que vai me *fazer* sentir melhor. — eu digo em voz baixa. — Ele roubou algo precioso de mim. Minha irmã. Anos da minha vida enquanto eu estive procurando por ela. Minha felicidade. Estas coisas são todas de valor inestimável, eu entendo isso. Nada que eu

pudesse tirar dele compensa o que eu perdi. Mas eu sei exatamente como vou me sentir quando fizer Fernando implorar por sua vida. Eu já sei como é doce o gosto da vingança. Ela vai brilhar através de mim, justa á todos os que consomem, e por um momento eu vou me sentir vingado. Não vai durar muito tempo. Assim que eu ver a luz piscar de seus olhos, e assim que seu corpo esfriar, eu sei que a dor da perda irá retornar. Mas eu preciso daquele momento de vitória. Eu preciso saber que ele pagou o preço mais alto imaginável para seus pecados. Isso é tudo que existe para ela.

Natalia fecha os olhos, respirando lentamente. Ela soa como se estivesse prestes a explodir em lágrimas.

— O que é isso? Você não quer vê-lo morto, afinal?

— Não. Não é isso. É só que... toda a minha vida, eu fui cercada por homens violentos. Eu assisti a raiva e ódio comê-los vivos em uma base diária. Eu acho que estou começando a perder a esperança.

— Esperança de quê?

Ela faz uma pausa. O som da chuva martela para baixo no telhado da casa da árvore, roubando o silêncio por um segundo. — Não há nenhum homem bom de coração, gentil no mundo. — diz ela. Ela fala tão baixinho que eu tenho que me esforçar para ouvi-la sobre o barulho da chuva.

Eu realmente não sei o que dizer a isso. Eu adoraria dizer a ela que eu sou capaz de tal coisa, de ter um bom coração, mas eu não acho que isso é mais verdadeiro. Eu não me sinto assim em um longo tempo. Sinceramente, eu provavelmente perdi o cavalheirismo que possuía muito antes de Laura desaparecer, quando eu estive no exército, atirando nas pessoas no chão do deserto. É fácil culpar o tumulto da minha alma sobre o desaparecimento de Laura, mas é apenas parcialmente responsável. Eu estive fodido e com raiva por um tempo muito longo.

Eu faço algo que eu realmente não deveria. Eu chego e coloco minha mão sobre seus cabelos molhados. Seus olhos ainda estão fechados, mas ela fica tensa antes mesmo de eu tocá-la, como se ela estivesse me esperando para fazê-lo. Se houvesse alguma maneira para

que eu seja um homem gentil novamente, ela iria ser minha inspiração. — Eu tenho certeza que há alguém lá fora que se encaixa nessa descrição. — eu digo a ela calmamente. — O mundo é um lugar grande. E há milhões de caras que não tenham sido mudados pela guerra, ou drogas, ou assassinato. Tudo que você tem a fazer é encontrar o caminho para sair desta floresta, e você poderá escolher qualquer um deles.

Ela sorri, e é um sorriso dolorosamente triste. — Mas e se eu não quero que a minha escolha seja algum deles? E se eu já fixei meus olhos em alguém? Alguém perigoso, que gosta de seus vícios um pouco demais?

Ah, porra.

Eu sinto a tensão entre nós. Estive sensível a ela, mas eu venho tentando ignorar, porque Fernando é um maldito psicopata. Natalia não está ajudando insinuando coisas como estas. Ainda assim, eu sei, mas eu também estou realmente muito feliz ao mesmo tempo. — Nós todos queremos coisas que não são boas para nós, Natalia. Às vezes, o desejo é a parte divertida. E apenas ter esse desejo pode ser também *perigoso* às vezes.

Finalmente, ela abre os olhos. Belos olhos escuros de gata. — Você está dizendo que eu não valho o risco, Mr. America?

Ela não entende. Ela acha que eu estou preocupado com a minha segurança, que eu não vou correr atrás dela porque seu pai pode vir para mim. Eu torço um pedaço de seu cabelo em volta do meu dedo, intrigado como longo e macio como seda ele é. — Eu não tenho medo de Fernando, Natalia. Não para o meu próprio bem. Mas você... Eu me preocupo com o que ele faria com você se ele descobrisse algo que ele não aprova.

Ela senta-se um pouco mais reta, dobrando a cabeça para um lado. — Ele governou minha vida desde que eu tinha idade o suficiente para andar. Eu não deveria ter permissão para tomar minhas próprias decisões até agora? Correr meus próprios riscos. — Ela sorri. — Ter meus próprios vícios?

Eu não consigo evitar. Inclino-me mais perto dela, fazendo o meu melhor para ignorar o meu pau, que está exigindo que assuma o comando desta situação agora fodendo-a como um louco. — Você quer *me* tornar o seu vício? — eu sussurro.

Ela me olha por um segundo, os olhos bem abertos, e pela primeira vez ela realmente olha para mim. Não um furtivo olhar de soslaio. Não olhando para longe assim que eu a pego me vendo. Ela *realmente* me olha, e ela parece fascinada. Ela me toca, devagar e com cuidado como eu fiz quando eu acariciei seus cabelos, e ela coloca meu rosto em sua palma. Suas mãos estão frias, mas o contato parece que está queimando dentro de mim. — Nenhum ponto em tentar evitar algo que já aconteceu, certo, Mr. America?

Eu sei com todos os ossos do meu corpo que eu devo ficar longe agora, porra, isso só pode terminar em dor e sofrimento, afinal de contas, mas meu pau na minha calça tem outras ideias. Eu não posso me segurar mais. Não com ela olhando para mim como se eu fosse algum tipo de maldito milagre. E não com o meu sangue fluindo em torno de meu corpo, cheio de adrenalina, fazendo-me sentir drogado e bêbado, tudo ao mesmo tempo. Eu preciso dela. Eu preciso agir agora, antes que o senso comum prevaleça.

Indo para frente, eu tomo posse de seu pescoço em uma mão e a puxo para mim, trazendo meus lábios até os dela. Sua boca é incrível, seus lábios tão incrivelmente macios. Eu já beijei muitas garotas antes, mas nenhum desses beijos iluminou o interior da minha cabeça como ela está fazendo, cheia de filhos da puta explosivos C4. Ela é pequena e vulnerável sob minhas mãos. Eu a beijo mais forte, orientando os lábios abertos, e então eu estou deslizando minha língua em sua boca, passando os dentes. Ela tem um gosto tão doce, como cerejas e morango, hortelã, todos misturados. Ela suspira quando eu massageio sua língua com a minha, lambendo, chupando e saboreando-a, explorando sua boca, e o som do seu gemido baixinho quase me catapulta para o espaço.

Ela está tremendo, seu corpo treme violentamente, e eu não posso dizer se é porque ela está toda molhada e úmida bem fundo em seus ossos, ou se é por causa do beijo está e ela não pode respirar.

Eu deveria me afastar e dar-lhe um segundo, mas eu não faço. Eu envolvo meus braços em torno dela e a puxo para mim, esmagando seu corpo contra o meu. Ela entrelaça os braços em volta do meu pescoço, e então não há como voltar atrás. Eu a levanto em meu colo, minhas mãos em sua cintura, guiando-a, e então ela está em cima de mim.

Como diabos isso aconteceu? Como é que acabamos aqui, quando eu estive no meu melhor comportamento porra? Isso não faz sentido. Sua boca na minha faz sentido, no entanto. A sensação de seus seios esmagados contra o meu peito. A maneira como ela arqueia, moendo seus quadris contra os meus, como eu empilho minhas mãos na parte inferior das suas costas. Todas estas coisas fazem sentido para mim.

Natalia puxa para trás, quebrando o beijo. Seus lábios estão separados, fazendo beicinho e inchados por causa da febre do nosso beijo, e seus olhos estão queimando com a necessidade. — Me foda, Cade. *Por favor*. Não pende demais. Não pense sobre o que vai acontecer quando a chuva parar. Apenas me dê o que eu preciso.

Eu não consigo dizer não a esta mulher. Eu não *quero* dizer não a ela. No fundo da minha mente, eu estou ciente que eu estou prestes a perder a cabeça, porra, na primeira encosta vertical, e eu sou responsável por quebrar todos os ossos do meu corpo no caminho para baixo. Não há nada a ser feito, no entanto. Sem entrada. Sem saída de emergência. Nenhum botão de escape. Há apenas Natalia, e a forma como ela está olhando nos meus olhos, como se não pudesse desviar o olhar.

— Eu vou te dar o que você precisa. Com uma condição.

Suas unhas cavam na parte de trás do meu pescoço, pressionando com força o suficiente para enviar um frisson de dor em volta do meu corpo. — Qualquer coisa. — ela sussurra.

— Você não deixará ele te tocar novamente. Você me entende? Você nunca mais irá deixá-lo tocá-la de novo? Você irá me chamar, e porra, e estarei lá. *Eu vou estar lá, não importa o quê*.

Natalia pisca. Seus olhos se enchem de lágrimas, mas ela não as deixa cair. — Ok. Eu prometo.

Eu rosno, agarrando a parte inferior de sua camiseta. Retiro de seu corpo com facilidade e faz um barulho de algo molhado caindo quando eu o jogo por cima do meu ombro. Natalia suspira quando eu enterro meu rosto em seus seios, lambendo e mordendo o bico deles. Eles são gloriosos, sério, porra, gloriosos, e eu nem sequer arranquei seu sutiã ainda. Ela se contorce contra mim quando deslizo minha mão para baixo, esfregando os dedos entre suas pernas; a sua cabeça cai para trás, e ela engasga, um olhar de surpresa em seu rosto.

— Oh deus, Cade...

O sutiã tem que sair. Eu empurro as tiras para baixo sobre os ombros, e então estou puxando as taças do material preto liso para baixo também, revelando a bela pele bronzeada de seus seios. As sardas realmente estão por toda parte. Eu consigo me controlar por um segundo, querendo beber. Ela é perfeita. No passado, eu estive com mulheres de todas as formas e tamanhos, cada uma bonita e original em sua própria maneira, mas ninguém nunca se pareceu ou irá se comparar com Natalia Villalobos sem camisa. Seu cabelo ainda está úmido, que adere a sua pele, que também está úmida e quente. Eu reúno os cabelos em minhas mãos, tomando em uma mão, e então eu puxo gentilmente, para que ela mantenha a cabeça para trás. Ela tem que curvar as costas, a fim de abrigar-me, o que significa que seu peito sobe e seus seios nivelam com minha boca.

— Puta merda. — eu assobio. Seus mamilos são perfeitos, um cor-de-rosa delicado que faz parecer frágil, embora eu já saiba que não é o caso. Cuidadosamente, eu uso a ponta da minha língua para apertar e provocar o broto de seu mamilo direito, e eu tenho que morder a porra do meu lábio quando ela começa a tremer e agitar em cima de mim. Meu pau está lutando contra a imersão do jeans molhado, exigindo estar livre, mas eu não estou pronto ainda. Eu quero brincar com ela por um tempo primeiro.

Eu a liberto tempo suficiente para remover completamente o sutiã, e, em seguida, minhas mãos estão por toda parte, espalmando e apertando seus peitos, agarrando-a com força na cintura, apertando seu traseiro através de seus jeans. Ela pode sentir o quão duro eu estou quando empurro-me contra sua boceta. Ela deve ser capaz de perceber.

Toda vez que faço isso, sua respiração pega em sua garganta e ela faz um som de frustração misturada com intenso prazer.

— Eu vou cuidar de você. — eu prometo, rosnando na pele logo abaixo da clavícula. — Eu vou fazer você gozar tão forte em meu pau, Natalia. Você está pronta? Você está pronta para eu te foder até você gritar?

Ela balança, moendo-se contra mim, e eu sei sem dúvida que ela está mais do que pronta. Eu poderia tira-la de sua calça agora e fode-la com força suficiente para trazer esta casa na árvore para baixo, e ela não iria reclamar. Eu posso literalmente sentir o cheiro de como ligada ela está, e isso é o suficiente para me deixar louco. Eles dizem que os homens e as mulheres são suscetíveis a feromônios um do outro, e esta é a ciência no seu melhor maldito momento. Eu não me canso dela. Minhas mãos não podem parar de apalpar loucamente seu corpo. Ela grita quando eu desabotoo seus jeans e deslizo minha mão passando o tecido molhado, só para a encontrar ainda mais molhada por baixo. Este não é o mesmo tipo de molhado, no entanto. Não molhada da chuva. Mais como, *eu-quero-você-dentro-de-mim-agora-olha-como-fodida-e-pronta-eu-estou* tipo de molhado. Isso é como ligada ela está.

Em um movimento rápido, eu fico em meus joelhos, tomando posse dela, envolvendo um braço em torno de seu corpo, e então eu estou colocando-a cuidadosamente em suas costas. Preciso tirar sua calça, e eu não posso fazer isso se ela está em cima de mim.

— Diga-me para tirar suas calças. — eu rosno.

— Tire...

Ela não consegue terminar a frase. Eu a corto enquanto eu puxo e rasgo suas roupas. Eu arranco os sapatos um de cada vez, e então o jeans desapareceu, jogado no canto da casa da árvore. Sua calcinha preta de algodão está encharcada com a necessidade dela. Eu desisto, afastando as pernas e lambendo com carinho, minha cabeça girando com o gosto e o cheiro dela. Ela é incrível. Ela balança e silva enquanto esfrego meu polegar sobre o clitóris e preciso me tocar. Eu *tenho* que fazer. Eu abro o botão da minha calça, a puxando para baixo sobre meus quadris, então meu pau duro pode ficar livre.

Eu começo a trabalhar a minha mão para cima e para baixo o comprimento do meu pau, e está tão perto de ser demais. Quero me esforçar dentro dela. Eu quero ter as bolas profundas em sua boceta, enquanto eu dedilho seu clitóris. Quero sentir seu aperto quando ela gozar. Quero sentir toda a sua umidade sobre mim. Parece que ela está tão perto de gozar, já com seus olhos fechados, o lábio inferior preso entre os dentes, seu peito subindo e descendo freneticamente.

— Abra seus olhos. — eu ordeno. — Abra os olhos e olhe para mim.

Ela os abre, suas pupilas estão tão dilatadas que quase parecem que estão explodindo. Ela fixa o olhar no meu rosto, e eu lentamente balanço a cabeça, permitindo que um sorriso malicioso provoque nos cantos da minha boca. — Não aqui. — digo a ela. — Olhe *aqui*. — Eu paro de esfregar sua boceta por um segundo para tomar posse dela pelo queixo, guiando sua cabeça até que ela está olhando para baixo, o que estou fazendo para mim mesmo, à minha mão acariciando para cima e para baixo meu pau duro. Seus olhos se arregalam, e depois ainda mais quando eu puxo minha camisa encharcada sobre a minha cabeça, descartando-a para que eu esteja praticamente nu, com exceção do meu jeans, que ainda estão no meio do caminho pelas minhas coxas. Natalia vê os desenhos de tinta preta sobre meus ombros, e traça as linhas da minha tatuagem com as pontas dos dedos. Ela não pode ver o desenho todo agora, mas eu posso ver que ela está intrigada. Eu estou quase dando uma pausa para explicar sobre os Widow Makers agora.

— Você está pronta? — eu pergunto a ela.

— Sim. Eu quero você. *Por favor*.

Estou muito consciente de que isso pode ser uma experiência estressante para ela. Estou à procura de sinais de que ela não esteja pronta para isso, que ela esteja com medo ou ansiosa de qualquer maneira, mas tudo o que posso ver em seu rosto é o seu desejo. Ela se abaixa entre as pernas dela e se toca, com os olhos presos nos meus. A ponta da língua para fora da boca, molhando os lábios, e eu tenho que me conter fisicamente de me atirar sobre ela. Minha força de vontade é um exercício real agora. Se eu não fosse tão responsável por minhas ações, eu já poderia estar dentro dela, mas eu tenho um rígido controle

sobre mim mesmo. Eu gosto do momento perfeito. Eu não vou empurrar meu pau dentro dela até que ela esteja ofegante, implorando, frenética por mim.

— Role-se em seu estômago. — eu comando.

Natalia hesita por um segundo, e então vira sobre seu estômago como eu pedi a ela. Ela olha para trás por cima do ombro, e eu posso ver a vontade em seus olhos. Tenho a sensação que esta é uma experiência totalmente nova para ela, querer alguém com uma feroz intensidade, e eu acho que a assusta um pouco.

Se eu achei que sua bunda era incrível em jeans, sem eles é fenomenal. Sua pequena calcinha preta expando sua bunda perfeita. Meu pau pulsa como um louco na minha mão quando eu a estudo. — De quatro. — digo a ela. — Ok. — Ela se inclina para trás sobre seus joelhos, e eu tomo posse de sua calcinha pelo elástico, puxando-a para baixo sobre seu traseiro. Ela tenta ajudar, contorcendo os quadris, mas eu dou um suave tapa na bochecha de sua bunda, a repreendendo sob minha respiração.

— Esse é o meu trabalho. Não se mexa até eu mandar.

Ela não fala. Sua respiração é difícil, fora de controle, e seus músculos estão saltando e tremendo, mas ela se mantém estável, esperando por mim para dar-lhe um comando.

O livre arbítrio.

Eu entendo a mentalidade dos homens de foder os serviçais de Fernando no quarto azul. Eles amam o poder, assim como eu, mas suas necessidades como dominantes escureceram. Para eles, estar no controle não é suficiente. Eles têm que tomar algo que seus submissos não querem dar. Eles *roubam* o seu prazer com eles. Quando estou fodendo uma mulher, ser dominante é muito mais quente para mim, porque ela coloca a si mesma nua, confia e aceita, e dar e receber do poder é um fluxo, de dentro para fora. Natalia pode estar obedecendo a todas as minhas necessidades e desejos, mas isso não significa que ela esteja impotente. Ela também tem poder sobre mim agora. Estou ouvindo-a muito atentamente. Estou estudando sua linguagem corporal, assim eu saberei no segundo se ela não estiver gostando desta

experiência. E no segundo que ela não estiver gostando será o mesmo segundo em que eu deixarei de apreciá-lo também.

— Vou te foder agora. Vou te foder tão duro. Vai ser intenso. Eu vou precisar de você para ficar comigo, bela. Concentrada. Você só está autorizada a gozar quando eu disser. Você acha que pode fazer isso?

Natalia silva. A água pinga lentamente a partir do telhado em frente, espirrando para baixo em suas costas. Eu inclino e corro minha língua a partir do topo de sua bunda, todo o caminho até sua espinha, entre as omoplatas para a base do pescoço dela, e o tremor fica mais forte. — Eu não consigo ouvi-la. — eu sussurro em seu ouvido.

— Sim. Eu posso fazer isso. — ela suspira.

— Ótimo.

Eu corro meus dedos sobre sua boceta, esfregando-a entre suas pernas, e depois, lentamente, eu me guio para dentro dela. Só um pouco. Ela está tão molhada. O calor e o quanto sua boceta está escorregadia me faz rolar para trás em minha cabeça. — Deus... *porra...* isso... — Eu rosno.

Seu corpo é a perfeição. Ela é feminina, suave como a seda, embora ela seja tonificada. Eu não consigo parar de deslizar minhas mãos sobre ela. Cuidadosamente, eu me separo dela, e então empurro meus quadris para frente no mesmo movimento, rangendo os dentes enquanto eu me levo para casa.

Natalia clama, e o som de seu prazer ecoa em torno da floresta, alto o suficiente para ser ouvida acima do barulho da chuva.

— Shhh, bonita. Fique quieta. — Eu me inclino para frente, tomando conta dela pelo pescoço. Eu me empurro para ela novamente, tão duro, e Natalia se inclina na minha mão, usando a pressão para fazê-la ofegar desta vez. Uma vez que eu sei que sufocá-la levemente não vai assustá-la, eu enrolo a mão em torno de sua garganta e aperto.

Não há retenção depois disso. Eu a fodo. Segurando-a pelo quadril com a outra mão, me empurrando nela uma e outra vez, mantendo a pressão sobre sua garganta para impedi-la de gritar. Ela ainda pode choramingar, no entanto. Ela ainda pode gemer. Toda vez

que eu balanço meus quadris para frente, deslizando meu pau, tanto quanto eu posso dentro dela, minhas bolas batendo em sua boceta, ela solta o mais ínfimo som de puro êxtase que me faz sentir como se estivesse prestes a explodir dentro dela. Ela respira pelo nariz, freneticamente bufando quanto poder tenho dentro dela.

— Espere. — eu digo as palavras por entre os dentes cerrados. — Ainda não, Natalia. Espere. *Espere...* — Eu nem tenho certeza quanto tempo eu posso fazer-me esperar. Não vai ser muito, isso é certo. Minhas bolas estão apertadas e cheias, e meu pau está formigando como um louco. Toda vez que eu me empurro para frente, mil pequenos fogos de artifício estão saindo debaixo da minha pele, todo o meu corpo, quente e espinhoso. Eu permito que a minha cabeça role para trás quando a tensão aumenta.

Meus olhos ficam bem abertos quando ouço algo abaixo de nós, no entanto. Algo sobre o som da chuva e da respiração de Natalia, que não deveria estar lá. Eu continuo transando com ela, mas eu digitalizo o chão da floresta abaixo de nós, observando, procurando.

E então, lá está ele. Natalia abala quando vê o que eu vi: seu pai, perseguindo mais perto de nossa casa na árvore, o rifle levantado e encaixado na curva de seu ombro. Ele está sozinho, seus homens se foram agora, e eu tenho a nítida impressão de que ele não está à procura da caça mais. Ele está *me* caçando. Natalia congela, seu corpo fica tenso debaixo de mim. Ela está assustada, eu posso dizer. Ela olha para mim por cima do ombro, e há um olhar de pânico em seu rosto que me faz querer pegá-la em meus braços e protegê-la.

Jesus. Este é um momento perigoso. Se Fernando nos encontra, nus, eu ainda dentro de sua filha, em uma árvore de merda, então ele vai nos matar. Ele não sabe sobre o esconderijo de Natalia, no entanto, ela disse que era um segredo que compartilhou com seu avô e mais ninguém. Tudo o que temos a fazer é rezar para que ele não veja a escada. Temos que esperar que ele não olhe para cima.

Natalia chega para trás e agarra minha coxa, cavando suas unhas em minha pele. Ela está apavorada. Lentamente, eu curvo meu corpo sobre o dela, e eu movo minha mão de seu pescoço para cobrir sua boca. Ela cava suas unhas mais profundo. Seu pai abaixo de nós,

menos de seis metros de distância, e a tensão da situação está me matando. De alguma forma eu ainda estou duro. Estou uma rocha sólida dentro de Natalia, porra, e meu pau está formigando com uma intensidade que requer atenção. Eu lentamente começo a angular meus quadris para baixo, me deslizando para fora de sua boceta, e em seguida, dirijo-me de volta dentro dela. Natalia respira pesadamente pelo nariz de novo, um pequeno gemido escapa dela.

— Shhhhh. — eu sussurro em seu ouvido. — Quero dizer. Não faça um som.

É improvável que Fernando seria capaz de ouvir uma minúscula interferência tão imperceptível sobre o crepitar, gotejamento e salpicos das gotas de chuva que caem das folhas nas árvores, mas ainda assim... ela precisa prender a respiração, porra.

Eu lentamente trabalho dentro e fora dela, e ela pressiona de volta contra mim, moendo contra mim assim que estou tão profundamente dentro dela. Beijo e mordo a parte de trás do seu pescoço, e ela treme debaixo de mim; Eu posso sentir seu pulso martelando logo abaixo da superfície de sua pele. Eu sei que ela está com medo, mas também sei que ela quer isso tanto quanto eu. Seu corpo não estaria reagindo do jeito que está, se ela quisesse que eu parasse, certeza disso. Contra todo meu melhor julgamento, eu continuo a transar com ela enquanto seu pai ronda abaixo de nós.

Natalia morde meu dedo enquanto bato nela mais forte. Eu posso sentir a pressão crescendo dentro dela. Ela quer gritar. Ela quer gritar no topo de seus pulmões. Eu sei disso porque eu também quero. E ainda estamos ambos em silêncio como ratos de igreja enquanto transo com ela.

A água da chuva corre pelas minhas costas e sobre meus ombros, agora. A pele de Natalia está lisa e molhada, também. Vapor sobe fora de seu corpo enquanto ela cava suas unhas em minha pele, segurando sua preciosa vida. No chão abaixo, Fernando para, com a cabeça inclinada para um lado como se ele ouvisse alguma coisa. Natalia arregala os olhos novamente, ficando rígida, e ela empurra de volta contra mim duro. Eu não a deixo. Eu empurro mais profundo, mais

duro, observando a reação dela e os movimentos de seu pai ao mesmo tempo.

Ela urgentemente agarra minha coxa, e então ela está arqueando as costas, a cabeça inclinada para trás, ao mesmo tempo, e ela está gozando. Eu a levanto de modo que ela está de joelhos, as costas pressionadas contra o meu peito, a parte traseira de sua cabeça descansando sobre minha clavícula, e eu começo a vê-la desmoronar. Ela é silenciosa, mas o êxtase em seu rosto é outra coisa. Ela fecha os olhos, e seus lábios abrem, seu peito subindo e descendo rapidamente enquanto ela se contorce contra mim. Eu alcanço minha mão para baixo entre as pernas e eu esfrego seu clitóris enquanto ela goza; quente, liso, molhado de seu prazer está todo ao meu alcance, e eu não consigo parar por mais tempo.

Gozo, batendo meu pau dentro dela como um trem de carga. Eu não tenho certeza se estou fazendo qualquer ruído agora; o mundo parece que está se desintegrando e caindo aos pedaços em torno de mim. Meus ouvidos estão zumbindo como um louco. Natalia choraminga no meu ouvido, sussurrando coisas suavemente para mim.

— Não me deixe. Por favor, não me deixe.

Eu sinto como se estivesse sido esmagado no lado da cabeça. Eu não consigo pensar direito. Fernando ainda está parado, ouvindo, e parece que não importa que ainda estou em silêncio agora, porque o som do meu coração frenético vai nos entregar. Meu pau ainda está duro dentro de Natalia; cada vez que ela se contorce ou mexe, um parafuso de prazer alcança através de mim, enviando um arrepio pelo meu corpo.

Fernando fica lá mais um momento, e então ele parece agitar-se. Ele se afasta, ainda olhando para a visão de seu rifle, e a chuva cai mais forte.

Uma vez que ele desaparece na floresta, some de vista completamente, faço um de nós se mover. Natalia cede, deitada no chão da casa na árvore. Seu suspiro é de alívio. — Graças a Deus. — ela sussurra.

— Que seu pai não nos viu?

Ela balança a cabeça, sorrindo. — Não. Graças a Deus que você finalmente me tomou, Mr. America.

Capítulo Dez

A Montanha

De volta à propriedade de Villalobos, Fernando se trancou em seu escritório. Não o vi desde que Natalia e eu voltamos pelos portões, cansados e molhados até os ossos, mas estranhamente felizes. Nós não nos beijamos enquanto nos despedimos. Nós nem nos olhamos, no caso de alguém ver algo entre nós que não deveria existir. Ela apenas seguiu o seu caminho, e eu o meu. Com o meu celular de volta comigo, faço a ligação que eu estava adiando.

— Traga seu traseiro de volta para casa. *Agora.* — Jamie nunca me disse para fazer alguma coisa antes. Nunca. Parece que hoje é o dia das primeiras vezes. Ele está grosseiramente chateado, e é tudo culpa minha. Eu nunca deveria ter dito a ele que Laura está morta. Eu não deveria ter dito a ele que eu planejava matar Fernando, e provavelmente eu deveria ter mantido para mim o fato de que eu fodi sua filha numa árvore também.

— Você está louco. Isso é injustificado. Você perdeu sua *cabeça* porra. — ele sibila pelo telefone. — Venha para casa. Entre no próximo voo saindo do Equador. Estou falando sério, Cade.

— E deixar Fernando respirando? Eu não penso assim, cara.

— Eu também amei Laura, está bem? Fernando não ficará impune. Contudo, descobriremos aqui, juntos, como sempre fazemos. E uma vez que tivermos um plano de ação consciente, podemos garantir que ele pague o que fez com ela. Isso que você está fazendo, é mais do que idiota, irmão. É ridículo e vai matá-lo.

— Todos nós vamos morrer algum dia.

— Veja o que eu estou querendo dizer? Maldito estúpido, Cade. *Estúpido*. Nós nos arrastamos no inferno no deserto. Nós passamos por pesadelo após pesadelo desde que voltamos. Você acha que eu vou deixar você morrer sozinho, em outro país maldito, em outro fodido hemisfério, sem chegar até você? Você sabe que vamos sair com um brilho de glória juntos, seu idiota.

— *Não* venha aqui. — eu agarro o telefone. — Esta situação já é bastante precária do jeito que está. Se você aparecer, a merda vai realmente bater no ventilador. Eu só sei disso.

— *Cade*. — Sua voz é decidida e concisa. Ele está tão bravo comigo, eu posso ouvir isso claramente, mas o que diabos devo fazer? deixá-lo descer aqui e se matar? Há uma probabilidade extremamente alta de que eu acabe sendo atingido na parte de trás da cabeça aqui; Não vou condenar meu melhor amigo ao mesmo destino que o meu.

— *Jamie*. Não venha aqui. Me prometa.

— Eu não tenho onze anos, idiota. Não estou fazendo promessas. Se eu tiver a menor suspeita de que as coisas estão péssimas aí embaixo, eu entrarei em um avião e arrastarei seu rabo fora daí, quer você goste ou não. Você me ouviu? Não esqueça, sou o presidente deste clube, Cade. Você deve fazer o que eu te digo.

— Isso é baixo. Você está me colocando em uma posição difícil agora?

— Se eu *precisar*... Você acha que vou deixar alguns sentimentos feridos no caminho da sua vida? Você está errado, cara. Você está muito, muito errado.

Suspiro pesadamente. Ele não vai vir aqui, eu sei disso. É uma merda ele estar tentando me dar ordens para voltar para casa como um maldito subordinado, quando sempre fomos iguais. Jamie dá a palavra final, com certeza, mas ele nunca me tratou como se eu precisasse me curvar para ele. Há uma ótima chance de eu ser um cabeça de porco aqui, e ele está apenas tentando cuidar de mim, estou ciente disso, mas ainda machuca.

— Eu vou ter cuidado. — eu digo a ele.

— Maldição, você vai. E você tem que parar de foder com a garota, cara. Confie em mim. Isso vai explodir no seu rosto em algum momento.

Jamie dificilmente pode falar sobre foder garotas erradas. Ele está apaixonado por uma mulher que não deveria ter chegado perto nem três metros. Ele sabe quão hipócrita soa, porque ele diz: — Aprenda com meus erros, irmão. Eu sei que você está louco, e eu sei que você está machucado, eu também, mas, por favor... simplesmente não faça nada estúpido.

Mordo os lábios, fechando os olhos. — Ok. Eu vou jogar de forma inteligente, eu juro.

Jamie fica quieto por um momento, e então respira profundamente. Posso imaginar a preocupação no seu rosto, enquanto ele anda de um lado para o outro no clube dos Widow Makers. — Tudo bem, cara. Estou confiando em você. — diz ele. — Não foda isso. Não coloque o clube em risco. E o que quer que você faça, não morra.

Na manhã seguinte, Harrison me arranca da cama às seis da manhã, e Fernando questiona-me implacavelmente sobre onde eu estive desaparecido com sua filha por quatro horas. Sua raiva é palpável — do tipo que você sente como uma bofetada no rosto. O homem está por todo o lado. Num minuto ele está me pedindo para ficar longe, no próximo ele está me dizendo para levar sua filha para a floresta. Agora parece que estamos firmemente de volta no território — *fique-longo-do-seu-rabo*.

— Estou certo de que você já teve a chance de falar com seu patrão, Kechu. — afirma Fernando. — Quando podemos esperar que sua alteza real chegue? — Fernando sorri, abrindo os dentes e não é um sorriso feliz. É uma máscara da morte, e eu quero esmagar o meu punho direito nele.

— Ele está lidando com um assunto privado em casa. — digo. — Ele deve estar aqui em uma semana ou mais. — Uma semana deve ser tempo suficiente para eu juntar minha merda e matar esse homem. Uma parte de mim não entende por que estou estendendo isso tão ridiculamente. Eu poderia entrar no seu quarto de noite, de uma forma ou de outra, e matá-lo da mesma maneira que eu fiz com Julio. Eu poderia enrolar uma corda e puxar levemente em sua garganta agora e estrangular o bastardo até a morte; A luta provavelmente nem alertaria os sujeitos que ficam de guarda fora de seu escritório. Há um milhão de maneiras pelas quais eu poderia conseguir o que eu quero e fugir daqui, mas estou arrastando meus calcanhares. Sei que estou.

Isso se resume ao fato de ser um deleite de prazer. A espera, sabendo o que está prestes a vir, sabendo que ele não vai ver isso, é quase tão doce e gratificante para se afastar. E agora, também tem Natalia. Eu fiz sexo com ela. Eu não deveria, mas eu fiz, e o que está entre nós não é tão simples como uma conexão casual. Eu olho para ela e sinto-me vazio. Eu sinto que estou caindo. Eu me sinto responsável e protetor, e violentamente zangado de uma só vez. É assustador.

Eu evitei me sentir dessa maneira sobre uma mulher desde antes de ser convocado pelas forças armadas. Eu não quero nem preciso me sentir assim agora, mas não tenho escolha no assunto. Ela está debaixo da minha pele, agora. Eu tento não pensar sobre o que acontecerá com ela quando eu sair daqui, porque a verdade é que simplesmente não consigo. Não consigo me ver a deixando, sozinha, e não tenho ideia de como diabos vou fazer isso funcionar.

Que idiota.

— Uma semana é muito tempo, Kechu. Estou começando a pensar que seu chefe não respeita meu tempo.

— Ele respeita. Ele também é um homem leal, e ele não vai deixar sua família quando precisam dele. Como você, eu imagino. Se Natalia estivesse doente, ou em algum tipo de problema, você não sairia do seu lado, sairia? — Eu sei que esta é uma forma complicada para jogar, assim que as palavras estão fora da minha boca. A expressão de Fernando é estrondosa.

— Você seria sábio em deixar Natalia fora disso, Kechu. Não pense em usar meu amor pela minha filha para desculpar o comportamento de Louis James.

Eu levanto minhas mãos para cima e me *rendo*. — Me perdoe. Não queria usar Natalia. O Sr. Aubertin estará aqui assim que puder, você tem minha palavra. — No entanto, eu não dou a palavra de Jamie. Ele não a deu, e não quero sujar sua reputação como homem honesto. Estou mais do que feliz em dar-lhe a minha palavra, no entanto. Eu farei promessas durante todo o dia, e não vou dar uma merda para quebrá-las. Mais tarde, quando eu estiver matando o filho da puta, como isso importará de qualquer maneira?

— Tudo certo. Você pode sair agora. Talvez você deva sair da casa hoje, Kechu. Estamos esperando que os convidados que talvez não fiquem felizes em vê-lo. A conversa sobre o que aconteceu com William se espalhou entre os meus clientes ainda mais. Estes são homens voláteis com hábitos voláteis. Não posso garantir a sua segurança enquanto estiverem aqui.

— Entendido. Estarei feliz em me fazer ausente.

Eu também. Jamie poderia ter me irritado, mas, com justiça, ele tem um ponto. Provavelmente eu deveria ter algum tipo de plano de contingência, pois quando chegar a hora, eu preciso fazer uma saída rápida.

Natalia está longe de ser encontrada quando saio da mansão. Não que eu possa ir à procura dela. Com o humor bipolar que Fernando está hoje, se alguém suspeitar que eu estou a procurando, especialmente Ocho, então estarei em grandes problemas. Deixo as terras da propriedade de Villalobos a pé. Há jardineiros em todos os lugares, cortando e aparando os arbustos, afiando o gramado, trabalhando incansavelmente para tornar o lugar bonito. Eu vejo Ocho rodeando os trabalhadores ao longo do perímetro do terreno, caminhando paralelamente a mim enquanto eu dirijo-me para a longa e larga via de madeira que corta a floresta.

Obviamente, ele não caiu em uma das armadilhas do jogo de Fernando e foi morto ontem quando vagou sozinho, o que é uma pena. Não consigo afastar a sensação de que ele é uma má notícia. Ele sempre

está lá. Sempre à espreita, sempre assistindo. Ele vê tudo, e ele provavelmente também ouve tudo. Não acredito por um segundo que ele não fale inglês. Ou, pelo menos, entenda. Eu mantenho um ritmo constante e uniforme. Eu adoraria começar a correr e despistar o filho da puta, mas correr por lugares como este geralmente faz você parecer culpado. Eu não preciso de uma bala na parte de trás da minha cabeça só porque quero me ver livre de Ocho.

Então, vou andando. Eu ando na floresta, e continuo caminhando. Sem desviar da pista que os carros usam para chegar à propriedade. Sem ninguém aqui para me guiar, estou muito ciente de que eu poderia colocar o pé no lugar errado e ser explodido por uma das armadilhas de Fernando. E isso não seria simplesmente perfeito?

Eu sei onde deixei a scrambler. Eu preciso ter certeza de que tenha combustível e que ainda esteja funcionando bem. Eu dirijo para o sul quando a trilha se separa. A viagem do local embaixo da terra para a propriedade de Villalobos não parecia tão longa quando eu estava no carro com Ocho no primeiro dia em que cheguei em Orellana, mas agora, a pé, parece quilômetros e quilômetros. O sol está alto no céu quando chego lá. Natalia me contou sobre as antigas dependências arruinadas aqui, decadentes e de pé na ruína, também foram aparelhadas com armadilhas, então eu não entro. Saio em torno do pequeno assentamento, indo para o oeste, para onde deixei a scrambler.

Somente, quando chego à pequena clareira onde deixei a Yamaha, está vazia.

— Que porra é essa? — Eu sei que é onde a deixei. Não tenho dúvida. Não tenho o hábito de esquecer onde eu deixo os veículos, mesmo que esteja na floresta e tudo o que você possa ver por quilômetros são árvores. Busco a área, escaneando o chão para detectar sinais da moto, mas não encontro nada. O chão está macio; Depois de toda aquela chuva ontem, até as trilhas mais profundas e definidas por um conjunto de pneus desapareceriam. A lama suja minhas botas enquanto eu atravesso a clareira, xingando sob a respiração.

Natalia disse que a moto ainda estava aqui. Até ontem, pelo menos. Isso significa que deve ter sido levada recentemente, e ela não está sendo mantida no laço. Estou surpreso com isso? Não, na verdade

não. Foi um milagre me deixarem ficar com minha arma por tanto tempo. Eu acho que se eu não tivesse usado isso para atirar em William, provavelmente ainda a teria. Mas um meio de transporte? Um meio de escapar sem que eles saibam? Fernando não suportaria isso, especialmente se ele acha que há um acordo de dois milhões de dólares em jogo.

— *Foda-se.* — Eu agacho, descansando os cotovelos sobre os joelhos, tentando pensar. Este não é o fim do mundo. Sim, ter a scrambler ainda seria perfeito. Ela é projetada para se destacar em terreno áspero e desigual e é disso que estou lidando por aqui. Mas há Humvees e Patriots na propriedade também, que são projetados para rodar por esse tipo de terreno. Eu posso roubar um desses quando chegar à hora. E inferno, talvez seja mais seguro se houver duas pessoas lá dentro.

Deus, eu nem sei por que estou pensando em algo assim. Natalia pode não querer vir comigo. Se o pai dela estiver morto, quem disse que ela não vai querer ficar aqui, na propriedade? Vale uma pequena fortuna. O complexo e o clube dos Widow Makers estão longe do luxo que ela costuma ter.

— Você parece como se o mundo estivesse acabado.

Eu sobressalto, minha balisong já está na minha mão, totalmente preparada para esfaquear quem está atrás de mim. Levo um segundo para processar o fato de que é uma voz feminina que ouvi, e que Natalia está pairando no limite da clareira, com uma mochila presa sobre seus ombros. Seu cabelo cai em uma trança longa. Ela está vestindo uma camisa comprida com as mangas enroladas e algumas botas de caminhada, como se ela planejasse escalar uma montanha.

— Então você me encontrou, hein? — Eu sorrio para ela, levantando a faca na minha mão para retrair a lâmina e guardá-la.

— Não foi difícil. — ela responde. — Você deixou um rastro que provavelmente poderia ser visto do espaço.

Ela está certa, tenho certeza. Estou acostumado a passar pelo deserto e pelo lago, e eu sou bom em ocultar meus movimentos geralmente, mas neste tipo de floresta selvagem e coberta, mesmo os

meus melhores esforços são para nada. Levanto uma sobrancelha para ela. — Eu tentarei não me ofender demais. Você está aqui me seguindo, ou você está prestes a fugir? — Eu aponto para sua bolsa.

Ela faz uma expressão irônica, olhando para as árvores. Ela não quer me olhar nos olhos. — Eu pensei... — ela começa. — Eu pensei que provavelmente deveria levá-lo a ela. Para Laura. — Estou chocado. Muito surpreso ao falar. Quando me abstenho de dizer qualquer coisa, ela continua. — No alto nas montanhas, temos um cemitério. Não é nada de mais, mas é lá que meu pai me disse que a tinha levado. Se você quiser ir até lá para se despedir, eu poderia te mostrar o caminho.

A subida da montanha é esgotante. Nós realmente não falamos muito. O calor é opressivo, especialmente porque é a estação das chuvas e está tão malditamente úmido, e assim nós dois permanecemos em nossos pensamentos, plantando um pé na frente do outro, com as cabeças curvadas quando seguimos para cima. Compartilhamos um silêncio fácil. Parece estranho pensar que a conheci há menos de uma semana. Apesar dos meus arredores, a ameaça de morte sobre minha cabeça, e o conhecimento de que Laura se foi, eu gastei uma boa parte do meu dia pensando nela. Parece que passei mais tempo com ela do que eu realmente tenho passado. Eu reconheço seus tiques agora, a maneira como ela obsessivamente coloca o cabelo para trás quando está pensando; a maneira como ela bate o dedo indicador contra a mesa sempre que está sentada; A maneira como sua testa enrugua quando ela está confusa. E acima de tudo, como suas pupilas se dilatam toda vez que ela olha para mim, como se ela quisesse pular nos ossos diretamente do meu corpo. Estou muito feliz por ela estar me olhando desse jeito, mas traz certo risco. Um dia em breve, Fernando vai notar, e não haverá como negar o fato de que somos atraídos um pelo outro.

Nós escalamos. Graças a Deus, eu tenho um bom coração. Natalia está acostumada com a caminhada até o local que se enterram os copos, mas mesmo ela está sem fôlego quando chegamos ao nosso destino. As árvores são mais finas aqui, muito mais perto de Timberline,

e a montanha dá lugar a uma clareira ampla e rochosa. Eu vejo as pequenas cruzeiras de madeira quase que imediatamente. Não há muitas delas, talvez dez, e elas são colocadas esporadicamente entre as grandes rochas e pedregulhos. Flâmulas vermelhas, verdes e alaranjadas balançam com as rajadas de vento que abrem a montanha. Isso me lembra o Nepal, das resmas das bandeiras de oração que viajam todo o caminho do Acampamento Base até o topo do Everest, embora estas não sejam bandeiras de oração. Eles são apenas belas decorações para marcar os túmulos.

Virando-se, minha respiração fica clara. O próprio cemitério é bastante estéril e estridente, mas a visão deste ponto de vista é realmente espetacular.

— Bonito, não? — Natalia pergunta.

— Sim. Sim, é mesmo.

— Venha. Vou mostrar-lhe o lugar. — Ela me leva pela mão, então. É um gesto pequeno e simples, mas a conexão entre nós é ainda mais forte por isso. Toda vez que nos tocamos, não importa o quão breve o contato, parece que estamos nos consolidando juntos de outra maneira. Ela me leva para a cruz mais distante, no ponto mais baixo do cemitério; quando passamos pelas outras cruzeiras, não me escapa de que nenhuma delas está marcada. Nem mesmo com uma inicial, ou algo para indicar quem está ali. Pergunto a Natalia por que isso, e ela parece desconfortável.

— O nome Villalobos não é popular por aqui. Graças ao meu pai, as pessoas têm medo de nós. Meu avô e minha mãe estão enterrados aqui. Minha tia, que foi morta quando era apenas uma criança. Se algum dos aldeões suspeitasse que esses túmulos pertencessem a alguém do cartel de Villalobos, eles os desenterrariam e os profanariam.

— Jesus.

— Eu realmente não os culpo. Meu avô foi um homem doce. Ele plantou para ganhar dinheiro, mas também vendeu cocaína. Ele não era um homem violento. Ele nunca matou ninguém em nome da concorrência ou dos negócios. Seja qual fosse o lucro que ele fez com as drogas, ele deu a meu pai uma boa educação. Ele queria que ele fosse

um médico ou um advogado. Algo legal. Quando meu pai voltou da escola, ele escolheu usar seu conhecimento para expandir a produção de cocaína do meu avô. Ele se tornou muito...mortal. Implacável. Se alguém atravessasse seu caminho, nunca seria visto de novo. Então, agora, somos temidos.

Natalia para em frente a uma cruz com uma flâmula vermelha. Ela agacha, descansando nos calcanhares enquanto ela mexe a corrente através dos dedos dela. — A cor favorita de Laura era vermelha. — diz ela.

Parece que fui perfurado no intestino. Eu mal consigo respirar. — Eu sei. Ela usou um vestido vermelho no seu baile. Meu pai quase teve um ataque. Disse que ela parecia uma prostituta, mas ela se recusava a mudar. — Eu me perco nas lembranças por um momento. Deus, eles brigaram tanto naquela noite. Papai não queria que ela deixasse a casa — parecendo uma acompanhante — e ela se recusava a — ceder a sua besteira capitalista, arcaica e patriarcal. — Eles sempre estavam batendo cabeças, mas era porque eram tão parecidos. Mais tarde, em algum momento, quando ela terminou a faculdade, eles se adoçaram um com o outro. Ela era sua favorita, e eu estava bem com isso, porque ela também era minha preferida. Ela era a favorita de todos. Cheia de fogo, sempre pronta para enfrentar tudo. Ela sempre dava o nome aos bois, era um sopro de ar fresco em nossa casa.

— Ela sempre parecia tão viva para mim, mesmo quando estava triste. — diz Natalia. Parece que ela está prestes a chorar. — Eu quero que você saiba... se eu pudesse ter ajudado ela a escapar, eu teria. As coisas eram ruins naquela época, no entanto. Meu pai passa por fases. Ele estava tão atento a mim. Ele estava paranoico que eu podia tentar fugir. Eu estava sob constante vigilância.

Eu acaricio seus cabelos, sugando uma respiração profunda pelo nariz. — Eu sei. — eu digo a ela. — Eu sei que você teria. Não é sua culpa. — *É minha*. Eu deveria estar cuidando dela. Eu devia estar prestando atenção, não entortando champanhe na noite em que ela desapareceu. E eu deveria ter procurado mais por ela. Eu deveria ter vindo para o Sul. Eu deveria ter descoberto onde ela estava antes.

Há tantos motivos para me culpar por isso. É loucura que Natalia sinta até mesmo uma pitada de culpa. Eu me agacho ao lado dela, tirando a corrente vermelha de suas mãos. Balanço meus próprios dedos, me odiando cada vez mais a cada segundo.

— Eu vou te dar um momento. — Natalia me diz. Ela se pôs de pé e se afasta, parando na frente de uma das outras cruzes, colocando a mão levemente no chão em frente a ela.

— Eu aposto que você está amando o quanto isso é complicado. — digo suavemente em voz baixa. — Você sempre adorou o drama. Lembra-se quando éramos adolescentes, e papai me pegou fugindo uma noite para ver aquela garota... Deus, como era o nome dela? Sarah Goldman. Foda-se, Sarah Goldman. — Eu agito minha cabeça, tentando não rir. — Ele me pegou descendo por um cano de esgoto na parte de trás da casa, e gritou e me xingou, me chamando de rebelde, e você apareceu e ficou sentada lá, comendo um sanduíche, nos observando discutindo, olhando de um lado para o outro, como se fosse uma maldita partida de tênis.

Eu quase espero ouvir sua voz, rindo, me dizendo que eu merecia a punição que recebi naquela noite, mas não há nada. Nenhuma risada. Nenhuma cotovelada no meu lado. Apenas o vento provocando o pedaço de tecido vermelho em minhas mãos, e passando entre as montanhas.

Ela já subiu aqui? Ela já conseguiu ver isso enquanto estava viva? Eu me acabo me perguntado. Ela realmente teria adorado.

Capítulo Onze

Massa

Um cheiro azedo e terrível atinge meu nariz enquanto voltamos para baixo da montanha. Está fresco e pungente, e faz meu reflexo trabalhar horas extras. Natalia me leva pela mão novamente e me diz que precisamos nos apressar, e posso ver que ela está nervosa. O cheiro fica mais forte, queimando as narinas enquanto caminhamos para baixo. No fundo da minha mente, eu já sei que cheiro é esse, reconheço isso em algum nível, mas não quero admitir.

Depois de um tempo, o cheiro desaparece. Natalia parece relaxar, e eu me esqueço, até que atravessemos um conjunto de árvores e de repente nos deparamos com um buraco no chão, que está cheio até a borda com ossos. Fodidos ossos em todos os lugares. E não são ossos de animais. Não são restos do jogo da caça que foram mortos. Não. São esqueletos humanos.

— *Droga.* — Natalia amaldiçoa em voz baixa. Ela está ansiosa quando olha de lado para mim. — Eu sinto muito. Pensei... pensei que fosse mais a oeste. O cheiro...

O cheiro deve a ter confundido. Vinha diretamente do oeste, em vez de abaixo de nós, mas a brisa está estranha hoje, enviando rajadas em rotações para cima e para baixo da montanha, e obviamente a virou um pouco.

Estou começando a me perguntar por que há mesmo algum cheiro — os cadáveres na enorme sepultura, são todos esqueletos — mas depois vejo algo que sopra essa teoria diretamente da água. Os cadáveres não são todos esqueletos. No topo da montanha de ossos,

encontram-se três corpos frescos. Todos os três são mulheres e estão nuas. Elas estão em vários estados de decomposição. O primeiro corpo deve ter estado aqui por pelo menos um par de semanas. A pele está quase desaparecida, bem como os olhos e a maior parte da carne no crânio. Os outros dois corpos não podem ter sido expostos por tanto tempo. Estão inchados e roxos, como se estivessem submersos na água, em vez de jogados fora do lado de uma montanha. Então percebo que a chuva de ontem foi intensa e não parou por horas. E com os corpos descansando no topo da pilha do jeito que estão, é provável que tenham absorvido uma quantidade enorme de fluidos.

— O que é isso? — Eu mal posso falar. Quero me virar e vomitar. Eu vi algumas coisas fodidas na minha vida, mas isso? Isso é outra história. Algo podre e perverso. Lágrimas descem pelas bochechas de Natalia.

— Aqui é onde meu pai dispõe das pessoas que estão contra ele. As pessoas que tentam vender cocaína em seu país. E as mulheres que dizem não muitas vezes. As mulheres que não aceitam se submeter.

Enquanto estou olhando para o sepulcro, meus olhos pulando nos inúmeros corpos, eu tento estimar quantas pessoas estão aqui. Os esqueletos estão espalhados e em pedaços na maior parte. Eu desisto tentando vê-los como corpos inteiros e, em vez disso, começo contar crânios.

Treze, quatorze, quinze...

Vinte e seis, vinte e sete, vinte e oito...

Cinquenta e dois, cinquenta e três, cinquenta e quatro...

Oh Deus. Muitos. Eu só posso contar quantos estão descansando no topo da pilha. Quem sabe o quão profundo é o buraco, quantos corpos estão empilhados embaixo. E quem sabe quantos buracos Fernando Villalobos encheu antes de ter escavado e preenchido este. Algo me diz que este não pode ser o único.

Isso deve ser o que sentiram os soldados que foram para Auschwitz, esperando libertar os prisioneiros de guerra, e os encontrar mortos empilhados em ambos os lados da estrada.

Algo ocorre comigo, então. Algo medonho e tão horrível que nem consigo compreender que pode ser verdade. *As mulheres que não se submeteram.*

Laura era tão teimosa quanto podia. Laura não era uma mulher para se submeter, por pior que fosse a situação. Eu olho para Natalia, e ela já pode ver isso no meu rosto.

— Não. Não, ela não está aqui, Cade. Ele não a colocou aqui. Eu saberia se ele fizesse. Ele me prometeu...

Muito tarde.

É muito tarde para eu mudar de ideia. A ideia está na minha cabeça agora, e não vai desaparecer. Esse filho da puta poderia ter jogado o corpo ainda quente da minha irmã em uma fossa de massa fodida? Ah não.

Apenas. Não.

Eu desço a montanha, e não ando mais. Estou correndo. Estou carregado. Eu estou no caminho da guerra, a raiva bombeando pelas veias, e não conseguirei me segurar até que Fernando Villalobos esteja deitado em uma piscina de seu próprio sangue. Eu vou puxar cada um dos seus dentes para fora com um par de alicates. Vou despejar ácido nesse filho da puta. Eu vou machucá-lo tanto que ele vai implorar para eu simplesmente parar e deixá-lo morrer.

Não haverá piedade para ele. Não haverá perdão. Só haverá dor e sofrimento e, finalmente, quando eu tiver o suficiente e meu corpo estiver cansado e fisicamente não puder torturá-lo mais, vou disparar na sua cabeça de merda e colocá-lo como o maldito cachorro que ele é.

— Cade! Cade, espere! — Natalia está atrás de mim em algum lugar, correndo, mas agora estou mais rápido do que ela. Não tenho cuidado. Eu me arrasto pela floresta, mal vendo os troncos de árvores, mal conseguindo me equilibrar sob os galhos baixos e pendurados no ar.

— CADE!

O choro de Natalia ecoa em torno das montanhas altas à nossa volta. Um coro de gritos separa o ar quando dezenas de pássaros voam

pelo céu. Eu não olho para trás. Tenho um propósito único em minha mente, e esse propósito é causar agonia indescritível a Fernando. Minha jornada pela montanha é muito mais rápida do que estava acontecendo. Minhas pernas estão cantando com dor, no entanto, meus joelhos e tornozelos latejando da minha corrida para baixo em declive.

O sol está se pondo. Pouco mais que um círculo crescente laranja queimado permanece pairando no horizonte. Ele vai sumir logo, desaparecendo completamente, e então eu estarei correndo na escuridão. Natalia provavelmente tinha uma lanterna naquela mochila. Ela provavelmente tinha água e todos os tipos de outros suprimentos, mas não preciso de nenhum deles agora. Eu só preciso voltar para a propriedade. Eu só preciso...

Um uivo baixo e estranho amortece o som da floresta. Num minuto, tudo está vivo, os insetos chilreiam, os pássaros ficam entre as árvores, os grilos cantam e, então, é como se a floresta estivesse a socorrer profundamente e se debruçasse, recusando-se a deixar ir. Outro uivo, longo e lamentoso. Está muito perto. Eu paro, esperando, ouvindo. O som atravessa bem nas montanhas. Muito bem. Pode ser que os lobos estejam realmente a quilômetros de distância, e sua música é simplesmente carregada pelo vento, mas...

Mais uma vez vem. E desta vez, uma cacofonia de som segue-se depois de crepitar o que não seria audível se os animais não estivessem muito perto. Maldição. Fernando disse isso mesmo. Esses animais são descarados. Eles já levaram pessoas de fora da fodida casa antes, o que significa que eles não terão problemas em pegar uma única pessoa na floresta sozinha. Não estou preocupado comigo. Eu tenho a minha balisong. Além disso, lutei contra traficantes de drogas enlouquecidos e mulheres colombianas psicóticas no passado. Além do estranho extremista talibã aqui e ali. Eu posso lidar com um monte de lobos. Natalia, por outro lado? Ela ainda tem uma arma com ela?

Porra.

Meu cérebro muda de engrenagem com toda a delicadeza e poder de um avião de combate F16. Eu me viro e corro de volta do jeito que eu vim, meus músculos gritando, meus pulmões queimando, meu coração em chamas.

— NATÁLIA!

— Por aqui!

Ela é fácil de encontrar. Ela deve ter feito um bom trabalho para me acompanhar, porque ela não está tão atrás. Acho ela agachada com uma adaga serrada na mão. Sua expressão é sombria e séria, o olhar fixo em algo na frente dela. Não vejo por um segundo. Meus olhos precisam de um momento para se adaptarem à camuflagem da floresta, mas logo eu posso separar todos os verdes, negros e castanhos, e o lobo aparece, com os dentes abertos, os olhos brilhando perversamente. Ele é puramente preto, tão selvagem e lindo, apesar do seu óbvio desejo de rasgar o rosto de Natalia. Ela estende a mão, gesticulando para que eu pare, para ficar onde eu estou.

— Ele não vai parar se houver dois de nós. — ela sussurra. — Apenas espere. Não se mexa.

Eu nunca tive experiência com os lobos, e eu aposto que a mulher na minha frente já teve muita coisa. Eu faço como ela diz, esperando para ver o que o lobo fará, embora minhas mãos estejam torcendo pelos meus lados. Parece errado. Parece que eu deveria estar fazendo algo para protegê-la.

— Pare garoto. — ela murmura em voz baixa. — Agora fique onde está.

O lobo permanece totalmente imóvel; A única parte que se move é seu focinho, que treme enquanto ele rosna. É um som ameaçador. Significa negócios de merda, e não tenho dúvidas de que ele vai se lançar em Natalia se ela recuar.

No entanto, ela não se acovarda. Ela está quieta e calma enquanto o lobo a observa com seus olhos amarelos afiados.

Uma série de latidos excitados ecoa através das árvores que nos rodeiam, e um suor frio explode na minha testa. — Ele não está sozinho, Natalia. Eu acho que é hora de ir.

Ela acena com a cabeça lentamente, virando o punho de sua faca serrada na mão. — Se eu recuar agora, ele saberá que ele ganhou. — diz ela. — Eu tenho que ter isso.

Fodido Harrison. Se ele não tivesse pegado minha arma, esta situação seria muito diferente. Talvez eu não precisasse mesmo matar o lobo; um tiro no ar poderia ter sido o suficiente para assustá-lo. Como se sucede, o animal provavelmente morrerá, e por algum motivo que parece uma injustiça.

O lobo avança para frente, apenas um pé, testando a água. Natalia não retrocede, no entanto. Ela permanece congelada, uma faca estendida na frente dela, pronta e sua mão está estável. A mulher nem está tremendo. Ela é notável. — Prepare-se para correr. — ela me diz. — Eu estava errada. Este já pensa que ganhou.

— Não precisamos arrui... — Subitamente, o movimento rápido me leva à guarda. Eu não estava assistindo. Eu não notei o lobo à minha direita, esgueirando-me pelo mato até mim. Eu quase não registrei o borrão de cor à medida que brotou das sombras, voando em minha direção, com os dentes abertos e estalando, indo para minha garganta. Não tenho tempo de reagir. Estou a meio caminho, preparando-me para me dobrar ao meio, quando um flash de prata corta o ar e o lobo late, gritando. Ele me bate na lateral com a força de uma bola de boliche de 30 quilos, mas ele não está tentando me dilacerar com os dentes agora. Ele está sangrando, deitado de lado, e a faca de Natalia está em suas costelas.

Então tudo é um caos.

O lobo preto ataca, se precipitando em direção a Natalia, que agora está desarmada. Ela... ela simplesmente atacou um lobo com sua faca? *No meio do ar?* Não tenho tempo para processar. Estou correndo em direção a Natalia, mas o lobo preto está lá primeiro. Ele aperta os dentes em torno do antebraço, arrancando sangue. Ela grita, e o som de sua dor envia um frisson de eletricidade através da floresta escura. Uma série de uivos e gritos seguem: os lobos estão ficando excitados. E agora, eles podem sem dúvida cheirar o sangue.

Caio em cima do lobo preto, agarrando sua cabeça.

— Cade! Retire-o de mim!

Eu tento cortar seu ar, sufocá-lo por falta de uma palavra melhor, mas posso dizer da maneira rígida e tensa que seu corpo está curvado

que não vai dar tão fácil. Simplesmente não vai. Não há meio termo para este animal. Há somente sucesso ou fracasso, e quando falha significa fome, faz criaturas como estas determinadas. Eu tenho que matá-lo. Eu tenho o que preciso. Minha balisong ainda está em minha mão, mas esfaqueá-lo não é a forma mais eficiente de acabar com isso agora. Eu agarro sua cabeça, tomando conta de seu focinho e sua mandíbula inferior, e eu a torço bruscamente. Um rangido doentio enche o ar, e eu sinto o dano que eu fiz. O pescoço do lobo encaixa nas minhas mãos, e é isso. Ele está morto. Acabou.

Contudo não está, porque depois há mais dois lobos rastejando para frente, de dentro da floresta, e então outros dois, e depois mais três. Mais e mais deles aparecem, materializando fora da escuridão, e cada um deles parecem prontos para matar.

Natalia detém o braço ao peito, embalando-o. Ela está coberta de sangue, e seu rosto é uma estranha cor cinza. — Eles não vão parar agora. — ela sussurra. — Nós temos que sair daqui.

Eu a ajudo com seus pés, movendo-a lentamente, tentando não assustar a matilha que se aproxima. — Nós não podemos atravessá-los. — digo a ela.

Ela balança a cabeça. — Este é o seu mundo. Eles podem ver no escuro. E eles conhecem muito melhor o caminho da floresta do que nós.

— Então o que vamos fazer? — Há sempre uma saída para cada situação complicada. Sempre. Eu não posso ver a maneira de sair deste caminho agora, porém, e está começando a me assustar. Eu posso ser capaz de me afastar de um bando de lobos e salvar a mim mesmo, mas eu posso salvar Natalia ao mesmo tempo? Posso ter certeza de que nós dois sairemos dessa ilesos? Pela primeira vez, eu gostaria de ter sido egoísta o suficiente para pedir a Jamie para estar aqui. Se ele estivesse ao meu lado, isso seria moleza. Ele poderia ter lidado com a maioria desses filhos da puta, enquanto tenho a certeza de que Natalia estivesse bem. Apenas um desejo, no entanto. Eu disse a ele para não vir. Eu disse a ele para ficar no Novo México com o clube, e é tarde demais para mudar de ideia agora.

Movendo lentamente, eu me curvo, recuperando a lâmina serrilhada de Natalia do lobo morto no chão à minha esquerda, e eu a lanço para ela. — Vá para o pescoço. Seus olhos. — eu digo a ela. — Mantenha-se calma e vamos fugir disso.

Ela engole, balançando a cabeça, e eu posso ver que ela está com medo.

Os lobos rastejam para frente, lançando à frente um de cada vez, nos testando, tentando encontrar o melhor local para atacar. Há nove deles agora. Nove lobos contra nós dois. A forma como se movem é silenciosa e ameaçadora, e a morte paira no ar.

— *Cade.* — diz Natalia. O terror é evidente em sua voz. — Isso não deveria acontecer. Eu sinto muito. Você deveria ter saído. Você deveria ter ido embora.

— Está bem. Vai dar tudo certo. — Eu não posso me convencer disso, apesar de tudo. Os lobos se aproximam. Seus dentes são claramente visíveis mesmo que a luz esteja falhando, e eu sei como eles vão se sentir, rasgando e arrancando nossa carne. Isso vai doer. Será agonia, e vai ser tudo culpa minha.

Mais perto, eles vêm.

Mais perto.

Um chega à minha esquerda, estalando e rosnando, e eu o corto com a minha lâmina, rosnando de volta para ele. O lobo cai para trás, mas é apenas uma questão de tempo antes que ele ataque novamente. E da próxima vez...

Altas explosões de sirenes estrondosas atravessam na floresta, a profundidade e amplitude fazendo o chão sob meus pés tremer. Eu pulo, pronto para cortar com a minha faca, mas algo milagroso acontece. Eu nunca ouvi nada tão alto antes. A sirene sacode as folhas das árvores. Meus dentes chocalham dentro da minha boca, o som é poderoso. Tento gritar sobre ele, para perguntar a Natalia o que diabos está acontecendo, mas é inútil; minhas palavras são abafadas pelo som ensurdecedor.

Os lobos estão congelados. Eles já não estão avançando para nós; eles estão parados no local, orelhas girando como loucos enquanto ouvem o som. Quase todos eles têm uma pata levantada no ar. Eles parecem em conflito. Uns deslizam para frente, e outros rangem os dentes de volta.

O som para, assim como inesperadamente começou, e os lobos se espalham, balançando as caudas e fogem para longe de nós, descendo a colina.

Não posso acreditar nisso.

Meus ouvidos estão zumbindo. Eu mal consigo ouvir sobre o alto zumbido insistente dentro da minha cabeça, mas eu consigo os meios para olhar Natalia e falar. — O que diabos? O que acabou de acontecer? Que diabos foi esse som?

Natalia despenca de joelhos, o peito subindo e descendo quando ela começa a desmoronar. Enxugando os olhos com as costas da mão, ela inala, obviamente tentando se recompor.

— Meu pai. — ela suspira. — Ele está os chamando. Eles *sabem*.

— Eles sabem o que?

Ela olha para mim, e eu vejo a dor em seus olhos. — Essa é a hora da alimentação.

Capítulo Doze

Pesadelos e Vícios

Aparentemente, uma presa impotente e implacável é muito preferível a um grupo de lobos a aquela que luta. E os lobos na montanha de Orellana sabem quando seu sino de jantar é tocado. Enquanto atravessamos a floresta, de volta à casa, Natalia explica o método de seu pai de atrair os lobos para que eles saibam que uma refeição pronta está sendo servida nos gramados da propriedade.

O alarme significa carne viva e fresca. E isso significa *pressa*.

— Alguém deve ter... tentado... fugir. — Natalia dispara. — Alguém deve ter... tentado escapar.

Bela merda. Momento perfeito para nós, mas não tão bom para o pobre bastardo que foi pego tentando deixar a festa de sexo de Fernando. Ele disse ter mais jogadores chegando hoje. Ele me disse para sair da casa por causa disso. O que aconteceu depois que aqueles fodidos doentes chegaram deve ter sido muito ruim para alguém arriscar isso. E o risco não valeu a pena.

— Não vale a pena voltar. — diz Natalia. — Já é tarde demais. Se meu pai soa esse alarme, significa que ele já tem alguém acorrentado e pronto para os lobos. Não podemos fazer nada.

— Como não podemos, porra?.

— Cade, não fique louco. Seus homens estarão todos lá. Eles têm rifles. Eles sabem como atirar. Se você mesmo tentar detê-lo... — Há uma desesperança em seus olhos. Algo me diz que já viu o que acontece quando alguém tenta impedir seu pai de alimentar seus lobos, e isso

não funcionou bem. No entanto, não consigo ficar sem fazer nada. Eu tenho que tentar. Tenho certeza que não posso aguentar ver uma das pessoas que Fernando sequestrou ter seus membros arrancados. Poderia ter sido Laura uma vez, e o pensamento disso me deixa mal.

Logo, estamos quase na casa. Eu posso ouvir gritos e zombarias do gramado dianteiro, bem como uma boa quantidade de rosnados. Estou prestes a explodir pelas árvores, no gramado, quando Natalia me agarra pelo braço e me puxa de volta.

— Não, por favor. Não. Vamos dar a volta por trás. Todos nos verão...

Eu pouco me importo sobre todo mundo me ver neste momento. Mas ela parece que está prestes a ter um ataque cardíaco, e eu não posso mais fazer isso. Deixo-a me conduzir à direita, então, contornando o lado da mansão. Posso ver as pessoas através das árvores — tanto movimento. Pessoas correndo? Pessoas lutando? Não consigo entender muito. Natalia lidera o caminho. Ela me guia em um caminho invisível que ela parece conhecer bem, e então estamos de pé em uma entrada, uma entrada lateral da casa, e ela apertando um código em um teclado que está afixado na parede.

— Por que estamos indo para dentro? Temos que parar isso.

— E nós vamos. Apenas confie em mim. *Por favor.* — Ela está tão desesperada para eu fazer o que ela está me pedindo que eu vou contra tudo o que faz qualquer sentido para mim. Eu faço. Eu a sigo dentro da casa. A porta de aço pesada bate fechada atrás de nós, e eu sinto que acabei de tomar uma decisão ruim e terrível. A casa está deserta. Não há uma alma à vista. Nossos passos ecoam como disparos quando corremos pelo corredor de mármore e meu coração parece um metrônomo enlouquecido, marcando uma tatuagem frenética no meu peito.

Natalia percorre os corredores do piso inferior e, a cada passo, ouvimos o som da agitação do lado de fora ficar mais alto. Ela é fiel à sua palavra; Ela me leva a uma parede de portas francesas que eu não vi antes, numa ala da casa que parece mais informal do que o austero mármore branco e vasos obscenamente grandes do hall. Ela corre para o meio do conjunto de portas francesas e as puxa, levando-nos para um

terraço deserto, dois ou três metros acima do gramado. Deve haver uma centena de pessoas reunidas lá no gramado. O ar cheira verde, fresco, como recém-cortado, misturado com algo mais sinistro. Algo metálico, como cobre.

Levo um momento para descobrir o que estou olhando.

Vejo Harrison primeiro. Seus braços estão envolvidos em torno de si mesmo, mas não de maneira defensiva. Ele está cacarejando, seu rosto uma máscara de alegria, e parece que está agarrando seu estômago porque ele está rindo demais. Seu corpo rola para frente, revelando uma linha de homens com armas, de pé para um lado, assim como Natalia previu. Assim como alguns dias atrás, quando o corpo de William foi alimentado aos lobos, os convidados permanentes de Fernando estão amontoados no gramado, cada um deles vestidos com vestes escuras. Eu examino a multidão, procurando por Platão, mas ele não é visto em nenhum lado. Estou imediatamente preocupado. Por que ele não está lá com os outros serviçais? Parece um mau presságio. Não há nenhuma maneira de Fernando lhe permitir perder este espetáculo, o que só pode significar uma coisa: *ele* é a pessoa que tentou escapar. Eu não conheço o homem bem o suficiente para decidir se esse é o caso ou não, mas é uma possibilidade. Um raio de culpa dispara através de mim. O cara me salvou. Ele arriscou sua própria vida tentando salvar a minha. E nenhuma boa ação fica impune, como meu pai sempre gosta de dizer.

— Há tantos homens. — diz Natalia, apontando para a escuridão.
— Nunca vi muitos jogadores aqui ao mesmo tempo. Meu pai... ele normalmente teria me dito se esperávamos tantos.

Ela está certa. Deve haver cinquenta ou sessenta caras, todos vestidos de preto, falando silenciosamente entre si de um lado. Todos são jovens. Eles são todos bonitos. E todos eles parecem elegantes que Versace, Tommy Hilfiger, Dolce e Gabbana simplesmente adorariam. Pior, eles são todos caucasianos. Todos parecem ser americanos, tanto quanto suas aparências podem lhes dizer, e eu me sinto mal do estômago. Meus compatriotas. As pessoas que eu lutava para defender. Deus, eles me deixam envergonhado.

Não é bom que Natalia não saber que haveria tantos. Não sei por que Fernando não disse isso a sua filha. Isso significa que ele sabe que ela está falando comigo? Dizendo-me coisas?

Na extremidade muito distante do gramado grande e extenso, vejo o homem. Fernando parece que tem cinco metros de altura. Ele parece estar brilhando com orgulho enquanto olha para baixo em uma confusão de cores e peles, apenas a dez metros de distância dele. Não consigo ver o que está acontecendo no início. Então, eu procuro a forma imóvel de um corpo no centro da matilha. Parado, eu posso dizer, e então, empurrando, torcendo, se debatendo quase, enquanto os lobos rasgam e torcem e agarram e mordem.

Eles estão se alimentando.

Eles estão frenéticos.

Seus focinhos estão cobertos de sangue e pedaços da carne.

E eles estão quase acabando a refeição.

Natalia cobre sua boca com uma mão, suprimindo um soluço horrorizado. — Estamos muito atrasados. Oh Deus, estamos muito atrasados.

Mesmo que chegássemos vinte minutos atrás, teríamos chegado muito tarde. — Quem é esse? Você sabe quem é? — Eu pergunto.

Ela balança a cabeça. — Não consigo ver. — Não é uma verdadeira surpresa que ela não possa; Seus olhos estão cheios de lágrimas. Ela se ajoelha, afundando no chão. Eu tento pegá-la, mas ela luta com minhas mãos, rastejando para frente, observando o pesadelo se desdobrar diante de nós através das lacunas na balaustrada de mármore.

Estou como uma perda. Cheguei ateando fogo para ajudar. Para parar isso de alguma forma, e agora que é muito tarde, a adrenalina que percorreu meu corpo durante a última meia hora não tem nenhuma serventia. Meus músculos estão pulando, exigindo ação, e ainda não há nenhum curso a seguir. Nada que ajude, agora que o corpo sem vida lá fora no gramado foi reduzido a tendões e ossos. Eu não me senti inútil dessa forma há muito, *muito* tempo.

— *Perséfone!* — Os ecos do grito na noite são de gelar o sangue de alguém que acabou de ter seu coração arrancado. Natalia para de chorar. Ela se pôs de pé, e então nós dois estamos examinando a multidão novamente, procurando a pessoa que gritou o nome.

Vem novamente, alto e claro.

— *PERSÉFONE!*

Com a grande multidão de jogadores de Fernando ocupando a maior parte no gramado, não o notamos antes: Platão, em joelhos na terra, nu, com as mãos amarradas atrás de suas costas. Seu rosto e seu tronco estão cobertos de sujeira, e um rio de sangue está escorrendo pelas costas, sobre suas nádegas e nos músculos de suas pernas.

— Oh, Deus, este é...

— Platão. — eu termino. — Sim. E o corpo lá fora é, obviamente, de Perséfone.

— Oh Deus. Oh Deus... — Natalia aperta os olhos. Parece que nunca viu isso antes. Ela deve ter visto. Do jeito que ela fala, ela deve ter visto isso uma e outra vez, e, no entanto, ela parece desesperada. Talvez essa seja a diferença entre homens e mulheres. Vi tanta violência e morte na minha vida. As coisas que experimentei na guerra assombram meus sonhos. Parece haver uma grande diferença entre uma pessoa normal que vê algo assim e quando eu vejo isso agora.

Eu sei que está errado. Eu sei que está fodido. Minha alma está contra isso tão firme e tão forte quanto possível. E, no entanto, machuquei mais do que isso. Testemunhei coisas tão depravadas, malignas e negras que não posso mais pontuar o *pior* dos *piores*.

Através dos gramados bem cuidados, os lobos ainda estão trabalhando. Eu não tenho ideia de quanto tempo eles vão assumir a matança, mas eles ainda não parecem ter acabado. Eles estão ficando preguiçosos, cheios, mas eles ainda estão brigando entre si, discutindo sobre seus alimentos. Os gritos de Platão, seu uivo de agonia queixoso e cheio de miséria. Harrison, que ainda estava rindo até um momento atrás, parece furioso. Ele franze o cenho, sua atenção voltando-se para Platão. Com passos rápidos e decisivos, ele atravessa o gramado.

— Ah não. Oh Deus, não. — Natalia lamenta. Não preciso perguntar por que ela parece tão perturbada. Eu já vejo a intenção nos olhos de Harrison e eu sei que não significa nada de bom. Ele chega a Platão rapidamente, tirando a arma da cintura. Estou me movendo então. Eu nem sei o que estou fazendo até perceber que estou abaixando a balaustrada, descendo no gramado, e de repente a grama está debaixo de meus pés.

— Sam! Por favor volte!

Não tenho ideia de como Natalia se lembra de me chamar pelo meu falso nome, mas sim, graças a Deus. Ela parece ter medo, mas não tenho mais controle no meu próprio corpo. Eu não conseguia me impedir, mesmo que quisesse. Eu passo pelo gramado, fogo batendo pelas minhas veias. Quando vejo Harrison segurando a arma, quando vejo que é, na verdade, a minha arma, eu disparo a correr.

De jeito nenhum ele vai atirar em Platão com a *minha* arma.

Não. Porra. De. Maneira. Nenhuma.

Harrison me vê chegando. Um sorriso perverso e mórbido se espalha através de seu rosto enquanto gira, redirecionando a arma, apontando para mim. Ele não é um homem de bom tiro, no entanto. Ele não conseguiria atingir um alvo em movimento se sua vida dependesse disso. Ele claramente não conseguiu praticar seu objetivo tanto quanto um contratante privado no deserto. Eu viro para a esquerda e ele nem se preocupa em disparar. Ele sabe que seria um tiro desperdiçado. Ele prepara os pés, apoiando-se, como se, estivesse preparando para mim, e quase estouro em gargalhadas. Ele tem a mesma altura e peso que eu, mas não somos adversários iguais. Nem mesmo ele chega próximo.

Eu me lanço para ele, um braço já estendido, acertando-o no pescoço. Com o meu outro braço, o agarro firmemente em volta da cintura. Ele está sem fôlego, incapaz de respirar. Ao mesmo tempo, ele está preso, incapaz de escapar.

Ele faz um som irritado enquanto eu o levanto do chão.

Esses caras, esses malditos idiotas, posers¹⁰ como ele... acham que o poder está no gancho direito. Isso é tudo o que eles têm. Eu, por outro lado? Eu sou treinado em Krav Maga. Eu sou faixa preta em Tae Kwon Do. Tenho treinado Muay Thai durante muito tempo. Eu sou muito mais do que um gancho de direito. Eu sou um esmagador, devastador. Eu sou um golpe brutal finalizador na cabeça. Basicamente, eu sou muito mais do que esse filho da puta pode lidar, e ele está prestes a morrer.

— Me... solte... seu... filho... da... mãe... fodido! — Harrison gagueja, esforçando-se enquanto tenta tirar as palavras. Eu não solto. Eu aperto meus nódulos em sua garganta, tornando ainda mais difícil para ele respirar.

— Não! Deus, por favor, não! — Platão, ainda com as mãos amarradas atrás de suas costas, está rastejando para nós de joelhos. — Não! Foda-se, cara, por favor, pare com isso!

Estou tão perto de matar esse filho da puta. Tão perto de embrulhar minhas pernas ao redor dele, prendê-lo no chão e molhar seu rosto na terra. Eu faria isso. Terminaria o trabalho em um batimento cardíaco, mas os homens de Harrison estão perto, oito rifles apontados para o meu rosto, e de repente a morte está sobre mim.

Se for assim que vou morrer, então, porra, que seja assim. Platão arriscou seu traseiro por mim. É certo que entrego o meu para salvar o dele. Há tantas coisas que me dizem que é difícil diferenciar o som. Eu ouço dois ou três dos caras amortecendo seus rifles, cliques metálicos ao meu redor, mas tudo o que resta é apenas ruído branco.

— Liberte-o. *Agora.* — um dos homens de Harrison diz. Ele também é americano, pelo seu sotaque. Outro deles me bate na parte de trás com a ponta do rifle, o bastante para me machucar. Eu sei que preciso deixar Harrison, mas sou um idiota teimoso. Uma grande parte de mim preferiria morrer do que deixá-lo ganhar.

— Sam, por favor!

¹⁰ Posers são pessoas que tentam encaixar em um perfil que não é. Pessoas que tentam deixar a impressão de que são uma coisa quando são realmente outra.

Não é Platão implorando agora; É Natalia. Ela chega à minha frente, caindo de joelhos ao meu lado, e está chorando demais. — Já existe muita morte. — ela sussurra. — Perséfone foi o suficiente. Não morra também. Não morra. Você deveria me levar embora desse lugar.

As palavras são como uma bofetada no rosto. Eu já sonhei em lhe pedir para ir embora comigo com certeza, mas nunca pensei que ela iria de verdade me pedir para me acompanhar quando eu for. Se eu conseguir ir. Eu sinto o fogo drenando meu corpo. Libertando Harrison, eu empurro o filho da puta para frente, e ele se afunda, caindo primeiro na grama.

— Você não faz ideia... como fodido você está agora, meu amigo. — ele sorri. — Fernando não vai ficar feliz quando descobrir que você está mexendo com sua filha. Quando ele *confirmar* que você está brincando com ela.

— Feche a boca, idiota. Você tem sorte, de eu não ter colocado uma coisa afiada e serrilhada na sua bunda.

Os homens de Harrison se aproximam. Ele está furioso. Muito furioso. Furioso o suficiente que eu espero que ele peça a um deles para atirar em mim, mas antes que ele possa dizer as palavras, um grito enfurecido sobe do outro lado do gramado. É Fernando. E ele tem o martelo na mão.

Os lobos parecem estar satisfeitos com a refeição. A maioria deles se foi, desapareceram de volta para a floresta. Vejo dois deles se afastando lentamente da casa, caindo nas sombras mais uma vez, deixando os restos de Perséfone espalhados pelo gramado. Fernando é o epítome da loucura; Ele atravessa a grama, esmagando seu martelo em qualquer peça que ele possa encontrar — uma perna, um osso; A casca vazada de seu tronco; Seu crânio — e o som de ossos quebrando enche minhas orelhas.

Muito. Alto.

Natalia sufoca um suspiro quando vê o que o pai está fazendo. Harrison sorri. — Isso é o que ele vai fazer ao garoto amante aqui quando eu lhe disser o que acabei de ouvir. *Você deveria me levar embora deste lugar.* — ele diz, imitando Natalia numa voz estridente. —

Há quanto tempo ele manteve você aqui pequena Natalia? Quão duro ele trabalhou para garantir que você nunca saísse? E agora esse idiota aparece e planeja levá-la para longe dele? Ah não. Não, não, não. Ele não vai gostar disso nem um pouco.

Natalia parece que está prestes a voar no bastardo. Eu quero impedir que ela tente arranhar seus olhos, mas ainda tenho oito rifles voltados para a minha cabeça, e uma jogada errada vai me matar. — Natália. Fique calma. Ele não vai dizer nada a Fernando.

Harrison demonstra uma surpresa fingida. — Eu não vou? Por que diabos eu guardaria uma succulenta informação desse tipo? Você me fez passar vergonha. Me enganou. Você tentou me estrangular até a morte. Não fez muito para fingir uma camaradagem fraterna entre nós, Garrett.

— Se você acha que pode tirar as palavras da sua boca e pedir aos seus homens para atirar em mim antes de matá-lo, então, por todos os meios, vá em frente. Mas pergunte a si mesmo... enquanto você estava sentado em sua bunda, usando aqueles JK khakis no Afeganistão, o que você acha que eu estava fazendo? Estava tomando sorvete e relaxando na piscina? Ou eu estava matando inúmeros filhos da puta com minhas próprias mãos?

— Kechu! Natália! Eu estava começando a me perguntar onde vocês estavam! Vocês perderam toda a diversão. — Fernando chega ao lado de Harrison, ainda segurando seu martelo de bola. Seu rosto está salpicado de sangue, seus cabelos em pé e a camisa está amassada no colarinho. Posso imaginar muito bem Perséfone lutando com ele enquanto a arrastou pelo gramado. Ele não se importaria. Ele não teria piscado uma pálpebra enquanto ele a puxou para fora na frente de todos para sua morte.

— Meu, meu, Kechu. Você tem armas voltadas para a cabeça. Parece que você tem uma habilidade real para se meter em problemas. Posso perguntar Harrison, o que nosso convidado fez para garantir um comportamento tão hostil dessa vez? — Ele parece tão civilizado, tão razoável, com a voz calma e até mesmo, parece que simplesmente se arrastou para fora do inferno.

Harrison me dá um rápido olhar pelo canto do olho. Ele quer dizer a Fernando o que acabou de ouvir Natalia dizer, mas ele também está considerando o que eu disse também. Vou *matá-lo* se ele abrir a boca. Fernando me manterá acorrentado no gramado até amanhã, quando os lobos voltarem com fome novamente, mas são as repercussões potenciais que Natalia poderá ter que suportar, o que mais me incomoda. Harrison deve ver o olhar no meu rosto. Ele deve ver que eu quis dizer exatamente o que disse, e ele deve estar bastante confiante nas minhas habilidades para cumprir minha promessa. Ele esmaga os dentes, franzindo o cenho. — Eu estava tentando punir esse rebelde, e ele saiu do nada. Ele me impediu de realizar sua justiça.

Fernando franze o cenho. — Por que você faria isso, Kechu? Este homem pertence a mim. — ele diz, apontando para Platão. — Ele interferiu quando eu trouxe aquela mulher traiçoeira aqui fora. Ele tentou me impedir para libertá-la. Certamente você não acha que posso tolerar esse tipo de comportamento? Se o fizesse, o ecossistema frágil aqui iria rapidamente entrar em desordem. O meu negócio não funcionaria mais. Eu não poderia mais proporcionar conforto e segurança para minha filha.

Ele parece legitimar-se de alguma forma, como se não entendesse por que eu poderia considerar fazer isso com ele. — Ele é um ser humano. — eu grunho. — E você estava prestes a matar sua amiga. Ele não pode deixar de tentar ajudá-la. Ele não pode deixar de querer salvá-la.

Fernando considera isso. Ele olha para o martelo, e em minha mente eu já posso vê-lo jogando em mim. Ele gira a arma em sua mão, parecendo perplexo. — O que os americanos dizem o tempo todo? Você está caminhando por uma linha fina? Você está patinando em gelo fino? Uma dessas coisas. Aqui em Orellana, dizemos: — Você está perigosamente perto de irritar Fernando Villalobos. — É mais simples, eu sei. Mais é o ponto. Por favor, não se meta no caminho dos meus funcionários novamente, Kechu. Caso contrário, não terei escolha senão agir. É só o meu respeito por você, e pelo acordo que fizemos, que não farei nada.

Estou chocado. Não tentei me desculpar; O olhar que lhe dei foi desdenhoso para dizer no mínimo. E aqui está ele, deixando-me fora do

gancho? Eu sou afortunado ou amaldiçoado com as boas graças deste homem. Só o tempo irá dizer. Ele gesticula para a casa. — Por que você não volta para dentro, Kechu? Há alguns negócios que eu preciso cuidar aqui, e eu desejo falar com minha filha em particular. Uma vez que eu termine com ela, eu gostaria de falar com você também. Tenho algumas perguntas que quero lhe fazer.

Harrison parece devastado. Tenho certeza de que ele pensou que eu estava prestes a ser assassinado brutalmente bem na frente dos olhos dele. Fernando se vira e passa por ele sem sequer reconhecê-lo. Fixando Platão em suas vistas, ergue o martelo. Eu acho que ele vai atacar Platão com isso, apenas assustá-lo um pouco, mas não é o que acontece. Platão flanqueia enquanto Fernando traz o martelo para baixo no lado do joelho. É um golpe devastador, e Platão grita, caindo do seu lado, incapaz de romper sua queda com as mãos ainda amarradas atrás de suas costas. Meu estômago torce. Eu passo à frente, segundos da tentativa de parar com essa loucura novamente, mas Platão balança a cabeça, apenas um leve balançar, e eu sei o que ele está tentando me dizer: *Não. Você só piorará as coisas. Por favor, deixe-o.*

Eu me viro e volto para a casa, tentando não ouvir os gritos angustiados do estranho que fez o melhor para me salvar.

— Você vê Kechu, estou sobre muita pressão. A pressão me deixa um pouco louco às vezes. Platão entende isso. Ele sabe que ele não pode agir contra mim sem represálias. Ele está ferido no momento, mas ele vai se recuperar em breve. Quando ele estiver curado e pronto para voltar ao trabalho, ele estará um pouco mais atento em qual é seu lugar aqui na propriedade. Eu tive que pegar pesado com eles na ocasião. Se você estivesse em minha posição, tenho certeza de que se simpatizaria.

Tenho certeza de que eu não faria. Então, novamente, eu nunca estaria em sua posição. Nada poderia me tentar ao tipo de vida que Fernando leva. Ele se senta em frente a mim, mexendo papéis de uma extremidade de sua mesa para a outra, e eu sou mais uma vez atingido

por quão diferente ele pareceu lá fora. Ele parece algum tipo de administrador ou um consultor de negócios. Agora que ele se limpou do sangue de antes.

— Estou especialmente tenso desde que temos muitos convidados conosco no momento. Normalmente, quando temos um grande grupo nos visitando, realizamos uma festa em homenagem. Eu esperava que isso pudesse ser evitado desta vez, mas meus clientes ficaram desapontados com o fato de que uma celebração não estava nos convites. Como tal, vamos realizar uma festa dentro de três dias. Eu queria ter certeza de que você está ciente do que está prestes a acontecer aqui na casa, e aconselhá-lo que qualquer discórdia entre meus convidados é estritamente proibido durante esses horários. Não haverá brigas. Não haverá conduta desordenada. Se necessário, não haverá interação entre facções em conflito. Estou sendo claro, Kechu? Você é um convidado aqui, assim como meus outros clientes são, no entanto, um passo errado irá levá-lo claramente a problemas, e uma vez lá... é incrivelmente difícil voltar. Você entende o que eu estou lhe dizendo, Kechu?

Eu gemo, olhando a caneta de metal pesada em sua mesa. Em minha mente, eu me inclino, arranco a caneta e enfio em sua maldita jugular. — Sim, eu escutei você. Ou eu ando na linha, ou eu estou fora.

— Mais do que fora, Kechu. Você estará *morto*. E, estranhamente, tenho aproveitado sua presença aqui na propriedade. Sua atitude ardente é refrescante, quando tantas pessoas vêm aqui rastejando e bajulando. Mas há um limite para o que eu acho divertido. Eu odiaria ter que acabar esse relacionamento comercial forjado, quando poderia ser tão lucrativo para ambos os lados. Você não concorda?

— Cem por cento. — Estou escondendo meu ódio agora como um chefe. É difícil, porém. Eu apenas continuo pensando naquela fossa cheia de corpos. Natalia está tão desesperada em querer acreditar que Fernando enterrou Laura lá em cima da encosta, com vista para o vale e o rio abaixo, mas eu não sei. Ele a enterrou lá, com sua família? Com sua esposa morta e seu pai morto? Eu não penso assim. O desrespeito de Fernando pela vida é fenomenal. Ele não se importaria mais com Laura do que se importou com Perséfone e veja o que aconteceu com ela. Eu não vi ninguém pegar os restos daquela pobre menina,

recolhendo, a fim de levá-la até o lado da montanha para *enterrá-la*. Não. Laura encontrou um destino muito mais horrível do que Natalia está disposta a aceitar, e não tenho nenhum problema em imaginá-lo. Assombra-me enquanto me sento do outro lado da mesa de Fernando, sorrindo facilmente, concordando com os termos dele.

— Me desculpe. — eu digo a ele. — Eu tenho sido muito grosseiro. Nossas culturas e nossas famílias são muito diferentes. Eu prometo, vou respeitar sua maneira de fazer as coisas a partir daqui. Você não precisa se preocupar. Eu não interferirei mais em seus assuntos. E eu definitivamente não causarei nenhum problema em sua festa. Na verdade, estou ansioso para isso. Se eu for convidado, é claro.

Fernando sorri, seus finos lábios esticados em seu rosto esquelético. — É claro que você está convidado, Kechu. Me deixaria muito feliz se você me ajudasse a supervisionar o evento, na verdade. Como tenho certeza de que você já conhece pessoalmente, Harrison leva seu trabalho muito a sério. No entanto, outro par de olhos e ouvidos no não pode fazer mal. Você acha que está preparado para a tarefa?

Ah, ele não tem ideia. Estou pronto para a tarefa. Estou *seriamente* pronto para a tarefa. — Eu ficaria encantado em ajudar. — digo. E no fundo da minha mente, já estou planejando como usar esse evento para minha vantagem. É a oportunidade perfeita para atacar contra ele. Com tantas pessoas aqui, andando pela casa, estranhos com rostos desconhecidos, será fácil para eu entrar e sair da multidão.

— Bom. — diz Fernando, sentado em sua cadeira. — Eu também gostaria que você me fizesse um favor pessoal. Minha filha, Natalia, é muito bonita, tenho certeza de que você já notou. Alguns dos homens que vêm aqui são apanhados na atmosfera nessas festas. É uma preocupação constante para mim que um deles ultrapasse o limite e tente prejudicá-la de alguma forma. Eu ficaria muito grato se você se certificasse de que isso não aconteça. — Há um tom na sua voz, algo nervoso e nítido que faz com que suas palavras pareçam um aviso. *Não ultrapasse. Não a prejudique.* Se ele realmente suspeitasse que houvesse alguma chance de eu fazer isso, no entanto, não estaríamos sentados aqui conversando. Nem em um milhão de anos. Eu seria uma isca de lobo.

— Me dá grande conforto em saber que você está do meu lado, Kechu. — Fernando diz, levantando-se da cadeira. — Não tenho medo de lhe dizer que ficarei desapontado quando tiver que sair de Orellana. Se você decidir ficar mais tempo, você seria mais do que bem vindo aqui na minha casa.

Mais tarde, no meu quarto, espero que Harrison apareça e me faça uma visita. Ele não pareceu feliz que Fernando não me puniu por atacá-lo, e a vingança parece que seria melhor neste momento. O que eu não espero é Natalia, batendo contra as portas francesas na minha varanda oito minutos após a meia-noite, vestido com um minúsculo pano de seda que deixa meu pau extremamente duro. Seus mamilos estão pontudos, muito visíveis através do tecido fino, e eu quero correr minhas mãos sobre eles. Não sei por que a tensão da tarde me deixou louco. Parece que toda vez que estou prestes a querer matar, tudo o que eu quero fazer é foder essa garota. Seriamente.

Abro as portas francesas, deixando-a entrar no quarto. — Eu acho que deveria ser o contrário. — eu digo a ela. — Não deveria ser eu subindo pela janela do *seu* quarto?

Ela sorri, um sorriso pequeno e nervoso. Há sombras escuras sob os olhos. — Eu simplesmente... não conseguia dormir. — diz ela. — Eu queria ver você. Para ver se... você está bem?

— Estou bem. — Isso é apenas meio verdadeiro. Estou mais calmo do que antes, mas também estou quase certo agora que Laura acabou em um tumulto aberto, com Deus sabe quantos outros corpos empilhados em cima dela, e isso não está me fazendo bem para a cabeça.

— Não consigo parar de pensar em Perséfone. — diz Natalia com tristeza. — Eu deveria estar aqui, de volta a casa. Eu teria conseguido fazê-lo parar.

— Quantas vezes você tentou impedir que ele fizesse algo assim antes? — Pergunto. — E quantas vezes ele tem ignorado você e feito de qualquer maneira? — Eu posso dizer pela maneira como sua mandíbula está definida e suas bochechas estão coradas a resposta à minha pergunta, embora ela não vá admitir, são *muitas*. — Hoje não teria sido diferente, Natalia. Você não pode se responsabilizar por todas as coisas doentias que seu pai faz.

— Talvez você esteja certo. — diz ela. — Às vezes eu me pergunto se eu poderia tentar mais para fazê-lo parar, no entanto. Pergunto-me se o meu próprio medo dele me impede de tentar ajudar essas pessoas.

— Pare. Você está debatendo algo sobre o qual você não tem controle. Não há um médico lá fora, que não diagnosticaria seu pai como clinicamente insano. Está tudo bem que você tenha medo dele. Mesmo que o fizesse, não faria diferença.

Natalia senta-se na beira da minha cama, com a cabeça baixa. — Eu simplesmente não consigo parar de pensar que...

— Isso é exatamente o que você *tem* que fazer, caso contrário você vai ficar louca.

— Eles estavam juntos, você sabe. Perséfone estava aqui talvez seis meses antes de Platão chegar. Eles se tornaram amigos imediatamente. Eles se apaixonaram algum tempo depois. Meu pai mantém o quarto masculino e feminino separado na noite. Há dois grandes dormitórios embaixo da casa, e eles são vigiados em todos os momentos. Eles nunca dormiram na mesma cama juntos, nunca adormeceram nos braços um do outro. Mas eles se amaram durante anos. E agora até isso meu pai tirou.

Sentado na cama ao lado dela, coloco meu braço ao redor de seus ombros. — O Mestre mandou parar de pensar nisso agora mesmo. — eu digo a ela.

— Mestre? Quem é Mestre?

— Você nunca brincou de o Mestre mandou?

Ela balança a cabeça. — O que é isso?

— Se eu disser Natalia, tire todas suas roupas, você não precisa fazer isso. Se eu disser, o Mestre mandou tirar suas roupas, então você *tem* que fazer.

Ela parece confusa. — Por que eu iria obedecer apenas porque você diz isso?

— Eu não sei. É um jogo infantil. Não precisa ter sentido.

— As crianças ficam nuas?

Eu sorrio levemente. — Não, essa é definitivamente a versão adulta do jogo.

— E você pode usar essa regra de o Mestre mandou para fazer a outra pessoa fazer alguma coisa?

— *Qualquer coisa.*

Natalia pensa sobre isso. Uma pequena linha aparece entre as sobrancelhas enquanto ela considera o que acabei de dizer. Ela é muito bonita. Isso me atinge toda vez que eu olho para ela. Eu ficaria atraído por ela se eu a visse na rua de volta para casa? Isso seria um ressonante sim. Eu não sou atraído por ela por ser uma donzela angustiada. Ela é deslumbrante. Eu admito, estou pensando em sua boca enrolada em torno de meu pau, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, entre o medo por minha vida e as vidas de todos a minha volta. Mas há algo mais sobre ela. Algo sutil e ao mesmo tempo inegável que me atrai. Não importa onde no mundo eu a conheci. Eu ainda ficaria cativado, independentemente.

Ela sorri enquanto olha para mim, e uma onda de sangue corre para meu pau. — Eu quero jogar. — ela diz de forma decisiva.

— Você quer?

Ela assente com a cabeça. — Qualquer coisa para parar de pensar tanto. E... eu acho que isso será divertido.

— Tudo certo. Bem, você pediu por isso.

Ela recostou em minha cama, exalando, fechando os olhos. Eu me pergunto se ela tem alguma ideia de como isso vai acabar, ou seja,

em uma foda hardcore? Porque o Mestre é um filho da puta e perverso quando falo em seu nome.

— Quem é o primeiro? — pergunta ela.

— Você pode ser. — Em vez de deitar ao lado dela, coloco-me na cama, sentado ao lado, as pernas cruzadas no estilo indiano, observando-a enquanto seu peito sobe e desce. Ela fecha uma pálpebra, olhando para mim com o canto do olho.

— Ok. O Mestre mandou perguntar... — Ela hesita. — Diga-me por que você me beijou no outro dia.

— Por que você acha que eu te beijei no outro dia?

— Eu não sei. É por isso que eu perguntei.

— Porque... — Cara, isso é ridículo. Como ela pode não saber a força que tem sobre os homens? — Eu não tive escolha. — digo a ela. — Não foi algo que eu conscientemente decidi fazer. Você estava encharcada da chuva, seu cabelo estava por toda parte. Você virou para olhar para mim, e eu *tive* que te beijar.

Ela sorri timidamente, cobrindo a boca com entusiasmo com uma mão. Pressionando as pontas dos dedos em seus lábios, ela ri baixinho. — Ok. Acho que vou ter que aceitar isso como resposta. Eu posso de novo?

— Sim. Até você me falar para o Mestre mandar fazer algo.

— Entendo. Ok. — Ela muda, ficando confortável. — Agora, o Mestre mandou, diga-me sobre sua vida, Cade. Eu já sei de onde você vem. Você ainda vive no Alabama? Você trabalha para seu pai, como Laura fazia?

Eu olho para as minhas mãos, espalhando meus dedos. Eu sorrio. — Não. Eu não vivo no Alabama mais. Eu vivo no Novo México. E não, eu não trabalho para o meu pai.

— Então, o que você faz? Você é como meu pai? Vocês vendem drogas e armas pelo o maior lance?

— Não. Eu pertenço a um... — Deus, isso vai soar ridículo. Como é que eu vou convencê-la de que eu não sou apenas outro pedaço violento de merda quando eu explicar a minha vida para ela? — Eu pertenço a um clube de motoqueiros. Mas os Widow Makers não são nada como os outros clubes que você provavelmente já conheceu. Nós não tratamos as mulheres como merda. Fazemos o nosso melhor para ajudar as pessoas, e não prejudicá-las. A maior parte do tempo. Jamie e eu passamos todos os dias desde que Laura desapareceu usando os recursos disponíveis para tentar encontrá-la. Nós temos sido capazes de ajudar um monte de outras mulheres no processo.

— Como?

— Ao tirá-las de circunstâncias de abuso. Ao encontrar-lhes trabalho, novos nomes, novas casas. Novas identidades, quando elas precisam.

— Então... esse clube de vocês, os Widow Makers. Vocês não lutam? Vocês não matam pessoas?

Eu levanto meu dedo indicador, suspirando. — Nós lutamos. Matamos pessoas. O mundo em que estamos envolvidos... não há como escapar do ódio e medo. — Eu gostaria de poder dizer a ela de forma diferente. Eu gostaria de poder dizer honestamente que o clube é de paz e não-violência. Talvez um dia possamos ser capazes. Desde que minha irmã foi sequestrada, tanto Jamie e eu temos como único pensamento e nosso objetivo trazê-la para casa em segurança, para que as pessoas paguem o preço. As leis foram quebradas. Vidas foram tomadas. Agora que eu sei com certeza que Laura está morta, onde isso vai deixar o clube? Eu não sou um homem violento por natureza. Eu sou um homem movido pela necessidade. Eu fui para a guerra para proteger o meu país, e para proteger meu melhor amigo, não porque eu gostava da emoção de puxar o gatilho em uma arma.

Natalia não parece chocada com minha resposta. — Você é honesto, Cade. Isso é tudo que você pode ser. — Nós estamos ambos em silêncio, e os segundos se estendem entre nós, cheio do fervor tranquilo dos nossos pensamentos. Depois de muito tempo, Natalia estende a mão, cautelosamente correndo os dedos contra a costura da minha calça jeans. Seu toque é leve, mas aterrado ao mesmo tempo. É um

pequeno gesto de alguém inseguro e nervoso, ainda desesperado para fazer alguma forma de contato físico.

— Você foi marcado, então? — Ela pergunta. — Marcado. Tatuado pelo seu clube. Para mostrar que você pertence a eles.

— Oh. Sim. É uma espécie de exigência.

Natalia se apoia sobre um cotovelo, olhando para mim. — Mostre-me.

— Você quer ver? — Claro, eu não virei às costas para ela no outro dia enquanto nós transamos em sua casa na árvore. Eu sei que ela notou as partes da minha tatuagem que eram visíveis por cima dos meus ombros, mas ela nunca a viu completa. Teria a assustado se ela tivesse visto antes?

— Sim. — ela me diz baixinho. — Por favor. Eu estou... *curiosa*.

Ela com certeza parece que está bem. — Tudo bem. Se você insiste. — Eu tiro a camisa em um movimento suave, fluido, agarrando o material por trás da minha cabeça e a puxo de uma só vez. Natalia olha sem vergonha enquanto estuda meu corpo. Ela timidamente estende a mão e passa sobre o peito, o lábio inferior preso firmemente entre os dentes. Ela gosta do que vê. Ela gosta do fato de eu ser musculoso. Ela gosta do fato de que sou forte e poderoso. E não acho que isso seja porque eu sou um idiota, e eu sou vaidoso pra caralho. Eu posso ver a valorização no rosto, e pela primeira vez, é importante para mim.

Eu não sou levado por uma questão de boa aparência. Eu trabalho e treino duro porque preciso ser o melhor homem em uma briga. Eu sempre preciso saber que vou ser capaz de dominar um assaltante, e eu não posso fazer isso se tiver uma barriga de cerveja do caralho. Mas agora, com os olhos de Natalia percorrendo sobre o meu estômago e meu peito, a mão patinando sobre a minha pele, estou convencido de como eu me pareço, porque ela parece estar nessa. *Realmente* nessa.

Lentamente, me viro, para que ela possa ver ao meu redor. Ela respira de forma constante, aparentemente acalma o suficiente, mas eu posso sentir seu choque. É uma grande tatuagem. Uma tatuagem

realmente grande. De entre as minhas omoplatas, até a base da minha espinha, os picos de tinta preta e linhas, formando o emblema do clube dos Widow Makers. Um crânio, de boca aberta, com duas armas cruzadas atrás dele. Na parte superior diz Widow Makers; na inferior lê-se New México. Acima da caveira, em letras pequenas e negrito: Vice-Presidente. Minha pele fica eletrificada quando Natalia começa a traçar os dedos sobre as linhas e formas da tinta.

— Doeu? — ela sussurra.

— Na verdade não. — Tenho certeza que ela notou às cicatrizes no meu peito e na minha lateral. Eu levei dois tiros antes. Uma facada uma vez, quando estava em Chino. Isso machucou muito mais do que ser tatuado, mas eu não preciso enfatizar o fato que levo uma vida perigosa para ela. Por alguma razão, eu não quero que ela pense que eu sou esse tipo de cara. Eu quero que ela se sinta segura comigo, eu quero levá-la longe de pesadelos e desgostos, não apresentá-la a ainda mais.

— Você tem sorte. — ela sussurra. — A minha doeu muito.

Eu me viro. — Você tem uma tatuagem? — Eu nunca percebi isso antes. Ela estava completamente nua no outro dia. Como eu poderia ter perdido isso? Natalia concorda. Lentamente, ela empurra para trás a manga, e lá, no interior do seu antebraço, está uma marca. A marca exata que eu notei em Platão, a primeira vez que eu o conheci: A cabeça de um lobo, e debaixo dela, um grande, V de Villalobos.

— Ele mesmo marcou você? Como se fosse a porra de uma propriedade? — A raiva parece ser uma constante nos dias de hoje. Ela me polui de dentro para fora, e não consigo tirar o gosto da minha boca.

— Claro que eu sou sua propriedade. Eu sou o seu bem mais precioso. — Natalia rola a manga de volta para baixo, segurando a mão sobre a marca como se ainda doesse. — Ele queria fazê-la no interior da minha coxa. Assim, qualquer homem que se atrevesse tentar dormir comigo saberia que ele estava invadindo. Consegui convencê-lo de que seria melhor tê-lo aqui, onde era visível.

Jesus. No interior de sua coxa? Filho da puta doente. Tenho certeza que ele teria desejado administrar a marca por si mesmo. Apenas o pensamento me faz querer vomitar.

— Eu tinha apenas quatorze anos. — ela continua. — Eu estava mudando. Meus seios começaram a crescer. — explica ela miseravelmente. — E o meu pai decidiu que essa era uma maneira de me marcar.

— Deus o *amaldiçoe*.

— Está tudo bem. Foi há muito tempo.

— Eu não me importo se foi há muito tempo. Ainda foi uma coisa de merda para de fazer a uma criança.

Natalia pega minha mão. Eu poderia facilmente me permitir ficar perdido na crueldade do tratamento de seu pai, mas qual seria o ponto aqui, neste momento? Desta vez é sagrado, ninguém assistindo, ninguém preparado para nos delatar a Fernando. Eu não vou desperdiçá-lo pela polêmica sobre algo que não posso voltar no tempo e mudar. Eu levanto as nossas mãos entrelaçadas, e eu beijo o seu pulso, absorvendo o cheiro suave, sutilmente doce dela quando eu inalo.

— O Mestre mandou tirar todas as suas roupas, Natalia Villalobos. — eu digo baixinho, sorrindo para ela.

— O que? Ainda é a minha vez. — diz ela. Sua risada está silenciosa, mas a facilidade com que ela sorri me faz feliz. — Eu não terminei de fazer minhas perguntas ainda.

— Guarde suas perguntas para outro momento, quando nós dois estivermos completamente vestidos. Neste momento, estamos sozinhos, e eu quero comer muito essa sua boceta. — Eu meio que esperava que ela iria negar o meu pedido. Seria compreensível, dado o fato de que estamos sob o teto de seu pai, e, portanto, não é totalmente seguro, mas ela não disse uma palavra. Ela senta-se, ainda me observando enquanto desliza cuidadosamente as alças de seda sobre os ombros, empurrando-os para revelar seus seios perfeitos. Eu tento abafar o meu gemido, mas é inútil. O som frustrado demonstra a necessidade, e Natalia silva.

— Temos que ficar quietos. — ela sussurra.

— Eu acho que nós já provamos que podemos fazer silêncio.

Ela sorri. — Verdade. Mas eu estou mais animada desta vez.

— *Mais* animada?

— Sim. Eu sei o quanto você é bom agora, Cade Preston. Eu sei o quão bem você fode, e quão incrível é ter você dentro de mim. A antecipação é quase demais para suportar.

Eu arrasto meus dedos por sua bochecha, permitindo-me continuar para baixo, para baixo, acima de sua mandíbula, ao longo do seu pescoço, clavícula, e depois, através da elevação de seus seios. — Se você acha que eu dei tudo que eu tinha a última vez Natalia, você está muito enganada. Foi apenas uma amostra. Uma provocação. Um mero gosto do que eu sou capaz. Você gostaria que eu lhe mostrasse o quão bom eu *realmente* sou?

Os olhos de Natalia estão semicerrados. Ela tem um olhar vago que faz parecer que ela já está a meio caminho de gozar. — Sim. Eu quero. Quero experimentar tudo com você. — Antes de nosso tempo juntos acabar? Há uma melancolia em suas palavras que faz parecer que ela perdeu essas palavras no fim de sua sentença. Eu tenho que segurar sua mão e levá-la na minha boca, deslizando o dedo indicador pelos meus lábios e em minha boca.

— Eu vou mostrar-lhe alguns desses jogos que falamos, Natalia. Vai ser intenso, e pode deixá-la nervosa, mas nunca será mais do que eu acho que você possa aguentar. E eu nunca vou te machucar. Você confia em mim o suficiente para se entregar?

Este é uma grande pergunta. Todos os dias, Natalia tem visto homens andando em sua casa. Ela já os viu usar e abusar das pessoas presas atrás daquela porta azul até que elas estejam tão desgastadas pelas suas próprias vidas que preferem acabar com tudo a continuar sofrendo o abuso. Eu não quero correr o risco dela me comparando aos jogadores de Fernando. Seria como me matar. Estou bastante certo que Natalia sabe que eu sou diferente, que eu nunca faria nada contra sua vontade, mas eu ainda tenho que caminhar levemente, no entanto.

Ela encontra-se de costas na cama, levantando brevemente seus quadris para que ela possa deslizar a camisola sobre sua bunda e chutá-la de suas pernas. Ela está completamente nua. Olhando para mim com aqueles belos olhos verdes, ela lentamente acena com a cabeça. — Eu sei o que você está pensando. — diz ela em uma voz firme. — Você está pensando que eu sou muito frágil para lidar com o que você tem para mim. Mas eu não sou. Você acha que eu não estou preparada para me oferecer a você da maneira que você me quer, mas você está errado. Estou pronta. E eu posso lidar com isso. E o mais importante de tudo, eu *quero* isso.

Bem, merda. Ela realmente não sabe o que estou pensando. Acho que é óbvio que eu estaria pensando essas coisas, mas estou impressionado que ela tem a espinha dorsal para falar o que pensa. A maioria das meninas ficaria muito tímida ou nervosa demais para expressar seus pensamentos.

Ela quer conhecer meus jogos? Bem. Vou mostrar-lhes. Começando com o jogo número um: Garganta profunda.

— Ok. Que assim seja. Mova-se para a beira da cama. — eu digo. Ela faz isso sem nenhuma dúvida. Ajeitando para que a cabeça esteja pendurada sobre a borda do colchão, eu esfrego os dedos sobre os lábios, separando-os, a emoção já tomando conta de mim. — Abra a boca, Natalia. Abra-a bem.

Ela sorri um pouco quando faz o que eu pedi a ela. O sorriso é perverso e cheio de desejo. Seus lábios estão molhados, sua língua se lançando entre eles enquanto está lá, antecipando o que vou fazer a seguir. Eu lentamente deslizo o zíper da minha calça jeans, abaixando-os sobre meus quadris. Eu alcanço o interior da minha boxer e tiro meu pau fora. Eu já estou duro. Tão duro que realmente dói. Parece que meu corpo está tentando mandar tanto sangue para meu pau que vai explodir a qualquer segundo.

Merda, me tocar parece bom pra caralho quando estou olhando para seu corpo impecável, seus mamilos repicaram em pequenos botões rosa, que eu quero correr minha língua sobre eles, as pernas abertas um pouco, com as mãos deitados ao seu lado na cama, os dedos se contorcendo mostrando que *ela* quer me alcançar e me tocar. Eu

removo minha calça e minha boxer, me livrando delas inteiramente, e, em seguida, eu estou sobre ela, pensando sobre o que vem a seguir.

— Se você me pedir para parar, eu vou parar. — eu digo. — Mas me diga se você não quiser dizer isso. Não brinque, Natalia. Eu vou te foder tão duro, e você irá apreciar. Eu *prometo* a você.

Ela balança a cabeça, a boca ainda aberta. Porra, ela é uma boa menina. Tão obediente. Eu me abaixo uma polegada de cada vez, e então eu provoco sua boca com a ponta do meu pau, esfregando em seus lábios, lentamente, empurrando-me para dentro.

Tão quente. Tão molhada. Tão boa pra caralho. Natalia bufa fortemente pelo nariz enquanto me empurra profundamente em sua boca. Minhas bolas doem quando eu sinto sua língua ao redor da boca, acariciando contra o lado do meu pau. Ela engole, e a pressão é o suficiente para enviar um arrepio de prazer pelo meu corpo. Começa em minhas bolas, espalhando-se até que eu tenho alfinetes e agulhas em meus ombros, minhas nádegas e as solas dos meus malditos pés.

Natalia pisca, as costas arqueando um pouco. Ela geme, e eu tenho que lutar contra o desejo de agarrar sua cabeça e me empurrar para baixo em sua garganta. Se eu fizer isso, eu vou terminar cedo. Vou gozar tão rapidamente, e eu não quero isso. Eu ainda quero estar duro. Eu ainda vou ser capaz de transar com ela de novo, mas eu quero aproveitar cada segundo desse boquete.

Eu me inclino sobre ela, colocando seu peito esquerdo na minha mão, apertando e rolando o mamilo entre os dedos. Ela faz um som ofegante afiado com a dor, mas ela não se move. Meu pau está latejando em sua boca, e posso dizer que ela provavelmente pode me provar por inteiro. Meu pré sêmen logo vai estar sobre sua língua. O próprio pensamento é estimulante. Permito-me balançar os quadris para frente, só um pouco, e Natalia choraminga.

— Me chupe, baby. Lentamente. Mova sua língua e nada mais.

Quando ela me obedece, massageando meu pau lentamente dentro de sua boca, o calor me explode em ondas. Curvo-me e levo seu mamilo em minha boca, mordendo para baixo sobre o bico inchado de

carne. Natalia balança os quadris, choramingando novamente. Ela gosta. Ela gosta da dor que dá prazer ao seu corpo.

Jogo número dois: Dentes.

Porra eu amo usar meus dentes em uma menina. Em seus seios. Em seus lábios. Em seu pescoço. *Em seu clitóris*. Apenas a quantidade certa de pressão sobre o clitóris de uma menina pode fazê-la gritar em um orgasmo em um piscar de olhos. Eu mordo Natalia novamente, desta vez em seu outro peito, logo abaixo de seu mamilo, e ela se contorce, respirando freneticamente pelo seu nariz. Se a boca não estivesse recheada com meu pau, ela provavelmente estaria hiperventilando. Desde que sua boca está cheia com meu pau, eu aproveito a oportunidade para puxar para trás um pouco e depois eu dirijo para frente, rangendo os dentes enquanto me sinto afundando cada vez mais nela, centímetro por centímetro.

Meu pau é acima da média de comprimento e espessura. Realmente muito espesso. Não é fácil chupar um pau como o meu, especialmente do jeito que eu gosto de ser sugado, mas Natalia está sugando tanto meu pau e quanto a minha mente. Ela abre a boca doce dela ainda mais, deixando cair à cabeça solta sobre o lado da cama, e eu posso dizer quão incrível isso vai ser.

O interior de suas pernas está brilhando, molhada com seu desejo por mim, deixando-me saber o quão incrivelmente excitada ela já está. Isso é um bom sinal. Um sério bom sinal. Eu chego para baixo e afogo meus dedos sobre sua boceta, esfregando por todo o lugar quando ela rebola na minha mão, em busca de mais pressão contra seu clitóris.

— Droga. — eu assobio. — Menina ávida. Você quer que eu te toque aqui? Você quer que eu faça você se sentir prazer? — Eu não posso ver o rosto dela, e ela não está em condições de falar, mas posso dizer que a resposta é sim. Ela revira os quadris, as pernas tremendo enquanto ela procura seu prazer, e eu tenho que me segurar.

Ainda não. Ainda não. Porra, isso é difícil.

Natalia arqueia fora da cama enquanto ela geme alto. Claramente meu pau não está preenchendo o suficientemente. Eu me levanto, e

seguro a parte de trás de sua cabeça em minhas mãos, olhando-a nos olhos. — Respire fundo baby. — eu aconselho.

Eu sinto o ar frio correndo sobre minhas bolas enquanto ela suga em uma golfada de oxigênio pelo nariz. — Eu vou te estrangular com meu pau agora, ok? Eu vou fazer você babar em mim, e você vai adorar.

Natalia não fica tímida. Não há nada, apenas a luxúria em seus olhos. Eu espero para ver se ela vai se opor, sacudir a cabeça e não concordar me dizendo que ela não quer, mas em vez disso ela assente. Seus olhos se fecham, e assim eu faço. Eu afundo-me profundamente em sua garganta.

Porra, isso é tão bom. Eu começo a pressão, permitindo-me ir apenas um pouco mais profundo de cada vez. Com a cabeça pendurada na beira da cama, Natalia é capaz de levar tudo de mim, até a base do meu eixo. A primeira vez que eu a sinto no fundo de sua garganta, sinto o reflexo da mordada aparecer, e o espasmo pela garganta, eu retiro totalmente, agarrando meu pau, acariciando minha mão para cima e para baixo. Estou molhado de sua boca, coberto com sua saliva. Estou encharcado até minhas bolas. Natalia ofega, os olhos arregalados. Ela é boa pra caralho. Eu tenho que me conter aqui, ou eu vou ser tentado a ficar mais áspero, para manter a cabeça no lugar enquanto fodo sua boca, e não acho que nenhum de nós está pronto para isso. Ainda não.

— Vire-se. — eu peço. — Mostre-me sua boceta.

Natalia geme novamente, e o som é cheio de necessidade. Ela gira em torno da cama, seu rosto vermelho, a base do pescoço do mesmo carmesim corado. Eu abro suas pernas o máximo que ela consegue, para que sua boceta fique agora em alinhamento com a borda da cama, em vez de sua cabeça.

— Deus, você é incrível. — digo a ela. Eu mal posso acreditar o quão molhada ela está agora. Como molhada, rosa, e deliciosa. Ela se apoia sobre os cotovelos, observando-me quando eu afundo de joelhos. Ela provavelmente está me esperando para ir para baixo nela, mas eu não vou. Eu vou entrar no jogo número três: Jogo da bunda.

Assim que minha língua atinge sua bunda, Natalia solta um grito sem fôlego. Eu imediatamente paro o que estou fazendo. — Shhh. Não faça nenhum som. — Eu ordeno. — Quero dizer. Nenhum som, Natalia.

Seus olhos rolam enquanto eu levo a minha língua para ela novamente. Ela tem um gosto limpo e doce, e eu posso provar toda sua boceta. O cheiro de sua excitação enche minha cabeça enquanto eu a massajeio com a minha língua. Nunca estive mais duro do que estou agora. Mais duro do que eu provavelmente nunca vou estar. Natalia sacode e treme quando eu derramo minha língua para cima e para baixo sobre seu traseiro. Não consigo resistir enquanto eu exploro; ela tem um gosto tão bom que eu só tenho que lambe-la em toda parte. Eu a chupo, cursos longos, varrendo a minha língua em todo caminho por sua bunda, chupando e lambendo seu clitóris inchado, e ela estremece, seu corpo inteiro tremendo violentamente quando eu a trago perto do orgasmo. Ela escava seus dedos no meu cabelo, puxando, fechando as pernas ao redor da minha cabeça enquanto eu gentilmente começo a provocar sua bunda com o meu dedo. Logo, eu tenho o meu dedo indicador escorregando facilmente em sua bunda, meu dedo médio dentro de sua boceta, e minha língua ainda sacudindo e lambendo seu clitóris.

Deve ser uma experiência intensa para ela. Deve ser uma *esmagadora* experiência para ela. Um segundo ela está balançando contra a minha boca e minha mão, e o próximo ela está segurando o fôlego e as pernas estão fechadas em torno de minha cabeça quando ela goza.

Grande. Fodida. Do. Caralho.

Eu nunca fiquei tão ligado antes. Nunca. Quando ela se bloqueia, congelada, incapaz de se mover enquanto seu corpo reage a mim, eu empurro a minha língua dentro de sua boceta, gemendo, enquanto esfrego a ponta do meu polegar firme sobre seu clitóris, círculos rápidos.

— Merda. Ah Merda. Por favor. *Por favor!*

— Por favor, o que, Natalia? Por favor o quê? — Eu rosno.

— Por favor, me foda. Por favor... me foda... agora. — ela pede.

Eu estou mais do que disposto a fazer sua vontade. Eu estou a ponto de gozar. Eu agarro o fim do meu pau, apertando com força, tentando acalmar a sensação que estou prestes a explodir, mas realmente não ajuda. Eu estou xingando, sibilando os palavrões quando eu me guio lentamente dentro dela. Parece... parece que nada mais será o mesmo. Ela é tão apertada, pelo amor de Deus.

Tempo para compartilhar o jogo número 4: Asfixia.

Eu me seguro sobre ela enquanto me forço mais profundo, e Natalia grita. Assim como eu fiz na casa da árvore, eu coloco minha mão sobre sua boca, impedindo-a de fazer qualquer som. Ao mesmo tempo, eu fecho minha outra mão em torno de sua garganta, cuidadosamente apertando sua traqueia. Seus olhos rolam, aumentando, e ela agarra meu braço enquanto eu transo com ela, me dirigindo dentro dela cada vez mais forte.

— Goze no meu pau, Natalia. É isso aí. Boa garota. Mergulhe nele. Me banhe. Eu quero sentir você molhando todo meu pau.

Para todas as mulheres lá fora, que afirmam que são incapazes de gozar, pense novamente. Você simplesmente não teve o cara certo dentro de você ainda. Você não teve meu pau dentro de você, pressionando contra o seu ponto G, empurrando cada vez mais perto em direção a uma eventualidade que simplesmente não pode ser evitada. Meu pau pode fazer qualquer uma gozar e isso é uma porra de um *fato*.

Natalia balança enquanto eu seguro minhas mãos em torno de sua garganta, batendo-me dentro dela, não me segurando. Assim que eu sinto seus músculos tensos, as unhas cavando em meu braço, e vejo seus olhos rolarem, eu sei que está prestes a acontecer. Deixo-me ir. Eu estive em guerra comigo mesmo, segurando o meu clímax - a própria tarefa quase impossível, dado o quão incrível sua boceta é - mas agora eu libero o controle, e uma parede de fogo e insanidade me supera. Meu sêmen dentro dela quando eu gozo, e eu mergulho em seu interior tão profundo e tão duro quanto eu posso, uma e outra vez, estimulado pela forma como molhada Natalia está agora que ela faz como eu ordenei e goza em cima de mim.

— Boa menina. — eu digo a ela, escovando o cabelo para trás de seu rosto. — Você é uma boa menina. — Eu libero o meu domínio sobre sua garganta, e ela suga em um suspiro aliviado, frenético de ar.

— Meu Deus. Oh meu deus, Cade. — ela canta.

Eu a beijo, lambendo seus lábios com a língua, saboreando o gosto de suor e paixão, sabendo que ela vai ser capaz de provar a sua própria boceta. Balanço a cabeça, sorrindo um pouco quando nós nos recuperamos. Eu pressiono o meu nariz na curva de seu pescoço e inspiro profundamente, guardando o cheiro de sua pele à minha memória para sempre. Natalia corre os dedos suavemente para cima e para baixo em minhas costas.

— Eu não quero voltar para o meu quarto. — ela sussurra. — Eu quero ficar aqui. Com você.

— Então fique. — É imprudente para caralho, perigoso ela dormir aqui, mas eu não posso deixá-la ir ainda. Eu rolo, girando-a também, para que a cabeça fique deitada no meu peito, percebo algo, que é assustador.

Eu *nunca* quero deixá-la.

Capítulo Treze

Três dias depois

Croquet

Croquet¹¹. No mesmo fodido gramado onde Perséfone foi atacada por lobos apenas alguns dias atrás. Fernando é um doente, doente bastardo.

Ele é do time vermelho e amarelo; Eu sou do preto e azul. Ele bate habilmente em sua primeira bola amarela, que rola diretamente pelo aro pretendido, marcando um ponto. Nunca joguei croquet na minha vida. Eu não tenho ideia quais são as regras, mesmo que eu brevemente as estudei antes de descer aqui. E provavelmente vou estragar tudo a qualquer momento, mas quando Fernando Villalobos pede para vir jogar um jogo com ele, *qualquer* jogo, você deve dizer sim, ou se prepare para estar em problemas. O gramado está úmido, fofo e pegajoso com lama. As chuvas foram consistentes, aparecendo por volta das onze horas da manhã todos os dias, passando por algumas horas, pingos de chuva martelando na terra e depois parando da maneira mais abrupta, como se um chuveiro fosse desligado.

— Você está aqui por um bom tempo agora, Kechu. — diz Fernando. Ele tem um cigarro pequeno em sua boca — surpreendentemente, já que eu não o vi fumar antes, e ele não me parece o tipo de homem que se conformaria com um vício tão trivial. — Você está feliz aqui? Eu estava pensando, porque você parece um pouco... *tenso*.

¹¹O **croquet** é um jogo de recreação, sendo posteriormente transformado em esporte, que constitui em golpear bolas de madeira ou plástico através de arcos encaixados no campo de jogo.

Tenso não é a palavra certa. Lívido é um bom substituto. Furioso. Consumido pela raiva. Eu sou todas essas coisas e mais, e tentar esconder meus sentimentos está cada vez mais difícil ao longo do dia. Isso é o que Fernando está sentindo: minha grande necessidade de esfriar minha cabeça com um jogo de croquet.

— Oh, você sabe. — eu digo. — Nova York é uma cidade louca. É muito mais silencioso aqui. Estou ocupado o tempo todo. Estou me ajustando para ter mais tempo em minhas mãos aqui em Orellana.

Fernando se inclina no final de seu taco, me ouvindo atentamente. Ele parece refletir sobre tudo o que digo, ponderando profundamente. Depois de um tempo, ele está de pé, sorrindo para mim como se fosse um velho amigo. — Compreendo. Você precisa de algo para fazer aqui, e eu sei exatamente o que é. Você deve ensinar Natalia sobre a América. Durante tanto tempo, ela quis saber sobre o país onde sua mãe nasceu, e tenho vergonha de dizer que a desencorajei de sua pesquisa. Não gosto de deixar o Equador, e muito menos visitar os Estados Unidos. Tenho esperança que Natalia também não saia daqui. Mas ela é uma jovem mulher e mulheres jovens se rebelam se lhes disserem que não façam algo. Talvez se ela aprendesse o lado bom e ruim da América de um dos próprios cidadãos do país, ela verá que tem uma vida melhor aqui no Equador.

Pego meu taco, e sinto falta do aro. Estou feliz. Jamie teria um maldito dia de campo se ele soubesse que eu estava batendo uma bola em um gramado bem cuidado assim. Não está certo. — Então, você quer que eu fale mal do lugar? — pergunto.

— Não. Eu simplesmente quero que você diga a verdade. As pessoas aqui têm uma ideia muito distorcida do que é a vida na América. Eles acham que é tudo sol e rosas. Que os políticos e a polícia não são corruptos. Que o governo é o melhor, e todo poderoso. Que não há pobreza. Nenhum crime. Nenhum sem-teto. Se você for honesto com Natalia sobre a verdade das coisas em seu país, ela pode não ficar tão ansiosa para se mudar daqui, esperando que todas as cidades se pareçam com Hollywood. — Fernando faz seu tiro. A bola acelera no aro novamente com facilidade; Ele deve jogar muito.

— Bem, eu certamente posso tentar.

— Obrigado, Kechu. Você sabe, apesar das desavenças que encontramos desde que você chegou, eu o considero um amigo. Isso te surpreende?

— Uh, sim. Um pouco. — Que tal um monte de merda? Tenho certeza de que ele estava me caçando na floresta no outro dia, enquanto Natalia e eu estávamos em seu refúgio. E ele me ameaça de morte toda vez que nos encontramos. Eu acho que quando você é um ditador violento e insano, você tem uma visão distorcida de como é uma amizade.

Fernando assente. — Natalia pensa em você como um irmão e isso me aquece.

Eu tento não reagir a isso, mas estou cantando na minha cabeça como um louco. *Sim, ela pensa em mim como um bom irmão. Um irmão que ela gosta de foder.* Merda, se ele soubesse.

Estou prestes a assumir a minha vez, tentando pensar em algo para dizer que não soará suspeito, quando Harrison aparece, apressando-se pelo gramado em nossa direção. Ele tem um telefone na mão e parece que acabou de descobrir a localização da cidade perdida de El Dorado.

— O que é isso? — pergunta Fernando.

— Um dos nossos caras nos Estados Unidos. — ele responde.

— E o que eles querem?

— Ele não disse. Só que ele tem informações que acha que você pode achar interessante. — o olhar de Harrison pisca para mim, e seu significado é claro: Ele acha que pode ter informações interessantes sobre mim. Os olhos de Fernando rolam. Ele suspira como um pai frustrado sendo empurrado para o limite por um filho persistente. Pegando o telefone de Harrison, ele se afasta devagar, segurando o aparelho na orelha. Ele fala, mas sua voz é calma, baixa e suave, e não consigo entender o que ele está dizendo.

— Eu vou dormir tão bem esta noite, filho da puta. — Harrison silva do lado de sua boca. — Como um morto. Como um bebê. Como

uma pedra. Será o sono da noite mais pacífica que tive em anos, e é por sua causa. Devo-lhe uma, cara.

Droga. Isso parece preocupante. Harrison sabe que eu estava no exército. E se ele for um espião? E se ele descobriu que não sou Sam Garret, mas Cade Preston, vice-presidente de um clube de motoqueiros, inclinado a fazer laços de tráfico sexual e assassinar pessoas como seu chefe? Duvido que desça bem. Então, há a questão da minha irmã. Os homens de Julio sabem exatamente quem eu sou e quem estou procurando. Se eles sabem que eu sou o único que matou Julio, então o que os está impedindo de espalhar a palavra? Alguém já disse a Fernando que um motoqueiro matou o bastardo. Quantas peças desse quebra-cabeça precisam ser juntadas antes dele descobrir quem eu realmente sou?

— Porra, do que você está falando?

Harrison salta nos pés como um fio vivo, cheio de energia. — Eu não poderia dizer. — ele me diz. — É bom demais. Eu vou deixar Fernando explicar, eu acho.

A cinco metros de distância, ainda com o taco em sua mão, Fernando permanece imóvel, como uma estátua de tamanho real como se alguém que acabou de ouvir algo completamente inacreditável. Ele se vira, os olhos fixos em mim. Ele não diz nada mais. Ele escuta, e então desliga o telefone.

Ele segue até Harrison, que está de frente a ele. Fernando se move mais rápido do que o relâmpago, arrancando Harrison pelo pescoço. Para um homem tão magro e frágil, Fernando é um pouco mais forte do que parece. Ou talvez Harrison o tolere agarrando-o. De qualquer forma, Fernando mantém um controle sobre ele enquanto ele entra entre os laços de metal do nosso jogo de croquet, o conduzido ao chão.

Eu tento não me surpreender quando Fernando empurra Harrison longe, resmungando em voz baixa. — Meu amigo na América apenas me disse algo interessante, Kechu. — diz ele.

— Oh?

— Ele foi visitar a sua empresa em New York. Para fazer o check-in com seu chefe em meu nome, para ver se o assunto pessoal está quase resolvido, para que ele venha se encontrar comigo. Ele disse que o escritório atribuído ao seu Louis James Aubertin estava desocupado. Você pode explicar por que isso, Kechu?

Eu encolho os ombros. — Certo. Seu escritório é uma fachada. Ele precisa de um endereço para fins fiscais. Um lugar onde ele pode o correio possa fazer entregas. Se você tivesse me dito que queria chamá-lo, eu poderia ter organizado um encontro em New York, em um terreno mutuamente seguro. Não teria sido um problema. — A mentira vem rápida e fácil. Eu pareço tão indiferente que parece óbvio que este seria o caso, que Jamie nunca faria um endereço comercial oficial onde alguém pudesse entrar e vê-lo.

As bochechas de Harrison estão vermelhas. — Essa é uma besteira, Fernando. Uma merda de *besteira*!

Fernando empurra Harrison para longe, gemendo com desgosto. — Por que você traria algo tão insignificante como isso? Você está se apegando a besteiras. Honestamente, estou cada vez mais cansado dessa bobagem.

Harrison parece estupefato. — Eu só estou tentando provar um ponto. Eles estão mantendo segredos. Esse homem não é quem ele finge ser.

— Ele não é um representante desse empresário?

— Sim, mas...

— E ele não nos deu cinquenta mil dólares como demonstração de boa fé?

— Ele deu.

— Então eu diria que ele o representa com bastante precisão.

— Fernando...

Fernando gira, com os dentes abertos, a mão agarrando seu taco de croquet na mão. Por um momento, penso que ele vai usá-lo da maneira que eu me imaginava há apenas alguns minutos, batendo na

cabeça de Harrison. Ele não faz, no entanto. Ele o jogou no chão, grunhindo como um de seus lobos. — Não! Não mais! Estou cansado desta conversa. Quantas vezes eu disse que não gostaria de discutir isso com você?

Harrison não responde. Ele olha no chão em frente a ele, seu peito rapidamente sobre e desce; Ele está desesperado para discutir, conversar, implorar seu caso ainda mais, mas Fernando parece uma panela de pressão prestes a explodir. Irritá-lo era certamente a intenção de Harrison quando veio correndo para cá com que o telefone celular em sua mão, mas ele definitivamente não imaginava que a raiva de seu chefe fosse dirigida a *ele*.

— Não quero mais isso. — diz Fernando. — Eu faço uma promessa a você, Harrison. Se você continuar por este caminho, tentando lançar aspersões contra o meu Kechu, eu vou ser forçado a deixá-lo de lado. Você entende?

Que porra é que — *colocá-lo de lado* — significa? Matar ele? Demiti-lo? O escotar para fora do Equador? E *meu* Kechu? Desde quando ele gosta de mim bem o suficiente para reivindicar a minha posse, como seu maldito animal de estimação?

Harrison empalidece. — Sim, Fernando. Por favor, me perdoe. Eu só quero o que é melhor. Eu vejo agora que você tem tudo sob controle, no entanto... — Ele fala devagar, como se pedir desculpas dessa maneira estivesse custando muito caro. — Eu vou esquecer o assunto. Você tem minha palavra.

— Bom. Agora vá embora. Você está me dando enxaqueca.

Harrison inclina a cabeça, levanta-se e passa para a casa. Eu posso dizer o quanto ele está furioso pelo porte de seus ombros. Eu não acho que a repreensão que acabou de receber fez qualquer coisa para distraí-lo de sua missão para me destruir, no entanto. Se alguma coisa, acho que só o tornou mais determinado.

Fernando é como uma criança. — Eu não posso me concentrar nisso agora. — ele diz, gesticulando para nossas bolas de croquet e seu taco, jogados a meio caminho sobre o gramado. — Acabou. — Ele espia um jardineiro que trabalha perto da linha das árvores, onde os jardins

acabam e começa a floresta, e ele suspira. — Eu juro. Esses homens só querem morrer. Tenho de deixar você agora, Kechu. Você vai me desculpar. Talvez vá e encontre minha filha. Você pode começar com as aulas que discutimos.

Capítulo Quatorze

Estímulo Intelectual

— Ele pediu que você me ensinasse sobre a América?

Natalia parece desconcertada. Ela fica a três metros de mim enquanto caminhamos pelo corredor em direção à biblioteca, aparentemente localizada no piso térreo. Ela parece diferente hoje. Ela não esteve lá fora, atravessando a floresta, então ela não está coberta de sujeira e com um pouco de brilho de transpiração. Suas roupas não são o que eu esperaria, também: uma curta saia preta que mostra a deliciosa curva de seu traseiro, juntamente com uma camisa azul escura feita de algum material flutuante e transparente que sugere o fato de que ela não pode estar usando um sutiã. Seus cabelos estão soltos ao redor de seus ombros em espessas ondas caramelo, e ela cheira a flores.

Eu a cutuço do lado, logo acima do quadril, piscando. — Você se vestiu para mim, Natalia Villalobos?

Ela fica vermelha. O rubor corre pelo pescoço, até a base da garganta, onde queima o carmesim. — Não, claro que não. Eu só queria... — Ela está nervosa. Envergonhada. Ela varre o cabelo para trás atrás de suas orelhas, olhando para o chão. — Então, e se eu tiver? — Ela declara, mudando o tom. — Por que, é tão ruim eu querer me vestir para você? Para você me querer? — Ela fala calmamente, então ela não é ouvida, mas há certo desafio no seu tom agora.

Seguro sua mão, sorrindo enquanto agito minha cabeça. — Eu não estou reclamando.

— Então, do que você está falando? — Seu leve aceno me mata quando ela está irritada assim. Ela é adorável.

— Eu apenas estou informando que notei. — eu digo a ela.

— Então você deve me dizer que eu estou bonita ou algo assim, não tente me deixar envergonhada.

Deus. Se eu pudesse levá-la nos meus braços e beijá-la agora, eu faria. Eu posso literalmente ouvir o zumbido eletrônico das lentes de câmera que nos seguem enquanto passamos, no entanto, eu não faço. Eu esfrego a parte de trás do meu pescoço, tentando não rir em vez disso. — Você é linda, Natalia. Você é possivelmente a coisa mais bonita que já vi. Mas então, é isso que eu acho toda vez que vejo você. Mesmo quando seu cabelo está bagunçado e você está coberta de suor. Mesmo quando você está encharcada até os ossos, e você tem barro por todo o seu rosto.

Ela diminui, piscando para mim, um pequeno sorriso espalhando nos cantos de sua boca. — Todos os homens na América são como você? Vocês sabem o que dizer no momento certo?

Não consigo conter o riso agora. Eu simplesmente não posso. — Eu não acho que muitas mulheres americanas concordem com essa afirmação, no entanto.

— Então é só você? — Ela parece tão inocente às vezes, como uma criança. De certa forma, ela é. Ela seguiu uma vida tão protegida aqui, longe de todas as mídias sociais, televisão e outras influências externas. Então, ela também foi submetida a cenas de violência e morte tão horríveis que parece que ela envelheceu além de sua idade real.

— Sim. Apenas eu. — digo suavemente.

Natalia me guia pelo longo corredor. A biblioteca é pequena, não é tão grande quanto eu pensei que seria. Assim que atravessamos a porta, estou examinando o teto e os cantos da sala, procurando por vigilância. Natalia sacode a cabeça de forma imperceptível enquanto eu vou sentar em uma mesa perto de uma das janelas. — Eu não sei onde está, mas definitivamente há uma câmera aqui em algum lugar. — diz ela. Em vez disso, ela me aponta para uma pequena mesa na parte de trás da sala.

— Droga. Eu ia te dobrar sobre a mesa e foder. — eu sussurro. — Algo sobre livros faz meu pau endurecer.

Natalia parece escandalizada. Ela senta-se à mesa, agitando-se no assento, tentando ficar confortável, mas posso dizer que ela está pensando no que acabei de dizer e não consegue parar de pensar nisso. — Meu avô costumava levar-me para a biblioteca o tempo todo. — diz ela. — Ele me ensinou francês e português aqui. Entre outras coisas.

Eu me sento em frente a ela. Eu tenho que me mexer um pouco para me sentir confortável. Eu não estava mentindo; Há alguma coisa nas bibliotecas que me excita. Não tenho ideia do por quê, mas meu pau está ficando mais duro a cada segundo e não há literalmente nada que eu possa fazer para evitar isso. Entretanto, as câmeras não irão capturar uma protuberância na minha calça. Está escuro aqui, na parte de trás da sala, graças a Deus. Talvez seja exatamente por isso que Natalia escolheu esse lugar em vez de uma das outras mesas próximas a enorme janela panorâmica do outro lado da sala.

As pernas de Natalia estão emaranhadas nas minhas, a perna direita entre as minhas, seu joelho perigosamente perto de escovar contra o meu pau duro. Eu aperto uma coxa por baixo da mesa. Foda-se, sua pele é tão quente e suave. Parece seda sob a ponta dos dedos. Ela aquece quando eu a toco, e olha em volta, como se esperasse que alguém estivesse à espreita atrás de uma pilha de livros.

— Então, o que você quer saber sobre a América? — pergunto.

— Eu não sei. Você já esteve na Filadélfia?

— Não, eu nunca fui.

Ela está desapontada. Eu posso dizer pelo olhar em seu rosto. — Ok. Bem então. O que você pode me falar sobre as pessoas do seu país?

— Você conhece americanos todos os dias. — digo calmamente, inclinando minha cabeça na direção da sala de festas. — Eu acho que você sabe mais do que precisa sobre lá.

— Você está dizendo que todos os equatorianos são como meu pai?

Ela tem um ponto. As pessoas da aldeia de Orellana pareciam pessoas simples e felizes que vivem vidas limpas e sem complicações. Não consigo imaginar nenhuma dessas crianças de rostos felizes que vi

quando cheguei crescendo para serem assassinos psicóticos, mas, novamente, você nunca sabe. — Bom ponto. — concedo. Penso por um momento e depois digo: — Os americanos são como os cidadãos de qualquer outro país. Há pessoas boas e ruins. Pessoas inteligentes e pessoas não tão inteligentes. É só que as pessoas ruins, não tão inteligentes, parecem conseguir uma maneira de acabar no poder, ou em destaque por algum motivo. Essas são muitas vezes as pessoas que representam o país. Passam a imagem de que *todos* somos ruins e *todos* somos estúpidos.

— Você é bom. — Natalia me diz. — Você está aqui por algum tempo, então eu não posso dizer sobre o quão inteligente você é, mas posso ver que você é um bom homem, Cade Preston.

Eu apenas olho para ela. — Não tenho ideia por que você pensaria isso. Eu fiz muitas coisas sombrias e fodidas de que não estou orgulhoso.

— E por que você as fez? Para sua alegria? Por prazer? Entretenimento, talvez? Um homem bom fará coisas necessárias, coisas ruins para ajudar os outros, mas ele não se divertirá em suas ações. Um homem mau fará as mesmas coisas necessárias e más, e seu coração cantará enquanto segura a faca ou puxa o gatilho. Entende o que estou dizendo?

Não é tão simples assim, nunca é, mas eu digo para ela de qualquer maneira. — Abra suas pernas, Natalia.

— Como?

— Você me ouviu. Abra suas pernas.

— Por quê?

— Porque eu pedi a você.

— Cade, não podemos. E se a câmera...

— Debaixo da mesa? Você acha que está debaixo da mesa?

Ela balança a cabeça. — Não, claro que não.

— Então, não será capaz de capturar o que vou fazer, não é?

Um segundo passa. Outros três. Natalia está tão imóvel quanto pedra enquanto pensa em minha lógica, e então ela olha ao redor, dando uma última olhada, tentando encontrar a câmera que ela sabe que esta aqui. Ela vai dizer não. Ela vai me dizer para não ser tão idiota. Mas então ela abre as pernas, deslizando para baixo em seu assento, de modo que seu joelho finalmente pressiona contra meu pau. Eu gemo, cavando meus dedos na coxa dela. Quando faço contato visual com ela, parece um pouco assustada.

— Você está muito duro, Mr. America.

Eu finjo ignorância. — Eu estou? — Ainda tenho a mão na coxa dela. Movendo para cima, não paro até que meus dedos estejam escovando o fundo de sua saia. Ela engasga enquanto eu os deslizo debaixo do material, para cima, para cima, para cima, até que eu esteja tão longe quanto eu consigo ir. Para um estranho, deve parecer que eu simplesmente estou encostado na mesa. Natalia é a única que sabe que estou escovando a ponta do meu dedo do meio para cima e para baixo o material macio e sedoso de sua calcinha.

— Faça isso. — eu sussurro. — Abra as pernas o quanto consegue para mim, Natalia. Eu preciso fazer você gozar. — Um arrepio a atravessa — um que eu posso ver claramente. A pele nua em seus braços se arrepia, apesar do calor da biblioteca.

— É uma má ideia. — diz ela sem fôlego. — E se alguém nos encontrar?

— Então eles verão que estamos conversando e, espero que nos deixem sozinhos.

— *Cade*. — Sua força de vontade está se dissolvendo, no entanto. Eu posso sentir os músculos em suas coxas relaxando tão ligeiramente, cada vez que eu esfrego meu dedo sobre seu clitóris através de sua calcinha.

— Vai valer à pena. Eu quero fazer você perder cabeça. — eu sussurro.

— Eu já estou a perdendo. — Ela fechou os olhos, sua respiração pegando sua garganta. Lentamente, sua cabeça começa a girar.

— Fique comigo. Olhe para mim. Você precisa manter seus olhos em mim, Natalia. Se alguém entrar e você estiver assim, eles definitivamente saberão o que está acontecendo.

Ela revira a cabeça para trás, abrindo os olhos, mas eles têm um brilho vivo, cheio de luxúria, e eu não acho que ela esteja focada. — Deus, eu... — Ela se afasta e eu sinto o quanto ela está molhando, passando por sua calcinha. Além de molhada. Eu sei quando ela finalmente cede, permitindo, quando suas pernas caem, eu posso deslizar sua calcinha para um lado e sentir o calor e a força nos meus dedos, e isso vai me deixar completamente louco.

Aplicando um pouco mais de pressão, esfrego meu dedo em pequenos círculos, sabendo exatamente o que ela gosta. Toda mulher é diferente, e Natalia prefere um toque firme. Eu sei, por sua vez, pelo ângulo dos quadris para cima enquanto eu varro meu dedo da esquerda para a direita. Eu não preciso esperar muito mais para ela me dar o que eu quero. Seus joelhos se separam, e eu empurro para frente, engatando meu dedo sob sua calcinha, e então eu estou praguejando sobre minha respiração enquanto descubro exatamente como ela está.

— Porra, Natalia. Diga-me para não fodê-la aqui. — eu rosno.

— Eu quero você. — ela sussurra. — Eu preciso tanto de você dentro de mim. *Por favor.*

Este é apenas o desejo dela, no entanto. Ambos sabemos que é impossível para eu fazer o que quero... dar-lhe o que ela acabou de dizer que precisa. — Rebole contra mim. — eu ordeno. — Eu quero sentir sua boceta nos meus dedos.

Seus lábios se abrem, e ela arqueia as costas enquanto gira os quadris novamente, balançando a pélvis para que esteja trabalhando comigo criando uma fricção deliciosa entre minha mão e seu clitóris.

— Caralho. — ela assobia, tentando fechar os olhos novamente. Eu fui criado em uma casa, onde, certo ou errado, uma mulher não xinga. Passei muitos anos com mulheres nas forças armadas e no clube, e eu ouvi muitas delas xingarem como marinheiros, linguagem suficientemente colorida para tornar o ar azul, mas quando Natalia pronuncia essa exclamação, uma emoção de excitação me atravessa.

Seu sotaque torna mais quente de alguma forma, e sua escolha de palavra faz parecer que ela está fora de controle. Tão quente. Tão intensa. Tão louca.

Quero uma repetição do nosso último encontro. Quero deixá-la tão molhada, livrá-la de suas inibições, e eu quero ser quem a reivindique durante esse momento em que o mundo desapareça e nada mais resta para ela senão o clímax e o som de seu próprio coração batendo. Aqui, no entanto, nesta biblioteca, com suas pilhas de livros, e mesas desertas, e janelas altas e de varredura, com vista para o fodido jardim de Fernando! É tudo mais quente aqui, onde não temos bloqueio na porta e existe o risco de sermos pego.

Este é um pensamento perigoso. Não é uma virgem e na esperança de não engravidar. Ou que meu pau será costado depois. As consequências de sermos pegos aqui, com os dedos dentro de Natalia Villalobos, estão além disso. Seria a diferença entre vida e morte. Mas, como é que irei...

Ela balança contra minha mão, trabalhando seus quadris e eu tenho que me impedir de escorregar do meu assento e desaparecer debaixo da mesa, usar minha língua sobre ela. Seria demais prová-la agora. Penso, penso, *penso* de forma demasiada. Eu perderia minha mente, e quais seriam as consequências? Natalia seria colocada, em suas costas, em menos de um batimento cardíaco, e eu estaria empurrando meu pau dentro dela mais forte do que ela provavelmente poderia suportar.

Ela suspira. Ela implora. Ela geme. Mais importante ainda, ela grita, e eu simplesmente não posso permitir que isso aconteça. Ela choraminga agora, enquanto aplico um pouco mais de pressão ao clitóris quando eu esfrego, e eu dou uma advertência com meus olhos.

— Você não pode fazer isso. — eu digo a ela. — Você deve ser uma boa garota. Você deve se comportar.

— Fácil para você dizer. — ela suspira. — Você poderia ficar quieto se eu tivesse seu pau na minha boca?

Eu quase gemo com o mero pensamento disso. Ela ficou tão boa na outra noite, deixando-me empurrar até a parte de trás de sua garganta. Ela está certa; Eu também não conseguiria ficar quieto.

— Chegue mais perto de mim. — Eu mudo em volta da mesa, sentado no final, mais perto, e Natalia também se move, aproximando-se. — Coloque sua cabeça em mim. Morda o meu ombro. Morda o mais duro que você precisar. Isso ajudará quando eu fizer você gozar.

— Oh, você acha que você irá? — Ela pergunta, sorrindo maliciosamente.

— Você está a cerca de três minutos de distância disso, linda. A cento e oitenta segundos de distância do esquecimento total. Você quer?

Ela fecha os olhos, virando o rosto para mim, inclinando a testa contra meu ombro. Ela parece constrangida até mesmo em admitir isso.

— Natália? *Você quer?*

— Sim. — ela sussurra. — Deus, Cade. Por favor. Quero isso.

Sim. Isso foi o que eu pensei. Eu rolo seu clitóris com meus dedos um pouco mais rápido, usando as almofadas do meu dedo do meio agora. Estou estimulando-a, esfregando mais, fazendo com que ela estremeça contra mim. Ela faz como eu disse, e morde o meu ombro, sua respiração saindo em explosões irregulares e tensas.

— Deus... três minutos é muito tempo. — ela suspira. — Por favor, Cade... Por favor, por favor... — Ela me suplica uma e outra vez. Eu poderia esticar isso, fazer durar mais tempo e me entregar mais ao show. É tão excitante ver e ouvir ela ligada, seus seios contra o material de sua camisa, seus mamilos obviamente brotados e inchados debaixo de suas roupas. Seria muito cruel fazer isso com ela, no entanto. Não quando ela está reprimida e pronta para explodir.

— Ok, linda. — eu digo a ela. — Ok. Eu tenho o que você quer. Shhh. — Sentando-se para frente, eu abro suas pernas ainda mais largas debaixo da mesa. Sua saia está acima de sua cintura agora, expondo sua boceta, e é a coisa mais sexy e mais quente que eu já presenciei. Eu tenho que terminar isso agora, antes que fique mais fora de controle. Eu a puxo tão longe para o seu assento quando eu posso, e

então eu esfrego meus dedos rapidamente de um lado para o outro, certificando-me de ser firme o suficiente, as mãos agarrando meu braço, os dentes cortando o material da minha camisa, mas não o suficiente para machucar.

Encontro o ritmo certo e o movimento para ela. Natalia é uma bola de energia reprimida enquanto eu a conduzo mais e mais perto da borda.

Não demora até que suas costas se arqueiem, seus olhos se fechem e meus dedos de repente estão tremendo com seu prazer. Ela sacode cada vez que eu acerto seu clitóris, mexendo e gemendo, claramente muito sensível.

Eu sou um filho da puta orgulhoso. Eu fiz muitas garotas gozarem com minhas mãos, minha boca, meu pau e qualquer outra parte do corpo que você gostaria de mencionar, mas desta vez é diferente. Quando Natalia abre os olhos, olhando para mim aturdida, seus lábios mordidos e inchados de seu desejo, suas bochechas coradas, estou feliz comigo mesmo. Estou exaltado por ter feito com que ela se sintasse assim.

— Não consigo sentir minhas pernas. — ela sussurra, sorrindo de orelha a orelha.

Eu corro minha mão para cima e para baixo na pele lisa de sua coxa, sorrindo para ela. — Bem, eu posso. E elas são maravilhosas. — Lentamente, eu levanto minha mão de debaixo da mesa, e deslizo meu dedo indicador na minha boca. Natalia me observa com uma expressão de confusão no rosto, até que de repente percebe que é um dos dedos com que a fodi, e ela parece mortificada.

— Cade! Não! — Ela tenta me impedir de chupar, ela vem aos meus dedos, mas pego o pulso dela segurando-a com a outra mão.

— Não me desculpo por isso. — eu digo a ela. — Eu nunca vou me desculpar por querer provar sua boceta. É a coisa mais gostosa que já provei. — Eu mudo para o meu dedo do meio, saboreando o momento, saboreando o jeito que meu pau lateja, doendo tanto agora que eu a tenho na minha língua.

— Você aguarde, linda. — eu digo. — Você apenas aguarde porra. Não demorará muito para que possamos curtir o corpo um do outro sem retenção. Não demorará muito para que possamos gritar por toda fodida casa, eu prometo a você.

Capítulo Quinze

Em Movimento

A última coisa que eu quero fazer agora é me preparar para uma festa. Eu não trouxe roupas próprias comigo, e a maioria do que eu trouxe foi arruinada por Harrison e seus homens. Então, terno e gravata? Eu duvido muito que eles tenham um alfaiate na aldeia de Orellana, e eu não sou tão genial em produzir roupas de grife por conta própria. Eu deveria ter ficado com o terno que usei quando voei do México, mas não sabia que eu precisaria de novo, e levá-lo em uma mochila os caras de Harrison teriam acabado com ele de qualquer jeito.

Estou tranquilo de que vou ter que vestir roupas casuais que andei pela floresta no último mês, quando volto ao meu quarto e encontro uma mala preta colocada na cama para mim. Eu permaneço lá e olho para ela por um tempo. Não deveria me surpreender que Fernando pensasse nisso. Ele me pediu para ajudar Harrison com a segurança para o evento, então ele quer que eu tenha a melhor aparência, sem dúvida. Eu lutaria contra isso, faria questão de usar meu jeans rasgado e minha camisa manchada apenas para ser um idiota, mas eu preciso me misturar. Se meus planos se concretizarem, eu preciso desaparecer na multidão. Os bastardos ricos de todos os lugares que se reunirem na propriedade de Villalobos vão notar mais um cara com roupas fodidas que outro cara alto numa roupa de designer, com um terno caro, deslizando com um copo de Champanhe na mão.

Abro a sacola com a roupa e o cheiro de tecidos recém-cortados me atinge. Nenhum desapontamento aqui; Este é um terno novo e é lindo. É preto, e o material é do melhor que o dinheiro pode comprar.

Uma pena, pois estará coberto de sangue no momento em que a noite acabar.

A música inunda os vastos corredores da sala de recepção da mansão Villalobos, notas sutis que ressoam em delicados ornamentos de vidro e lustres de cristal, ecoam por toda parte. Já havia tantos “convidados” na casa, mas, à medida que a noite avança, o lugar fica mais e mais ocupado, as pessoas chegam de carro. Ocho vai e volta no Patriot ou Humvee, descendo a montanha para coletar mais visitantes, abrindo portas e escoltando homens e mulheres para a casa. Ele ainda está usando seus fones de ouvido, o som de Jurassic 5 saindo dos alto-falantes alto o suficiente para que possa ser ouvido sobre a vibração e a bolha de conversa que enche o hall de entrada. Estou surpreso que Fernando não tenha dito a Ocho que ficasse escondido. Ele é uma figura bastante esfarrapada com sua camisa manchada de suor e calças de combate cinza desbotadas, suas botas maltratadas e desgastadas quase ao ponto da destruição, mas Fernando o fez correr por todo o lado, preparando o início da festa, aparentemente imperturbável pela aparência do homem.

Fico de pé ao lado da escada, observando todos, assistindo, guardando o rosto de cada nova pessoa na memória. Estou chocado com o quão normais todos se parecem. Quão jovens e atraentes. E as mulheres são apenas um ponto confuso para mim. Parecem amáveis e de fala suave. Em alguns casos, elas são francamente doces e reservadas. Não faz sentido que eles venham aqui de outro país (a maioria deles são americanos ou mesmo europeus), sabendo que tipo de festa é esta. Isso faz minha pele arrepiar.

O fone de ouvido que Fernando me deu quando desci as escadas há uma hora me deixou invisível. As pessoas dão uma olhada em mim, vê o fio enrolado correndo da minha orelha para a parte de trás da minha camisa, juntamente com o pequeno rádio ligado ao meu quadril, e é como se de repente eu não existisse. Eu sou um pedaço dos móveis, fora dos limites e, portanto, sem interesse. Uma ótima notícia para

mim. Harrison está bufando por eu estar incluído como parte de sua equipe esta noite. Ele deixou claro que eu deveria ficar longe dele e apenas me importar com meus malditos negócios quando eu perguntei onde ele gostaria que eu ficasse, o que também é bom para mim. Se os convidados não estão prestando atenção em mim, e Harrison quer que eu me afaste dele e de seus homens, então esta é a cereja do maldito bolo. Meus planos devem sair sem impedimento, e eles são planos espetaculares.

Primeiro: preciso pegar de volta minha arma de Harrison. Passei muito tempo martelando sobre isso, e então eu percebi que *realmente não* preciso pegar minha arma de volta de Harrison. Eu só preciso adquirir uma arma, não importa a quem pertença, e eu já tenho os meus olhos postos em um escolhido. Art, um dos caras que o ajudaram a me segurar no meu quarto, na primeira noite em que cheguei à propriedade e está posicionado na porta da cozinha, certificando-se de que as pessoas não se separem acidentalmente dos limites das partes da casa que não deveriam adentrar. Tenho contas a resolver com o filho da puta. Eu vou fazê-lo sentir dor por ter me atacado no meu maldito sono como um covarde.

Uma vez que eu tiver sua arma, eu posso então programar a segunda etapa do meu plano: criar uma diversão. Já idealizei essa parte; Vai ser muito fácil, sem mencionar a ironia, e não posso esperar para ver o olhar no rosto de Fernando quando a merda começar explodir. Será maravilhosamente perfeito.

Eu não disse a Natalia sobre o que vai acontecer. Ela precisa ficar surpresa, se não um pouco em pânico, como todos os outros. Ela sabe que precisa estar pronta, porém, e ela está carregando sua faca com ela, no caso de alguém tentar lhe causar algum problema.

Os garçons andam com bandejas, sobrecarregados com copos de vinho e pequenos vol-au-vents¹², e todos parecem estar um pouco altos. São quase oito quando Fernando sinaliza para os garçons, que então seguem a um pequeno gongo de cobre polido que fica em uma pequena

¹²Vol-au-vent é uma iguaria de origem francesa, feita com massa folhada em formato de caixinhas que, depois de assadas no forno, são recheadas com misturas cremosas.

mesa ao pé da escada. Um silêncio cai sobre a multidão, e todos olham com expectativa, aguardando o que vem a seguir.

Um pouco limpo do golpe de martelo que Fernando lhe deu na outra noite, Platão leva o grupo de homens e mulheres pela escada, e um pequeno suspiro de antecipação atravessa a multidão. Os serviçais de Fernando estão vestidos de branco, da cabeça aos pés. Os homens usam trajes brancos, com camisas brancas e gravatas brancas, os cabelos raspados ou modelados. As mulheres estão todas em vestidos brancos ou saias brancas curtas, com partes reveladoras, o decote derramando sobre as partes superiores das blusas. Suas maquiagens estão imaculadas, nenhum fio de cabelo fora do lugar. Curiosamente, todos parecem muito calmos. Monótonos, contudo. Seus olhos estão um pouco vidrados enquanto seguem descendo as escadas em direção à multidão que os aguarda, e eu tenho a suspeita de que eles estão todos dopados agora. Parece como algo que Fernando faria — ter sua força de trabalho drogada para ser complacente e dócil.

Eu enrolo minhas mãos em punhos, resmungando sobre minha respiração. Ao meu lado, um homem alto se inclina contra a parede com uma mulher de cabelos escuros no braço, ambos fazendo a varredura dos serviçais, sussurrando um ao outro quando veem alguém que eles gostam.

Ele: — *A mulher com o cabelo loiro ondulado. Seus lábios são incríveis.*

Ela: — *Oh Deus, sim. Seus lábios são de morrer. Eu não posso esperar para ver seu pau em sua boca.*

Ele: — *Foda-se. Isso é loucura. Já estou duro.*

Ela: — *E quanto a ela? A menina com a fita branca em volta do pescoço? Sua bunda é incrível. Imagine-me entre suas pernas, comendo sua boceta, baby. Você gostaria disso?*

Ele: (Gemendo) — *Merda. Quero ver isso agora. Me dê sua mão. Você tem que ver o que isso está fazendo comigo.*

A mulher sorri de forma sedutora, estendendo a mão. O cara pega e, casualmente, coloca-a sobre seu pau, espremendo para que ela possa sentir o quão duro ele está. Eu tenho que desviar o olhar.

Ela: Baby... E o cara na frente? Ele é muito bonito, você não acha? Gostaria de vê-lo me foder? Gostaria de estar na minha bunda enquanto ele fode minha boceta?

Ele: Ele é o quem você quer, meu amor?

Claro, eles estão falando sobre Platão. Ele é quase uma cabeça mais alta do que todos os outros. E eu sou homem, mas não sou cego. Eu posso ver que ele é um cara bonito. Por que mais Fernando teria tido problemas para tirá-lo de outra forma?

O olhar que Platão desliza sobre mim, é como se ele nem me visse quando se aproxima. Ele está de mãos dadas com uma mulher magra e de cabelos escuros que eu não vi antes, e os dois juntos, tão perfeitamente bem cuidados e produzidos, parecem que os bonecos de Ken e Barbie ganharam vida.

— Bem-vindos todos! — Um grito sobe do outro lado do hall, e então Fernando está de pé em uma cadeira, batendo um garfo no lado de uma taça de champanhe. — Bem vindos, bem vindos. Estou tão feliz que todos vocês puderam chegar a esta celebração com tão pouca antecedência.

Eu nem pensei nisso. Fernando anunciou a festa há três dias, e todas essas pessoas conseguiram chegar a tempo. Estes são o topo da porcentagem, porém, os ricos dos ricos. Eles não têm empregos para bater ponto, e é improvável que eles tenham famílias para cuidar também. Provavelmente todos têm jatos particulares que podem abastecer e voar sempre que quiserem.

— Estou satisfeito por ver alguns rostos familiares aqui esta noite. Estou igualmente satisfeito por conhecer muitos de vocês pela primeira vez. Para aqueles que são novos na minha casa, por favor, note, você é convidado a participar de qualquer tipo de atividade sexual com meus amigos de branco. Tudo o que eu peço é que você seja respeitoso e certifique-se de que não está saltando na frente de outro dos meus convidados. Todos somos cavalheiros e damas aqui na propriedade Villalobos, e meus amigos estão felizes em acomodar todos vocês. Eles tomarão banhos regulares à medida que a noite progride para manter a limpeza. Todas as mulheres em branco estão no controle de natalidade, então se sintam livres para ejacular onde vocês desejam. Da mesma

forma, todos os homens de branco tiveram procedimentos cirúrgicos para garantir que eles não sejam capazes de gerar filhos. Se vocês quiserem que eles ejaculem dentro de você, tudo o que você precisa fazer é pedir.

Eu sinto que tenho lâminas de barbear embaixo da minha maldita pele. Ele tem que estar brincando. Ele não está apenas dopando os serviçais, mas ele tem as mulheres no controle de natalidade? Supondo que elas não sejam boas o suficiente para ele para não reproduzirem. E os caras todos passaram por vasectomias? Estou com medo de perder a cabeça. Eu nunca estive tão furioso em toda a minha vida. Isso, do homem que felizmente descarta cadáveres em túmulos abertos para os animais se apoderarem, no entanto. Deveria ter esperado algo mais? Bile sobe na parte de trás da minha garganta, deixando um gosto amargo, ácido e azedo na minha boca.

Tudo isso acabará em breve.

Tudo isso acabará em breve.

Tudo isso acabará em breve.

Eu tenho que repetir constantemente na minha cabeça, caso contrário, eu não conseguirei manter o controle do meu temperamento. Tento sintonizar, então. Tento não ver, nem ouvir nada, mas é impossível. A multidão está pulando para a escada agora que os serviçais chegaram, e é como um mercado de carne, pessoas vestidas de preto, argumentando passivamente, agressivamente sobre as pessoas vestidas de branco. Platão sorri suavemente enquanto três pessoas tentam conversar com ele ao mesmo tempo, tentando levá-lo com eles. A garota que ele estava de mãos dadas ri estranhamente para um cara com tatuagens por todo o braço e um piercing no nariz que a pega e joga-a sobre o ombro, como se fosse um saco de batatas. Três outros homens se juntam a ele enquanto ele a leva através de uma das portas da sala de recepção fora do hall.

Não há gritos. Não há objeções. Há apenas uma leve indiferença, e os olhos vazios e vagos dos serviçais, que são conduzidos um a um por convidados excitados e assertivos.

O casal que estava discutindo sobre com quem eles gostariam de jogar há um momento, garantiram a mulher que eles estavam admirando, e o cara está se afastando com ela, colocando sua língua na boca, segurando a cabeça na mão enquanto ela, a parceira do crime, retira uma quantidade ridícula de cocaína de uma tigela de metal brilhante que é trazida por um dos servos regulares. Deve haver cerca de dez mil dólares da droga em uma grande bandeja plana espelhada. O serviçal entrega suas duas palhetas metálicas, e então se afasta, entregando a outra pessoa uma bandeja espelhada semelhante e palhetas metálicas semelhantes.

À minha direita, dois homens estão acariciando e apalpando outra mulher de branco. Um lambe e morde seu pescoço, enquanto o outro desfaz os laços em seus ombros que estão mantendo o vestido, dobrando o material para expor seus peitos. Os dois bicos estão perfurados, o que parece excitar o cara que a despe. Ele desabotoa o botão superior da camisa e depois abaixa, pegando um de seus mamilos rosados na boca, passando a língua ao redor de sua aréola enquanto amassa e aperta o outro peito.

Em frente a mim, através do mar de pessoas que se deslocam, simplesmente falando, posso ver um cara sentado em um dos luxuosos sofás brancos, com uma mulher de joelhos, chupando-o enquanto outro cara observa. Ele tem seu pau na mão, e ele está acariciando-o lentamente para cima e para baixo. Nenhum deles faz parte do serviço desta vez. Todos estão dispostos a participar do que estão fazendo. A menina de joelhos que chupa o primeiro homem faz uma pausa em suas atenções, sorrindo para o cara. Ela pega sua mão, e lentamente, move-se com precaução para que ele esteja tocando o pau do outro cara. Posso ler este momento como um livro. Os caras se conhecem. Talvez sejam amigos. Esta é a primeira vez que qualquer um deles teve alguma interação com outro cara, e nenhum deles sabe como reagir. A menina acaricia o rosto do cara, e depois o outro, guiando-os juntos para que suas bocas se encontrem na frente dela.

Eles não se beijam primeiramente. Ambos congelam, os peitos subindo e descendo, mas lentamente começam a ganhar vida. A menina fica de novo em seus calcanhares quando os dois homens começam a tentar escapar. Não demora muito para que o primeiro cara esteja a

acariciar a mão para cima e para baixo no pau duro do outro, e seu amigo está balançando os quadris para cima, empurrando-se na mão dele.

A cena é como algo do Inferno de Dante. As pessoas estão expostas em todos os lugares, homens e mulheres. À medida que os minutos passam quase ninguém está vestindo roupas e não é tão fácil distinguir os serviçais dos convidados. Somente quando eles abrem os olhos, posso separá-los.

Vejo Platão através de uma porta aberta, andando até o que parece uma tenda beduína — há sedas brancas penduradas no teto e grandes almofadas de cetim brancas espalhadas por todo o chão — e um grupo de pessoas estão caminhando ao redor, observando-o. Suas mãos estão espalhadas por uma mulher nua, que parece ser uma convidada. Ele a toca em todos os lugares, seus dedos provocando levemente seus seios, seu estômago, seus lados, entre suas pernas. Ela está agarrada em êxtase, embora Platão não pareça estar compartilhando sua diversão. Seu pau está rígido, esfregando-se contra sua boceta enquanto ele se inclina, acariciando o corpo da mulher. Eu duvido que seu pau esteja assim porque está com desejo do que está fazendo. O coquetel de drogas em seu sistema deve ser considerável — ele definitivamente foi administrado com Viagra, heroína e Deus sabe o que mais. Mais uma vez nossos olhos se encontram no espaço agitado, e ele não reage. É como se ele não estivesse me vendo.

— Dios mio. — alguém murmura. — Essa garota, ela é deslumbrante. Nós devemos tê-la, meu amor. — Olho em volta, tentando ver quem falou, mas a multidão dos convidados de Fernando é puro caos. Eu vejo de quem eles estão falando, porém: Natalia está caminhando hesitantemente pela escada, com as mãos pressionadas contra os lados, e ela parece querer virar seu rosto e voltar para o quarto. Ela é tão incrivelmente linda. Em vez de vestir-se de branco ou preto, ela está vestindo um vestido de seda verde transparente que atinge o chão, decotado para que seus seios estejam quase em exibição. Costas nuas abraçam sua figura delgada, acentuando suas curvas. Seu cabelo foi enrolado e brilha enquanto ela se move, o caramelo se destacou como ouro. Seus lábios são um choque de carmesim, complementando perfeitamente o bronzeado de sua pele. Ela é o único

toque de cor em um mundo monocromático, e ela está de tirar o fôlego. Os homens param o que estão fazendo enquanto ela desce as escadas. Mulheres também. A chegada dela é o suficiente para interromper a festa.

— Minha linda filha, todos. — diz Fernando em voz alta, certificando-se de que todo mundo o ouça. — Natalia, venha e fique comigo, filha. Tenho alguém que gostaria que você conhecesse.

Seus olhos cintilam para mim enquanto ela passa, e eu vejo o quão desconfortável ela está. Eu quero estender e pegar sua mão, apertar e tranquilizá-la, mas com tantas pessoas a observando não é possível. Ela atravessa a sala, passando pela massa de corpos, até chegar ao pai. Fernando colocou um braço em volta de sua cintura, voltando a falar com o homem alto e ligeiramente acima do peso ao lado dele.

Eu já tive o suficiente. Tolerar essa besteira antes foi difícil, mas agora que Natalia está aqui, é simplesmente insuportável. Eu tenho que agir, e *agora*. Escaneando a sala, procuro Harrison. Ele está na porta da frente, conversando com uma bela mulher de cabelos vermelhos que simplesmente está nua. De costas, esta é a oportunidade perfeita para eu escapar. Rapidamente, antes que alguém possa notar, eu vou para a entrada da cozinha e em direção ao meu alvo. Coloco minha mão no meu ouvido, fazendo uma demonstração de franzir a testa, enquanto finjo ouvir algo no fone de ouvido. Quando chego a frente a Art, o guarda de Harrison, toco o dispositivo, encolhendo os ombros.

— Porra. Seu estúpido, Harrison estava atrás de você, cara. Porra, eu não gostaria de estar no seu lugar agora.

Os olhos dele se ampliam. — Por quê? Estou fazendo o que ele me pediu para fazer.

— Ele está tentando falar ao rádio nos últimos dez minutos. Alguém está espiando perto do escritório de Fernando. Ele quer que você vá verificar, certifique-se de que não é nada sobre o qual devemos estar preocupados. Ele vai denunciá-lo a Fernando se você não lidar com a situação agora mesmo.

Art parece entrar em pânico. — Merda. Eu juro que ninguém passou por este caminho. Estive aqui o tempo todo.

— Estou apenas repetindo o que ele disse, cara. Não atire no mensageiro.

— Meu fone de ouvido deve estar quebrado. Posso pegar o seu por um segundo?

Este palhaço deve ter uma memória de merda muito curta. Ele deve ter esquecido tudo sobre a noite em que ele arrombou a porta do meu quarto e me agarrou enquanto eu estava usando nada mais do que uma toalha. Eu dou um sorriso doentio e doce, empurrando a porta da cozinha atrás dele.

— Vá até a cozinha, cara. O meu rádio também está sem funcionar. Dificilmente posso ouvir algo.

Art nem parece se preocupar. Ele vai adiante de mim, desaparecendo no corredor que leva à cozinha, e estou cheio de uma sensação de euforia. Um pouco prematuro, vou admitir, mas é por maldito tempo que eu soltei esses idiotas. Agora que chegou à hora e o momento está em cima de mim, quase não quero que ele termine. A antecipação é viciante, mas não é nada do que estou prestes a sentir.

O corredor está deserto. Não estará por muito tempo, no entanto. Eu pego o cara na parte de trás do colarinho, girando-o, e esmago meu punho em seu rosto, fazendo-o cair no chão. O sangue salpica a parede, e o cara grita, a surpresa é evidente em seu rosto. Ele corre, tentando agarrar sua arma, mas é muito tarde porque já tenho isso na minha mão, e estou tirando de seu cinto.

— Que diabos? — ele grita. — Você é insano!

Não consigo contar quantas vezes me foi dito isso recentemente. Natalia me disse o suficiente para me fazer pensar que isso pode ser verdade. Se eu sou são ou não, não é algo que eu tenho tempo para refletir agora. Giro a arma na minha mão e levo o cano na cabeça de Art, e seus olhos voltam para dentro de suas bases. Um estranho, ruído borbulhante sai da boca, e seu corpo começa a tremer. Ooops. Talvez eu o acertei forte demais. Uma pancada na cabeça pode facilmente matar, dependendo de onde você bate. Eu não queria necessariamente que o

cara morresse, mas dificilmente vou ficar por e ter certeza de que ele não engula sua própria língua. Ele perdeu o direito de ter a minha simpatia no momento em que ele decidiu que um salário era mais importante para ele do que a decência ou a moral humana comum.

Agarro-o pelos tornozelos e o arrasto pelo corredor, deixando um longo rastro de sangue atrás de nós. Não muito sutil, apenas um pouco. O mundo inteiro está prestes a cair em torno desses filhos da puta. Eles não vão prestar atenção há um pouco de sangue em um corredor. A cozinha está longe de estar vazia. Um cozinheiro está no topo da cozinha, concentrando-se nas panelas na frente dele, e três garçons e um dos chefs ficam de lado, conversando. Eles me olham quando entro, suas bocas abertas, embora nenhum deles diz uma palavra enquanto arrasto o cara inconsciente para a sala e solto seu corpo macio no chão. Lentamente, eu levanto o meu dedo aos meus lábios fazendo um som de *shhhhhh*.

Eu saio, atravessando o corredor, de volta para a festa. Quando abro a porta, volto para o hall, estou calmo e composto. Há sangue no manga da minha camisa, embora ninguém perceba. Não com tantos grupos de pessoas agora se contorcendo e triturando um ao outro. Mantenho a cabeça baixa enquanto atravesso a sala. Posso ouvir Fernando falar alto em algum lugar atrás de mim, mas não consigo encontrá-lo. Eu me movo rápido e eficientemente, indo a saída mais próxima da sala de tenda beduína, onde Platão agora está com as bolas no fundo da mulher colocada no chão. Ele me observa enquanto eu passo rápido pela porta, e então ele se foi.

O escritório de Fernando é fácil de encontrar. Eu me sentei lá o suficiente para saber como chegar com facilidade. Surpresa, surpresa, quando eu tento girar a maçaneta, a porta está trancada. Há uma câmera acima da porta, mas estou além de me importar de ser visto nesse momento. Eu levanto minha perna e esmago meu pé na madeira, logo abaixo da fechadura, e o batente da porta se quebra, enviando fragmentos de madeira por todos os lugares.

Dentro do escritório, meu objetivo está na parede acima da mesa de Fernando: um botão pequeno e inócuo, preto, com um pequeno círculo branco sobre ele. Quantas vezes Fernando apertou essa coisa em sua raiva? Quantas vezes ele apertou por puro tédio? Muitas vezes,

porra. Eu atravesso a sala, meu coração martelando no meu peito como uma broca pneumática, e eu bato minha palma no botão.

Por um terrível segundo, não espero que nada aconteça, mas uma parede de som explode pela casa, ensurdecendo, sacudindo as janelas nos seus quadros. Eu só ouvi o alarme uma vez, quando eu estava na floresta com Natalia, e então era bastante alto. Agora, parece que o som está vivo, sacudindo a casa, determinado a trazê-la abaixo até ser pura terra.

Este não é um alarme prático. É projetado para provocar o medo de Deus aos habitantes da casa, os serviçais de Fernando, para avisá-los do que acontecerá se eles saírem da linha. Eu diria que isso provavelmente funciona.

Pego um cinzeiro de vidro pesado sentado à beira da mesa de Fernando e o uso para esmagar o botão da parede. Não tenho ideia se irá desativar o alarme, pressionando novamente o botão, mas é melhor prevenir do que remediar.

Então, estou correndo.

Eu não volto pelo lugar que vim. Isso leva a muitas pessoas, e também a Harrison e seus homens. Estou correndo na direção oposta, correndo o mais rápido possível até chegar à entrada lateral com o teclado que Natalia me levou quando descemos a montanha no outro dia. Felizmente, não preciso de um código chave para sair. A porta esmaga na parede enquanto eu a abro, e o aço pesado vibra, fazendo um som revoltante, entortado e estalado. Atrás de mim, eu ouço gritos.

Do lado de fora, o ar noturno é frio e cheira a fumaça. Eu não sei o que está queimando, mas o ar é grosso com algo em chamas. Eu continuo correndo, contornando o perímetro da casa até chegar ao pátio, onde o precioso gramado de Fernando começa. As pessoas se espalharam saindo da casa e correndo sobre a grama, na maior parte nuas, tentando encontrar suas roupas. Harrison está lá também, apertando os olhos para o escuro, presumivelmente tentando descobrir o que está acontecendo.

Eu permaneço escondido nas sombras. Preciso encontrar Fernando. Se Harrison me ver agora, ele estará em cima de mim,

fodendo meus planos. Passo pela lateral, abaixado, segurando a respiração, esperando.

Um som corta o ar da noite, enviando uma onda de pânico através da multidão no gramado da frente — um único uivo solitário. Várias pessoas começam a se reunir, segurando as mãos, voltando para a casa, como se estivessem correndo para se proteger — os serviçais. Eles podem estar fora de suas mentes pela heroína, mas eles estão conscientes o suficiente para reconhecer o grave alarme dos lobos que soa de múltiplos alto-falantes montados na parte externa da casa, e eles estão quietos, esperando as bestas chegarem.

Todo mundo está espalhado, sem noção, correndo um para o outro com pressa para escapar da ameaça desconhecida.

Fernando está na frente da casa, então, balançando a cabeça de um lado ao outro enquanto tenta compreender o que está acontecendo. Ele parece furioso, sua testa apertada enquanto tenta acalmar a loucura. — Por favor todos, fiquem calmos. Teremos isso sob controle em breve. Voltem para dentro.

Além dos serviçais, que conhecem as regras, ninguém mais parece planejar voltar para dentro. Isso vai contra sua natureza. Eles foram treinados desde que possam lembrar que um alarme tão chocante e agressivo quanto este, significa evacuação. A fumaça, de onde quer que venha, não está ajudando no que diz respeito aos seus níveis de pânico. Tenho certeza de que eles devem pensar que a casa está em chamas ou algo assim, o que não os persuadirá a voltarem para dentro da casa tão cedo.

Preciso separar Fernando de Harrison e seus homens. Preciso de alguma forma, levá-lo sozinho. Fui paciente até agora, então eu vou ter que esperar um pouco mais. Na vanguarda da minha mente, enquanto eu estou agachado no escuro, estou enlouquecendo. Onde está Natalia? Não a vejo do lado fora em qualquer lugar. Fernando teria deixado ela sozinha? Se ele tivesse, a teria deixado com alguém com certeza? Ela é uma mulher capaz, mas não posso evitar. Estou preocupado com ela.

Os lobos uivam novamente, e desta vez há muitas vozes juntando a música. Eles estão a caminho. Eu tremo um pouco enquanto penso

no que está prestes a acontecer — a violência e o derramamento de sangue que serão inevitáveis uma vez que os animais chegarem.

Não me sinto mal. Eu fui empurrado muito longe aqui, neste maldito lugar maligno. Não vou ajudar os convidados de Fernando quando estiverem mortos. Eu passarei sobre os restos desfiados de seus corpos enquanto me afastar. Não irei sentir a menor culpa.

Não demorará muito para começar.

Por cima, em algum lugar no segundo andar, uma janela se quebra, enviando vidros quebrados até o chão. Posso ouvir o som tilintante e esmagador enquanto as pessoas gritam. Olhando para trás pelo meu ombro, eu finalmente vejo a fonte da fumaça no ar: chamas saindo de uma das janelas do quarto, luzes vermelhas e alaranjadas que laminam a fachada do prédio. O que resta do material da cortina passa pela moldura da janela, sendo consumido pelo incêndio.

— Porra! — grita Harrison. — Esse é o meu quarto.

Fernando o encara com um olhar desgostoso. — Apenas encontre Garrett. Faça seu trabalho.

Harrison corre para o escuro, arma levantada, conversando em seu fone de ouvido. Além do fato de que seu quarto está em chamas, ele deve sentir-se mal agora. Se Fernando o tivesse ouvido em primeiro lugar, eu já estaria morto. Eu não estaria correndo por aí no escuro, arruinando sua festa e causando problemas para eles.

Agora que Fernando está sozinho, estou em uma posição privilegiada para fazer meu movimento. Eu me preparo para correr pela frente da casa, dando pequenos passos de cada vez e pego o filho da puta. Mas assim que estou prestes a ir, ouço algo que me para novamente, tentando desaparecer na escuridão:

Jurassic5.

Giro, e lá está ele, Ocho, fones de ouvido explodindo música mais alta do que nunca, e não tenho tempo para reagir. Fiquei tão focado no paradeiro de Harrison e Fernando que eu esqueci sobre o velho homem mudo resistindo. Ele ergue o braço, e uma sacudida de adrenalina gelada bate-me com força. Estou esperando que ele tenha uma arma,

para me matar, mas ele não faz. O objeto que ele segura na mão é muito maior do que isso, e inconfundível em sua forma — uma pá de jardim.

Quando ele traz a lâmina plana abaixo, balançando pelo ar, eu caio. Eu deveria ter sido mais observador. Eu deveria ter visto isso acontecer.

Eu não sei por quanto tempo estive desmaiado. Minha cabeça lateja enquanto abro minhas pálpebras, e o som de pessoas gritando enche meus ouvidos. O céu noturno parece laranja, nuvens de fumaça cinzenta e sujas que se estendem acima, e acho que estou prestes a vomitar. Já não estou ao lado da casa. Estou deitado em um pequeno pedaço de terra, cercado de árvores, talvez a apenas seis metros de distância. Posso ver o grande edifício branco em fragmentos através da floresta, as pessoas correndo, o flash de pelos e dentes, como algo mais leve e flexível. Deus, minha cabeça está me matando. Dói porra *piscar*.

— Você não precisava acertá-lo tão forte. — uma voz sussurra no escuro. — Ele provavelmente não poderá andar agora.

Meu estômago rola. Estou tendo malditas alucinações. Ocho está se aproximando de mim como uma estátua ondulada, de rosto azedo, o rosto dele em destaque na sombra, fazendo-o parecer ainda mais severo do que o normal. E ao lado dele, minha irmã está puxando uma faca de uma bainha de couro quebrada, girando a lâmina desse jeito e na luz fraca. Ela olha para mim, balançando a cabeça. Há círculos escuros sob seus olhos, e seus cabelos loiros estão sujos, aninhados em um emaranhado enrugado em torno de sua cabeça. Parece que ela já teve cinco rounds de uma luta livre.

— Ha! — Eu rio, então estremeço com a forte dor que me agarra na cabeça. — Eu pensei ficaria um pouco mais glamorosa na vida após a morte.

Ocho faz um forte som, apontando um dedo em direção à floresta, torcendo a mão esquerda em uma série de gestos estranhos que minha irmã morta parece entender. — Eu sei, eu sei. — ela assobia. — Mas ele está completamente fora de si. Olhe para ele.

Ocho olha para mim, e não parece muito impressionado. Mais barulhos, e mais gestos de mão seguem. Seus fones de ouvido estão enrolados em torno de seu pescoço, silenciados, e percebo nessa alucinação estranha e fora do corpo que estou tendo que é a primeira vez que eu já vi o homem tentar se comunicar com qualquer um. Ele faz um som grunhindo, fingindo grudar os dentes juntos. Minha irmã balança a cabeça, suspirando. — Eles não vão nos atacar. — diz ela. — Não enquanto há tantas pessoas lá fora para escolher.

Ocho sorri, revirando os olhos. Ele olha para mim novamente, cutucando-me com a ponta da bota, então faz um gesto que eu entendo; Ele estende o dedo indicador e aponta repetidamente em direção ao céu.

Levante.

E não apenas levante.

Levante. *Agora.*

Ele escava sua bota em minhas costelas novamente, e uma explosão de dor atira através de mim, ricocheteando em torno do interior da minha cabeça como um pinball. Tento sentar, mas o chão abaixo de mim me arremessa de lado, ameaçando me mandar de volta para a superfície da terra.

— Espere, dane-se. Dê-lhe um segundo para descobrir o que diabos está acontecendo. — sussurra Laura. Ela coloca a mão no lado da minha cabeça, fazendo uma careta quando vejo seus dedos ensanguentados, e de repente eu não estou respirando. Não estou piscando. Estou parado. Não sou capaz de fazer meu cérebro trabalhar de forma alguma. Minha irmã? A minha irmã está na minha frente, vestida com uma camisa preta suja e jeans pretos, me dando o mesmo olhar que ela sempre costumava me dar quando estávamos brigando como irmãos? Que *porra é essa?*

Meus pulmões estão gritando. Preciso tomar um fôlego, mas eu estou com muito maldito medo. Se eu mover um único músculo, tirar

os olhos dela por um segundo, eu temo que ela vá desaparecer. Como isso está acontecendo? Como o inferno na terra pode possivelmente ser real?

Um fraco, triste sorriso se espalha lentamente pelo rosto de Laura. Ela parece mais velha do que eu me lembro. Cansada. Diferente, de muitas maneiras, e ainda assim... *ela*. Ela toma a minha mão e aperta com força.

— Ei, meu irmão.

Eu não poderia fazer um som, mesmo se quisesse. Eu só olho para ela, consciente de quão real e sólida sua mão parece na minha.

— Eu suponho que você veio aqui por mim? — ela pergunta. — E não porque você queria participar de uma das festas privadas secretas de Fernando Villalobos?

— Eu... porra, isso não pode estar acontecendo. — Eu grunho. Estendendo a mão livre, eu movo meus dedos sobre seu rosto, examinando suas características, procurando alguma dissimilaridade entre esta mulher e minha irmã, tentando provar a mim mesmo que não pode ser ela. Mas é ela. Porra é ela. — Natalia me disse que você estava morta. — eu sussurro. — Eu pensei que você...

Os olhos de Laura estão cheios de dor. Ela parece que está tentando o seu melhor para não chorar e está fazendo um trabalho horrível. Ela sempre foi difícil em esconder as lágrimas, mesmo como adulta. — Ela não podia saber. — diz ela. — Ela tinha que acreditar que eu estava morta. Todo mundo tinha que acreditar. Ocho me ajudou a escapar.

Viro a cabeça para olhar para o baixo, o homem equatoriano, imediatamente lamentando o movimento quando a minha visão começa a rodar. — *Você?* Como poderia *você*...? — Ocho é o braço direito de Fernando. Ele está me observando desde que apareci em Orellana, sempre lá, ao fundo, observando tudo com aqueles seus olhos escuros e insondáveis. Como pode *ele* ter ajudado Laura a escapar?

Laura sorri para o velho como se ele fosse um velho amigo. — Ocho está me escondendo na floresta por um longo tempo, Cade. Eu disse a ele sobre você, é claro. Quando você apareceu aqui, ele me levou

para a periferia da propriedade para mostrar que você veio. Ele disse que estava aqui para comprar drogas, mas eu sabia a verdade. Eu esperei que você deixasse a propriedade para que eu pudesse chegar até você, mas você nunca estava sozinho. Sempre com Natalia, ou com Fernando.

Eu aperto meus olhos fechados, tentando processar tudo isso, mas parece uma subida íngreme que eu não estou conseguindo escalar agora.

— Você acha que consegue ficar em pé? — ela pergunta. — Temos de avançar. É apenas uma questão de tempo antes que os lobos acabem com os convidados. Uma vez que eles estão em um frenesi como este, eles não irão parar de matar até que seus estômagos estejam cheios. Eles só param uma vez que todo mundo estiver morto.

— Eu não posso sair. Eu tenho que voltar. Natalia ainda está lá dentro.

— Eu sei, mas estamos contra o tempo. Se nós não descermos a montanha antes de Fernando ter uma chance de reunir os seus homens, então estaremos todos mortos.

Respirando fundo, agonizante, eu me esforço em uma posição sentada, apoiando contra o pulsar dentro do meu crânio. Eu estou paralisado em qualquer outro lugar. Eu ainda não consigo acreditar. Ela está viva. Laura está *viva*, e Ocho a ajudou. Eu tenho muitas perguntas. Muitas. Se eu começar a perguntar agora, eu não acho que vou ser capaz de parar, no entanto. Apoiar meus pés no chão é uma merda. Se eu pudesse, eu ficaria no chão para o futuro previsível, até que tudo parasse de girar como uma roda gigante, mas eu posso ver a preocupação no rosto de Laura e seu medo é muito real.

Uma vez que eu estou na posição vertical, Ocho agarra a manga da minha jaqueta, tentando me apressar, mais fundo na floresta. Eu me jogo para frente, e então estou conta de Laura, puxando-a para mim, esmagando-a em meus braços. Lembro-me da última vez que chorei. Foi dois dias depois de Laura desaparecer, quando eu percebi que ela não ia voltar. Quando percebi que ela tinha ido embora, e que alguém tinha claramente a levado.

Agora, segurando-a em meus braços, eu choro novamente. — Porra, Laura. Sete anos. *Sete malditos anos*. — Eu quero dizer a ela sobre os países que visitei, as pessoas que eu matei, os milhares e milhares de quilômetros que eu viajei enquanto estive procurando por ela, tentando trazê-la de volta para casa. Em vez disso, tudo o que posso fazer é a apertar com força, acariciando a minha mão sobre suas costas e seu cabelo despenteado.

— Eu sei. — ela sussurra. Ela está chorando também, agora, permitindo que as lágrimas derramem; Eu posso ouvir como engasgada ela está em sua voz. — Parece metade de uma vida.

Eu não quero deixá-la. Não posso. Não, Ocho não parece estar disposto a sentar-se através de nossa reunião de família emocional, no entanto. Ele puxa minha manga novamente, fazendo ainda outro barulho gorgolejando ansioso. Laura me libera, farejando.

— Nós temos que sair agora. — ela insiste.

Ela está certa. Eu vim para encontrá-la, e aqui está ela encontrada. Eu não devo arriscar ficar ao redor desta montanha, onde Fernando poderia nos capturar novamente a qualquer momento. Mas quando eu penso sobre escorregar no escuro e sair, eu sei que não posso fazê-lo. Viro-me para Ocho, preparando-me para o que eu estou prestes a dizer. — Leve ela. Tire-a daqui. Cuide dela. Eu estarei bem atrás de vocês, eu prometo.

Laura pega a minha mão de novo, seu aperto quase doloroso. — Por favor, Cade. Eu... — Ela está prestes a implorar para eu não ficar para trás, mas seus olhos se estabelecem no meu e algo endurece neles. Um tipo de determinação que ela nunca possuiu no Alabama. — Não. Você está certo. Ninguém deveria ter que ficar aqui contra a sua vontade. Vai encontrá-la, Cade. Encontre-a, e a tire de lá.

Capítulo Dezesseis

Revelação

Usei algumas merdas de drogas na minha juventude, mas nunca tomei ácido. Eu acho que é assim provavelmente como me sinto tropeçando, enquanto volto para a propriedade. Nada parece ou cheira como a realidade mais. Estou tentando me concentrar na cena do pesadelo na minha frente, mas tudo o que posso pensar é que Laura não foi enterrada em uma dessas covas. Ela não foi enterrada. Não tenho ideia de como Ocho conseguiu convencer não só Fernando de que ela estava morta, mas também Natalia. No entanto, ele fez isso, e obviamente, funcionou. Se Fernando suspeitasse por um segundo que ela estava viva, ele teria virado cada pedra e cortado todas as árvores na floresta para encontrá-la.

Como eu previ, há dezenas de cadáveres no gramado. Eu não vejo seus rostos, não reconheço quem eles são. Eu passo rapidamente por eles, meu foco direcionado para a casa e as pessoas que ainda permanecem dentro. Fernando está longe de ser visto. Eu entro pela porta aberta, esforçando-me para ouvir ou ver qualquer coisa, mas todo o andar inferior está sufocado com fumaça, e o único som que chega aos meus ouvidos é o rugido crepitante do fogo que está ao redor.

Onde ela estaria? Não no segundo andar. O fogo que deve ter começado mais cedo, antes de eu apertar o alarme, por isso é improvável que ela tenha subido lá. Não quando a fumaça era óbvia. Então, embaixo. Não no escritório de Fernando. Não na cozinha. Não no...

Isso me atinge de repente. A biblioteca. *Claro*. Ela disse que era onde ela costumava ir quando era pequena para escapar de seu pai. Faz sentido que ela até vá lá se esconder agora, quando tudo está se

desintegrando em loucura. Eu cubro minha boca com o meu braço enquanto eu corro pelo corredor, indo na direção da biblioteca na outra extremidade da casa. Esquerda. Certo. Não tenho ideia de onde diabos eu estou indo. Eu sei que estou indo para o norte, no entanto, e a biblioteca pareceu estar mais no norte pela vista do gramado, então eu tenho que estar perto. As pessoas correm perto de mim no corredor, nada mais do que formas escuras se dirigido na direção oposta, para fora, em direção à entrada principal, sufocando e tossindo à medida que a fumaça se instala nos pulmões. Ignoro cada um deles enquanto eu continuo a caçar.

— Natalia! — Meu grito é amortecido assim que ele sai da boca. —
NATALIA!

Merda. Por favor, faça com que ela esteja segura. Por favor, que ela esteja em segurança.

Eu abro porta após porta, não encontrando o que estou procurando, só fumaça e mais fumaça. Não consigo respirar. Meus olhos estão ardendo, lágrimas escorrendo, e meus pulmões estão em chamas. Meu corpo está me dizendo que eu preciso sair imediatamente, mas não posso. Eu me recuso. Até eu encontrá-la, não vou sair desta casa. Eu deveria ter dito a ela o que eu ia fazer, mas, de verdade, qual seria o ponto? Eu não planejei que isso se tornasse em uma merda de incêndio. Eu não sabia que ia estar cego pela casa, gritando seu nome, incapaz de encontrá-la.

Eu tento mais três portas.

Nada.

E então, quando eu realmente estou começando a perder minha sanidade, eu tento abrir uma porta e esta não abre. Eu jogo meu peso contra isso, e ainda permanece firmemente fechada. Não está bloqueada. Eu posso ver uma leve abertura, o que significa que provavelmente foi bloqueada com algo.

— Natalia? — eu grito tão alto quanto posso.

Um choro abafado vem do outro lado da porta. Há um som de algo arrastando, e então a porta se abre. Ela está lá, naquele lindo vestido verde, embora esteja agora rasgado, e ela amarrou seus cabelos

de volta em um rabo de cavalo. Uma mancha escura de fuligem marca sua bochecha. Ela parece selvagem e entrou em pânico. Ela corre contra mim, jogando seus braços ao redor do meu pescoço. — Eu pensei que eles haviam te matado. — ela soltou. — Eu pensei que meu pai tivesse encontrado você ou algo assim. Eu não sabia onde você estava.

— Shhh, está tudo bem, está tudo bem. Estou bem aqui. — Ela é tão pequena em meus braços. Tão vulnerável. Ela teria encontrado o caminho para fora se eu não tivesse vindo atrás dela, tenho certeza disso, ela é capaz de se defender, mas ainda assim. Saber que eu tenho ela nos meus braços é o mais doce alívio. Eu beijo sua testa, pressionando meus lábios contra sua pele, e então eu a abaixo. — Vamos. Não há tempo. — Pareço como minha irmã, mas é a verdade. De alguma forma, o fogo ainda está no andar de cima, mas não será para sempre. E uma vez que os tetos começam a entrarem em colapso...

Eu a pego pela mão, arrastando-a para fora da sala.

— Eu pensei que acharia vocês dois juntos.

Em frente, escondido pela fumaça, uma figura está em pé, bloqueando o corredor. Ele é mais alto do que Fernando. Mais amplo do que ele, também.

Harrison.

Ele prossegue, e a primeira coisa que percebo é a arma na mão, que está apontada diretamente na minha cabeça.

— Você é um diligente. — ele grunhiu. — Eu sabia que você estava cheio de merda. Porra eu *sabia* disso.

Eu me coloco na frente de Natalia, segurando minha própria arma. — Saia do caminho, Harrison.

— Que merda, cara? Você seriamente acha que me *pedindo* para me mover vai adiantar?

— Na verdade, não. — Eu passo para frente, esquivando-me enquanto eu pego sua arma. Talvez ele pensasse que haveria mais preâmbulos nesta luta, mas eu não pretendo ficar muito tempo por aqui. Ele parece surpreso por eu partir para cima dele. Ele reage

rapidamente, mas eu já peguei seu pulso, e eu estou forçando seu braço para cima, então a arma está direcionada para o teto.

Harrison me bate com a mão livre, me golpeando na garganta. Por toda a merda que eu lhe dei por causa por ser um segurança privado em vez de militar, o bastardo sabe como bater. Parece que minha traqueia foi esmagada. A dor me cega por um segundo, mas isso é tudo... um segundo. Não solto seu pulso. Ele está esperando que eu o solte para que eu possa me recuperar, mas esta não é a minha primeira vez numa luta corporal. Eu tive prática, e eu estou muito bem com isso.

Eu o bato de cabeça, esmagando minha testa contra seu nariz — a parte mais forte da minha cabeça contra a parte mais sensível dele. Eu sei que eu quebrei o osso quando ele grita. Ele grunhe os dentes juntos, mas ele também não solta sua arma.

Natalia está em algum lugar atrás de nós. Eu aperto minha mão em um punho, levando-a as costelas de Harrison tão forte quanto eu posso, tentando afastá-lo do caminho. Tenho sucesso. Ele cambaleia para a direita, seu corpo batendo na parede.

— Natalia, vá! Espere lá fora por mim! — eu grito.

Ela hesita, mas não por muito tempo. Ela corre além de mim, e então ela está envolvida na grossa fumaça cinza-branca, desaparecendo em meio a cortina de fumaça.

— Você acha que ele vai deixá-la viver depois disso? — Harrison cospe. — Ele vai destruí-la. Ele tomará tudo o que ele quer dela. Ele vai fazê-la implorar por seu perdão, então ele vai despejar seu corpo do alto do penhasco. Nem mesmo os lobos serão autorizados a tê-la depois que ele terminar com ela.

Harrison está certo. Fernando egoísta como é; Provavelmente preferiria que Natalia estivesse em pedaços por suas próprias mãos nas pedras, ao invés de entregar aos seus animais de estimação.

— Você fez isso com ela. — diz Harrison. — Quando ele acabar de castigá-la, e não houver mais nada dela, você saberá que foi sua culpa. Você deveria tê-lo ouvido. Você deveria ter feito o que lhe foi dito!

Tantas besteiras. Seguro-o pelos cabelos, puxando a cabeça para trás para que eu possa esmagar seu rosto na parede. O impacto é tão gratificante. O gesso se desmorona, pequenas rachaduras aparecendo como uma teia de aranha na pintura. Harrison cai um pouco, mas é apenas um momento antes de voltar e balançar. Estou puto, minha cabeça nadando contra a inalação de fumaça, que meu tempo de resposta está atrasado. Ele me agarra no maxilar, e as luzes dançam nos meus olhos. Mais uma vez, ele me atinge — o estômago desta vez — e me agacho, tentando me recuperar. O oxigênio já está pouco agora. Não preciso de outro soco para tornar a respiração ainda mais difícil.

— Mas você nunca sabe. — diz Harrison, inclinando-se para sussurrar no meu ouvido. — Talvez eu vá matar Fernando eu mesmo. Talvez eu atire no psicopata pelas costas enquanto ele estiver distraído. Então eu posso ter Natalia para mim.

Se Harrison quiser despejar a gasolina neste fogo, ele apenas falou a frase certa. Ele não deveria falar sobre ela. Ele não deveria ter *pensado* uma coisa dessas. Eu recupero a pouca força que eu deixei no meu corpo e me endireito, ficando em minha altura total. Harrison sabe que ele pressionou o botão certo; Ele aponta sua arma para mim novamente, sorrindo como o idiota que ele é.

— Você nunca melhorará filho da puta. Você continua jogando o fato de que você era militar e eu era segurança privado na minha cara, mas é precisamente por isso que vou sobreviver e você não vai. Todas essas regras e regulamentos. Sempre fazendo as coisas pelo livro. Nós não tivemos que aderir a quaisquer regras de merda quando eu estava no deserto. Não existe uma Convenção de Genebra neste tipo de guerra, meu amigo.

Posso ver isso em seus olhos. Ele vai atirar, e ele vai ter grande prazer em me ver morrer. No entanto, não pretendo morrer com facilidade. Seu dedo paira sobre o gatilho, torcendo-se inquieto.

Qualquer segundo agora.

Qualquer segundo...

Assim quando ele se move, eu caio no chão, no entanto. Ele dispara, a pressão e a fuga da bala passando pela cabeça. Eu rolo nas

minhas costas, apontando minha arma para cima, e eu disparo. Seu tiro passou longe, enquanto meu tiro foi certo, acertando profundamente seu ombro. Harrison balança de lado, seu corpo bate na parede e sua arma cai de sua mão, pousando no chão a seus pés. Um fluxo de sangue começa a bombear na frente de sua camisa branca. A surpresa no rosto dele é óbvia; Ele realmente acreditava que esse seria o momento decisivo da vitória. Bem, muito triste, filho da puta. Desculpe decepcionar.

A ferida no ombro não o matará. Ele perderá muito sangue se ele deixar tempo suficiente, mas ele não vai cair morto imediatamente. Ele cai sobre mim, mãos fortes me agarrando e puxando enquanto ele tenta me dominar. Estou com tudo em cima. É tempo para Harrison aprender uma verdadeira lição.

Planejo disparar na sua testa, mas ele bate minha arma na luta. Isso vai desaparecendo na fumaça e escuridão, e não tenho ideia de onde ela acaba enquanto lutamos. A arma de Harrison está no chão em algum lugar, mas na confusão de membros e punhos, também me impede de achá-la.

Eu posso sentir meu corpo começando a ter uma reação atrasada. Preciso de ar fresco e preciso muito. As sinapses no meu cérebro estão disparando em câmera lenta, e cada célula no meu corpo está gritando por oxigênio. Eu não desisto, no entanto. Não posso. Meu braço atinge algo, afiado e difícil. Eu brigo por isso, fechando minha mão ao redor de...

... uma faca.

Um punho de faca. Não consigo ver que tipo de faca é, e para ser honesto, eu realmente não me importo. Contanto que tenha uma ponta afiada, será suficiente. Harrison está tentando pairar em cima de mim, para me segurar no chão e ele possa me atingir, mas tenho outras ideias. Dirijo a faca para cima, batendo-a no tronco, esmagando a lâmina entre suas costelas. Esta é uma zona de danos elevados. Os pulmões, o coração, o fígado. Os rins, dependendo do tamanho da lâmina. Eu poderia acertar qualquer um desses órgãos internos principais, e será uma longa noite para Harrison.

Ele continua quieto.

Bolhas de sangue saem de seus lábios, escorrendo de sua boca enquanto ele solta um estranho e aliviado suspiro. — Foda-se... você... — ele sussurra.

Inclino-me para ele, empurrando meu rosto para o dele. — Não, Harrison. Sério. Foda-se *você*. — Eu torço a faca, girando, sentindo a borda afiada do metal raspando contra suas costelas. Mais sangue sai da boca. Ele começa a tremer, os olhos arregalados. O afastamento de mim, empurrando-o e me levanto. Harrison encontra-se em uma bagunça espalhada no chão, as mãos descansando cautelosamente em cada lado da faca, que ainda está saindo de seu corpo. Deixo-a lá, não porque eu tenha pena dele. Não porque me arrependo do que fiz. Eu deixo isso lá porque sei que ele sangrará mais se eu a remover. Ele vai perder muito sangue rapidamente e morrer, e onde está a justiça nisso?

Eu me viro, e me afastamento. Harrison permanece para trás, sufocando em seu próprio sangue. A fumaça o levará. Caso contrário, o fogo ou seus ferimentos farão o trabalho. De qualquer forma, ele não é mais minha preocupação.

Capítulo Dezesete

Carnificina

Do lado de fora, o lugar está como um depósito de lixo, corpos em todos os lugares. Os lobos não estão próximos de serem vistos, embora eu possa ouvi-los ansiosos e excitados na distância. Eles não precisarão comer por dias agora.

Eu digitalizo a área, procurando por Natalia. A princípio, não a vejo, mas depois ela está lá, abaixada, abraçando os joelhos no chão perto do Patriot estacionado na entrada. Ela me vê e ganha vida. — Graças a Deus! — Ela corre, indo até mim, jogando seus braços ao redor do meu pescoço, e eu a pego, rindo sob minha respiração.

— Estou bem. — eu digo a ela. — Você está?

— Estou bem. Dói respirar, mas vou ficar bem.

Ela está certa, realmente dói para respirar. Eu me pergunto quantos anos ficou presa dentro da mansão, inalando toda essa merda que tem afugentado nossas vidas. Mais do que é justo. Eu teria trocado com prazer para ter certeza de que ela estava segura.

— Você viu alguém lá dentro? — ela pergunta.

— Não. Nenhuma alma. — Eu sei o que ela está pensando. *Fernando*. Não o vi desde antes que Ocho me nocauteou. Não tenho ideia de onde está o filho da puta e, para ser sincero, não quero saber. Nós assumimos muitos riscos. Eu odeio o homem, e ele merece morrer, mas esperar aqui para ver seu rosto é uma má ideia. É hora de sair daqui.

— Onde estão as chaves disso? — eu aceno para o Patriot.

— No galpão de manutenção. — Natalia me diz. — Há uma caixa na parede onde eles mantêm as chaves de todos os veículos.

— Mostre-me.

Ela me conduz ao galpão de manutenção. Eu notei o edifício antes, um tipo de celeiro de tamanho decente com um telhado de metal ondulado, pintado de verde, presumivelmente para que ele se misture com a floresta tropical circundante. No interior, o espaço aberto está embalado com todos os equipamentos de jardinagem de Fernando: cortadores de grama montados nas paredes; Um cortador de madeira; Três máquinas de cortar relva John Deere, Um pequeno trator, e uma infinidade de outras máquinas aleatórias que estão escondidas no escuro. Ao longo da parede traseira do galpão, uma enorme pilha de madeira cortada foi empilhada; Quase chega até o teto.

Natalia anda até uma caixa de metal na parede, que parece estar bloqueada. Ela ergue-se em um bloco de madeira, chegando em cima da caixa, porém, encontrando a chave para abri-la, e então ela está vasculhando uma multidão de chaves de veículo etiquetadas, procurando uma em particular.

— Não está aqui.

— E a chave para o Humvee?

— Sim. — ela seleciona o conjunto correto e joga-as para mim. — Ocho pegou o Humvee, no entanto. Não sei onde ele deixou.

— Tudo bom. Eu sei onde está. — Ou melhor, Ocho sabe onde está. Uma vez que eu encontre ele e minha irmã, todos nós quatro poderemos empilhar no veículo e queimá-lo na montanha. Só Deus sabe onde eles estão, no entanto. Tenho certeza de que eles estão observando a casa. Eles provavelmente viram Natalia e eu entrarmos aqui.

Estamos prestes a sair do galpão, quando um ruído metálico nos para. Lá, na porta, uma figura está em sua silhueta, assim como Harrison fez no corredor fora da biblioteca. No começo eu acho que é Ocho, vindo nos encontrar, mas depois percebo quem é a figura alta. E o martelo em suas mãos. Parece que não vou deixar esta montanha sem lutar contra Fernando, afinal.

— Oh, Deus. — Natalia parece petrificada. — Ele vai te matar. — ela assobia.

— Não, ele não irá. — A minha arma desapareceu. Deixei a faca para trás, presa no intestino de Harrison. Estou de pé em um galpão cheio de motosserras e cortadores de grama. Eu acho que vou ficar bem. Abaixando-me, pego o objeto mais próximo que posso encontrar: um machado. A alça está desgastada e lisa, obviamente bem usada, e a ponta limita a escuridão, com uma pitada aguda.

— Você era um convidado na minha casa. — diz Fernando com voz sombria. — Você traiu minha hospitalidade.

— Estamos jogando quem está mais irritado com quem agora? Porque garanto que vou ganhar esse jogo. — Minha voz parece tão fria e vazia como a de Fernando. Ele dá um passo à frente, lançando seus olhos ao redor do galpão. Parece que ele está procurando algo — seus homens, talvez? Ou uma arma extra?

— O que você ganharia com isso, Kechu? O recebi com os braços abertos aqui, quando me disseram para te esfolar vivo.

— O nome Laura Preston significa algo para você?

Fernando franze o cenho. — Não, não significa.

— Bem, deveria. Você a sequestrou e a manteve aqui contra a vontade dela por anos. *E ela era minha irmã.*

— Tenho medo de não saber do que você está falando. — diz Fernando, sorrindo. — As mulheres que vêm aqui estão tão dispostas...

— Papai. *Não.* — Natalia parece alarmada. — Como você pode mentir tão facilmente? Nenhum dos serviçais estão aqui de bom grado.

Fernando dá de ombros. — Eles não gostam das drogas gratuitas que eu dou? A comida gratuita? A cama livre? As roupas gratuitas?

O homem é certificável se ele acha que está fazendo a esses pobres bastardos um favor. Natalia range os dentes, prendendo o pai com um olhar furioso. — Nada disso é gratuito. Nenhum deles pediu, ou quer. Eles querem ir para casa e para suas famílias. Nunca teriam

vindo aqui voluntariamente. Eu sei a verdade, eu sempre soube. Não há como tentar mais esconder isso de mim.

Fernando considera isso. Sua expressão é tormentosa, seus olhos cheios de loucura e raiva. — Tudo certo. Você é uma adulta agora. Talvez seja hora de você conhecer os caminhos do mundo.

— Tenho vinte e seis anos de idade! Eu sou uma adulta há muito tempo, papai. E este não é o caminho do mundo. É o caminho do seu maldito e malvado mundo, e não quero participar disso.

— Como você acha que teria sobrevivido sem o dinheiro que eu faço nos meus negócios aqui? Você acha que teria tido coisas tão boas se eu fosse pescador ou carpinteiro?

— Eu não me importo com coisas boas. Eu me importo com honra e gentileza. E eu com prazer teria morrido de fome antes de explorar outro ser humano para o meu próprio ganho! — Ela está chorando, um rio de lágrimas rolando por suas bochechas. Sua espinha dorsal está reta, porém, seu queixo alto. Ela finalmente está o encarando de frente, e estou tão orgulhoso. Ela precisa disso. Não importa o que aconteça a seguir, mesmo que ambos morramos, ela morrerá com o conhecimento de que falou o que realmente pensa. Porém, Fernando não parece gostar da nova atitude de sua filha.

— Você é uma cadela ingrata e mimada. — ele assobia. — Eu lhe dei tudo, e você está jogando isso para o quê? Um homem? Ele não é bom para você, Natalia. Ele tem sujeira sob seus pés. É por isso eu a protegi. É por isso que eu a impedi de cometer erros.

— Você é a terra debaixo dos meus pés. Você é a mancha negra que marca a minha alma! Você é um assassino e um psicopata. Você está indo para o inferno pelo que você fez.

A perspectiva do inferno não parece incomodar Fernando. Ou o fato de que sua filha se revoltou contra ele. Ele deve ter esperado isso no final do dia; Ele deve ter sabido que eventualmente chegaria esse momento. — O inferno não me interessa. — diz ele. — Minha única preocupação é você.

— Besteira! Você vendeu sua alma por poder.

Fernando avança, um olhar de pura fúria nos olhos dele. — Não me levante a voz, filha. Vou cortar sua língua de sua boca. — Isso, dado o que ele fez a Ocho, não é uma ameaça. Natalia devolve.

— Você não vai. Isso sobre você, pai. Esta é à noite em que você morre. Você não vê isso?

Ele se revira, confusão no rosto. — Por quê? Porque minha casa está em ruínas? Meus convidados estão todos mortos ou se foram? Ou... — Seus olhos cintilam em mim. — Você sugere que este homem vai me matar?

— É claro que vou te matar. — digo com cansaço. — Você é um merda da pior espécie. Estou realmente ansioso por isso.

— E você acha que ela ainda vai te amar se você assassinar seu pai? Você acha que ela não vai ver minha morte toda vez que olhar em seus olhos?

— Você não conhece sua filha, Fernando. Você não a conhece de maneira alguma.

Eu corro até ele. Não vou aguardar que ele faça a primeira jogada. Foda-se isso. Levo um segundo para alcançá-lo, mas é o segundo que Fernando tem tempo de se preparar. Estou esperando que ele levante o martelo, mas ele não levanta. Ele alcança atrás de si mesmo, e de repente há uma arma na sua mão.

Tenho certeza de que há um velho ditado sobre isso. Nunca traga uma faca para um tiroteio? Bem, neste caso, o ditado ainda é outro; Um machado em um tiroteio é inútil. Fernando não perde mais tempo. Ele puxa o gatilho, e uma explosão de som soa ao redor do interior do galpão. Ele errou essa, mas apenas essa.

Natalia grita quando ele atira novamente. Desta vez estou tão perto que ele quase não erra. Ainda com o machado para cima, balanço sobre minha cabeça. Ele terá que me matar com essa bala, caso contrário, continuarei indo pra cima. Nada além de um tiro na cabeça me impedirá de plantar esse metal afiado em seu corpo.

O aço canta quando corta o ar. Fernando retrocede, evitando o primeiro corte. Ele dispara ao mesmo tempo, e a bala me atinge no

ombro. O impacto quase me derruba. Parece que uma gota de lava derretida pousa na minha pele, e o metal e a rocha líquida estão escorrendo através de mim, me separando de dentro para fora. Dói como um filho da puta, mas sei o que esperar. Esta não é a primeira vez que fui baleado. Tenho certeza que também não será a última. Meu braço esquerdo fica entorpecido. Felizmente, meu braço direito ainda está em perfeito estado de funcionamento. Levanto o machado, determinado a terminar com isso.

Fernando sorri selvagememente, levantando as sobrancelhas. — Você é um homem corajoso, Cade Preston. Mas eu lhe disse o que eu faço para os cães que atacam minha família, não? — Ele encolhe os ombros quase se desculpando. — Eu lhe dei o nome de Kechu. Suponho que ambos sabemos como essa história acaba.

Arrumo-me para receber o próximo tiro, mas nunca vem. Num segundo, Fernando está de pé ali, bem na minha frente, e depois, um grito alto enche o ar, e Fernando está caindo no chão. A arma dispara, um brilho de luz iluminando o interior do galpão, mas a bala pousa nas vigas em algum lugar acima de nós.

E então Platão... *Platão* está em cima de Fernando, atingindo-o uma e outra vez. Ele está vestindo suas calças de terno branco e um par de sapatos de couro em branco, mas parece que ele não teve tempo de encontrar uma camisa. Seu rosto está ensanguentado, e ele está com um olho roxo, mas, além disso, parece que não está ferido. Ele grita, seu rosto um rito de raiva enquanto ele continua a bater em Fernando com cada grama de força que possui. Quando o vi pela última vez, ele parecia estar fora de sua mente, seus olhos escondidos e vagos, enquanto ele fodía uma morena nua. Agora ele está *completamente* fora de sua mente. Ele está longe de estar vago, no entanto. Ele ataca com a ferocidade de um dos lobos de Fernando, com os dentes abertos, os olhos brilhando de ódio.

Eu quero ajudá-lo, atacar com o machado, mas é muito perigoso. Ambos estão lutando com tanta força que eu poderia facilmente acertar Platão em vez de Fernando, e isso seria desastroso. Não posso fazer nada além de assistir enquanto Platão bate em seu mestre. Com cada ataque que ele pousa, eu posso ver a vitória em seus olhos. Ele está esperando para fazer isso há anos.

Fernando derruba a arma e o martelo enquanto tenta se defender. Este é um grande erro de sua parte. Platão deteve uma das armas — tenho certeza de que ele vai buscar a arma, mas em vez disso, ele pega o martelo, girando-o ameaçadoramente diante do rosto de Fernando.

— Isso é por Perséfone. — ele rosna. O martelo cai, fazendo contato com o lado da cabeça de Fernando, e uma chuva de sangue explode por todos os lugares, tanto que parece um efeito especial de Hollywood. Ele o atinge uma e outra vez, e Fernando faz um chiado enrubescido e sem voz a cada batida. Isso me faz lembrar de um filme francês que vi uma vez, onde um homem tinha a cabeça esfaqueada com um extintor de incêndio. A câmera não afastou. Nem quando a cabeça do cara se abriu, e pedaços de crânio e cérebro estavam voando por toda parte. Ao contrário dessa câmera, eu poderia facilmente desviar o olhar agora, mas eu não faço. Eu assisto com uma satisfação sombria enquanto o rosto de Fernando é reduzido a uma polpa sangrenta e carnuda.

Este é o fim para o chefe do cartel dos Villalobos. Em qualquer caso, será a qualquer momento. Mas então, do nada, Fernando reúne suas forças, empurrando os quadris para cima e desencanaixando Platão, que cai em suas costas. Tudo acontece tão rapidamente. Fernando salta sobre ele, as unhas arranhando seu rosto enquanto ele tenta furar os olhos de Platão.

Eu corro para frente, agarrando Fernando, impedindo-o. Ele está lutando com a força de um homem possuído, no entanto. Ele é difícil de segurar. Estou cambaleando para trás, e estou perdido no momento. O galpão desaparece. Há apenas a adrenalina disparando em minhas veias, e meu coração batendo com muita força.

Um ruído alto, zumbido e triturador atravessa a loucura, e então Platão está na minha frente, agarrando Fernando por sua camisa.

— Você não pode me matar. — ele uiva. — Eu sou o chefe desta família. Eu sou seu mestre!

Platão cospe em seu rosto. — Não mais, filho da puta. Agora, você é um pó vermelho no vento. — Ele o afasta dos meus braços, e então ele está tentando levantar o outro homem do chão. Platão é forte, mas não forte o suficiente para colocar um homem adulto diretamente sobre sua

cabeça. Eu me apresento ao seu lado, agarrando os pés de Fernando, e depois o estamos levando, levando-o, jogando-o...

... no cortador de madeira.

Esta é a fonte do zumbido alto, do ruído de moagem. Platão deve ter o ligado enquanto eu estava lidando com Fernando. À medida que o corpo de Fernando se alimenta da máquina, o ruído de moagem assume uma nova e urgente batida aguda.

Este. Este é o momento. Alguns dias atrás, não conseguia decidir qual era o mais violento, horrível momento que eu já presenciei. Mas é este. É este.

Fernando grita enquanto ele é consumido pela máquina. Sangue e pedaços de carne disparam pelo ar enquanto ele desaparece, polegada por polegada. A predição de Platão é provada quando o cortador começa a dispensar as partes do corpo de Fernando na outra extremidade, enviando rajadas de névoa vermelha e sangue em cascata no ar.

— *Santa... porra... merda.* — Esta é uma visão que eu nunca vou ser capaz de esquecer. *Nunca.* Eu me afasto quando a máquina se aproxima de terminar sua tarefa. Fernando parou de gritar — ele morreu há um tempo — então não faz sentido vê-lo totalmente consumido. Natalia está de pé, de costas contra a parede, os olhos sem foco, a boca aberta. Ela está coberta de sangue, embebida no material, e seus cabelos estão pendurados ao longo de seus ombros novamente.

Ela está chocada. Ela deve estar. Não importava o quanto o odiasse e quisesse que ele morresse, ver o pai sendo alimentado em um cortador de madeira, é além da crença. Este sou eu fodido, e eu sei que o bastardo merecia isso.

Levo-a em meus braços, segurando-a, acariciando minha mão para cima e para baixo em suas costas. — Eu tenho você, baby. — eu digo a ela. — Está tudo bem. Ele não pode machucá-la mais. Ele não poderá machucá-la nunca mais.

No meio do galpão, Platão ergue-se com as mãos apertadas nos punhos, encarando o cortador de madeira. Ele está congelado no local, seu peito subindo e descendo como um animal machucado.

— E aí cara. Você está bem? — Ele nem parece me ouvir. — Platão?

Lentamente, ele se vira, a tensão em seus ombros se alivia fracamente. Ele tem esse olhar nele agora, esse olhar que eu vi em tantos homens antes: uma sombra de escuridão e dor espreitando atrás de seus olhos, que diz que ele fez algo tão mal e tão escuro que ele nunca será o mesmo novamente.

— Não me chame assim. — ele diz, olhando-me nos olhos. — Eu não sou Platão. Meu nome é Freddie Arcane.

Capítulo Dezoito

Estrada para fora do Inferno

— Não pode ser verdade. *Não* pode ser. — Natalia explode em lágrimas no segundo em que vê Laura. Durante a violência e o caos da última hora, não tive oportunidade de falar sobre minha irmã. Quando Ocho e Laura saem da floresta tropical, cautelosamente rastejando em nossa direção, Natalia e Platão encaram com incredulidade. Platão afunda no chão, simplesmente incapaz de processar o que está vendo. Natalia corre para Laura, e as duas mulheres se apegam uma à outra. Ambas estão chorando, soluçando, de fato, e nenhum delas parece estar planejando se soltar. Não tenho ideia do trauma que Laura passou aqui na propriedade, mas eu sei que Natalia a ajudou com isso. Ou ela tentou o melhor que pôde. Sua amizade é uma coisa óbvia e tangível.

Ocho se desloca para um lado, apertando seus fones de ouvido do Walkman em uma mão, um rifle na outra. Platão o estuda cautelosamente, parecendo estar prestes a se atirar no homem a qualquer momento.

— Tudo bem. — diz Laura. — Ele é um de nós.

Um de nós. Um dos traumatizados. Um dos feridos. Platão grunhe, lutando em seus pés. Ele se aproxima da minha irmã, levando lentamente tanto ela quanto Natalia nos braços. Eles permanecem assim por um longo tempo, enquanto Ocho e eu simplesmente os observamos.

Uma hora depois, estamos na estrada. Ocho conduz, enquanto eu me sento ao lado dele no assento do passageiro do Humvee que ele havia escondido a trezentos metros abaixo da montanha, já nos esperando. Nenhum de nós tem um telefone celular. Deus sabe onde o

meu foi parar, perdido em algum momento, enquanto todos lutávamos por nossas vidas. Ocho leva-nos a uma cabana pequena e degradada na aldeia assim que chegamos ao pé da montanha, e através de uma série de grunhidos e gestos consegue persuadir o proprietário do único telefone fixo em Orellana a nos deixar usar.

— Olá? — A voz de Jamie está no limite. Ele já sabe que sou eu o chamando, e ele está se preparando para o pior.

— Estamos fora. — digo simplesmente. — Alguma chance de você poder organizar uma excursão?

— Quantos assentos?

Eu olho para os rostos das pessoas atordoadas, exaustas e cobertas de sangue que me cercam, e eu digo: — Cinco.

Dirigimos a noite e no dia seguinte. Às duas horas da tarde, Laura insiste em que paremos em algum lugar para comprar suprimentos médicos. Ela diz que eu pareço uma merda de cachorro, e posso acreditar. Eu me *sinto* como merda de cachorro. Perdi muito sangue. Só porque eu levei tiros no passado não significa que a experiência de levar outro seja mais agradável. Natalia discute com um homem velho em uma farmácia fora de um pequeno assentamento chamado La Frontera, TheBorder, considerando a proximidade no Peru.

O velho na farmácia não faz perguntas quando ele inspeciona meu ombro. Ele diz que é um passo que a bala percorreu o outro lado do meu corpo, e então ele limpa a ferida, me costurando e entregando alguns antibióticos. A ferida está quase cem por cento infectada, mas poderei receber um tratamento médico mais abrangente, uma vez que volte para o Novo México. Os analgésicos que o cara me dá são legítimos e, em breve, sinto que estou dopado quando Ocho nos conduz através de uma pista de controle não tripulada no Peru.

A Colômbia teria estado mais perto, mas os aviões que entram no Estado de Bogotá ou qualquer outro aeroporto de lá são monitorados de forma tão rigorosa, que nunca voltaríamos para os Estados Unidos. Jamie decidiu que se afastar em uma pequena pista de pouso no Peru seria mais seguro, então nos dirigimos para o sul em vez do norte.

Estamos na estrada há quarenta e oito horas. O tenso silêncio pesado cai sobre o carro, ninguém realmente sentindo o desejo de discutir o que todos nós só passamos. Ocasionalmente, eu sinto o toque fresco de Natalia na parte de trás do meu pescoço, e não consigo evitar, mas pergunto o que diabos está acontecendo em sua cabeça. A vida que ela conhecia já terminou. Nada pode ser o mesmo novamente. Ela estará feliz por estar indo embora do Equador, esquivando-se das rodovias cada vez que vemos um carro da polícia, dormindo em qualquer lugar de merda sempre que precisarmos? Ela está feliz que Fernando está morto? Estou muito fodido dopado por analgésicos e dor para perguntar a ela agora, na frente dos outros, ela poderia estar muito chateada, preocupada ou com vergonha de admitir o contrário.

Chegamos ao pequeno aeródromo que Jamie escolheu quando o sol está se pondo. Não é realmente até mesmo um campo de pouso. É uma escola de voo, e o lugar parece que está fechado há anos. Árvores estão crescendo no asfalto rachado, e o edifício de controle parece que está prestes a cair. Se não fosse pelo solitário, antigo, único e branco Cessna¹³ em pouso na extremidade da pista, eu pensaria que chegamos ao lugar errado.

Não há ninguém para nos impedir de dirigir pelo asfalto. Ninguém para nos pedir passaportes, ou confirmar nossos vistos. Ocho dispara o motor do Humvee, e então nós estamos paramos ao lado do pequeno avião, e Carnie, um dos membros recentemente promovido dos Window Makers, sai do avião.

— Demorou tempo suficiente, filho da puta. — diz ele, socando meu braço. Eu estremeço, tentando esconder o quão dolorido está, mas aviso Carnie.

— Outra guerra com feridos, cara?

— Você poderia dizer isso.

— Ah bem. Mulheres escavam cicatrizes. E por falar em mulheres... — Seus olhos estão em Laura, avaliando-a, devorando-a com avidez a partir do zero. Tão babaca. Dou-lhe um olhar de advertência tão cáustico que poderia descascar a pintura.

¹³ Modelo de jato.

— Nem pense nisso, cabeça de merda. Essa é minha irmã.

As sobrancelhas de Carnie levantam até a testa. — De maneira nenhuma! Você é Laura? Você está *viva*?

Ela balança a cabeça.

Carnie não pode parar de olhar entre nós dois, balançando a cabeça, sorrindo como se ele acabasse de ganhar na loteria. — Isso é foda, cara. *Merda*.

Capítulo Dezenove

Reunião

Desde que o Cessna é um avião de pequeno porte, tivemos que reabastecer no México. Apenas Carnie sai do avião, porém, e os funcionários do aeroporto não fazem perguntas. Escolha a cidade certa no México, e com um suborno de dez mil dólares você pode comprar qualquer coisa.

Logo, nós estamos voando sobre o Novo México. As rodas saem do avião, e o Cessna salta uma vez quando Carnie visa a ponta do avião diretamente para pousar nas terras dos Window Makers. Na parte de trás do avião, a testa de Laura está pressionada contra o encosto na frente dela, e ela está branca como um lençol. Ansiosa, pela aparência das coisas.

Natalia parece menos frágil. Ela não tem dormido. Sinto seus olhos em mim, queimando buracos na lateral da minha cabeça enquanto eu falo com Carnie, mas eu faço um ponto em fingir que não percebo. Ela precisa de tempo para descobrir o que ela quer fazer, e acho que seu estudo intenso em mim é uma parte da resolução de seus problemas. Ela tem opções em aberto para ela agora. Ela entrou nos Estados Unidos ilegalmente, mas isso pode ser corrigido. Jamie tem sujeira suficiente para enterrar um grande número de políticos no estado do Novo México; O Green Card não deve ser muito difícil para conseguir uma vez alguns que telefonemas sejam feitos. Então, ela pode ficar aqui no Novo México, aqui comigo, ou ela pode ir para outro lugar, explorar o resto do país, ver o que há para ser visto. É a sua escolha. Eu não vou pedir nada dela.

No fundo do avião, Freddie enterra o rosto com as mãos, tendo respirações irregulares. Quando ele descobre o rosto, sentando-se em

sua cadeira, seus olhos estão vermelhos e as faces ruborizadas, com as mãos tremendo como um louco.

— Eu não posso acreditar nisso. — diz ele. — Eu realmente não posso acreditar. Eu nunca pensei que ia pisar em solo americano novamente. Eu tinha certeza que ia morrer naquela montanha esquecida por Deus. — Ele está vestindo uma camiseta que Carnie tinha em sua mochila, branca lisa, agora suja com manchas de sangue, e tenho a sensação que o pobre coitado gastou um monte de tempo nu ou vestido com um terno completo ao longo dos últimos três anos. Eu posso dizer pelo jeito que ele continua correndo os dedos sobre a bainha da camiseta que é uma novidade para ele.

— O que *você* planeja fazer agora? — Eu pergunto a ele. Ele parece atordoado no próprio pensamento de ter uma palavra a dizer sobre o assunto.

— Eu não sei. Eu não tinha chegado tão longe. Eu estive tão focado em sair que eu nunca realmente considerei o que viria depois disso.

— De onde você é? — pergunta Carnie.

— Texas. Não muito longe da fronteira do México. Eu não vou voltar lá, embora. De jeito nenhum.

Há uma história lá. Tem que haver. Desde a raiva e a dor em seus olhos, a ideia de voltar para sua cidade natal enche Freddie com o mesmo horror e pânico, como a ideia de ficar em Orellana provavelmente. Haverá tempo para perguntas posteriores, no entanto. Agora, eu só quero levar Laura e Natalia para o complexo dos Widow Makers. Eu não vou sentir que elas estarão cem por cento seguras até aqueles portões fecharem atrás de nós, e o mundo exterior não puder mais chegar até nós.

Carnie pilota o avião em direção a estrutura cercada pela frente, e eu vejo uma fila de pessoas já espera no portão por nós. Pedi a Carnie para não dizer nada a Jamie sobre Laura. Meu amigo passou muito tempo buscando por ela como eu, ele tem todo o direito de saber que ela está viva, mas dizer isso pelo rádio parecia errado de alguma forma. O avião para a trinta metros do complexo devido ao protocolo no caso de

haver problemas na sede do clube, ou igualmente qualquer problema a bordo do avião e começamos a desembarcar.

Uma enorme nuvem de poeira sobe no ar, em espiral em direção ao céu como um cavaleiro mascarado queimando em nossa direção em uma motocicleta. É Jamie, é claro. Eu sei pelo som do motor da sua moto. Eu também sei que é ele porque ele nunca permitiria que qualquer outra pessoa andasse aqui fora. Ele é sempre o primeiro a enfrentar qualquer perigo potencial, antes dos outros membros do clube. É por isso que me mandar sozinho ao Equador foi muito difícil para ele.

Ambos Natalia e Freddie parece preocupados, enquanto Laura inclina-se contra mim para o apoio, um pouco apreensiva por si mesma. — Este é... — ela sussurra.

— Sim. — eu respondo. — Ele vai mijar nas roupas.

— Eu não posso acreditar. Um clube de motoqueiros. — Ela balança a cabeça. E então. — Ele está bravo comigo. — diz ela calmamente.

— O que? Por que diabos ele estaria bravo com você? — Eu a abraço, segurando-a para mim, e eu posso sentir seu tremor.

— Nós brigamos na última vez que nos vimos. Eu estava irritada com ele. Eu disse coisas que não deveria.

— Você realmente acha que ele está agarrado a um punhado de palavras de raiva durante os últimos sete anos? Deus, você é louca, menina. Você está *louca*.

Ela se agarra a mim, enterrando seu rosto no meu peito enquanto Jamie se aproxima. O barulho e grunhido de seu motor enche o ar, abafando o barulho do motor do avião quando ele chega. De repente, tudo está quieto quando ambas as máquinas são desligadas. Jamie pula fora de sua motocicleta, olhos azuis gelados itinerantes sobre nossa comitiva, estudando cada pessoa por vez, avaliando a situação, até que finalmente seu olhar recai sobre mim... e a mulher em meus braços.

— Cade? — diz ele. — *O que...?* — Ele está confuso, e eu não o culpo. Porra. Eu ainda estou confuso. É uma responsabilidade muito grande, embora eu estivesse lá para testemunhar tudo se desdobrar. Jamie dá passos para frente, e depois para novamente, erguendo as mãos, enfiando os dedos em seus cabelos, bloqueando-os atrás da cabeça. — Que *porra* é essa? — ele sussurra. — Eu pensei...

Laura não se virou para ele ainda. Ela ainda está escondida na minha camisa, mas sua identidade deve ser óbvia para o meu melhor amigo, que conhece a minha irmã desde antes de qualquer um de nós podermos andar.

— O que aconteceu? — ele me pede.

— É uma história longa e estranha. — eu respondo. — Eu vou explicar uma vez que estivermos lá dentro. — Desde a breve conversa que tivemos no avião, eu sei que Ocho se voltou contra Fernando quando ele cortou sua língua. Que ele tem sido como um pai protetor para a minha irmã desde que ele a ajudou a fingir sua morte na propriedade Villalobos. Vou explicar tudo isso para ele e mais. Por enquanto, Jamie apenas balança a cabeça. Ele parece que está em estado de choque.

— Laura?

Ela ainda fica nos meus braços.

— Laura, olhe para mim. — diz ele.

Lentamente, ela larga a minha camisa e levanta a cabeça. Seus olhos estão cheios de lágrimas. Dou-lhe um abraço rápido antes de eu deixá-la ir. — Vai ficar tudo bem. Tudo vai ficar bem agora. Eu prometo.

Ela balança a cabeça, dando-me um sorriso fraco. — Eu apenas sinto que estou sonhando.

Ela se move como se seus membros fossem feitos de chumbo enquanto ela se vira para Jamie. Sua expressão é uma mistura de alegria e preocupação quando ele olha em sua aparência. Assim como o resto de nós, ela está coberta de sangue e sujeira. Ela ainda é Laura, no entanto. Ela ainda é o meu sangue.

— Hey. — ela diz suavemente. — Bom te ver.

Jamie engole, olhando de Laura para mim, como se ele não soubesse como se comportar nesta situação inesperada, surpreendente. — Bom me ver? — diz ele, repetindo as palavras dela. — Você está brincando comigo? — Num piscar de olhos ele está caminhando em direção a ela, jogando os braços em sua volta, puxando-a ferozmente para seu peito. — Você não tem nenhuma ideia. — diz ele. — Nós viramos o mundo de cabeça para baixo procurando por você. — ele responde.

— Eu sinto muito. Eu sinto muito. — ela diz, sacudindo os ombros enquanto chora. Ela deve estar exasperada, mas de alguma forma consegue ficar de pé quando Jamie esfrega a mão para cima e para baixo em suas costas, sussurrando suavemente para ela.

— Deus, não se desculpe. — ele diz a ela. — Você *não* peça desculpas, porra! Nada disto é culpa sua.

— Se eu não tivesse saído de sua casa naquela noite, mal humorada como uma criança, nada disso teria acontecido.

— E se eu não tivesse dado motivos para você correr? Há também muitos “e ses”, Laura. Você *não* tem culpa.

Ela já ouviu isso de mim, mais de uma vez, mas acho que ela vai acreditar agora. Apenas Jamie pode aliviá-la de sua culpa absurda. É como se ela visivelmente relaxasse enquanto ele a segura, o peso do seu remorso, finalmente caindo de seus ombros, e eu sei disso: ela vai ficar bem. Ela realmente vai ficar bem.

Epílogo

Os Window Makers estão envolvidos em muitas coisas. Para financiar o trabalho que venho fazendo para encontrar Laura, e ajudar outras vítimas de tráfico sexual, nós tivemos que nos tornar engenhosos. Nós *traficamos* armas ocasionalmente. Nós *transportamos* ervas de vez em quando, embora não a vendemos. E também temos uma loja de tatuagem no Novo México, Dead Man's Ink Bar. Acima da loja de tatuagem é um apartamento que eu tenho usado como base durante um tempo. Separado, longe do complexo, eu sempre achei que eu podia pensar melhor aqui. Respirar melhor.

Quando eu mostro a Natalia o apartamento, estou querendo saber o que ela está pensando. Ela está acostumada ao luxo. Ela está acostumada a ter pessoas ao seu redor, vinte e quatro horas, sete dias por semana, fazendo tudo por ela. E agora, ela vai viver em um apartamento de dois quartos cheio de coisas baratas. Banheira de plástico velha, e meu equipamento militar. Caixas de ferramentas, toalhas cobertas de graxa e uma pequena montanha de sapatos descartados em uma pilha ao lado da porta da frente. Pelo menos não há pratos sujos e utensílios de cozinha por todo o lugar. Ela anda em torno do apartamento, levantando itens aleatórios, a foto de Jamie e eu no deserto, braços pendurados nos ombros um do outro; o relógio de bolso prata riscado e desgastado que pertencia a meu avô; minha jaqueta dos Widow Makers Vice-Presidente, New México estampado na parte de trás.

Eu nunca pensei que outra pessoa poderia estar no lugar onde eu moro. Sou apenas eu aqui, realmente. Eu muitas vezes acabo dormindo na sede do clube, quando a merda feia, de modo que minha cama permanece feita uma grande parte do tempo.

— Cheira como você. — diz Natalia.

— Ha. Desculpa.

Ela balança a cabeça. — Você cheira bem, Cade. Você *sempre* cheira bem. Eu gosto disso.

— Bem, eu acho que está tudo bem, então.

Ela sorri, seus olhos crescendo. — Então o que eu faço aqui? — Ela pergunta a questão com naturalidade. — Qual é o meu papel aqui, Cade? Como eu faço para me encaixar nesta vida de vocês, aqui em Novo México?

Esta é a conversa que eu estive temendo. — Eu não sei. Eu acho que a primeira pergunta que temos de fazer é, você quer se encaixar aqui? Você quer ter uma vida no Novo México?

— *Você vai ficar aqui?* — Ela coloca a minha jaqueta sobre o encosto do sofá, virando-se para me encarar. Sua expressão é aberta, os olhos curiosos e claros.

— Sim. Eu vou ficar. Meus pais ainda vivem no Alabama, mas minha verdadeira família está aqui. Jamie. O clube. Eu não quero seguir pra qualquer lugar em breve.

— Então sim, eu quero ficar aqui, também. Eu quero estar onde você estiver Cade. Eu quero estar com você, onde quer que você esteja. Está tudo bem para você?

Eu tento não abrir um grande sorriso. Eu não a quero pensando que estou louco ou algo assim. — Sim, Natalia. Está tudo bem para mim. — É mais do que certo. É perfeito. É exatamente o que eu esperava que ela fosse decidir. Ela sorri muito, e por um momento ficamos olhando um ao outro, dois idiotas com sorrisos largos, felizes pela primeira vez em muito tempo.

— Você sempre pode ajudar na loja. — eu digo a ela. Sua expressão vacila. — Quer dizer, eu sei que não é o trabalho mais glamoroso. Não é o mais mentalmente desafiador. Mas o salário é decente, e isso significaria que você estaria todo o tempo por perto. Fazendo o agendamento das sessões de tatuagens e coisas administrativas provavelmente soa realmente muito chato, mas não é

muito ruim. — A partir do olhar em seu rosto, eu acho que ela vai me dizer para ir me foder. Mas então ela se apressa, jogando os braços em volta do pescoço.

— Um trabalho? Um trabalho real? — ela pergunta.

— Haha, sim um trabalho real. Você gostaria disso?

Ela sorri, plantando um beijo na minha boca. — Eu vou adorar! Meu pai nunca teria me deixado sair da propriedade para conseguir um trabalho. *Nunca*.

Eu beijo o lado de sua cabeça, rindo sob a minha respiração. — Haverá muitas coisas que você pode fazer em torno do complexo também, se você quiser isso.

— Eu quero. Estou ansiosa para ficar aqui e estar com você. Mas eu também estou ansiosa para construir a minha própria vida. Eu quero descobrir o que eu gosto e o que não gosto. Quero experimentar tantas coisas novas. Eu quero ir a um bar! Você vai me levar a um bar, Cade?

Ela parece tão animada que parece cruel não estourar sua bolha, descrevendo os estabelecimentos desta cidade. Eles são certamente nada que os descreve como – pisos pegajosos, cascas de amendoim e esportes nas velhas TVs montadas nas paredes, mas ela provavelmente vai amá-los. — Claro que vou linda.

— Bom. — Ela esmaga seus seios contra o meu peito enquanto me abraça, e eu tenho certeza que ela pode sentir o efeito que tem sobre mim. Meu pau está ficando mais duro a cada segundo.

— E quanto a Laura? — Pergunta ela, inclinando-se para trás. Meu pau lamenta a perda de seu corpo pressionado contra o meu, mas isso pode esperar. Vou transar com ela a noite toda, e Natalia sabe disso. Ela continua olhando para a porta do quarto, como se ela já soubesse o que está prestes a acontecer e ela não pode esperar.

— Laura vai ficar também. — eu digo a ela. Eu honestamente não tinha ideia do que esperar de Laura. Ela era uma advogada de renome antes dos homens de Fernando a levarem. Ela tinha acabado de ficar sócia da empresa do meu pai. Ela estava fazendo um salário de seis

dígitos, e ela estava detonando, vencendo todos os seus casos. Na minha cabeça, parecia razoável que ela iria querer voltar para isso, retomar sua antiga vida, recomeçar de onde ela parou. Fiquei surpreso quando ela disse que não podia. Não queria mais aquela vida. Muita coisa aconteceu com ela. Ela mudou tanto que disse que nem sequer sabe como inserir-se de volta a sua antiga vida. Além disso, ela nem sequer disse ainda a mãe e o pai que está viva e bem. Nós vamos fazer isso juntos, mais tarde, e vai ter fogos de artifício. Papai vai ficar chateado que eu não a levei direto para casa.

— Ela vai ser a nossa representante legal no local. — digo a Natalia. — E, assim como você, espero que ela possa ter um novo começo também.

— E o seu amigo? Ela foi apaixonada por ele uma vez. Eles vão ficar juntos agora?

Eu pensei sobre isso. No passado teria feito sentido se meu melhor amigo e minha irmã acabassem juntos. Agora, não faz mais sentido. Eu balanço minha cabeça, traçando meus dedos pelo rosto de Natalia, estudando sua simetria perfeita enquanto eu falo. — O coração de Jamie pertence à outra pessoa agora. Ele não pertence a minha irmã. Ele nunca pertenceu. Ele pertence à Sophia. Laura tem um longo caminho a percorrer antes que ela esteja pronta para ser de qualquer pessoa, de qualquer maneira. Vai levar um monte de tempo e trabalho antes que ela queira isso, eu tenho certeza.

Natalia concorda. — Você está certo. Ela passou por tanta coisa.

Eu acho que nunca vou saber exatamente o quanto Laura passou. Ela se recusa a falar sobre o que aconteceu com ela na propriedade de Fernando, e eu não fico insistindo para conseguir informações. Os pesadelos são dela. Se ela precisa falar com alguém, eu vou ser a primeira pessoa a ouvir. Mas até esse momento, meu objetivo é ser o melhor irmão que puder. Tudo o que ela precisar de mim, ela vai ter.

— Então. — diz Natalia. — Você vai se importar se não tivermos uma motocicleta no meio da sala de estar daqui em diante?

— Se é uma escolha entre você e a moto, então realmente não há competição.

— Estou feliz em ouvir isso. — Ela ajeita o cabelo atrás da orelha com uma mão e me lança um olhar sedutor, muito sugestivo. — Agora que tudo isso está fora do caminho, o que você está esperando, Mr. America? Você não tem mais desses jogos perversos que gostaria de me mostrar?

Eu tenho muitos. Incontáveis depravados e pervertidos que eu acho que ela vai amar. Seus olhos brilham, e eu me pego pensando que talvez ela possa ter um ou dois que ela gostaria de me mostrar. Ou pelo menos eu espero que ela faça.

Eu inclino para baixo e a pego em meus braços, trazendo-a pra cima. — Se você insiste. — Eu rosno, mordendo em seu pescoço. Estou prestes a mostrar a nova chefe da Casa dos Lobos o que um animal real pode fazer com os dentes.

Fim!!!